

I

Brincando de peregrinos

— Sem presentes, o Natal não é Natal — murmurou Jo, estendida sobre o tapete.

— É tão triste ser pobre! — suspirou Meg, fitando o seu vestido velho.

— Não acho justo que umas moças tenham tantas coisas boas, ao passo que outras nada possuem — ajuntou a pequena Amy com um suspiro profundo.

— Mas temos papai e mamãe — disse Beth, alegremente, do seu canto — e nós temos umas às outras, também.

As quatro faces juvenis brilharam aos lampejos do fogão aceso a essas palavras joviais, mas entristeceram novamente quando Jo lhes disse, com amargura:

— Não, agora não temos papai e talvez não o tenhamos tão cedo. — Embora lhe faltasse coragem para acrescentar: — Nunca mais, quem sabe! — cada qual o murmurou tacitamente, pensando no pai longe, a combater.

Durante um minuto, reinou silêncio. Meg, afinal, exclamou em tom diferente:

— Sabem o motivo pelo qual mamãe propôs que não tivéssemos presentes neste Natal; vai ser um triste inverno para todos e ela diz que não devemos fazer despesas supérfluas quando os nossos sofrem na guerra. Não podendo fazer muito, faremos nosso pequenino sacrifício, mostrando toda a boa vontade. Temo, porém, que eu não o consiga. — e Meg abaixou a cabeça, pensando tristemente em todas as belas coisas que desejava possuir.

— Não julgo que o pouco que pudermos poupar sirva para alguma coisa. Cada uma de nós ganhou um dólar e ao exército pouco adiantaria esta dádiva. Concorde que nada se receba de mamãe, mas desejo há tanto tempo comprar “A Ondina e Sintram!” — disse Jo, que era uma devoradora de livros.

— Eu contava gastar o meu em músicas — falou Beth, com um suspiro tão abafado que não chegou a ser ouvido, a não ser pela lenha do fogão e pela chaleira.

— E eu, comprando uma bela caixa de lápis para desenho, de que realmente preciso — afirmou a pequena Amy.

— Mamãe nada disse sobre nosso dinheiro e seu desejo não é que renunciemos a tudo: compremos, pois, o que nos for preciso e teremos assim alguma satisfaçãozinha; creio que já trabalhamos bastante para merecê-la, — decidiu Jo, examinando os saltos dos sapatos.

— Por mim, assim o penso! Ensinar aquelas crianças terríveis o dia inteiro, com tantas saudades de casa! — disse Meg, novamente queixosa.

— E você não tem metade dos meus aborrecimentos — disse Jo. — Gostaria de estar trancada a sete chaves, horas inteiras, com uma velha nervosa e importuna, que não a deixa correr, que jamais está satisfeita, que a aborrece a ponto de você desejar atirar-se pela janela ou esmurrar-lhe os ouvidos?

— De nada adianta a gente se impacientar, mas, por mim, creio que não há coisa pior no mundo que lavar pratos e cuidar da limpeza. Põe-me irritada; minhas mãos estão tão ásperas que nada posso fazer bem. — E Beth olhou suspirando para as suas pobres e maltratadas mãozinhas.

— Não creio que sofram mais que eu — protestou Amy. — Vocês não têm a escola com meninas presumidas que nos aborrecem se não soubermos a lição, que se riem de nossos vestidos ou do nariz, se

não for bem conformado e que encarecem o pai da gente, porque não é rico. . .

— Encarecem? Você quer dizer: escarnecem. Como se papai fosse mercadoria! — corrigiu Jo, entre risos.

— Sei muito bem o que quero dizer e você não precisa ser satírica comigo. É preciso ir empregando termos melhores, para aperfeiçoar o vocabulário — replicou Amy com dignidade.

— Não se zanguem, meninas. Não desejaria você que possuíssemos hoje o dinheiro que papai perdeu quando éramos pequenas, Jo? Deus do Céu, como seria bom que não tivéssemos inquietações! — disse Meg, recordando-se dos bons tempos.

— Você afirmou há dias que se julgava mais feliz que os filhos do rei, pois eles, não obstante o seu dinheiro, estão combatendo e passando perigos!

— É verdade, Beth. Concordo em que somos mais felizes, porque, apesar de termos que trabalhar, nos divertimos bastante e formamos uma alegre súa, como diz Jo.

— Jo vive a empregar termos de calão. — observou Amy, com um olhar de reprovação para a esgalgada figura estirada no tapete.

Jo, porém, sentou-se quase que imediatamente, meteu as mãos nos bolsos do vestido e começou a assobiar.

— Não faça isso. É próprio de homem.

— Por isso é que assobio.

— Detesto moças com modos abrutalhados e masculinos.

— E eu odeio as lambisgoias muito requebradas.

— “Deixem os pássaros em seus ninhos” — interveio Beth, a apaziguadora, de maneira tão jovial que as vozes alteradas amaciaram-se em risos e a pendência terminou nesse pé.

— Francamente, meninas, ambas vocês merecem censuras — disse Meg, dando início ao sermão, com seus ares de irmã mais velha. — Você, Josephine, já tem idade suficiente para deixar de coisas pueris e comportar-se melhor; não importa a sua pouca idade, basta-lhe a altura e o penteado alto para recordar-se de que já é uma moça!

— Eu não! E se o penteado me torna moça, vou usar duas trancas até os vinte anos — exclamou Jo, arrancando a fita e sacudindo a farta cabeleira castanha. — Tremo ao pensar que posso ser ainda uma Miss March, usar vestidos compridos e mostrar-me espalhafatosa como um crisântemo da China. É bem ruim ser moça quando gostamos de esportes, trabalhos e maneiras de rapaz. Mal escondo meu desapontamento por não ser homem, principalmente agora, que devia estar ao lado de papai, combatendo, e acho-me, entretanto, em casa, a pontear meias, como qualquer velha. — E Jo sacudiu a meia azul de soldado que fazia, com o que as agulhas estralaram como castanhas e o novelo de lã pulou no chão.

— Pobre Jo ! Mas isso não tem remédio; é melhor, pois, contentar-se com seu apelido de rapaz e com brincar de irmão conosco — disse Beth, afagando-lhe a cabeça nos joelhos com suas mãozinhas a que todas as lavagens de louça do mundo inteiro não tirariam a delicadeza.

— E você, Amy, — continuou Meg, — é assaz esquisita e afetada. Agora tem um ar gracioso, mas tome cuidado para não crescer com jeito de ganso, muito cheia de si. Gosto de suas maneiras delicadas, de seu modo de falar esmerado, quando não procura ser elegante; mas seus termos absurdos são tão maus quanto o calão de Jo.

— Se Jo é uma estouvada e Amy assemelha-se a um ganso, que serei eu? — inquiriu Beth, pronta para receber o quinhão de reprimenda da mana.

— Você é um anjo, simplesmente — replicou com ardor Meg; e nenhuma das outras a contradisse, porque “a ratinha” era o enlevo da família.

Como os jovens leitores gostam de saber “como são as personagens”, far-lhes-emos neste momento um rápido esboço das quatro irmãs, que trabalhavam tranquilamente ao crepúsculo, enquanto fora a neve de dezembro caía de manso e dentro crepitava um fogo acariciador.

Achavam-se em uma confortável sala antiga, não obstante o tapete desbotado e a simplicidade da mobília, viam-se nas paredes alguns belos quadros, havia livros pelos cantos, floresciam crisântemos e rosas-do-natal nas janelas, sendo o ambiente de quietude e alegria.

Margaret, a mais velha das quatro, tinha dezesseis anos. Era linda, cheia de corpo e atraente, de grandes olhos, sedosos e abundantes cabelos castanhos, boca delicada, mãos muito alvas que eram o seu orgulho. Jo, de quinze anos, a excedia em altura, magra, esgrouviada, parecia nunca saber o que fazer dos braços compridos demais. Tinha boca de expressão enérgica, nariz petulante, olhos cinzentos e vivos, que pareciam ver tudo e se mostravam, a revezes, coléricos, joviais e pensativos. A espessa cabeleira era só o que possuía de belo; trazia-a, porém, o mais das vezes, presa numa coifa, para poder mover-se desembaraçadamente. Tinha espáduas arredondadas, pés e mãos grandes, e lançava olhares de esguelha para seus vestidos, com inquietação da menina que se transforma com rapidez em mulher, mesmo sem o desejar. Elizabeth — ou Beth, como todos a tratavam — era uma rosada adolescente de treze anos, com finos cabelos, olhar brilhante, maneiras tímidas, voz suave e uma expressão de candidez que raras vezes se mudava em outra. O pai chamava-lhe a sua pequenina “Dona Tranquilidade” e esse nome ia-lhe a calhar; parecia mesmo que vivia num mundo todo seu, muito feliz, dando-se bem unicamente com os poucos a quem amava e em quem depositava confiança. Amy, conquanto fosse a caçula, era a mais importante de todas — pelo menos em sua própria opinião. Menina muito clara, de olhos azuis, louros cachos encaracolados sobre os ombros, pálida e magra, portando-se sempre como uma dama zelosa de suas maneiras. Eis os retratos das quatro irmãs.

O relógio bateu seis horas e, depois de varrer e limpar o fogão, Beth pôs embaixo um velho par de chinelos, a aquecer. A vista dos mesmos produziu nas moças bom efeito, pois mamãe estava a chegar, e todas se preparavam para saudá-la alegremente. Meg interrompeu o sermão e acendeu a luz. Amy saltou da preguiçosa sem ser chamada e Jo, esquecida do cansaço, acorreu-se junto ao fogão, mantendo os chinelos mais perto do fogo.

— Estão muito estragados; mamãe precisa de um par novo.

— Penso que lhe posso dar um, com o meu dólar — disse Beth.

— Sou eu quem dou! — gritou Amy.

— Eu, que sou a mais velha! — principiou Meg, mas Jo interrompeu-a, enérgica:

— Eu sou o homem da casa, visto papai não estar. Sou eu que devo comprar os chinelos, pois ele me recomendou muito que olhasse por mamãe enquanto não viesse.

— Todas o podemos fazer — replicou Beth. — Cada uma comprar-lhe-á alguma coisa para o Natal, em lugar de comprar para si própria.

— Perfeitamente, meu bem! Que lhe daremos nós? — exclamou Jo.

Cada qual refletiu mudamente por um minuto. Em seguida Meg anunciou, como se a ideia lhe fosse sugerida pela contemplação de suas próprias mãos:

— Vou dar-lhe um lindo par de luvas.

— Dar-lhe-ei eu os chinelos de que ela tanto precisa — acrescentou Jo.

— E eu, uns lenços de bainha larga, — disse Beth.

— Pois eu dar-lhe-ei um frasquinho de água-de-colônia; ela gosta muito e não é caro; assim, sobrar-me-á um pouco para comprar qualquer coisa para mim — acrescentou Amy.

— E como lhe daremos isso tudo? — interrogou Meg.

— Colocamos sobre a mesa e trazemos mamãe, para vê-la abrir os embrulhos. Não se recorda de como costumávamos fazer nos dias de anos? — respondeu Jo.

— Eu ficava tão espantada quando tinha que me assentar na grande cadeira com uma grinalda na cabeça e via vocês todos entrar triunfalmente para me darem os presentes, entre beijos! Gostava dos mimos e dos beijos, mas tinha pavor ao ver vocês a me fitarem, enquanto eu abria os embrulhos — disse Beth, cujas faces se incendiavam ao calor do fogo, ao mesmo tempo em que torrava o pão para o chá.

— Fazemos com que mamãe pense que estamos comprando coisas para nós, e a surpresa será maior. Vamos fazer as compras amanhã de tarde, Meg; há muita coisa a preparar para o espetáculo da noite de Natal — disse Jo, passeando com as mãos atrás das costas e o rosto erguido.

— Não quero mais representar, a não ser desta vez. Estou ficando velha para essas coisas — observou Meg, que era, porém, uma verdadeira criança.

— Sei que você não resistirá quando se vir a arrastar a cauda de um longo vestido alvo, de cabelos brancos e com faiscantes joias de papel dourado. Você é a melhor atriz que possuímos e estaria tudo perdido se deixasse o palco — objetou Jo. — Precisamos ensaiar hoje de noite. Venha cá, Amy, vamos repetir a cena do desmaio em que você fica dura como um pedaço de pau.

— Não sirvo para isso. Nunca vi alguém desmaiado e não tenho a facilidade de mudar de cor e cair ao comprido, como você faz. Se puder cair com facilidade, muito bem; se não, deixo-me cair mesmo numa cadeira, graciosamente. Pouco me importa que Hugo se chegue a mim de revólver em punho — replicou Amy, que não tinha muitos predicados de comediante, mas que fora escolhida pelo seu pequeno tamanho, para ser carregada, aos gritos, pelo herói da peça.

— Faça deste modo: una as mãos assim e atravesse a sala cambaleante, gritando desesperada: Rodrigo! Salva-me! Salva-me! — e Jo soltou um brado melodramático, verdadeiramente aterrador.

Amy obedeceu, mas esticou os braços para a frente e atirou-se como movida por alguma mola. Seu “Oh!” sugeria antes a dor de uma picada de alfinete, que medo ou angústia.

Jo soltou um suspiro de desânimo e Meg riu-se francamente, enquanto Beth deixava queimar o pão, pelo interesse com que observava a cena.

— Não está bem! No dia, faça do melhor modo possível e, se o auditório vaiar, não ponha a culpa em mim. Venha cá, Meg.

Dessa vez as coisas correram muito facilmente, pois D. Pedro assombrava os ouvintes com um discurso de duas páginas, sem tomar fôlego; Hagar, a feiticeira, cantou uma lúgubre melodia sobre encantamentos e ferveduras de sapos, de efeitos mágicos; Rodrigo quebrou violentamente os grilhões, separando-os; e Hugo morreu supliciado pelos remorsos e pelo arsênico, soltando um selvático “Ah!”.

— É o que temos de melhor — disse Meg, quando o perverso morto se sentava e esfregava os cotovelos doloridos.

— Não sei como você pode idealizar e encenar coisas tão lindas, Jo. É uma verdadeira Shakespeare! — exclamou Beth, que cria firmemente na espantosa genialidade das irmãs.

— Nem tanto. — retorquiu modestamente Jo. — Eu julgo boa “A Maldição da Bruxa”; “Uma Tragédia Lírica” é bem bonita; mas não gosto de encenar “Macbeth”, porque só temos um alçapão para Banquo. Precisei sempre de fazer o papel do assassino. “O que vejo ante meus olhos é um punhal?” — murmurou Jo, voltando os olhos e tentando agarrar a imaginária arma, como se já tivesse assistido a algum famoso trágico representar o referido papel.

— Não, é o garfo de torrar, tendo espetado o chinelo de mamãe, em vez de pão! — gritou Meg, e o ensaio finalizou numa explosão de gargalhadas.

— Folgo em encontrar vocês satisfeitas, minhas filhas, — disse uma voz amiga à porta.

Os atores e a assistência viraram-se para saudar uma senhora robusta com um sorriso verdadeiramente delicioso. Não era uma mulher elegante, mas, para os filhos, as mães são sempre atraentes e as meninas julgavam que aquele capote pardo e aquele chapéu fora da moda cobriam a mulher mais gentil do mundo.

— Queridinhas, como passaram o dia? Havia tanto que fazer que não pude vir jantar. Veio alguma visita, Beth? E você, Meg, como vai de defluxo? Jo, você parece morta de cansaço. Venha beijar-me, pequerrucha!

Enquanto fazia suas perguntas maternais, a sra. March desembaraçava-se do vestuário molhado, calçava os chinelos quentes e confortáveis e sentava-se na preguiçosa puxando Amy para o regaço,

preparando-se para gozar a hora mais feliz de seu atribulado dia. As meninas saltitavam, procurando meios de confortá-la cada qual a seu modo. Meg preparou a mesa de chá; Jo foi buscar lenha e cadeiras, derrubando e virando tudo quanto pegava, num barulho ensurdecedor; Beth corria para cá e para lá, da sala para a cozinha, calada e atarefadíssima; e Amy, enquanto isso, dava ordens a todas, mas permanecia de braços cruzados.

Quando estavam todas reunidas ao redor da mesa, a sra. March, com um semblante inundado de alegria, exclamou:

— Tenho uma notícia alegre para vocês, depois do chá.

Um sorriso rápido e brilhante volteou a mesa, como um raio de sol. Beth alçou as mãos, esquecida do biscoito que sustinha, e Jo atirou longe o guardanapo, gritando:

— Uma carta! Uma carta! Notícias do papai!

— É, uma longa carta. Ele está bem, e acha que passará o inverno melhor do que nós, receosas, julgávamos. Manda os melhores votos de um bom Natal e uma mensagem especial para vocês — disse ainda a sra. March, batendo no bolso como se nele escondesse um tesouro.

— Apressemos-nos, então. Acabe logo com isso, Amy — exclamou Jo, engasgando-se com o chá, e deixando cair o pão, mais a manteiga, sobre o tapete, na pressa de ouvir as novas.

Beth não comeu mais, mas foi de rojo sentar-se no seu canto sombrio, a meditar sobre o prazer que iam ter, quando as outras estivessem prontas.

— Penso que seria esplêndido, para papai, ir como capelão quando estivesse muito velho e já sem forças para ser soldado — disse Meg com vivacidade.

— Se eu pudesse ir como tambor ou como vivan... como é mesmo o nome? ou enfermeira. . . Assim poderia estar junto dele e auxiliá-lo — gemeu Jo, ao lado.

— Deve ser bem desagradável dormir numa barraca, comer toda espécie de comidas mal feitas e beber com uma caneca de folha — suspirou Amy.

— Mamãe, quando será que papai volta? — perguntou Beth, com um soluço na voz.

— Dentro em poucos meses, filha, desde que não adoça. Ele permanecerá no seu posto enquanto preciso for, e não devemos chamá-lo um minuto antes, sequer, de poder ser dispensado. Venham agora ouvir a leitura.

Naqueles tristes dias, poucas eram as cartas que não comoviam, especialmente se fossem de chefes de família para seus lares. Nesta, contavam-se as fadigas sofridas, os perigos arrostados, as imensas saudades suportadas; era uma carta jovial, esperançosa, cheia de minudências da vida do campo, de marchas, de notícias militares; e só no final se expandia o coração do missivista em paternal amor, anelando por tornar a ver as filhinhas e sua casa longínqua.

“Dê-lhes toda a minha saudade num beijo. Diga-lhes que penso nelas todos os dias, rogo a Deus por elas todas as noites, e que todo o meu conforto é a sua afeição de sempre. Parece grande espera um ano para vê-las, mas lembre-lhes de que, enquanto esperamos, devemos trabalhar, de maneira que estes dias penosos não sejam desperdiçados. Sei que se recordam de tudo o que lhes disse, que serão sempre boas meninas, que cumprirão religiosamente seus deveres e combaterão com valor os inimigos, vencendo-os tão lindamente que, quando voltar, possa sentir-me mais orgulhoso do que nunca de minhas 'mulherzinhas'”.

Todas soluçavam quando ouviram aquele trecho. Jo não se envergonhava das grossas lágrimas que seus olhos destilavam, nem Amy se recordara de jamais amarrotar tanto os cachos de cabelos como então, escondendo o rostinho no regaço da mãe, a soluçar:

— Sou uma egoísta! Mas procurarei tornar-me boazinha e ele não ficará zangado comigo quando vier!

— Todas desejamos o mesmo! — exclamou Meg. — Eu penso só em mim, detesto o trabalho, mas nunca mais procederei assim, se Deus quiser!

— Hei de me esforçar para merecer o nome que ele me dá de “mulherzinha”, procurando ser dócil e boa; hei de preferir ficar aqui trabalhando a ir passear — disse Jo, considerando que sentir bom humor em casa era tarefa mais difícil que enfrentar um ou dois inimigos.

Beth nada disse, mas enxugou as lágrimas com o bordado azul e começou o trabalho de agulha com maior animação, sem perder tempo, dedicando-se à tarefa mais próxima, enquanto no íntimo da alma resolvia ser o que o papai tanto desejava que ela fosse, ao voltar, feliz, para o lar amigo.

A sra. March quebrou o silêncio que se seguira às palavras de Jo, dizendo ternamente:

— Lembram-se de como gostavam de representar a Viagem do Peregrino, em pequeninas? Nada era tão agradável para vocês como eu amarrar-lhes às costas meus sacos de retalhos, feitos sacolas de caminheiro, dar-lhes chapéus e cajados, e rolos de papel, deixando-as viajar pela casa, subindo desde o porão, que era a Cidade da Destruição, até o sótão, onde vocês guardavam tudo quanto podiam arranjar para edificar a Cidade Celestial.

— Como era divertido, especialmente quando se passava pelos leões, lutando contra Appollyon e atravessando o Vale onde habitavam os espectros — disse Jo.

— Eu gostava do lugar onde se derribavam as cargas, que rolavam pela escada abaixo — acrescentou Meg.

— Meu momento favorito era quando surgíamos no telhado chato, onde estavam as flores, os arbustos e todos os nossos objetos e ficávamos a cantar, contentes, aos raios do sol — disse Beth, a sorrir, como se tivesse voltado àquele momento delicioso.

— De quase nada me recordo, exceto de que tinha medo ao entrar na adega sombria, e de que gostava muito do bolo e do leite que nos esperavam lá em cima. Como não tinha então idade bastante para esses folguedos, antes quisera que fosse hoje — disse Amy, que começava a falar em renunciar às coisas da infância, na idade madura de doze anos.

— Nunca estamos velhas para isso, minha flor, porque é um brinquedo com que sempre podemos entreter-nos. Temos os nossos fardos, o caminho aí está diante de nós, e o ardente desejo de Deus e da felicidade é o guia que nos conduz através dos empecilhos e enganos aos braços da paz, que é a verdadeira Cidade Celestial. Agora, minhas peregrinazinhas, suponham que começam de novo a viagem, não de brinquedo, mas na realidade, e vejam até onde podem chegar antes da volta de seu papai.

— Mas, mamãe, onde estão nossas cargas? — perguntou Amy, que não compreendia bem o sentido figurado das palavras.

— Cada qual disse há pouco possuir seu encargo, menos Beth; julgo, pois, que ela não tem nenhum — disse a mãe.

— Como não? O meu são os pratos e as vassouras, e invejar as moças que possuem lindos pianos, e ter medo dos outros.

O encargo de Beth era tão engraçado que todas tiveram vontade de rir; nenhuma o fez, porém, para não a melindrar.

— Desempenhemo-los — disse Meg, pensativa. — É outra maneira de procurar ser bom e talvez aquela história nos ajude; porquanto, embora precisemos nos tornar boas, é muito difícil sê-lo e esquecemos a necessidade de o conseguir.

— Nós hoje estamos afundadas no Lamaçal do Desalento; mamãe precisa vir tirar-nos, como fazia o Auxílio, no livro. Devemos possuir nosso Decálogo, como os cristãos. Como faremos? — perguntou Jo, deliciada com essas fantasias, que suavizavam a aspereza do dever.

— Procurem debaixo dos travesseiros, na manhã do Natal, e lá encontrarão seus guias — respondeu a sra. March.

Combinaram este plano de ação, quando a velha Hannah foi tirar a mesa; apareceram então as quatro cestinhas de costura e as agulhas começaram a trabalhar nos lençóis de tia March. Era enfadonha a tarefa, mas nessa noite ninguém se queixou. Adotaram o plano de Jo de dividirem a costura em quatro partes,

denominando, cada uma, Europa, Ásia, África e América, e desta maneira adiantaram-na muito, principalmente quando conversavam sobre as diversas cidades do mundo, ao passarem por elas, na costura.

Suspenderam o trabalho às nove horas, e, como era costume, cantaram um pouco antes de deitar-se. Ninguém, a não ser Beth, conseguiria tocar alguma música no velho piano; Beth tinha uma maneira muito suave de premir as teclas amareladas, fazendo um acompanhamento agradabilíssimo às canções simples que entoavam. Meg possuía uma voz aflautada; ela e sua mãe formavam o singelo coro. Amy trilava como um grilo, e Jo cantava à vontade, fugindo a cada passo da partitura com uma appoggiatura ou uma colcheia, que estragavam a música. Era este o costume desde os tempos em que apenas balbuciavam: “Muda de rumo, marujo. . .”

Era hábito da casa, pois a mãe nascera com a bossa do canto. O primeiro som que se ouvia de manhã era sua voz, ao ocupar-se com os arranjos caseiros; o último, à noite, era ainda a sua voz alegre, pois as meninas jamais se consideravam muito grandes para dispensar tão embaladora cantiga.

II

Um alegre Natal

Jo foi a primeira a acordar à luz cinzenta do alvorecer do dia de Natal. Não se viam meias suspensas junto ao fogão e durante um momento sentiu-se tão desapontada como quando, havia tempos, não vira logo seu sapatinho, que caíra, de tão cheio que estava de deliciosas gulodices. Em seguida recordou-se do que a mãe prometera e, enfiando a mão sob o travesseiro, tirou daí um livrinho de capa vermelha.

Conhecia-o muito, pois era aquela bonita e antiga história da melhor vida que haja sido vivida, e Jo sentiu ser ele um verdadeiro guia fiel para todos os peregrinos que empreendem a mesma jornada.

Ela despertou Meg com um “Feliz Natal!” e mandou-a ver o que havia embaixo do travesseiro. Achou um livro de capa verde, com a mesma figura na parte interna e algumas palavras escritas por sua mãe, o que a seus olhos tornava o presente valiosíssimo. Nessa ocasião Beth e Amy acordaram e, procedendo à mesma busca, encontraram seus livrinhos também — um cor de pombo e outro azul; e todas ficaram sentadas a olhá-los e a conversar sobre eles, ao mesmo tempo em que do lado do levante o céu matutino se tingia de róseo.

Malgrado suas vaidadezinhas, Margaret era dotada de meigo piedoso natural que inconscientemente influenciava suas irmãs, especialmente Jo, que a amava ternamente e lhe obedecia, devido às suas admoestações serem dadas com brandura.

— Meninas — disse Meg em tom sério, olhando a cabeça inclinada que havia a seu lado, e, mais além, as duas outras cabecinhas com toucas — Mamãe deseja que leiamos e estimemos estes livros, por isso começemos desde já. Sempre fomos cumpridoras de nossos deveres pios, mas, desde a partida de papai e essa guerra que tanto nos transtornou, olvidamos muitas coisas. Vocês façam o que quiserem; quanto a mim, terei sempre meu livro aqui, em cima da mesinha, e lerei sempre um trecho do mesmo ao acordar de manhã, pois sei que essa leitura me proporcionará benefícios e me será útil durante o dia todo.

Então ela abriu seu livro novo e começou a lê-lo. Jo cingiu-a com o braço e, encostando o rosto no dela, também lia, com uma calma expressão que raramente apresentavam suas móveis feições.

— Como Meg é boazinha! Venha. Amy, vamos imitá-las. Eu ensinarei a você as palavras difíceis e elas nos explicarão o que não compreendemos — sussurrou Beth grandemente impressionada pelos bonitos livrinhos e pelo exemplo das irmãs.

— Estou contente porque o meu é azul — disse Amy e em seguida reinou silêncio no quarto, enquanto as folhas eram deliciosamente passadas e o sol de inverno, insinuando-se no aposento, acariciava as cabeças e os rostinhos sérios, como uma saudação de Natal.

— Onde está mamãe? — perguntou Meg, quando ela e Jo desciam correndo para agradecer-lhe os mimos, meia hora depois.

— Só Deus sabe. Alguma pobre criatura mandou pedir-lhe o auxílio e sua mãe saiu no mesmo instante para ver de que necessitava ela. Nunca houve mulher igual para dar o que comer e beber, roupa ou lenha — respondeu Hannah, que morava com a família desde o nascimento de Meg e era por todos considerada mais como amiga do que como servidora.

— Penso que ela voltará logo; por isso, faça seus bolos e deixe tudo preparado — disse Meg,

olhando os presentes reunidos em uma cesta e guardados embaixo do sofá para serem exibidos depois, no momento oportuno. — Oh! Onde estará o vidro de água-de-colônia de Amy? — acrescentou, não o encontrando na cesta.

— Há um minuto ela saiu de casa com o vidro para amarrar-lhe uma fita ou outra coisa assim — explicou-lhe Jo, dançando na sala para alargar os chinelos novos apertados.

— Como estão bonitos meus lenços, não acham? Hannah lavou-os e alisou-os para mim e eu mesma os marquei a todos — disse Beth, olhando orgulhosamente para as letras desiguais que tanto trabalho lhe haviam dado.

— Menina tola! Bordou neles “Mamãe”, em lugar de “M. March”. Que engraçado! — exclamou Jo, tomando um dos lenços.

— Não está direito? — disse Beth, confusa. — Pensei que era melhor assim, porque as iniciais de Meg são também M. M. e eu não quero que ninguém use os lenços, senão mamãe.

— Está muito direito, querida, e foi uma linda ideia; assim ninguém se enganará. Tenho certeza de que ela vai ficar muito satisfeita — e Meg sorriu para Beth ao mesmo tempo em que franzia as sobrancelhas para Jo.

— Aí vem mamãe, esconda a cesta, depressa! — gritou Jo, ouvindo o bater da porta e passos no vestibulo.

Amy entrou correndo, toda confusa por ser esperada pelas irmãs.

— Onde esteve você? E que é isso que está escondendo? — perguntou Meg, surpreendida, ao ver, pela touca e pela capa, que Amy, sempre preguiçosa, havia saído cedo.

— Não se ria de mim! não queria que ninguém soubesse até a hora. Fui trocar o vidro por outro maior, empregando todo o meu dinheiro, porque não quero mais ser egoísta.

E, assim dizendo, Amy mostrou um lindo frasco pelo qual trocara o outro, barato; e parecia tão sincera e tão humilde no seu pequeno esforço para esquecer-se de si própria, que Meg a estreitou carinhosamente nos braços. Jo proclamou-a “uma pérola” e Beth correu à janela a apanhar a rosa mais linda para enfeitar o vistoso frasco de perfume.

— Eu estava envergonhada com o meu presente, após a leitura e a conversa desta manhã, por isso corri à esquina e troquei o frasco imediatamente; agora estou muito satisfeita, porque, de todos os mimos, o meu é o mais bonito.

Outra batida na porta da rua fez que a cesta fosse parar embaixo do sofá e as meninas em torno à mesa, impacientes pelo almoço.

— Feliz Natal, mamãezinha! Por muitos anos! Obrigada pelos livrinhos; já lemos um pouco e pretendemos ler todos os dias — gritavam todas, em coro.

— Feliz Natal, minhas filhas. Fico muito satisfeita por terem começado imediatamente a leitura, e espero que os conservarão com cuidado. Preciso, porém, falar-lhes antes de nos sentarmos. Aqui perto há uma pobre mulher com uma criancinha recém-nascida. Seis outras crianças jazem amontoadas num catre, para se resguardarem do frio, pois lá não há fogo. Nada existe na casa para comer: a de mais idade veio dizer-me que está a morrer de fome e de frio. Minhas filhas, vocês não lhes querem dar o seu almoço, como presente de Natal?

Estavam todas com fome, pois haviam esperado cerca de uma hora; nenhuma, pois, falou por um momento. Mas também, foi só um momento, porque Jo exclamou, num ímpeto sincero:

— Como foi bom a senhora ter chegado antes de começarmos a almoçar!

— Posso ir ajudar a levar as coisas para as criancinhas? — perguntou Beth, animadamente.

— Eu levo o creme e os sonhos — ajuntou Amy, dando assim heroicamente as coisas de que mais gostava.

Meg já estava cobrindo os bolos de trigo e empilhando o pão em uma grande bandeja.

— Calculei que vocês concordariam — disse sorrindo a sra. March, satisfeita. — Irão todas ajudar-

me e, quando voltarmos, almoçaremos pão e leite, o que servirá também para o jantar.

Prepararam-se logo e saíram processionalmente. Era perto, felizmente, e elas foram pelas ruas menos frequentadas; poucas pessoas as viram e ninguém se riu do interessante bando.

Era uma alcova pobre, nua, com as vidraças estragadas, sem fogo algum. Sob as colchas esfarrapadas da cama havia uma enferma com uma criancinha a vagir; sob um velho cobertor, acoradas para espantar o frio, um punhado de crianças pálidas e esfomeadas. Como se abriram aqueles grandes olhos e sorriram os labiozinhos arroxeados, quando as meninas entraram no quarto!

— Mein Gott! Serão os bons anjos que chegam! — exclamou a pobre mulher, sorridente.

— Anjos elegantes de chapéus e de luvas — disse Jo, descalçando as próprias luvas, a rir.

Em poucos instantes, parecia realmente que haviam andado por ali fadas. Hannah, que levava lenha, fez um belo fogo e tapou as vidraças quebradas com chapéus velhos e com o seu próprio xale. A sra. March fez a doente tomar um caldo e chá, confortando-a com promessas de auxílio, enquanto vestia o pequenito de modo tão carinhoso como se fosse seu próprio filho. Nesse ínterim, as meninas punham a mesa, levavam as crianças para a beira do fogo, davam-lhes de comer como a outros tantos pássaros famintos, rindo, palestrando, procurando compreender a algaravia daquele mau inglês.

— Ser tão bom! Ser anjos! — gritavam os pequerruchos a comer, amornando as mãozinhas purpúreas com o calor confortável do fogo. Jamais as moças tinham recebido o epíteto de anjos que tanto lhes agradava, especialmente a Jo, considerada um Sancho desde que nascera. E foi um almoço esplendidamente feliz para todos, apesar de não lhe terem tocado as meninas; e, ao regressarem, deixando atrás de si o conforto e o bem-estar, creio que não havia em toda a cidade quatro entes mais alegres que aquelas meninas esfomeadas que haviam dado o seu próprio almoço e se contentavam com pão e leite, na manhã de Natal.

— É assim que se ama o próximo mais que a si mesmo, o que tanto aprecio — disse Meg, tirando os presentes, enquanto a mãe estava em cima a escolher roupas para a pobre família Hummel.

Não havia riqueza, mas uma grande porção de amor se refletia naqueles poucos e pequeninos embrulhos, e o grande vaso com rosas encarnadas, alvos crisântemos e folhas pendentes de vide, que se ostentava no centro, emprestava à mesa um ar de fidalga elegância.

— Aí vem ela! Acabe com isso, Beth! Abra a porta, Amy! Boas festas, mamãezinha! — gritou Jo, andando em roda da mesa, enquanto Meg se adiantara para conduzir a mãe ao lugar de honra; Beth tocava uma marcha festiva ao piano, Amy escancarava a porta e Meg fazia a guarda de honra com muita imponência.

A sra. March ficou surpreendida e encantada; sorria com os olhos, ao examinar os presentes, e ler os cartõezinhos que os acompanhavam. Os chinelos foram calçados imediatamente, um dos lenços novos foi parar logo no seu bolso, perfumado com a água-de-colônia de Amy; a rosa, guardou-a no seio e considerou as lindas luvas “um verdadeiro encanto”.

Houve, a seguir, uma longa série de risos, beijos e explicações, na maneira simples e adorável que torna tão ditosas essas alegrias domésticas, tão suaves de recordar, no futuro. Depois começou o trabalho.

Os atos caridosos e festivos da manhã haviam tomado tanto tempo, que o resto do dia foi inteiramente consagrado aos preparativos da festividade da noite.

Ainda muito moças para frequentarem teatros, e com poucos recursos para darem espetáculos particulares, as meninas punham em ação a sua fantasia; como esta é a mãe da invenção, conseguiram logo aquilo de que necessitavam. Eram bem lindas algumas de suas produções: guitarras de papelão, lanternas antigas feitas de velhas latas de manteiga e recobertas com papel prateado, suntuosos vestidos de algodão, cintilando com as lantejoulas de latão arranjado numa fábrica de conservas, armaduras revestidas de pedaços do mesmo, em forma de diamantes, tirados da tampa cortada de latas de doce em conserva. Os vestuários eram usados pelo avesso e a sala grande servia de palco a esses passatempos

inocentes.

Não tomavam parte homens, na representação. Por tal motivo, Jo fazia os papéis masculinos, para alegria sua, usando muito satisfeita um par de botas de couro avermelhado que lhe dera uma amiga, conseguido de outra amiga que conhecia um ator. Essas botas, um velho florete e um gibão rasgado a cutiladas, usados certa vez por um ator em uma peça, eram os principais tesouros de Jo, aparecendo em todas as ocasiões. A exiguidade da “companhia” tornava-o necessário, pois as duas principais artistas faziam vários papéis, de uma só vez, e mereciam assim alguma consideração pelo árduo trabalho que tinham, decorando três e quatro papéis diferentes, vestindo e despindo várias roupas, além de dirigir a cena. Era um excelente exercício para as suas memórias, um divertimento inofensivo, no qual empregavam muitas horas que, aliás, poderiam ter sido mal gastas, preguiçosa ou solitariamente, ou em companhias pouco proveitosas.

Na noite de Natal, uma dúzia de moças trepara na cama que servia de plateia, e sentara-se diante das cortinas de chita azul e amarela, na expectativa mais ansiosa possível. Havia por detrás da cortina um sussurro de vozes e cochichos, um fumegar de lampião e risinhos sem motivo de Amy, pela excitação do momento. Logo após, soou uma campainha, abriram-se as cortinas e começou a representação da tragédia lírica.

Figurava a cena “um tenebroso bosque”, de acordo com um cartaz explicativo — alguns arbustos em latas, uma baeta verde no assoalho e uma caverna, à distância.

Tal caverna tinha por teto um cavalete de secar roupa e por paredes mesas de escritório; nela havia uma fornalha em plena atividade, um negro caldeirão, e, junto, uma velha feiticeira curvada sobre o fogo. A cena estava escura e o revérbero da fornalha produzia um belo efeito, principalmente quando, ao levantar da tampa pela feiticeira, saiu realmente vapor de dentro da panela.

Houve uma pausa para calar a primeira impressão. Hugo, o mau, entra em cena com uma espada retinente à ilharga, chapéu desabado, negras barbas, envolto numa capa misteriosa e de bota. Depois de medir a passos largos o palco, em grande agitação, bateu na testa e começou a cantar, com gesticulação impetuosa, seu ódio a Rodrigo e seu amor a Zara, com a resolução de matar a um e seduzir a outra. O tom severo da voz de Hugo, com um grito ocasional quando dominado pelos seus sentimentos, era muito impressionador e o auditório aplaudiu com delírio, quando ele fez uma pausa para tomar fôlego.

Curvando-se com ar de quem está habituado aos aplausos do público, chegou-se à caverna, ordenando, em brado, a Hagar que saísse: “Olá, mulher! Preciso de ti!”

E Meg surgiu com uma cabeleira cinzenta de crina a cobrir-lhe a cabeça, um vestido negro e rubro, de cajado e com uma capa coberta de sinais cabalísticos. Hugo pediu-lhe uma poção para fazer-se adorado por Zara e outra para eliminar Rodrigo. Hagar, em linda melodia dramática, prometeu-lhe arranjar ambas, e começou a invocar o espírito que trazia o filtro amoroso:

“Ordeno-te, ó espírito aéreo, que desças do teu solar. Podes fabricar encantamentos e poções, ó ser gerado das rosas e alimentado pelo rocio das madrugadas? Traze-me, com a rapidez de um duende, o fragrante filtro que eu te peço. Que seja suave, eficaz, embriagador. . . Responde agora a minha invocação espírito aéreo...”

Ouviram-se sons suavíssimos de música, e atrás da caverna surgiu uma pequenina figura circundada por uma nuvem branca, de asas resplandecentes, cabelos de ouro e uma grinalda de rosas a cingir-lhe a testa. Movendo uma varinha, cantou em resposta:

“De meu solar aéreo, na lua cor de prata, desci... Eis a mágica bebida... Usa-a cautamente, para que não se perca o seu poder...”

E, deixando cair aos pés da feiticeira um frasquinho dourado, desapareceu.

Outro canto de Hagar produziu nova aparição — não mais de um ser gracioso, mas de um espectro preto e feio, que, depois de grunhir uma resposta, atirou a Hugo um negro frasco e desapareceu com uma gargalhada de escárnio.

Tendo modulado seus agradecimentos, Hugo pôs os frascos no cano das botas e partiu; e Hagar contou ao auditório que, como o espectro lhe havia morto vários amigos outrora, ela o amaldiçoara e tencionava anular-lhe os planos, vingando-se assim do matador. E o pano caiu, dando à plateia ocasião de descansar e comer açúcar-cande, enquanto discutia os méritos da peça.

Uma porção de marteladas se sucederam antes de levantar-se outra vez o pano; porém, quando se tornou patente que armavam uma obra-prima de cenografia, ninguém reclamou pela demora. Era realmente soberbo! Uma torre subia às nuvens; a meio dela, aparecia uma janelinha com luz e, atrás da cortina branca, via-se Zara com um vestido azul, esperando Rodrigo. Ele acercou-se com trajes de grande gala, de chapéu de plumas, capa vermelha, cabeleira de cachos castanhos, guitarra na mão e, além de tudo, de botas. Ajoelhado junto à torre, cantou uma serenata em tom melífluo. Zara respondeu, e, após um diálogo musical, consentiu em ser raptada.

Aqui foi o lance sensacional da peça — Rodrigo trazia consigo uma escada de cordas com cinco degraus; atirou para a janela uma ponta, convidando Zara a descer. Cautelosamente, esta passou pela rótula, apoiou-se aos ombros de Rodrigo e ia dar um salto gracioso ao solo quando — pobre Zara! — havendo se esquecido da cauda do vestido que ficara presa à janela, fez vacilar a torre que pendeu para a frente e, com fragor, sepultou os infelizes amantes nas ruínas! Soou um grito, ao mesmo tempo em que as botas avermelhadas emergiam furiosamente dos escombros, enquanto uma cabecinha loura reinava. Com incrível presença de espírito, Dom Pedro, o rei senhor, entrou precipitadamente em cena e arrancou a filha dos destroços, com um rápido aparte:

— Não se riam, façam como se fosse da peça!

E ordenou a Rodrigo que se levantasse, expulsando-o do leme com ira e desprezo. Embora combalido ainda pela queda da torre nas suas costas, Rodrigo desafiou o velho fidalgo e negou-se a sair. Tal intrepidez serviu de exemplo a Zara; também ela desafiou o pai, que ordenou o enclausuramento de ambos na mais profunda das masmorras do castelo. E veio então com algemas um carcereirozinho que os conduziu para a prisão, muito espantado e evidentemente esquecido das palavras que deveria ter dito.

O terceiro ato passa-se no átrio do castelo; surge Hagar, que veio libertar os amantes e matar Hugo. Ouve-lhe os passos e esconde-se; vê-o pôr as poções em dois copos de vinho, ordenando ao tímido pajem:

— Leve isto aos cativos e diga-lhes que irei em breve vê-los.

O servo, porém, chama Hugo à parte para dizer-lhe qualquer coisa e Hagar troca as taças por outras contendo um líquido inofensivo. Fernando, o favorito, leva-as então, e Hagar põe na mesa a taça com o veneno destinado a Rodrigo. Hugo, após uma longa canção, sente sede e bebe-o; perde os sentidos e, em seguida a uma série de esgares e trejeitos de agonia, cai de borco e morre, enquanto Hagar lhe conta, numa canção de estranha melodia, que foi ela quem o matou.

A cena era verdadeiramente de arrepiar, embora alguns achassem que a inesperada queda da cabeleira tirara um pouco do efeito da morte do vilão. Este foi chamado ao palco e muito acertadamente apareceu conduzindo Hagar, cujo canto foi considerado mais maravilhoso que todo o espetáculo em conjunto.

No quarto ato, o desesperado Rodrigo está a ponto de matar-se, porque lhe disseram que Zara o havia abandonado. Quando vai cravar um punhal no coração, um canto dulcíssimo sob a janela o adverte de que Zara lhe é fiel, mas que se encontra em perigo, podendo ele salvá-la. Saindo pela janela, cai uma chave, com a qual ele abre a porta e, num impulso arrebatado, rompe as cadeias que o prendem e corre a salvar a sua bem-amada.

Abre-se o quinto ato com uma alteração violenta entre Zara e Dom Pedro. Este quer mandá-la para um convento com o que ela não concorda; e quando, após um comovedor apelo do pai, ela vai ceder, entra arrebatadamente Rodrigo que pede a sua mão. Dom Pedro recusa por ele não ser rico.

Gritam e gesticulam desabridamente, sem chegar a acordo, e Rodrigo está prestes a levar a

desfalecida Zara quando um servo entra com uma bolsa e uma carta de Hagar que havia desaparecido misteriosamente. Informava a carta que ela legara uma fortuna ao jovem par e uma terrível maldição a Dom Pedro se ele persistisse em estorvar a felicidade daquele. Abrem a bolsa e uma chuva de moedas espalha-se pelo palco, rebrilhantes. Isto faz abrandar inteiramente “o cruel senhor”. Consente sem relutância, reúnem-se todos em alegre coro e o pano cai sobre os amantes ajoelhados para receber a bênção de Dom Pedro.

Seguiram-se estrondosos aplausos, mas aconteceu outra inesperada catástrofe: a cama de vento que servia de plateia desarmou-se de súbito, acabando com o entusiasmo dos espectadores. Rodrigo e Dom Pedro correram a socorrê-las, sendo todas retiradas incólumes, conquanto muitas não pudessem falar de tanto rir. A algazarra só teve fim com o aparecimento de Hannah transmitindo “as saudações da sra. March e convidando as senhoras para a ceia”.

Foi uma surpresa até para os atores. Ao verem a mesa, olharam-se uns para os outros, em enlevado espanto. A mãe costumava proporcionar-lhes um pequeno festim, mas coisa assim tão fina não viam as meninas desde os passados tempos de abundância.

Havia pudins de creme — dois pudins! — sendo um cor-de-rosa e outro branco — bolos e frutas, e deliciosos bombons franceses e, ao meio da mesa, quatro grandes ramalhetes de flores de estufa!

Quase não podiam respirar! Olhavam ora para a mesa, ora para a mãe que parecia extraordinariamente satisfeita.

— Seriam fadas? — perguntou Amy.

— Foi S. Nicolau — replicou Beth.

— Foi mamãe! — e Meg sorriu graciosamente, apesar de sua barba cinzenta e das sobrancelhas brancas.

— Foi tia March que teve a bela ideia de mandar a ceia — exclamou Jo, repentinamente inspirada.

— Erraram todas: foi o vizinho, o sr. Laurence — explicou a sra. March.

— O avô do jovem Laurence! Quem no mundo se lembraria de tal coisa? Nós nem o conhecemos — exclamou Meg.

— Hannah contou a um de seus criados o que acontecera ao almoço de vocês; ele é um velho esquisito, mas o fato agradou-lhe. Conheceu meu pai, antigamente, e mandou-me um atencioso cartão, à tardinha, dizendo que esperava que eu consentisse manifestar ele sua amizade para com as minhas filhas, enviando-lhes uns doces como presente de Natal. Não poderia recusar, e assim têm vocês um banquete à noite para compensar o pão e o leite do almoço.

— Garanto que foi o rapaz quem lhe pôs isso na cabeça! É um excelente moço, e eu gostaria bem de que travássemos relações com ele. O mesmo também parece desejar conhecer-nos. Mas é muito tímido e Meg é tão exigente que não me permite falar-lhe quando passamos pela sua casa — disse Jo, enquanto os pratos davam giro à mesa e os dois pudins desapareciam das vistas com ohs! e ahs! de satisfação.

— Você se refere aos moradores da casa próxima, não é? — perguntou uma delas. — Mamãe conhece o velho sr. Laurence, mas diz que ele é muito orgulhoso e não gosta de se relacionar com os vizinhos. Conserva o neto trancado quando não está passeando a cavalo ou a pé com o professor e fá-lo estudar horivelmente. Convidamo-lo para a nossa brincadeira, mas ele não veio. Mamãe acha-o muito simpático embora nunca palestrassemos conosco.

— Há dias nossa gatinha fugiu e ele veio trazê-la; conversamos então através da cerca, intimamente, sobre críquete e coisas assim; quando ele viu Meg aproximar-se, retirou-se. Desejo conhecê-lo melhor, pois tenho para mim que necessita de se distrair — disse Jo, em tom convicto.

— Gosto de suas maneiras, parece um cavalheiro; por isso não ponho objeção alguma em que vocês se relacionem, se se apresentar a ocasião. Foi ele próprio quem trouxe as flores e eu o teria convidado para entrar se soubesse ao certo o que se passava lá em cima. Parecia tão embevecido quando se retirou, ao ouvir os cantos, que se via logo que não tem grandes distrações.

— Foi um favor não o ter convidado, mamãe — disse Jo, rindo e olhando para as suas botas — Daremos, porém, qualquer dia, outro espetáculo ao qual poderá assistir. Quem sabe se nos auxiliará? Seria bem agradável...

— Nunca possuí um buquê, como este é lindo! — e Meg examinava as flores com grande interesse.

— São de fato lindas, mas as rosas de Beth são ainda mais encantadoras para mim — disse a sra.

March, aspirando o odor do ramalhete já quase murcho que trazia à cinta.

Beth chegou-se a ela e com uma carícia sussurrou-lhe meigamente:

— Se eu pudesse mandar este ramalhete a papai. . . Terá ele um Natal tão alegre assim? . . .

III

O jovem Laurence

— Jo! Jo! Onde está você? — gritava Meg, ao pé da escada do sótão.

— Aqui! — respondeu uma voz rouca, em cima.

E, subindo a correr. Meg encontrou a irmã a comer maçãs e a chorar com a leitura de “O Herdeiro de Redclyffe”, embrulhada em um cobertor, sobre um velho sofá de três pernas, junto à janela por onde entrava o sol.

Era esse o refúgio preferido de Jo; ali gostava de ficar com meia dúzia de maçãs e algum livro interessante, aproveitando aquele sossego e a companhia de um ratinho de sua estimação que morava perto e não se incomodava absolutamente com a presença dela. Quando Meg apareceu, o camundongo raspou-se para o buraco. Jo enxugou as lágrimas das faces e ficou-se à espera do que a irmã lhe ia contar.

— Veja que coisa boa! Um convite em regra, da sra. Gardiner, para amanhã à noite! — exclamou Meg a brandir o precioso papel. Em seguida dispôs-se a ler com prazer juvenil:

“A sra. Gardiner teria satisfação com a presença de Miss Margaret e Miss Josephine no modesto baile a realizar-se no dia de Ano Bom”.

— Mamãe quer que nós vamos. Com que vestidos iremos?

— Que adianta perguntá-lo, se sabe perfeitamente que será com os nossos de popelina, uma vez que não temos outros? — disse Jo com a boca cheia.

— Oh, se eu tivesse um de seda! — suspirou Meg — Mamãe disse que talvez me dê um quando eu tiver dezoito anos, mas dois anos levam uma eternidade para passar.

— Estou certa de que nossos vestidos de popelina parecerão de seda, estão ainda muito bonitos para nós. O seu parece novo, mas esquecia-me do queimado e do rasgado do meu. Como há de ser? O lugar queimado aparece horivelmente e não tenho jeito de escondê-lo.

— Tem sim. Fique sentada o mais tempo possível para esconder as costas. Na frente o vestido está muito bom. Vou ver uma fita nova para meu cabelo. Mamãe me emprestará seu alfinete de pérola, meus sapatos novos são lindos e minhas luvas servirão, embora não estejam tão bonitas como eu desejaria.

— As minhas têm manchas de limonada e não posso arranjar outras novas, por isso tenho que ir sem elas — disse Jo, que nunca se preocupava com coisas de vestuário.

— Precisa arranjar luvas, ou então deixar de ir — protestou Meg em tom enérgico. — As luvas têm mais importância que qualquer coisa, você não poderá dançar sem elas e, se não as tiver, me sentirei envergonhada.

— Então ficarei sentada; não gosto muito de dançar; não é agradável dar-se voltas na sala; acho mais divertido correr e dar cambalhotas.

— Não pode pedir à mamãe luvas novas, pois custam caro e você é muito descuidada. Ela disse que se você estragasse as suas não daria outras neste inverno. Não pode limpá-las de qualquer modo? — perguntou Meg, ansiosa.

— Poderei levá-las sem calçar; desse modo ninguém verá as manchas. Ou então, cada uma de nós calçará uma luva boa e levará a outra sem calçar. Que acha?

— Suas mãos são maiores que as minhas, com isso a luva ficará horivelmente larga — objetou Meg,

cujas luvas eram as meninas de seus olhos.

— Então irei sem elas. Não me importarei com o que disserem! — exclamou Jo, retomando o livro.

— Está bom, eu emprestarei uma luva, mas não a manche e observe as boas maneiras; não ponha as mãos nas costas, nem olhe muito de fito, nem exclame “Cristóvão Colombo!” Concorda?

— Não se preocupe a esse respeito pois não cometerei rata alguma, se me for possível. Agora vá responder ao convite e deixe-me acabar de ler esta linda história.

Meg tornou a descer para responder que “Muito gratas iremos” e cuidar do vestido, a cantar alegremente, arranjando um verdadeiro peitilho de rendas, enquanto Jo terminava a leitura, e acabava de comer as maçãs e de brincar um pouco com o ratinho.

Na noite do Ano Bom a sala em que se reuniam ficou deserta, pois as duas meninas mais novas desempenhavam as funções de camareiras e as duas mais velhas se achavam absortas pela importantíssima coisa que era “prepararem-se para ir ao baile”.

Embora fossem simples suas toilettes, causou grande reboliço de idas e vindas e risadas e tagarelices, chegando mesmo a encher a casa, certo momento, forte cheiro de cabelo queimado. Meg quisera alguns cachos em torno ao rosto e Jo empreendera apertar os anéis empapelados com o ferro de frisar aquecido.

— Faz sempre um cheiro como este? — perguntou Beth empoleirada na cama.

— É a umidade que está secando — explicou Jo.

— Que cheiro esquisito! Parece de penas queimadas — observou Amy, passando a mão nos cachos de seus próprios cabelos, com um ar de superioridade.

— Vou tirar agora os papelotes e vocês verão uma porção de lindos caracóis — disse Jo, guardando o ferro de frisar.

Tirou-os, sim, mas não se viram os tais caracóis, pois o cabelo saía com os papelotes; e a terrificada cabeleireira pôs uma fila de pelotas chamuscadas na escrivaninha, em frente de sua vítima.

— Oh! que foi que você fez! Estragou-me os cabelos! Não posso mais ir ao baile! Oh, meus cabelos, meus cabelos! — lastimou-se Meg, contemplando desesperada a pastinha desigual.

— Não tenho sorte! Você não me devia pedir para frisar. Estou aborrecidíssima, mas o ferro estava muito quente e com isso estraguei tudo! — gemeu a infeliz Jo, olhando as pelotinhas pretas com lágrimas de pesar.

— Não estragou; frise o cabelo e amarre as fitas de modo que as pontas caiam um pouco na testa, que ficará na última moda. Já vi muitas moças desse modo — disse Amy, consolando-a.

— Bem feito! Por que quis ficar muito bonita? Eu devia deixar meus cabelos como são — recriminou-se Meg.

— É assim que uso. Ficam lisos e bonitos. Mas logo crescerão de novo — disse Beth, indo beijar e consolar a ovelha tosquiada.

Depois de vários desastrezinhos menores, Meg afinal acabou de aprontar-se e, mediante os esforços de toda a família, Jo ficou penteada e vestida. Estavam bonitas com seus trajes tão simples. Meg com um vestido branco, fita de veludo azul nos cabelos, papo de rendas e com o alfinete de pérola; Jo de vestido marrom, com gola dura de linho, de aspecto distinto e tendo como único enfeite alguns crisântemos. Cada uma calçara uma luva limpa e carregava outra manchada, e achavam-se, desse modo, irrepreensivelmente elegantes. Os sapatos de salto alto de Meg eram terrivelmente apertados e a magoavam, posto que ela não o confessasse; e os dezenove grampos de Jo, a dar-lhe uma sensação de tê-los espetados na cabeça, não era coisa propriamente agradável; mas para nós, mulheres, a divisa é ficar bonita ou morrer.

— Divirtam-se bastante, minhas filhas — disse a sra. March quando as duas irmãs saíam de casa. — Não comam muito na ceia e voltem às onze horas, quando eu mandar Hannah buscar vocês.

E, ao ouvir-se o portão bater, após terem passado, soou uma voz da janela:

— Meninas! meninas! Vocês duas levam lenços bonitos?

— Sim, sim, bonitíssimos, e Meg pôs a água-de-colônia no dela — gritou Jo; e acrescentou com uma risada, enquanto seguiam: — Penso que mamãe perguntaria isso, mesmo que estivéssemos a correr de um terremoto.

— É um de seus gostos aristocráticos e perfeitamente justificável, pois uma verdadeira dama é sempre reconhecida pelo calçado, pelas luvas e pelo lenço — respondeu Meg que tinha também uma porção de “gostosinhos aristocráticos” para seu uso pessoal. — Não se esqueça de esconder a parte estragada do vestido, Jo. — E Meg acrescentou, depois de observar-se demoradamente no espelho do toucador da sra. Gardiner — Minha faixa está direita e meu cabelo não tem muito mau aspecto?

— Sei que me vou esquecer. Se você me vir fazer alguma coisa imprópria, avise-me piscando o olho, sim? — pediu Jo ajeitando a gola e retocando rapidamente o penteado, com a escova.

— Não! piscar não é próprio de uma dama; erguerei as sobrancelhas para avisar de alguma coisa; se tudo estiver direito, farei um aceno com a cabeça. Tenha os ombros erguidos e ande com passinhos curtos e não dê a mão a alguém a quem seja apresentada, pois não se usa.

— Como conhecer tudo o que é mais conveniente? Ser-me-á impossível. Não acha alegre esta música?

Desceram com alguma timidez, pois raramente iam a reuniões e, embora fosse aquela modestíssima, era para elas um acontecimento. A sra. Gardiner, idosa e corpulenta, acolheu-as cordialmente, confiando-as aos cuidados da mais velha de suas seis filhas. Meg travou conhecimento com Sallie e sentiu-se logo à vontade; mas Jo, que não apreciava muito moças ou papagaíces de moças, ficou para trás, de pé, com as costas para a parede e com a impressão de estar tão deslocada como um pequeno peralta em um jardim.

Meia dúzia de rapazes joviais conversavam sobre patinação em outra parte da sala e o desejo dela era ir ter com os mesmos, pois esse esporte constituía um dos maiores prazeres da sua vida. Fez sinal a Meg, manifestando seu desejo, mas as sobrancelhas desta ergueram-se de modo tão alarmante que Jo não se atreveu a mover-se de seu lugar. Ninguém ia conversar com ela e uma a uma afastavam-se as pessoas do grupo vizinho, até que Jo se viu só.

Ela não podia distrair-se a andar de um para outro lado, pois a parte queimada do vestido apareceria, por isso limitou-se a olhar as pessoas presentes até começarem a dançar. Incontinenti Meg foi tirada e seus sapatinhos apertados deslizavam tão ágeis no assoalho, que ninguém adivinharia a dor que quem os trazia suportava a sorrir.

Jo viu um rapaz alto, de cabelos vermelhos, dirigir-se para o seu cantinho; e, receando fosse convidá-la, ela, soerguendo uma cortina, esgueirou-se para o interior de um cômodo contíguo, onde pretendia ficar para divertir-se sossegadamente a observar a sala. Infelizmente outra pessoa acanhada buscara o mesmo refúgio, pois, quando a cortina recaiu atrás, encontrou-se frente a frente com o rapaz de nome Laurence.

— Desculpe, eu não sabia que aqui se achava alguém! — tartamudeou Jo, preparando-se para sair tão depressa como entrara.

Mas o rapaz riu-se e disse amavelmente, embora demonstrando um pouco o susto que tivera:

— Não se incomode por minha causa; fique, se o preferir.

— Não o incomodarei?

— Absolutamente! Fiquei aqui somente porque não conheço muitas pessoas e com isso a gente acanha-se um tanto.

— O mesmo me aconteceu. Tenha a bondade, não se retire, salvo se o preferir.

O rapaz sentou-se de novo, a olhar para as próprias botinas, até Jo dizer, procurando mostrar delicadeza e desembaraço:

— Suponho que já tive o prazer de vê-lo anteriormente. Mora perto de nossa casa, não é?

— Mesmo pegado. — E ergueu o olhar, rindo-se gostosamente, pois achou graça nos modos faceiros de Jo, ao lembrar-se das tagarelices de ambos a respeito do críquete, no dia em que fora levar o gato à casa dela.

Isso pôs Jo à vontade e ela também riu-se, ao dizer de modo mais afável:

— Gostamos imensamente de seu delicioso presente de Natal.

— Foi vovô quem o mandou.

— Mas foi o senhor que lhe deu essa ideia, não?

— Como passa o seu gato, miss March? — perguntou o rapaz procurando afetar seriedade, enquanto seus olhos negros brilhavam buliçosamente.

— Muito bem, obrigada, sr. Laurence; mas não sou miss March e, sim Jo, simplesmente — respondeu a jovem lady.

— E eu não sou sr. Laurence e, sim, Laurie, apenas.

— Laurie Laurence? Que nome singular!

— Meu primeiro nome é Theodore, mas não gosto dele, pois meus companheiros me chamavam de Dora; por isso, eu os obriguei a dizer Laurie.

— E eu detesto meu nome, é muito romântico! Eu gosto que me chamem de Jo, em vez de Josephine. Como fez para seus amigos não o tratarem mais de Dora?

— Bati-lhes.

— Eu não posso bater em tia March, por isso tenho de tolerar esse tratamento. — e Jo teve um suspiro resignado.

— Não gosta de dançar, miss Jo? — perguntou Laurie, que parecia achar que este nome combinava bem com a pessoa dela.

— Gosto muito, quando há bastante espaço para a gente mover-se livremente. Em uma sala como essa eu, com certeza, incomodaria a todos; pisaria nos pés dos outros ou aconteceria qualquer desastre assim; por isso evito atrapalhar e deixo Meg dançar sozinha. E o sr. não dança?

— Às vezes. Mas estive no estrangeiro muitos anos e ainda não me acho aqui há bastante tempo para conhecer o que se usa.

— No estrangeiro? — exclamou Jo — Oh! fale-me a esse respeito! Aprecio imensamente descrições de viagens.

Laurie parecia não saber por onde principiar, mas as perguntas ansiosas de Jo orientaram-no logo; e ele contou que estivera em um colégio em Vevey, onde os meninos nunca usavam chapéus e tinham uma esquadilha de barcos no lago; e como divertimento nos dias de folga, faziam excursões a pé pela Suíça, com os professores.

— Como eu desejaria estar lá também! — exclamou Jo — Foi a Paris?

— Passei nessa cidade o último inverno.

— Sabe falar francês?

— Em Vevey não consentiam que falássemos outra língua.

— Diga alguma coisa. Sei traduzir, mas não sei conversar nessa língua.

— “*Quel nom a cette jeune demoiselle en pantoufles jolies?*” — disse Laurie folgazonamente.

— Como fala bem! Deixe-me ver... o que o sr. disse foi: “Quem é aquela moça de lindos sapatinhos?”, não?

— *Oui*, mademoiselle!

— É minha irmã Margaret e o sr. sabia que era ela! Acha-a bonita?

— Sim, lembra-me as jovens alemãs, com seu frescor e calma, e dança como uma lady.

Jo ficou radiante ao ouvir elogiar a irmã e decorou a frase para repeti-la a Meg. Ambos espiaram e conversaram até sentirem-se como velhos conhecidos. O acanhamento de Laurie prestes dissipou-se, pois os modos de Jo o divertiam e o punham à vontade; quanto a ela, era a alegre Jo outra vez; esquecera o estrago do vestido e não havia ali alguém que lhe erguesse as sobrancelhas.

Ela gostava, mais do que nunca, do “jovem Laurence” e olhava-o bastante, para descrevê-lo bem às suas irmãs, porquanto não tinham irmãos e poucos eram seus primos homens, sendo os rapazes, para elas,

criaturas quase desconhecidas.

“Cabelos negros encaracolados, cor morena, grandes olhos negros, nariz comprido, belos dentes, mãos e pés pequenos, altura igual à minha; muito delicado e jovial. Que idade terá?”

Esta pergunta já se achava na ponta da língua de Jo, mas reteve-se a tempo e com raro tato procurou sabê-lo por algum rodeio.

— Vai logo para um curso superior? Pois vejo que tem estudado bastante.

Laurie respondeu:

— Nestes dois ou três anos ainda não; em todo o caso, não irei antes de ter dezessete anos.

— Tem então uns quinze? — inquiriu Jo olhando o desenvolvido rapaz, a quem dava uns dezesseis anos.

— Completarei dezesseis no próximo mês.

— Como eu desejaria entrar para um colégio! Não parece gostar da vida escolar.

— Detesto-a. Nos colégios é só estudar ou remar. E não gosto do modo por que se fazem essas duas coisas neste país.

— Que é que preferiria?

— Morar na Itália e divertir-me da maneira que me agradasse.

Jo teve grande vontade de saber qual era essa maneira; mas os negros supercílios de Laurie cerraram-se como que ameaçadores, e por isso ela, mudando de assunto, disse-lhe, enquanto marcava o compasso com o pé:

— Deliciosa polca, não? Por que não experimenta dançá-la?

— Se quiser dançar também... — respondeu ele, com uma extravagante mesura à moda francesa.

— Não posso, pois eu disse a Meg que não dançaria, porque...

A este ponto Jo deteve-se, quedando-se indecisa entre se devia falar ou rir-se.

— Por que o quê? — indagou Laurie, com curiosidade.

— Não contará a ninguém.

— Absolutamente não!

— Está bem, vou dizer a causa. Tenho o mau costume de sentar-me muito perto do fogo e com isso queimei meus vestidos e estraguei este com que estou; e, apesar de bem remendado, apareceu o lugar queimado. Assim, Meg recomendou-me que ficasse imóvel em algum lugar, para ninguém ver. Pode caçoar, se quiser, sei que o caso tem graça.

Mas Laurie não caçoou; limitou-se a baixar o olhar por alguns momentos, ficando Jo intrigada com a expressão do seu rosto; em seguida ele, disse mansamente:

— Não se preocupe com isso; vou dizer-lhe um modo de conciliar as coisas; há um vasto saguão perto daqui e nele poderemos dançar bastante, sem que alguém nos veja. Tenha a bondade de vir.

Jo agradeceu-lhe e acompanhou-o mui contente; sentiu o desejo de ter um par de luvas boas, quando viu o seu cavaleiro calçar as suas, de linda cor de pérola. E no saguão deserto eles dançaram uma polca. Laurie dançava bem e ensinou-lhe o passo alemão, o que deliciou Jo, pois era cheio de requebros e de pulos.

Quando a música cessou de se fazer ouvir, eles sentaram-se na escada para tomar fôlego e Laurie estava a meio da narração de uma festa de estudantes em Heidelberg, quando Meg assomou a procurar a irmã. Fez um aceno a esta, que a contragosto foi ter com ela em um compartimento contíguo, onde a encontrou sentada em um sofá, muito pálida e a segurar um pé.

— Destronquei o tornozelo. O maldito salto alto entortou-se e torceu-me horivelmente o pé. Dói tanto, que mal posso ficar de pé e não sei como fazer para voltar para casa — disse, virando-se para um e outro lado, devido à dor.

— Eu sabia que você ia machucar o pé com aqueles extravagantes tacões. Sinto muito o que aconteceu, mas não sei como você poderá voltar, a não ser de carro, salvo se quiser passar aqui a noite

— respondeu Jo; e, enquanto falava, esfregava delicadamente o pobre tornozelo.

— Não posso ir de carro porque é muito caro; além disso, quase todos que aqui estão vieram em carros próprios e a cocheira fica muito longe e não tenho a quem mandar até lá.

— Eu irei.

— Não! Já passam das dez horas e está escuro como breu. Não posso ficar aqui, pois a casa está cheia de gente; vieram muitas moças pousar em companhia de Sallie. Repousarei até Hannah chegar e então farei o possível para andar.

— Vou pedir a Laurie que vá ver o carro; ele o fará — disse Jo, aliviada, por ter-lhe ocorrido essa ideia.

— Obrigada, não é preciso! Nada peça ou diga a ninguém. Dê-me as galochas e ponha estes sapatos junto com as nossas coisas. Não posso dançar mais; logo que terminar a ceia, aguarde a chegada de Hannah e avise-me no mesmo instante em que ela vier.

— Estão agora saindo para cear. Quanto a mim, prefiro ficar com você.

— Não, querida Jo; vá cear também e traga-me depois café, pois estou tão cansada que não posso mover-me.

Assim foi que Meg se recostou no sofá, com as galochas bem escondidas, enquanto Jo se dirigia estabranadamente à sala de jantar, que ela encontrou depois de entrar por engano em um cômodo revestido de mosaicos de louça e de abrir a porta de outro onde o sr. Gardiner fazia sozinho, uma ligeira colação. Dando uma busca na mesma, descobriu a cafeteira, mas, no instante em que a tomou, derramou café na roupa, tornando a frente desta tão pouco apresentável como a parte de trás.

— Oh, meu Deus! Que desastrada sou! — exclamou Jo, inutilizando a luva de Meg que passou no vestido.

— Posso prestar-lhe meu auxílio? — disse uma voz amiga; era Laurie, com uma xícara cheia em uma das mãos e um prato com sorvete na outra.

— Eu vinha buscar alguma coisa para Meg, que se acha muito cansada e alguém esbarrou em mim e aqui estou em um bonito estado! — respondeu Jo, alternando olhares entre o vestido sujo e a luva cor de café.

— Foi pena! Eu procurava alguém para dar isto; posso levar para sua irmã?

— Oh, muito agradecida! Vou mostrar-lhe onde ela está. Não me ofereço para eu mesma levar, a fim de não se repetir o que sucedeu.

Jo seguiu na frente e Laurie, como se estivesse habituado a servir as damas, levou uma mesinha e foi buscar segunda dose de café e de sorvete para Jo; e mostrou-se tão atencioso que até a exigente Meg o proclamou “um distinto rapaz”. Gostaram muito dos bombons e das pilhérias e estavam a meio de uma calma partida de buzz com duas ou três pessoas mais, da mesma idade, que ali foram ter, quando apareceu Hannah. Esquecendo-se do pé, Meg levantou-se tão depressa que, com uma exclamação de dor, foi obrigada a agarrar-se em Jo.

— Não diga nada — cochichou a esta, e acrescentou em voz alta — Torci um pouco o pé. — E, mancando, subiu a escada para buscar seus objetos.

Hannah ralhava com ela, Meg protestava e Jo já estava a perder a paciência quando a irmã resolveu entregar o caso em suas mãos. Jo precipitou-se escada abaixo e, encontrando um criado, perguntou-lhe se podia ir buscar-lhe um carro. Sucedeu, todavia, ser esse empregado um servente ocasional que não conhecia as ruas das vizinhanças; e Jo volvia o olhar a procurar quem lhe valesse, quando Laurie, que ouvira suas palavras, lhe ofereceu o carro de seu avô que acabava exatamente de chegar para buscá-lo segundo explicou.

— É ainda muito cedo para o senhor ir — começou Jo a dizer, satisfeita, embora hesitando ainda em aceitar o oferecimento.

— Recolho-me sempre cedo... Afirmo-lhe ser essa a verdade. Tenha a bondade de deixar-me levá-

las até a sua casa. Como sabe, fica no meu caminho e, além disso, está chovendo.

Nesse caso, era diferente; e, contando-lhe o sucedido com Meg, Jo aceitou agradecida e correu a ir buscar as companheiras. Hannah tinha tanta aversão à chuva como um gato, por isso nada objetou; e seguiram todos na luxuosa carruagem, achando aquilo divertido e distinto. Laurie subiu na boleia, para Meg poder conservar o pé erguido; e as duas irmãs conversaram, assim, em liberdade, sobre o baile.

— Gostei imensamente; e você? — perguntou Jo, empurrando o cabelo para cima e procurando ajeitar-se comodamente.

— Também, até o instante em que me machuquei. Annie Moffat, uma das amigas de Sallie, ficou gostando muito de mim e convidou-me para ir passar uma semana com ela, quando Sallie for. Esta irá na primavera, ao reabrir-se a Ópera, e será magnífico se mamãe me deixar ir — respondeu Meg, animando-se a esta ideia.

— Vi você dançando com o moço de cabelos vermelhos de quem fugi; é bonito?

— Muito! Mas tem cabelos castanhos, e não vermelhos. É muito delicado. Dancei com ele uma deliciosa redova!

— Quando ele ensaiou um novo passo de dança, parecia um gafanhoto. Laurie e eu não pudemos conter o riso. Não ouviram?

— Não; mas isso não se faz. Onde estavam vocês escondidos todo esse tempo?

Jo narrou-lhe suas aventuras e, ao tempo em que acabava de as contar, chegaram a casa. Com muitos agradecimentos, elas disseram “Boa-noite” a Laurie e subiram a escada esperando não incomodar ninguém; mas, no instante em que a porta de seu quarto rangeu, duas cabeças com toucas de dormir se levantaram dos travesseiros e duas vozes sonolentas mas curiosas exclamaram:

— Contem como foi o baile! Contem como foi!

Demonstrando muita falta de boas maneiras, no dizer de Meg, Jo trouxera no bolso alguns docinhos para as irmãs mais novas; e estas, depois de ouvir os mais palpitantes sucessos da noite, tornaram a sossegar.

— Tenho a impressão de ser uma dama da alta sociedade, vindo de um baile em minha carruagem e estando agora sentada em meu toucador com uma camareira a servir-me — disse Meg a Jo que lhe pusera arnica no pé e o amarrara e que agora penteava seu cabelo.

— Não creio que as moças ricas se divertissem mais do que nós duas, apesar do seu cabelo queimado, dos nossos vestidos velhos, do par de luvas repartido por ambas e dos sapatos apertados que esfolam nossos tornozelos quando temos a tolice de usá-los.

E penso que Jo tinha muita razão.

IV

Os encargos

— Ah, minha flor! — suspirou Meg na manhã seguinte ao dia do baile — Como nos vai ser difícil recomeçar nossas tarefas, agora! — pois as férias se haviam escoado e a tradicional semana de festa a punha desanimada para reassumir os seus encargos de que jamais gostara.

— Eu preferia que o Natal ou o Ano Bom se prolongassem pelo ano todo, não seria melhor? — replicou Jo, bocejando enfasiada.

— Não nos divertiríamos metade, sequer, do que nos divertimos desta vez. Mas, realmente, seria bom ter sempre ceias e flores, ir a bailes, e ser conduzidas de carruagem, e ler, e descansar! Exatamente como as outras, e você sabe quanta inveja sempre tive das moças que têm tudo isso; sou tão amiga do luxo — disse Meg.

— Mas nós não poderemos ter essas coisas; portanto resignemo-nos e carreguemos com paciência a nossa cruz, como faz mamãe. Sei que tia March é para mim um fardo bem pesado, mas tenho fé em que, quando souber carregá-lo resignadamente, se tornará tão leve que não o sentirei mais.

Tal ideia acariciou o espírito de Jo, tornando-a bem humorada; Meg, porém, continuou taciturna, porque seu quinhão — quatro crianças endemoninhadas — tornava-se cada vez mais enfadonho. Deixava até de se enfeitar, como de costume, com uma fitinha azul ao pescoço e com um penteado moderno.

— Que graça tem a gente fazer-se bonita, se ninguém me vê, a não ser aqueles aborrecidos, e se ninguém quer saber se sou bonita ou não — resmungou ela fechando desabridamente a gaveta. — Tenho que trabalhar e esfalfar-me todos os dias, somente com uns intervalinhos de alegria, de quando em quando, e ficar velha, feia, rabugenta, porque sou pobre e não posso gozar a vida como as outras moças. Que tristeza.

E, com isso, Meg desceu de semblante carrancudo e assim ficou durante todo o almoço. Cada qual parecia mais aborrecida. Beth sentiu dor de cabeça e deixou-se ficar no sofá, a distrair-se com a gata e os seus três gatinhos; Amy sentia-se desgostosa porque não aprendera as lições e não encontrava a borracha; Jo tentava assobiar, fazendo um barulho infernal ao aprontar-se; e sra. March estava atarefadíssima a terminar uma carta que deveria seguir incontinenti; e Hannah ficava rabugenta por não ter feito sua obrigação até aquela hora.

— Nunca vi família tão ranzinza! — explodiu Jo, perdendo a paciência após entornar um tinteiro, rebentar os cordões dos sapatos e amassar o chapéu, sentando-se sobre ele.

— E você é a mais ranzinza da família! — replicou Amy, fazendo desaparecer da lousa escolar, com as lágrimas que derramava, os algarismos de uma conta toda errada.

— Beth, se você não trancar na adega estes malditos gatos, eu afogo-os — exclamava Meg, furiosa procurando livrar-se de um gatinho que lhe subira às costas, não o conseguindo, malgrado seus esforços.

Jo ria-se, Meg gritava, Beth implorava e Amy chorava porque não havia meios de saber quantas vezes, em doze, havia nove.

— Meninas, meninas! Fiquem quietas um instante! Preciso mandar esta carta pela primeira mala e vocês distraem-me com suas importunações — gritava a sra. March, riscando pela terceira vez a mesma frase da carta.

Durante alguns minutos reinou silêncio, interrompido logo por Hannah que entrou de repente, depondo sobre a mesa dois grandes pastéis quentes e saindo tão repentinamente como entrara. Estes pastéis eram um velho hábito da casa; as moças chamavam-lhes “regalos”, não só porque não tinham estes, como porque o calor dos mesmos era agradável para suas mãos álgidas. Jamais Hannah se esquecera de fazê-los, por mais ocupada ou aborrecida que estivesse, pois a caminhada era longa e penosa, as pobrezinhas não tinham outro almoço e raramente voltavam antes das três horas.

— Brinque com seus gatos e sare da dor de cabeça, Beth. Até logo, mamãe; esta manhã fomos uma súcia de peraltas, mas voltaremos uns verdadeiros anjos. Vamos, Meg — e Jo saiu, pesarosa de que os peregrinos não partissem todos como outrora.

Antes de dobrar a esquina costumavam olhar para trás, pois a mãe ficava à janela sorrindo e acenando afetuosamente. Não passariam bem o dia sem aquele gesto; e, quando estavam aborrecidas, o derradeiro vislumbre daquele rosto amoroso era-lhes como um raio dourado de luz.

— Se mamãe nos castigasse, ao invés de nos atirar beijos, seria bem feito; jamais existiram descaradas tão ingratas como nós — exclamou Jo ralada de remorsos quando caminhavam na rua enlameada, entre rajadas de vento.

— Não empregue expressões tão fortes — disse Meg das profundezas de um manto que a cobria como a uma freira cansada do mundo.

— Gosto de termos incisivos que signifiquem alguma coisa — replicou Jo segurando o chapéu que se preparava para voar-lhe da cabeça com o vento.

— Tome para si os nomes que quiser; eu, porém, não sou descarada, nem gosto de ser chamada assim.

— Você hoje está queimada e rabugenta porque não se pode sentar no regaço da opulência. Pobrezinha! Espere que eu faça fortuna e você passará então em carruagens, e terá cremes gelados, sapatinhos de salto alto, e ramalhetes, e mocinhos de cabelos vermelhos para dançar!

— Como você é ridícula, Jo! — mas riu-se com as tolices da irmã, que a puseram de melhor humor.

— Felizmente para nós duas; pois se eu tomasse um ar sombrio e procurasse ser triste como você, ficaríamos em linda situação! Graças a Deus, consigo sempre um pouco de alegria para levar a vida. Não resmungue mais e volte alegre para casa pois lá existe um anjo — mamãe!

E Jo despediu-se da irmã com uma palmadinha animadora no ombro. Separaram-se ambas para o resto do dia, seguindo cada qual o seu caminho com o respectivo pastel quente e procurando mostrar-se joviais, não obstante a temperatura hibernal, o árduo trabalho e os desejos insatisfeitos de sua mocidade.

Quando o sr. March perdeu a fortuna por ter querido auxiliar um amigo infeliz, as duas meninas mais velhas começaram a trabalhar para sua própria manutenção. Acreditando que nunca era cedo demais para aprenderem a ser diligentes, hábeis e independentes, os pais consentiram que ambas se dedicassem ao trabalho com jovial boa vontade o que, a despeito das dificuldades, é o caminho seguro para a vitória. Margaret arranjou um lugar de preceptora e sentia-se rica com seu pequenino ordenado. Costumava dizer-se “amiga da opulência” e seu máximo aborrecimento era ser pobre. Achava mais difícil suportá-lo do que as outras, porque se recordava do tempo em que a casa era rica e a vida cheia de facilidades e de prazer, sem que de nada necessitassem. Procurava não ser invejosa nem se sentir descontente, mas era natural que desejasse, pois, coisas boas, como amizades, honrarias, enfim, uma vida feliz. Em casa dos King via diariamente tudo quanto desejava, pois, quando as filhas mais velhas saíam, podia contemplar-lhes os opulentos vestidos de baile, os buquês, ouvir tagarelíes sobre teatros, concertos, passeios em trenós e festas de todo gênero, e ver, desperdiçado em bagatelas, um dinheiro que lhe poderia ser tão útil! A pobre Meg raras vezes se queixava, mas essa injustiça da sorte tornava-a às vezes ríspida para todos, porquanto ainda não compreendera que era rica em bênçãos divinas, únicas riquezas, essas, que tornam a vida feliz.

A Jo coube fazer companhia a tia March, que era coxa e necessitava que alguém lhe fizesse

companhia. A velha senhora, sem filhos, tinha-se oferecido para adotar uma das meninas, na ocasião do desastre financeiro, e ficou deveras ofendida por declinarem esse oferecimento. Alguns amigos diziam aos March que estes haviam perdido a única oportunidade de serem contemplados no testamento da tia; mas os March, pouco apegados às coisas terrenas, replicavam com simplicidade:

— Não damos nossas filhas por uma dúzia de fortunas juntas. Ricos ou pobres, ficaremos todos reunidos e seremos felizes.

A velha cortou relações com eles por algum tempo; aconteceu, porém, que, encontrando Jo em casa de uma amiga, ficou impressionada com sua expressão de garota e suas maneiras excêntricas, propondo-lhe, então, tomá-la como dama de companhia. Jo não se decidiu imediatamente; mas, como nada de melhor lhe aparecesse, aceitou o lugar e com surpresa de todos deu-se admiravelmente bem com sua irascível parenta. Houve é certo, uma vez, uma discórdia ocasional e Jo retirou-se declarando não a suportar por mais tempo; mas como o nervosismo de tia March se abrandava com rapidez, mandou chamá-la de novo com tanta insistência, que não pôde deixar de ir, porque, em seu coração, já estimava a irritadiça velhota.

Suspeito que a verdadeira atração era uma grande biblioteca de excelentes obras, a qual, desde a morte do tio March, estava entregue ao pó e às aranhas. Jo recordava-se do bom velho que costumava deixá-la construir trens de ferro e pontes com seus grandes dicionários, que lhe contava histórias sobre as figuras esquisitas de seus livros latinos e comprava pães-doces quando a encontrava na rua. O escuro e empoeirado gabinete, com bustos no alto das estantes, as cadeiras macias, os globos e, mais que tudo a profusão de livros que poderia ler à vontade tornavam a seus olhos a biblioteca uma região de venturas. Assim que tia March passava por um sono ou se entretinha com visitas, Jo corria ao seu recanto silencioso e, afundando numa poltrona romana, devorava livros de poesias, história, viagens ou via figuras, como uma perfeita bibliófila. Como toda a felicidade, porém, esta não era longa; exatamente quando chegava ao ponto crítico de uma história, aos versos mais delicados de uma poesia ou à mais perigosa aventura do viajante, uma voz aguda gritava “Josephine! Josephine!” e tinha de deixar seu paraíso para ir dobar lã, lavar o cãozinho ou ler as “Provações de Belsham” durante uma hora inteira.

A ambição de Jo era fazer algo de extraordinário; o que fosse não o sabia, mas deixava ao tempo o encargo de lho contar; nesse ínterim, via-se na maior aflição porque não podia ler, correr, passear como desejava. Um temperamento irrequieto, uma língua mordaz, um espírito vivo punham-na continuamente em dificuldades; a sua vida era uma série de altos e baixos, de coisas cômicas e fatos patéticos. Mas a educação que recebia em casa de tia March era justamente a de que necessitava; e o pensamento de que estava fazendo alguma coisa para manter-se, fazia-a feliz, apesar daquele eterno “Josephine!”

Beth era por demais tímida para ir à escola; haviam experimentado fazê-la frequentar uma; sofria, porém, tanto com isso que renunciaram à experiência e passou a tomar lições em casa com o pai. Mesmo quando ele partiu e sua mãe foi convidada para dedicar sua habilidade e dedicação à Sociedade de Auxílio aos Soldados, Beth continuou a ser cuidadosamente educada por ela, da melhor maneira possível. Tornou-se uma pequena dona de casa, auxiliando Hannah na limpeza e conforto do lar para a mãe e para as irmãs que trabalhavam, sem aspirar a outra recompensa senão a estima de todos. Passava longos e silenciosos dias, sem ficar solitária nem indolente, pois seu pequeno mundo era povoado de amizades imaginárias e era por índole ativa como uma abelha. Tinha seis bonecas para vestir e acalantar todas as manhãs; era ainda uma criança e gostava dos brinquedos como nunca; nenhuma das bonecas estava inteira, nem era bonita; eram pobres bonecas desprezadas que Beth ia guardando para si. Ao crescerem, suas irmãs haviam-nas dado a ela, pois Amy não gostava de nada velho nem feio. Mas por esse motivo, Beth adorava-as ternamente, criando um verdadeiro hospital para bonecas doentes. Jamais enterrava alfinetes nas suas carnes de algodão, nem lhes dirigia palavras ásperas ou maus tratos; a mais repulsiva delas não se poderia queixar da menor negligência; ao contrário, alimentava-as e vestia-as pajeando e acariciando as mesmas com um amor desvelado. Os fragmentos de uma que pertencera a Jo, e

que havia levado uma vida acidentada, foram atirados no saco de retalhos, triste asilo de mendicidade, onde os foi buscar Beth para seu cantinho. Como não possuía crânio, amarrara-lhe uma touquinha à cabeça e, por não ter mais braços nem pernas, ela ocultava-lhe as deformidades físicas enrolando-a num cobertor, reservando a sua melhor cama para essa eterna inválida. Se alguém visse o cuidado que prodigalizava a essa boneca, ficaria enternecido, apesar das risadas que daria. Trazia-lhe flores, lia para ela ouvir, levava-a para fora a respirar um ar puro, agasalhava-a sob seu próprio casaquinho; adormecia-a com cantigas e nunca se deitava sem lhe beijar as faces disformes, sussurrando-lhe ternamente: “Deus te dê boa noite, meu amorzinho!”

Beth, como as outras, tinha suas contrariedades, não sendo um anjo, mas uma menina muito humana; várias vezes fazia uma birrinha, no dizer de Jo, por não ter professor de música e não possuir um lindo piano. Gostava tanto de música e empregava tais esforços sobre-humanos para aprender, exercitando-se tão pacientemente no seu velho piano imprestável, que tudo parecia sugerir que alguém (não era indireta para tia March) deveria auxiliá-la. Ninguém o fez, no entanto, nem ninguém lhe via as lágrimas que caíam sobre as teclas envelhecidas, algumas já mudas, quando se encontrava só.

Cantava como uma cotovia, a trabalhar, nunca se sentia cansada para a mãe e para as irmãs, dizendo-se esperançadamente que algum dia havia de possuir o piano de seus sonhos.

No mundo existem muitas Beths silentes e tímidas, sentadas aos cantos à espera de um auxílio, vivendo aparentemente alegres para todos os que lhes não compreendem o sacrifício; até que, como um grilinho, emudecem um dia no lar, desaparecendo aquele suave vulto irradiante, deixando atrás de si o silêncio e a sombra...

Se alguém tivesse perguntado a Amy o maior desgosto de sua vida, ela responderia imediatamente: — Meu nariz.

Quando pequena, Jo deixara-a cair casualmente sobre a carvoeira e Amy afirmava que essa queda lhe deformara para sempre o nariz. Não era grande nem vermelho; era antes chato, e todos os beliscões do mundo não lhe poderiam dar um ar aristocrático.

Ninguém, a não ser ela própria, o notava, mas Amy sentia profundamente a necessidade de um nariz grego e, para se consolar, vivia a desenhar lindos narizes em folhas inteiras de papel!

“A pequena Rafael”, como a cognominavam as manas, tinha um decidido gosto pelo desenho, e só se julgava verdadeiramente feliz quando copiava flores, desenhava fadas ou ilustrava histórias com originais criações de arte. Os mestres queixavam-se de que, em lugar de fazer as contas, ela vivia a cobrir a lousa de figuras de animais; as páginas em branco de seu atlas eram empregadas para copiar mapas, e caricaturas, com as mais burlescas legendas, apareciam em seus livros nos momentos mais impróprios.

Dava as suas lições da melhor maneira possível, procurando evitar reprimendas com o seu procedimento exemplar. Era a favorita entre as colegas, sempre bem-humorada, possuindo a arte de agradar sem esforço. Suas atitudes e sua graça eram muito admiradas, bem como suas habilidades; além do desenho, cantava uma dúzia de modinhas, fazia crochê e lia francês, pronunciando bem um terço das palavras. Tinha uma maneira tristonha de dizer, às vezes, “quando papai era rico, fazíamos isto...” que comovia; e suas palavras eram consideradas “muito elegantes” pelas meninas.

Mimada por todos, suas vaidadezinhas e egoísmos cresciam rápido, ameaçando perdê-la. Uma coisa, entretanto, punha-lhe a vaidade: ter de usar as roupas e outras coisas da prima. Ora, a mãe de Florence não possuía uma particulazinha de bom gosto, e Amy sofria horivelmente ao ter de pôr um chapéu vermelho, em vez de um azul, uns vestidos detestáveis e uns espalhafatosos aventais que não lhe assentavam bem. Tudo era de boa qualidade, bem feito, de pouco uso; mas os olhos artísticos de Amy afligiam-se, particularmente no inverno, quando suas roupas escolares eram vermelho-escuras, com listas amarelas e sem enfeite algum.

— Meu único consolo — dizia ela a Meg, com lágrimas nos olhos, — é que mamãe não encurta meus

vestidos quando faço qualquer travessura, como faz a mãe de Maria Parks. Ah, querida Meg, é realmente espantoso: às vezes, quando faz travessuras, seus vestidos são encurtados até acima do joelho e ela não pode ir à escola. Quando penso nessa degeneração, sinto que devo aturar meu nariz chato e o tal vestido vermelho de listas amarelas...

Meg era a confidente e a conselheira de Amy, e, pela estranha atração das naturezas opostas, Jo era a confidente de Beth. Somente a Jo a tímida menina confiava seus pensamentos; por sua vez, sobre a estouvada e inconstante irmã, Beth exercia inconscientemente uma influência de que mais ninguém gozava na família. As duas mais velhas eram muito uma da outra, tomando, porém, cada qual, a seu cuidado, uma das irmãs menores, pela qual velava “brincando de mamãe”, conforme diziam e fazendo das irmãs bonecas, com seu instinto maternal de “mulherzinhas”.

— Quem tem alguma coisa para contar? Hoje foi um dia aborrecido e estou morta por uma distração — disse Meg ao sentarem-se para costurar naquela noite.

— Hoje tive com a tia March um interessante incidente que vou narrar a vocês — começou Jo, sempre pronta para contar histórias. — Eu estava lendo aquele eterno Belsham, com a minha costumada entoação monótona. Com isso tia March adormece logo e eu tomo um belo livro e leio-o, sôfrega, até que ela acorde. Ultimamente, porém, costumo adormecer também; e hoje, antes que ela começasse a cochilar, dei tal bocejo que titia me perguntou por que abria tão desmesurada boca, capaz de engolir o livro de uma só vez.

— Se o pudesse, fá-lo-ia imediatamente — repliquei eu, em tom de brincadeira. Fez-me, então, uma longa admoestação sobre meus defeitos, ordenando-me que refletisse sobre eles enquanto ia “repousar” por uns instantes.

Ela nunca está de bom humor; quando sua touca começou a mover-se, como uma dália de pedúnculo muito mole, tirei do bolso o “Vigário de Wakefield” e comecei a ler, com um olho no livro e outro na velha. Ao chegar ao trecho em que houve a queda na água, não resisti e soltei gostosa gargalhada.

Tia March acordou e sentindo-se de bom-humor com a soneca, pediu-me que lhe lesse um trecho, dizendo-me em seguida que eu preferia uma obra frívola ao digno e instrutivo Belsham. Obedeci e ela gostou do livro, replicando somente:

— Não compreendo bem o enredo; comece de novo, menina.

Voltei atrás, tornando a leitura o mais agradável que me foi possível. Por maldade, parava nos trechos mais emocionantes, dizendo-lhe com meiguice:

— Receio que esteja a aborrecê-la; devo parar aqui?

Ela pegava no trabalho da agulha que deixara esquecido, lançava-me um olhar agudo através das lunetas e respondia secamente:

— Acabe o capítulo e não seja importuna, menina.

— Então confessou que estava gostando? — perguntou Meg.

— Absolutamente não! Mas deixou em paz o velho Belsham e, quando voltei à sala para buscar as minhas luvas, estava tão entretida com o “Vigário”, que não me ouviu rir nem me viu dançar uma giga, porque chegara a hora abençoada de vir-me embora. Que vida agradável ela poderia ter se quisesse! Não a invejo, apesar do dinheiro, pois creio que, por fim de contas, os ricos têm tantos aborrecimentos como os pobres — acrescentou Jo.

— Isto faz-me lembrar que também tenho algo que contar — disse Meg. — Não é tão interessante como o caso de Jo, mas deu-me que pensar ao regressar para casa. Achei todos os da casa dos King muito agitados hoje. Uma das crianças contou-me que o irmão mais velho havia feito qualquer coisa horrível e que o pai o expulsara de casa. Ouvi o sr. King gritar e a sra. King falar muito alto e Grace e Ellen viraram o rosto ao passar por mim para que não lhes visse a vermelhidão dos olhos. Nada perguntei, está claro, mas fiquei muito triste por eles, e ao mesmo tempo alegre por não ter irmãos desnudados que pratiquem más ações e desmoralizem a família.

— Penso que ser castigada na escola é a coisa mais aborrecível que pode existir para uma menina — disse Amy abanando a cabeça, como se tivesse grande experiência da vida — Susie Perkins chegou hoje à escola com um lindo anel de turmalina. Fiquei louca por este e desejei com todas as forças de minha alma que fosse meu. Bem, ela desenhou uma caricatura do sr. Davis, com um nariz monstruoso e uma corcunda, fazendo-lhe sair da boca estas palavras escritas: “Meninas, meus olhos estão em vocês!” Estávamos rindo do desenho, quando de repente os tais olhos cravaram-se em nós e ele disse a Susie que lhe levasse a lousa. Ela ficou paralisada de medo, mas foi; e, oh! que julgam vocês que ele fez? Pegou-a pela orelha, imaginem que horror!, e levou-a para o estrado, pondo-a ali meia hora de pé, com a lousa erguida, para todos verem a caricatura.

— E as meninas não deram boas gargalhadas? — perguntou Jo, curiosamente.

— Quê! Ninguém se riu; ficaram todas sentadas, quietinhas como rato, e Susie chorou à vontade. Não a invejei então, pois sinto que milhões de anéis de turmalina não me fariam feliz, depois desse momento. Nunca eu teria suportado uma coisa tão absurdamente vexatória.

E Amy continuou o seu trabalho, com a satisfação de quem tem consciência de sua própria dignidade e de quem conseguiu pronunciar bem, de um só fôlego, duas palavras compridas.

— Assisti esta manhã a uma cena que me agradou, e queria contá-la a vocês ao jantar, mas passou-me da ideia — disse Beth, pondo em ordem, enquanto falava, a cesta de costura de Jo, toda revolvida. — Fui comprar ostras para Hannah, e o sr. Laurence achava-se na peixaria mas não me viu porque me ocultei atrás de uma barrica e ele estava muito entretido a falar com o sr. Cutter, o peixeiro. Chegou uma pobre mulher com um balde e um esfregão, perguntando ao sr. Cutter se ele a deixava fazer a limpeza a troco de um pedaço de peixe, pois não tinha jantar para os filhos e perdera o dia de trabalho. O sr. Cutter estava atarefado e deu-lhe um áspero “não”; assim ela ia retirar-se, triste e faminta, quando o sr. Laurence fисgou um grande peixe com a ponta da bengala, estendendo-o à mulher. Esta ficou tão alegre e surpresa que apertou o peixe nos braços, agradecendo repetidas vezes. Ele disse-lhe que fosse cozinhá-lo e a mulher apressou-se a sair, tão feliz! Não foi bonito o que ele fez? Oh! a coitada parecia tão satisfeita segurando o peixe enorme, escorregadio, e certa de que o lugar do sr. Laurence já estava preparado no céu...

Depois de rirem-se do caso de Beth, pediram à mãe que lhes contasse algum, também. Após refletir um instante, ela começou:

— Eu estava sentada hoje, cortando paletós de flanela azul, muito apreensiva com a sorte de seu pai, a pensar como ficaríamos abandonadas e desesperadas, se alguma desgraça lhe sucedesse. Como não eram pensamentos alegres, conservava-me calada e aborrecida, quando entrou um velho, com uma requisição para algumas coisas. Sentou-se perto de mim e comecei a conversar com ele, porque parecia pobre, abatido e inquieto.

— Tem filhos no exército? — perguntei, pois a requisição que ele trouxera não me era dirigida.

— Sim, senhora; tinha quatro; dois morreram, um caiu prisioneiro e eu vou ver o outro que está muito doente em um hospital de Washington — respondeu, em tom brando.

— Muito tem feito pela Pátria, senhor — repliquei-lhe eu, sentindo então respeito por aquele homem em lugar de piedade.

— Nada mais do que devo, minha senhora. Iria eu próprio se ainda servisse; como para mais nada presto, dou os filhos e com toda a boa vontade.

Falava tão mansamente. Parecia tão sincero e tão satisfeito por dá-los todos, que fiquei envergonhada de mim mesma. Eu dera um soldado e julgava ser muito, ao passo que ele dera quatro sem murmurar; eu tinha minhas filhas para me confortarem em casa e ele tinha um filho a esperá-lo a muitas milhas de distância, talvez para lhe dizer o último adeus. Senti-me tão rica, tão feliz, pensando nessa diferença, que lhe dei um embrulho bem sortido, e algum dinheiro; e agradeci-lhe cordialmente a lição que me havia dado.

— Conte outro caso, mamãe, com um fundo moral como este. Gosto de refletir na moralidade depois,

quando são coisas reais e não muito maçantes — disse Jo depois de alguns instantes de silêncio.

A sra. March sorriu e prosseguiu imediatamente, pois poderia divertir assim por longos anos seu pequeno auditório e conhecia o segredo de agradar-lhe:

— Havia certa vez quatro meninas que tinham bastante de comer, de beber, de vestir, muito conforto e muitos prazeres; amigos bondosos e pais que as amavam idolatradamente: apesar de tudo, não viviam satisfeitas. (Neste ponto as ouvintes lançaram a furto olhares sorrateiros umas às outras, começando a compreender.) Essas meninas desejavam com empenho ser boas e tomavam excelentes resoluções, mas às vezes não as punham em prática, dizendo constantemente, “Se nós tivéssemos isto” ou “Se pudéssemos fazer aquilo”, esquecendo-se completamente do que possuíam e de quantas coisas agradáveis poderiam fazer então; um dia perguntaram a uma velha que talismã deveriam usar para se tornarem felizes e a velha respondeu:

— Quando estiverem descontentes, pensem nas venturas que lhes têm sido dispensadas e sejam gratas ao Céu. (Jo levantou rapidamente a cabeça, como desejando falar, mas mudou de resolução vendo que a história ainda não findara.) Meninas inteligentes, decidiram seguir esse conselho e ficaram logo surpreendidas ao ver como tudo lhes corria bem. Uma descobriu que o dinheiro não afugentava das casas dos ricos a vergonha e os desgostos; outra, conquanto pobre, era muito mais feliz com sua mocidade, saúde e disposição, do que certa velha impertinente e fraca que não podia gozar o conforto que lhe proporcionavam seus bens; a terceira descobriu que, embora fosse desagradável ajudar a fazer o jantar, era ainda mais triste ter de pedir o que comer; e a quarta finalmente, que os próprios anéis de turmalina não são tão valiosos como o bom procedimento. Por isso, resolveram não se queixar mais, gozar os benefícios recebidos e procurar merecê-los, de medo que desaparecessem completamente ao invés de aumentarem; e creio que, seguindo o conselho da velha, jamais terão contrariedades ou tristezas.

— Mamãezinha, a senhora é muito hábil para transformar nossas próprias histórias em exemplos contra nós mesmas, dando-nos um sermão em vez de um conto — disse Meg.

— Gosto desta espécie de sermões; era assim que papai fazia — disse Beth pensativa, espetando com cuidado as agulhas na almofada de Jo.

— Eu por mim não me queixo; quero ser doravante mais aplicada, pois o aprendi à custa do “desastre” de Susie — disse Amy com gravidade moralista.

— Precisávamos dessa lição e não a esqueceremos. Se esquecermos, mamãe fará como Chloe, na Cabana do Pai Tomás: “Pensem nas venturas que gozam, crianças, pensem nas suas venturas!” — acrescentou Jo que não poderia deixar de fazer a sua brincadeira com a reprimenda, embora a tomasse mais a sério que qualquer das irmãs.

V

Procurando ser bons vizinhos

— Que vai fazer agora, Jo? — perguntou Meg numa tarde nervosa, à irmã, que atravessava devagar o vestíbulo, de sapatos de borracha, com um velho vestido e touca, tendo uma vassoura em uma das mãos e uma pá na outra.

— Vou fazer exercício — respondeu Jo com um brilho malicioso no olhar.

— Julgo que são suficientes os dois longos passeios da manhã. Está frio e brumoso, lá fora; aconselho-a a ficar junto ao fogo, como eu, em lugar quente e enxuto — disse Meg, com um arrepio.

— Não gosto de conselhos; não posso conservar-me quieta o dia inteiro e, como não sou gato, não me agrada ficar dormindo ao pé do fogão. Gosto de aventuras e vou procurá-las.

Meg virou as costas para aquecer os pés e ler “Ivanhoé”, e Jo começou a escavar o caminho, com energia. A neve estava macia e, com a vassoura, conseguiu logo varrer uma faixa em toda a volta do jardim para Beth passear quando o sol despontasse e as bonecas inválidas fossem tomar ar. O jardim separava a casa dos March da do sr. Laurence; estavam situadas num subúrbio da cidade, quase no campo, rodeadas de bosques e de prados, grandes jardins e ruas silenciosas. Uma pequena sebe dividia as duas propriedades. A um lado, havia uma velha casa acinzentada, com aparência humilde, revestida de videiras, que no verão cobriam as paredes, e de flores que então a circundavam. Do outro lado, via-se majestosa casa de pedra, indicando claramente toda a espécie de conforto e de luxo, desde a grande cocheira e pátios bem cuidados, até a estufa, podendo se vislumbrar ricos adornos por entre as luxuosas cortinas. Não obstante isso, parecia uma casa extremamente solitária e sem vida, pois não se divisavam crianças brincando no quintal, nem sorriam faces maternas às janelas, entrando e saindo pouca gente, além do velho dono e de seu neto.

Para a viva fantasia de Jo, esta linda vivenda parecia uma espécie de palácio encantado, cheio de esplendores e delícias que ninguém gozava. Desejava muito contemplar essas belezas ocultas e relacionar-se com “o jovem Laurence”, que o parecia desejar também, mas sem saber como o conseguir. Desde o baile, ela tornara-se ainda mais impaciente, planejando mil maneiras de conseguir travar amizade com o rapaz; este, contudo, não era visto ultimamente, e Jo começou a crer que se ausentara, quando avistou certo dia um rosto numa das janelas superiores, espiando embebedamente para o seu jardim, onde Beth e Amy brincavam de jogar bolinhas de neve uma na outra.

“Aquele rapaz anseia por divertimentos e amizades”, disse ela consigo mesma. “Não lhe conhecendo as necessidades, seu avô deixa-o completamente só. Ele precisa da companhia de alguns rapazes alegres ou de alguém, cheio de mocidade e de vida. Tenho vontade de ir lá acima dizer tudo isto ao velho.”

Tal ideia agradava a Jo, que adorava as ações ousadas e vivia escandalizando Meg com suas loucuras. O seu ousado projeto não foi mais esquecido; e, ao chegar a tarde nevosa, Jo resolveu tentar-lhe a execução. Viu o sr. Laurence sair e foi então cavar o caminho, junto à sebe, onde parou, inspecionando os arredores. Tudo calmo; as cortinas descidas nas janelas do andar térreo; não se viam criados nem ser humano algum, exceto uma cabeça de anelados cabelos negros apoiada na delicada mão, na janela de cima.

“Lá está ele” — pensou Jo — “Pobre rapaz! Tão só e tão aborrecido, numa tarde assim triste! Que

pena! Vou atirar-lhe uma bola de neve para chamar-lhe a atenção e dizer-lhe uma palavra amiga.”

E lançou para cima uma mão cheia de neve; a cabeça virou-se imediatamente, perdendo a imobilidade anterior, com um brilho nos grandes olhos e um sorriso nos lábios. Jo abanou-lhe a cabeça, sorrindo e brandindo a vassoura, enquanto lhe perguntava:

— Como vai? Está doente?

Laurie abriu a janela e crocitou rouco, como um corvo:

— Estou melhor, muito obrigado. Tive um resfriado terrível e passei trancado a semana toda.

— Sinto muito. E com que se distrai?

— Com coisa alguma; aqui em cima é triste como um túmulo.

— Não costuma ler?

— Pouco. Proibiram-me a leitura.

— Ninguém lê para você ouvir?

— Às vezes o vovô; mas meus livros não o interessam e eu não gosto de estar a pedir a Brooke que leia a toda a hora para mim.

— Então chame alguém para junto de você.

— Não gosto da companhia de pessoa alguma. Os rapazes são muito barulhentos e minha cabeça está fraca.

— E não haverá uma linda menina que possa ler para você, distraindo-o? As meninas são quietinhas e gostam de servir de enfermeiras.

— Não tenho conhecimento com nenhuma.

— Mas tem comigo — disse Jo, rindo e calando-se.

— Assim fosse possível! Teria a bondade de vir? — exclamou Laurie.

— Eu não sou quieta nem linda; mas poderei ir, se mamãe deixar. Vou pedir-lhe. Feche a janela como um menino de juízo e espere até eu chegar aí.

E, com isto, Jo pôs a vassoura ao ombro e entrou em casa, imaginando no que lhe iriam todos dizer. Laurie ficou animado à ideia de ter uma companhia e apressou-se a se preparar, pois, como dizia a sra. March ele era um “cavalheirozinho”; desejava fazer as honras da casa à visita, penteando a pasta frisada, pondo um colarinho novo e procurando dar uma arrumação no quarto, o qual, a despeito de meia dúzia de criados, estava sempre pouco limpo. Nesse momento soou uma campainha, ouvindo-se uma voz enérgica perguntar pelo “sr. Laurie”; um criado espantado correu a anunciar uma moça.

— Muito bem, diga-lhe que suba; é miss Jo — disse Laurie, dirigindo-se à porta de seu pequeno gabinete para receber Jo, que apareceu, rosada e contente, muito à vontade, trazendo numa das mãos uma travessa coberta e na outra os três gatinhos de Beth.

— Aqui estou, com malas e bagagens, — disse com vivacidade. — Mamãe manda-lhe lembranças, ficando muito satisfeita se eu puder fazer alguma coisa por você. Meg mandou-me trazer um prato de manjar branco que ela faz muito bem; e Beth julgou que os gatinhos o poderão distrair. Achei que você poderia não gostar, mas não pude dizer que não, pois ela estava com muita vontade de fazer alguma coisa para diverti-lo.

A lembrança de Beth, porém, foi a que mais lhe serviu, porque, brincando com os gatinhos, Laurie esqueceu logo o acanhamento e tornou-se francamente sociável.

— Parece que está ótimo — disse, sorrindo satisfeito, quando descobriu a travessa, e viu o manjar branco cercado de uma grinalda de folhas verdolengas e flores rubras do gerânio de Amy.

— É uma insignificância, mas todas tinham boa vontade a seu respeito e quiseram demonstrá-la. Diga à criada que guarde isto para a hora do chá; você poderá comê-lo, pois é muito leve e macio; não irritará sua garganta inflamada. Como é bom este quarto!

— Poderia ser, se fosse bem tratado; mas as criadas são preguiçosas e não há meio de se lembrarem de cuidar dele. Isso me aborrece terrivelmente.

— Vou arrumá-lo em dois minutos; é preciso somente varrer a lareira, assim..., e pôr os objetos aqui em cima da lareira, assim... e colocar os livros aqui, os vidros de remédio aqui, e o seu sofá virado para a luz, e levantar um pouco os travesseiros. Agora você está melhor acomodado.

E realmente assim era porque, enquanto conversava e ria, Jo havia espanado e arrumado tudo, dando um ar completamente diferente ao quarto. Laurie observava-a respeitosamente silencioso; e quando Jo o chamou para o sofá, ele sentou-se no mesmo, satisfeito, dizendo em tom agradecido:

— Como você é boazinha! Era o que eu precisava. Agora sente-se naquela cadeira, que vou fazer alguma coisa para distraí-la.

— Não, eu é que vim para distraí-lo. Posso ler em voz alta? — e Jo olhava para alguns livros convidativos que se achavam a seu lado.

— Não é preciso, obrigado; já li todos esses livros e, se não a incomoda, prefiro conversar — respondeu Laurie.

— Não me incomoda nada e até conversarei o dia inteiro, se deixar. Beth diz que eu não sei nunca a hora em que devo parar de falar.

— Beth é aquela mocinha corada que fica muito em casa, saindo às vezes com um cesto? — perguntou Laurie com interesse.

— É sim; está sob meus cuidados e é muito boazinha.

— Aquela bonita é Meg, e a de cabelos cacheados é Amy, não?

— Como sabe tudo isso?

Laurie corou, respondendo, porém, com sinceridade:

— Porque eu ouço muitas vezes vocês chamarem-se umas às outras, e quando estou só aqui em cima não posso deixar de olhar para sua casa, pois parece que vocês passam horas agradáveis. Peço-lhe desculpas por ser tão pouco delicado, mas vocês às vezes se esquecem de descer as cortinas da janela onde estão as flores e, quando acendem as luzes, parece que contemplo um quadro ao ver a lareira e vocês todas ao redor da mesa com sua mãe; o rosto de sua mãe fica mesmo em frente e aparece tão meigo por detrás das flores, que não posso deixar de o admirar. Não conheci minha mãe, você sabe. . . — e Laurie atijou o lume, para esconder um leve frêmito dos lábios que não pôde dominar.

O vislumbre de amargurada solidão que o seu olhar exprimiu feriu fundamente o terno coração de Jo. Ela havia sido criada com tanta simplicidade que seu cerebrozinho não alimentava fantasias, sendo aos quinze anos tão inocente e sincera como uma criança. Laurie estava doente e só; e, sentindo-se riquíssima com sua felicidade doméstica e afeição da família, ela de boa mente dividiria com ele essa felicidade. Seu rosto moreno era encantador e sua voz aguda suavizou-se ao extremo ao pronunciar estas palavras:

— Nunca mais desceremos aquela cortina e dou-lhe licença para olhar quantas vezes quiser. Contudo, achava melhor que, em lugar de espiar, você fosse visitar-nos. Mamãe é muito boa, ela o cercará de atenções e, se eu lhe pedir, Beth cantará para você ouvir e Amy dançará; Meg e eu o faremos rir bastante descrevendo-lhe nossas representações teatrais; passaremos, enfim, lindas horas. Seu avô deixará?

— Penso que sim, se sua mãe lhe pedir. Ele é muito bom, embora não pareça; deixa-me fazer tudo quanto quero, mas receia sempre que eu importune os estranhos — respondeu Laurie, cada vez mais satisfeito.

— Não somos estranhos e, sim, vizinhos; e não precisa supor que será um importuno. Nós precisamos travar relações com você, e eu me esforço para isso há muito. Sabe que não vivemos aqui há muito tempo, mas já nos relacionamos com todos, menos os desta casa?

— Vovô vive no meio de seus livros, pouco se incomodando com o que se passa fora. O sr. Brooke, meu preceptor, como sabe, não mora aqui e não tenho ninguém para sair comigo; por isso fico em casa, vivendo como posso.

— Isso é ruim; você devia passear, visitar a todos os que o convidam; então teria muitos amigos, lugares agradáveis aonde ir. Não se importe por ser acanhado; isso desaparecerá quando começar a sair.

Laurie corou de novo, mas não se sentiu melindrado pela referência a sua timidez; porque havia tanta boa vontade em Jo, que era impossível não acolher bem suas exortações bondosas.

— Você gosta da escola? — perguntou o rapaz, mudando de assunto, após pequena pausa durante a qual contemplava o fogo e Jo parecia muito satisfeita.

— Eu não vou à escola; sou um homem de negócios... quero dizer, uma moça empregada. Sou dama de companhia de minha tia, uma boa alma, porém muito rabugenta — respondeu Jo.

Laurie abriu a boca para fazer outra pergunta; mas lembrando-se a tempo de que não era bonito indagar muito dos negócios dos outros, fechou-a de novo, parecendo contrariado. Jo, que era bem educada, não zombando, por isso, de tia March, fez-lhe uma descrição viva da inquieta velhota, de seu gordo cãozinho, do papagaio que falava espanhol, e da biblioteca onde ela se deliciava. Laurie ficou muito alegre com essa conversação; e quando ela lhe falou sobre o velho afetado que foi uma vez cortejar tia March, ao qual, no meio de uma eloquente declaração, o louro arrancara a cabeleira, com grande desespero do homem, o rapaz estorceu-se de riso a ponto de as lágrimas lhe rolarem pelas faces e de uma criada ir espreitar o que acontecera.

— Como é engraçado! Continue, por favor — dizia ele levantando o rosto rubro e brilhante de alegria, da almofada do sofá.

Orgulhosa por esse aplauso, Jo continuou, conversando sobre seus brinquedos e planos, suas esperanças e temores pelo pai, e sobre os mais interessantes acontecimentos ocorridos no pequeno mundo em que as irmãs viviam. Começaram depois a falar sobre livros; e, para alegria de Jo, Laurie gostava destes, tanto quanto ela própria, já havendo lido, mesmo, muito mais.

— Se gosta tanto de livros, assim, vamos lá embaixo ver os nossos. Vovô saiu, não precisa ficar com receio — disse Laurie, levantando-se.

— Não tenho receio de nada — replicou Jo, levantando orgulhosamente a cabeça.

— Penso mesmo que não tem! — exclamou o rapaz fitando-a com admiração, conquanto pensasse consigo que ela teria razão de recear um pouco o velho avô, caso o encontrasse em um de seus repentes de ira.

Como reinasse em toda a casa uma temperatura estival, Laurie passava de cômodo em cômodo, deixando que Jo parasse para examinar tudo o que lhe chamasse a atenção; chegaram, finalmente, à biblioteca, onde ela bateu palmas e saltou, como fazia sempre que se sentia encantada. Era repleta de livros, quadros e estátuas, com pequenas estantes cheias de moedas e curiosidades, confortáveis poltronas para descanso, e esquisitas mesas e bronzes; além de tudo, uma grande e espaçosa lareira, revestida exteriormente de originais mosaicos.

— Que riqueza! — suspirou Jo, mergulhando nas profundezas de uma poltrona forrada de veludo e olhando em torno com um ar de grande satisfação. — Theodore Laurence, você deve ser o rapaz mais feliz do mundo — disse ela, entusiasmada.

— Ninguém vive só de livros — volveu Laurie, abanando a cabeça e inclinando-se sobre uma mesa em frente.

Mas antes que pudesse dizer mais alguma coisa, soou uma campainha e Jo levantou-se apressada dizendo, com grande susto:

— Meu Deus! É seu avô!

— Que tem isso? Você não tem medo de coisa alguma, como bem sabe — replicou Laurie em um tom brejeiro.

— Acho que a ele receio um pouco, mas não sei por quê. Mamãe consentiu na minha vinda e creio que você não piorou com ela — disse Jo compondo-se, com os olhos fixos na porta.

— Pelo contrário; melhorei até muito, o que lhe agradeço sinceramente. Somente tenho receio de que você esteja muito cansada de conversar comigo; estava, porém, tão agradável a palestra, que não tive coragem de a interromper — disse Laurie em tom reconhecido.

— Está aí o doutor para vê-lo, senhor — disse-lhe a criada, chamando-o.

— Dá licença de eu deixá-la por um instante? Creio que devo ir atendê-lo — disse Laurie.

— Não se incomode comigo. Fico muito satisfeita aqui — respondeu Jo.

Laurie saiu e sua visitante divertia-se à vontade. Parou a contemplar o belo retrato de um idoso cavalheiro, quando a porta se abriu de novo; sem mesmo se voltar ela exclamou convicta:

— Tenho agora certeza de que ele não me meterá medo, pois tem uns olhos bondosos, embora a expressão da boca seja ameaçadora e seu aspecto seja o de um homem de vontade férrea. Não é tão bonito como o meu avô, mas simpatizo com ele.

— Muito obrigado, senhorinha — disse uma voz áspera atrás dela; e, com grande espanto, deu de cara com o velho sr. Laurence.

A pobre Jo corou até não poder mais e o coração pôs-se a bater-lhe descompassadamente, enquanto refletia no que havia dito. Naquele instante sentiu louca vontade de fugir; seria, porém, uma covardia e as irmãs a motejariam; assim, resolveu ficar, procurando sair de apuros conforme pudesse. Num segundo relance, viu que os olhos, muito vivos, sob as espessas sobrancelhas grisalhas, eram ainda de aspecto mais bondoso que os do retrato; e havia neles um brilho zombeteiro que lhe fez diminuir um pouco o temor que sentia. A voz áspera, porém, tornara-se ainda mais rude, ao dizer abrupto, após uma pausa terrível:

— Então, a senhora não tem medo de mim, hein?

— Não tenho muito, não, senhor.

— E não acha que eu seja tão bonito como o seu avô?

— Não tanto, não, senhor.

— Pareço ter uma vontade férrea, não é?

— Eu disse somente que julgava...

— Mas, a despeito de tudo, a senhora simpatiza comigo, não?

— Sim, senhor, simpatizo...

Esta resposta agradou ao velho; desfechou uma risadinha, apertou-lhe a mão, e, colocando o dedo sob o queixo dela, levantou-lhe o rosto, examinou-o com gravidade e deixou-o por fim, dizendo, com um meneio da cabeça:

— Você herdou o espírito de seu avô, senão o próprio rosto. Era um belo homem, querida menina; mas, o que é preferível, era um homem bom e honesto, do qual me orgulho de ter sido amigo.

— Muito obrigada. . . — e Jo sentiu-se muito satisfeita com essas palavras.

— Que estiveram fazendo você e Laurie? — perguntou-lhe a seguir, em tom seco.

— Procurei ser boa vizinha, senhor Laurence — disse-lhe Jo. E contou-lhe como passaram o tempo.

— Acha que ele precisa distrair-se, não?

— Sim, senhor, parece viver muito só, e talvez lhe fizesse bem a companhia de alguns jovens. Nós somos todas mulheres, porém ficaríamos muito satisfeitas se pudéssemos fazer alguma coisa por ele, pois não nos esquecemos do magnífico presente de Natal que o senhor nos enviou — disse com vivacidade Jo.

— Não fale nisso! Aquilo foi arranjo do rapaz. Como está a pobre mulher?

— Vai passando muito bem, senhor Laurence. — E Jo prosseguiu com desembaraço, falando sobre os Hummels, pelos quais a mãe conseguira que se interessassem pessoas mais ricas que elas.

— É tal qual o pai, para fazer o bem. Irei visitar sua mãe qualquer dia. Diga-lhe isto. A campanha está chamando para o chá; tomamo-lo cedo, por causa do meu neto. Venha, e continue a procurar ser boa vizinha.

— Se o senhor o permitir...

— Se eu não quisesse, não lhe falaria em tal — e o sr. Laurence ofereceu-lhe o braço, num cavalheirismo à antiga.

“Que diria Meg a isto?” — pensava Jo, ao caminhar, enquanto que os olhos lhe brilhavam de alegria,

antevendo-se já a contar tudo em casa.

— Oh! Que diabo tem o rapaz? — exclamou o velho observando o pulo de surpresa do mesmo ao espetáculo incrível de Jo de braço dado com o irreduzível avô.

— Eu não sabia que o senhor havia chegado — disse, percebendo o olhar triunfante de Jo.

— Está-se vendo, pelo modo turbulento com que descia a escada. Venha para o chá, e comporte-se como um cavalheiro — e, puxando-lhe os cabelos, à guisa de carícia, o sr. Laurence continuou a andar, enquanto Laurie o seguia com uma série de evoluções apalçadas, o que quase provocou uma explosão de gargalhadas da parte de Jo.

O idoso senhor nada falou enquanto bebia as suas quatro chávenas de chá, mas observava os dois jovens que tagarelavam como velhos amigos, não lhe escapando a mudança operada em seu neto. Havia cor, brilho e vida em seu rosto, vivacidade nas maneiras e franca alegria no seu riso.

“Ela tem razão; o rapaz vive muito isolado. Veremos o que estas meninas podem fazer pelo mesmo” — refletia o sr. Laurence, enquanto observava e ouvia os dois. — “Parece que os modos originais e ingênuos de Jo lhe agradam; e ela parece compreendê-lo como a si própria.”

Se os Laurence fossem, como Jo costumava dizer, “enfatuados e tolos”, ela não se sentiria bem ali, pois tais pessoas a tornavam embaraçada e tímida; achando-os, porém expansivos e sem-cerimônia, tornara-se absolutamente senhora de si, causando com isso ótima impressão. Ao levantarem-se, mostrou desejo de retirar-se, porém, Laurie disse-lhe que ainda tinha alguma coisa a mostrar-lhe; levou-a então à estufa que havia sido iluminada por sua causa. Jo sentiu-se extasiada ao subir-lhe e descer-lhe as ruas, maravilhando-se com as flores profusas, com a branda luz, com a umidade, com a fragrância do ar e com as belas vides e ramos de árvores sobre sua cabeça — ao passo que seu novo amigo colhia muitas lindas flores; e, formando um ramalhete, disse-lhe jovialmente:

— Faça o favor de dá-lo a sua mãe, dizendo-lhe que gostei muito do remédio que ela me mandou.

Encontraram o sr. Laurence sentado diante da lareira da grande sala de visitas. A atenção de Jo, porém, foi inteiramente absorvida pelo belo piano que ali estava aberto.

— Você toca? — perguntou voltando-se para Laurie com expressão respeitosa.

— Um pouco — respondeu com modéstia.

— Pois toque alguma coisa agora, por favor; preciso de ouvi-lo para contar a Beth.

— E por que não toca você primeiro?

— Não sei; sou muito bronca para aprender, apesar de gostar muito de música.

E Laurie tocou, e Jo escutou-o, aspirando deliciada heliotrópios e rosas-chá. Seu respeito e sua atenção pelo “jovem Laurence” haviam aumentado de modo extraordinário, pois ele tocava notavelmente bem. Desejaria que Beth o ouvisse, mas nada disse; somente o elogiou a ponto de ele se sentir vexado, tendo que vir o avô em seu socorro:

— Chega, chega, menina: rebuçados em excesso não lhe fazem bem. Não toca mal, mas tenho fé em que se esforçará para aperfeiçoar-se em coisas mais importantes. Já vai? Bem, fico-lhe muito grato e espero que volte. Meus respeitos a sua mamãe; boa-noite, doutora Jo!

Apertou-lhe amavelmente a mão, mas parecia que alguma coisa lhe desagradara. Ao chegarem ao hall, Jo perguntou a Laurie se ela havia dito alguma inconveniência; Laurie, porém, abanou a cabeça.

— Não; foi comigo; ele não gosta de me ouvir tocar.

— Por quê?

— Dir-lhe-ei um dia. Brooke irá levá-la, pois eu não posso.

— Não é necessário. Não sou ainda moça e é um pulo. Tenha cuidado com sua pessoa, ouviu?

— Sim, mas você volta, não é? Posso esperar?

— Se prometer vir ver-nos logo que sare.

— Prometo.

— Boa noite, Laurie!

— Boa noite, Jo, boa noite!

Após a narração de todas as últimas aventuras, a família sentia-se inclinada a ir incorporada visitá-los, pois cada qual achava alguma coisa atraente na grande casa que ficava além da sebe divisória. A sra. March esperava conversar sobre o pai com o velho que não o esquecera; Meg anelava passear na estufa; Beth suspirava pelo grande piano; e Amy estava ansiosa por ver os lindos quadros e estátuas.

— Mamãe, por que será que o sr. Laurence não gosta de que Laurie toque? — perguntou Jo, que se sentia com disposições inquisitivas.

— Não sei bem, mas penso que é porque o filho, o pai de Laurie, se casou com uma senhora italiana, musicista, o que desgostou o velho que era muito orgulhoso. A moça era boa, simpática e educada, porém ele não gostava dela, e jamais viu o filho após o casamento. Faleceram ambos quando Laurie era ainda pequeno, e o avô levou-o para casa. Julgo que o rapaz, que nasceu na Itália, não é muito forte e o velho receia perdê-lo, o que o torna cuidadoso. Laurie herdou naturalmente o amor pela música, e eu conjectura que o avô teme que ele venha a ser músico; de qualquer forma, aquele pendor recorda-lhe a mulher de quem não gostava, e por isso “ficou carrancudo”, como disse Jo.

— Valha-nos Deus, como isto é romanesco! — exclamou Meg.

— Como é estúpido! — emendou Jo — Deixe o moço ser músico, se ele o quiser, e não lhe sacrifique o futuro, mandando-o para um colégio, se tal coisa o aborrecer.

— Com certeza é por isso que ele tem uns olhos negros tão lindos e tão distintas maneiras; os italianos são sempre bonitos — disse Meg, que era um tanto sentimental.

— Que sabe você sobre seus olhos e maneiras? Nunca falou, sequer, com ele — replicou Jo que era sentimental.

— Vi-o no baile, e pelo que você diz depreendo quais sejam suas maneiras. Foi uma linda frase, a sua, sobre o remédio que mamãe lhe mandou.

— Creio que ele se referia ao manjar-branco.

— Como você é tola, menina! O remédio a que se referia era você!

— Eu? — e Jo esgazeou os olhos, como se tal coisa jamais lhe ocorresse.

— Nunca vi uma moça assim! Você não compreende quando lhe estão a fazer algum elogio — disse Meg, com o ar de uma senhora que conhecia muito bem tais coisas.

— Acho que isso tudo é absurdo, e peço-lhe que não seja tola e não estrague esse meu prazer. Laurie é um belo rapaz, gosto dele, mas não tenho ideias sentimentais sobre elogios e quejandas bobices. Todas nós devemos ser delicadas com ele, pois não tem mãe; Laurie pode vir ver-nos não é, mamãe?

— Sim, Jo, o seu amiguinho será bem-vindo aqui; e espero que Meg se recordará de que as crianças devem ser crianças enquanto o puderem ser.

— Eu não me considero uma criança, embora não tenha ainda doze anos — observou Amy. — Que acha, Beth?

— Eu estava a pensar na nossa “Viagem do Peregrino”, — respondeu Beth, que não ouvira uma só palavra. — Dizia-me que nos livramos do Lamaçal e transpusemos o Portão, resolvendo ser boas e subimos penosamente a encosta escarpada. Talvez que essa casa da colina, cheia de coisas esplêndidas, venha a ser nosso Palácio Maravilhoso.

— Teremos, porém, primeiro de passar pelos leões — disse Jo, como a antegozar a delícia dessa perspectiva.

VI

Beth no Palácio Maravilhoso

A vasta casa era realmente um Palácio Maravilhoso, embora precisasse de tempo para atingi-lo, pois Beth arreceava dos leões. O velho sr. Laurence era o maior de todos; depois, porém, de ter ele conversado — alguns gracejos ou palavras atenciosas ditos a cada uma das moças, algumas recordações dos antigos tempos à mãe — ninguém mais o temia exceto a tímida Beth. O outro leão era o fato de serem pobres e Laurie rico, pois tornava-as acanhadas receber favores que não podiam retribuir. Após algum tempo, contudo, elas compreenderam que o velho as considerava como benfeitoras, não sabendo como demonstrar sua gratidão pela maternal bondade da sra. March, pela companhia jovial e conforto que encontrava naquela humilde casa; por isso, esqueceram-se logo de seu orgulho de pobres, trocando atenções sem se deter a pensar em quais eram as maiores.

E, assim, sucederam-se alegrias de toda a espécie. Essa recente amizade florescia como a relva na primavera. Todas adoravam Laurie e este, particularmente, informava ao preceptor que “as March eram umas meninas encantadoras”. No delicioso entusiasmo da juventude, levavam o solitário para o seu meio, tratando desveladamente dele e o rapaz comprazia-se muito com a amizade inocente daquelas almas simples. Não havendo conhecido mãe ou irmãs, estava preparado para sentir a influência da camaradagem das mesmas; e a vida diligente e atarefada que levavam, vexava-o de sua própria ociosidade. Sentia-se farto de livros e achava o mundo tão interessante, agora que o sr. Brooke era obrigado a dar a seu respeito informações desfavoráveis, pois Laurie gazeteava continuamente, fugindo para a casa dos March.

— Não faz mal, dê-lhe um feriado, e procure recuperar depois o tempo perdido — dizia o velho ao ter conhecimento dessas fugas. — A boa menina da casa vizinha diz que ele está estudando demais e precisa de companhia, de divertimentos e exercícios. Creio que ela tem razão e que o trago preso demais. Deixem-no fazer o que lhe aprouver enquanto lhe der prazer; nada lhe pode suceder de mal naquele conventozinho, e a sra. March está fazendo por ele mais do que, a nós, seria possível.

Na verdade, que felizes dias tiveram! Jogos, passeios de trenó e proezas de patinação, serões divertidos na sala dos March e, vez em vez, reuniões alegres e íntimas na grande casa dos Laurence. Meg podia passear quanto quisesse na estufa, extasiando-se com as flores; Jo lançava-se vorazmente à nova biblioteca, espantando o velho com suas críticas; Amy copiava os quadros e deliciava-se com a beleza de tudo, sentindo-se plenamente feliz; e Laurie, do modo mais encantador, assumia o papel de senhor do feudo.

Beth, porém, ansiosa pelo grande piano, não conseguia criar coragem para ir à “casa da bem-aventurança”, segundo lhe chamava Meg. Fora uma vez com Jo, porém os olhos do velho, que não lhe conhecia a paixão, encararam-na tão fixamente sob suas espessas sobrelhas, pronunciando um “hein!” tão alto, que a assustou “a ponto de lhe tremerem os pés no assoalho”, conforme disse à mãe; e ela fugiu dali, declarando que nunca mais voltaria àquela casa, nem mesmo por causa do querido piano. Não lhe venceram os temores, persuasões, nem incitamentos, até que, por algum meio desconhecido, o fato chegou aos ouvidos do sr. Laurence, o qual procurou reparar o mal. Durante uma de suas breves visitas habilmente conduziu a conversa para a música, falou sobre grandes cantores que havia já ouvido, contou

anedotas tão interessantes, que Beth achou impossível continuar no seu cantinho distante; foi-se aproximando mais e mais, como que fascinada. E parou atrás da cadeira do velho, a escutar, com os grandes olhos muito abertos e com as faces afogueadas pelo interesse que sentia. Não lhe dando maior atenção do que a uma mosca, o sr. Laurence referiu-se às lições e aos mestres de Laurie; e imediatamente, como se na ocasião lhe houvesse ocorrido essa ideia, disse à sra. March:

— O rapaz anda a esquecer-se da música presentemente, o que me alegra, pois se estava a apaixonar muito por ela. O piano, porém, ressentido-se da falta de uso; nenhuma de suas meninas gostaria de ir lá estudar, de vez em vez, para conservá-lo afinado?

Beth deu um passo à frente, apertando as mãos com violência para não bater palmas, tão irresistível era a tentação; e o pensamento de estudar naquele magnífico piano tolhia-lhe a respiração. Antes que a sra. March respondesse, o sr. Laurence continuou, com um aceno e um sorriso misteriosos:

— Elas não verão nem falarão a ninguém, podendo entrar na sala a qualquer hora, pois costumo trancar-me em meu escritório, na outra ala. Laurie passa fora de casa muito tempo, e os criados nunca estão por perto da sala depois das nove horas. — e levantou-se para sair, enquanto Beth fazia menção de falar, pois daquele modo, a proposta nada mais deixava a desejar. — Queira transmitir às meninas o que eu disse, mas se elas não desejarem ir estudar, não faz mal. — Uma pequena mão, porém, puxou-o, e Beth fitou-o com um olhar cheio de gratidão dizendo numa voz embargada e tímida:

— Oh, senhor Laurence! Elas desejam muito, muitíssimo.

— Ah, você é a pianista? — perguntou ele, sem nenhum “hein” assustador, contemplando-a com ar bondoso.

— Chamo-me Beth; sou louca por piano e irei estudar, se o senhor me garantir que ninguém ouvirá... para não ficarem aborrecidos — ajuntou ela, receando ser importuna e tremendo pela sua própria petulância, enquanto falava.

— Ninguém, cara menina! A casa fica vazia durante metade do dia; pode, pois, martelar no piano pelo tempo que quiser; ficarei satisfeito com isso.

— Como o senhor é bom!

Beth corou como uma rosa ante seu olhar afetuoso e não se sentiu mais receosa; apertou reconhecida a grande mão do velho, por não ter palavras para lhe agradecer o grande prazer que lhe dera. O velho acariciou-lhe com meiguice os cabelos da frente e, curvando-se, beijou-a, dizendo-lhe num tom que poucas pessoas jamais lhe ouviram:

— Tive também uma filhinha com uns olhos como estes. Deus a abençoe, querida menina! Adeus, minha senhora! — e retirou-se, apressado.

Ficando a sós com a mãe, Beth teve um transporte de alegria; e, como as irmãs não estavam em casa, subiu correndo a escada, a participar a gloriosa notícia à sua família de inválidos. Quão alegremente cantou naquela noite, e como, depois, todas se riram dela, pois chegou a acordar Amy, de noite, tocando piano, em sonhos, no rosto da irmã.

No dia seguinte, vendo sair tanto o velho como o moço, Beth, após duas ou três tentativas, transpôs suavemente a porta lateral, fazendo o percurso tão sem ruído como se fosse uma mosca, até a sala de visitas onde estava o seu ídolo. Por acaso, sem dúvida, jaziam no piano algumas composições lindas e fáceis, e, com os dedos trêmulos e paradas frequentes para ver se via ou ouvia alguém, Beth afinal pôs-se a tocar esquecida de seus temores, de si própria, de tudo o que não fosse a inenarrável delícia que lhe proporcionava a música, que era como que a voz de um amigo querido.

Tocou até que Hannah fosse chamá-la para jantar; ela, porém, não sentia apetite; pôde unicamente sentar-se e sorrir para todos, num estado de absoluta beatitude.

Depois disso, o pequeno vulto de cabelos pretos esgueirava-se através da sebe quase todos os dias, e a grande sala era visitada por um espírito harmonioso que entrava e saía sem ser visto. Jamais soube que, muitas vezes, o sr. Laurence abria a porta de seu gabinete para ouvir as árias antigas de que gostava;

jamais soube que Laurie montava guarda no vestibulo, para afastar os criados, nunca suspeitou que os métodos e músicas novas que achava na estante eram colocados ali exclusivamente para ela; e quando, em sua casa, o velho conversava com ela sobre música, Beth pensava somente na sua bondade, que o fazia dizer coisas que a auxiliavam tanto. Assim, ela divertia-se ao extremo, achando — o que não acontece sempre — que se realizara completamente seu desejo. Talvez por se saber contentar com tão pouco, foi-lhe dado gozar uma ventura maior.

— Mamãe, vou fazer para o sr. Laurence um par de chinelos. Ele é tão bom para mim que preciso mostrar-me grata e não tenho outro meio de fazê-lo. Posso? — perguntou Beth, algumas semanas após a memorável visita.

— Pode, meu bem; isso lhe agradará muito, e será um bom meio de lhe agradecer. As meninas a ajudarão e depois eu mandarei completar o trabalho — respondeu a sra. March que tinha particular prazer em aquiescer aos pedidos de Beth, que raras vezes pedia alguma coisa para si.

Depois de algumas discussões sérias com Meg e Jo, escolheram um modelo, compraram o material, iniciando a feitura dos chinelos. Acharam muito próprio e bonito um ramo de amores-perfeitos, desenho sério e, apesar disso, muito bonito, sobre um fundo de cor purpúrea mais carregada. Beth trabalhava cedo e de tarde, com o auxílio ocasional das irmãs nas partes mais difíceis. Era uma ágil bordadeira, e terminou o trabalho antes de sentir-se fatigada. Escreveu então um cartãozinho simples, com poucas palavras e, com a ajuda de Laurie, pôs os chinelos furtivamente na mesa do gabinete, durante a manhã, antes que o velho se levantasse.

Conseguido isto, Beth esperou para ver o que sucederia. Passou aquele dia e parte do seguinte sem que tivesse a menor notícia do caso, e ela começava a recear que se houvesse o sr. Laurence ofendido com sua prova de amizade. Na tarde do segundo dia, ela saiu com uma incumbência da mãe, aproveitando ao mesmo tempo o ensejo para levar Joana, uma boneca aleijada, a fazer o seu exercício cotidiano. Quando subia a rua, de volta, viu três... não, quatro cabeças assomando e desaparecendo nas janelas da sala; assim que a viram perto, várias mãos agitaram-se e diversas vozes alegres exclamaram:

— Aqui está uma carta do velho; vem depressa lê-la.

— Oh, Beth! Ele mandou para você... — começou Amy, gesticulando com uma energia exagerada; porém, nada mais pôde dizer, pois as outras a puxaram, fechando com violência a janela.

Beth precipitou-se, curiosa, para a porta; nesta as irmãs agarraram-na, conduzindo-a processionalmente à sala, em triunfo, todas a apontar e a gritar a um tempo:

— Está aqui! Está aqui. — Beth olhou, e empalideceu de prazer e de surpresa, pois no centro da sala viu um piano pequeno, com uma carta sobre a tampa lustrosa, endereçada a “Miss Elizabeth March”.

— Para mim? — disse Beth arquejante, encostando-se em Jo, a sentir como que uma vertigem, pela acumulação de tantas emoções perturbadoras.

— Sim; tudo para você, minha joia! Não foi uma ação magnífica? Não acha que ele é o velho melhor do mundo? Aqui está a chave, na carta; não a abrimos, mas estamos ansiosas por saber o que ele diz, — exclamou Jo, estreitando a irmã nos braços e apresentando-lhe a carta referida.

— Leia-a; eu não posso, sinto-me incapaz. Oh, como é bonito! — e Beth escondeu o rosto no avental de Jo, completamente aturdida pelo presente.

Jo abriu a sobrecarta e começou logo a rir-se, pois as primeiras palavras que vira foram estas:

“Miss March:

Minha prezada senhora.”

— Como soa bem! Eu queria que alguém me escrevesse assim! — disse Amy, que julgava muito elegante o estilo à moda antiga.

“Tenho tido vários chinelos durante a minha vida, mas nunca os tive que me servissem tão bem como os que me enviou — continuou Jo — O amor-perfeito é minha flor favorita e os que bordou far-me-ão

recordar eternamente da gentil ofertante. Gosto de pagar minhas dívidas, e assim sei que permitirá ao “velho” enviar-lhe uma coisa que pertenceu à netinha que ele perdeu. Com cordiais agradecimentos e os melhores votos, sou,

Seu grato amigo e humilde servo James Laurence.”

— Beth, é uma honraria da qual você deve ficar orgulhosa, certamente! Laurie contou-me como o sr. Laurence gostava da criança que morreu e a maneira carinhosa com que guarda os seus pequeninos objetos. E isso proveio de você ter grandes olhos azuis e pendor para a música — disse Jo, procurando tranquilizar Beth que tremia, parecendo ainda mais aturdida do que antes.

— Veja os lindos castiçais e o belo pano de seda verde, com uma rosa dourada no centro e a primorosa estante e o mocho... Tudo completo — ajuntou Meg. E, abrindo a tampa, exibiu-lhe as belezas do teclado.

— “Seu humilde servo, James Laurence”; pense somente em ter-lhe escrito isto! — disse Amy, muito impressionada pela carta.

— Experimente-o, meu anjo; deixe-nos ouvir o som do pianinho — disse Hannah, que não deixava de compartilhar das alegrias e tristezas da família.

E Beth experimentou-o, sendo todas de opinião que era o melhor piano que já tinham ouvido. Evidentemente, havia sido, de pouco, afinado e completamente reformado; embora perfeito, seu maior encanto era dar aquela expressão feliz aos rostos que se inclinavam sobre ele, quando Beth adoravelmente premia as lindas teclas pretas e brancas e apertava os pedais brilhantes.

— Você precisa ir agradecer-lhe — disse Jo, em tom de brincadeira, pois a ideia de realmente a menina ir fazê-lo jamais lhe entrara na cabeça.

— Sim é preciso; e acho que devo ir agora, antes de sentir-me aterrada ao pensar nisso; — e com grande admiração da família ali reunida, Beth saiu deliberadamente para o jardim, atravessou a sebe e entrou na porta da moradia dos Laurence.

— Que eu morra neste momento se já assisti a um fato mais original que este! O pianinho transtornou-lhe o cérebro; ela nunca teria ido, em seu juízo perfeito — exclamava Hannah, olhando-a assombrada ir-se, ao passo que o milagre deixava as moças sem voz.

E ainda ficariam mais espantadas, se vissem o que Beth fez, depois. Se me acreditarem, contar-lhes-ei que bateu à porta do gabinete, antes de ter tempo de refletir. E, ao ouvir uma voz ríspida ordenar — Entre! — assim o fez, dirigiu-se para o sr. Laurence, que parecia indeciso, e pegou-lhe na mão, dizendo num trêmulo de voz:

— Vim agradecer-lhe, senhor Laurence, porque... — mas não pôde continuar, pois a expressão dele era tão bondosa que ela esqueceu o discurso; lembrou-se apenas de que perdera a pequerrucha que amava... Em espontâneo impulso lançou-lhe os braços ao pescoço e beijou-o.

Se o teto da casa súbito desabasse, o velho não se sentiria mais atônito; gostou, porém, do seu impulso — oh, gostou extraordinariamente! — e ficou tão comovido e satisfeito com aquele beijo confiante, que todo o seu emperdigamento desapareceu; sentou-a nos joelhos, encostando o rosto encarquilhado na rosada face de Beth, com a dulcíssima ilusão de ter recuperado a netinha. Desde aquele instante, Beth não lhe teve mais medo e ali ficou tagarelando com ele tão familiarmente como se conhecesse toda a sua vida — pois o amor desarma o receio, e a gratidão pode dominar o orgulho. Quando ela se retirou, o velho levou-a até o portão da casa dos March, apertou-lhe cordialmente a mão, e tirou o chapéu ao voltar, majestoso e teso, como um garboso e nobre senhor que era.

Ao verem as moças esse espetáculo, Jo começou a dançar uma giga, exprimindo assim sua satisfação; Amy, quase caiu da janela, tal a surpresa, e Meg exclamou, de mãos erguidas:

— Decididamente, é o fim do mundo!

VII

Amy no vale da humilhação

— Aquele rapaz é um perfeito ciclope, não acha? — disse Amy um dia, quando Laurie, a cavalo, passava por elas a estalar o chicote no ar.

— Como ousa dizer isso, quando ele possui dois olhos? E muito bonitos, aliás, — replicou Jo, que se ressentia com a mais leve censura feita ao seu amigo.

— Eu não queria falar dos olhos e não sei por que se agastou, quando me referia com louvor a seu modo de montar!

— Oh, meu Deus! Essa espevitadinha queria dizer um centauro, e chamou-lhe ciclope! — exclamou Jo, rindo às gargalhadas.

— Não seja tão grosseira; foi um pequeno “lapso de linguagem”, como diz o sr. Davis — replicou Amy, pondo ponto aos comentários de Jo. — Desejaria ter uma parte da quantia que Laurie gasta com aquele cavalo — acrescentou, como falando consigo própria, embora o dissesse de modo que as irmãs ouvissem.

— Para quê — perguntou Meg interessadamente, pois Jo havia dado outra gargalhada com o novo despropósito de Amy.

— Preciso muito de dinheiro, acho-me espantosamente endividada.

— Endividada, Amy? Que quer dizer? — e Meg tornou-se séria.

— Sim, devo uma dúzia de limões e não posso pagar esse doce enquanto não tiver dinheiro meu, pois mamãe proibiu-me fazer conta na loja.

— Conte-me essa história. O doce de limão inteiro está em moda agora. — Meg procurava conter o riso, vendo a seriedade de Amy. — Ele parece feito de bolas de borracha rasgadas.

— Sim, as meninas estão continuamente comprando-os e, a menos que você queira ser chamada sovina, precisa comprar também e oferecer às amigas. Todas vivem a comê-lo nas carteiras, nas horas de aula, trocam-no por lápis, anéis de vidro, bonecas de papel e tudo o mais. Se uma menina gosta de outra, dá-lhe um limão; se “está mal”, vai comer um limão mesmo na sua cara, sem lhe oferecer sequer um pedacinho. As ofertas são recíprocas; e eu já tive muitas, mas não pude ainda retribuí-las todas, embora precise fazê-lo, pois sabe que isso é uma dívida de honra.

— Quanto precisa para pagar, restaurando assim o seu crédito? — perguntou Meg, pegando na bolsa.

— É suficiente um quarto de dólar e mais alguns centésimos para sobrar alguns para você. Não gosta de doce de limão?

— Muito pouco; pode ficar com a minha parte. Aqui está o dinheiro; poupe-o o mais possível, porque bem sabe que não somos ricas.

— Oh, muito obrigada! Fico satisfeita com isso. Vou ter um banquete, pois não provei um limão esta semana. Sentia-me vexada de aceitar os que me davam, embora o desejasse ansiosamente, por não poder pagar na mesma moeda.

No dia seguinte, Amy chegou um pouco tarde à escola; mas não pôde resistir à tentação de ostentar, com perdoável vaidade, um embrulho úmido de papel pardo, antes de o colocar no recanto mais escondido da sua carteira. Daí a minutos circulou por toda a classe o boato de que Amy March trouxera

vinte e quatro deliciosos limões (ela comera um no caminho), e ia distribuí-los; as atenções das amigas chegaram a ser comoventes; Katy Brown convidou-a para a próxima partida de malha; Mary Kingsley fez questão de lhe emprestar o relógio, até o recreio; e Jenny Snow, uma menina trocista que havia caçado de Amy pela sua pobreza de limões, resolveu prontamente voltar às boas, oferecendo-se para fazer-lhe algumas somas difíceis. Amy, porém, não se esquecera dos ditos mordazes da senhorinha Snow sobre “algumas pessoas cujos narizes, apesar de chatos, se punham a cheirar os limões dos outros” e sobre “os que não tinham vergonha de pedi-lo”, e, por isso, destruiu imediatamente todas as esperanças da tal Snow com este recado incisivo:

— Não precisa tornar-se delicada de repente, pois não ganhará nenhum.

Aconteceu que uma personagem importante foi visitar a escola naquela manhã, e belos trabalhos cartográficos de Amy receberam muitos elogios. Estes irritaram a senhorinha Snow, enquanto a senhorinha March tomava os ares de um pavãozinho estudioso. Mas, ai!, seu orgulho logo foi humilhado, pois a vingativa Snow conseguiu mudar a feição da sorte com uma calamitosa vitória. Assim que o visitante, após os costumados cumprimentos se retirou, Jenny Snow, sob o pretexto de fazer uma pergunta importante, informou ao mestre, o sr. Davis que Amy March tinha doce de limão na carteira. Ora, o sr. Davis declarara que os limões eram um contrabando na aula, tendo jurado solenemente aplicar a férula na primeira pessoa que infringisse essa proibição. Aquele homem enérgico, depois de uma tempestuosa campanha, banira das aulas o hábito de mascar goma, fizera uma fogueira de romances e jornais confiscados, havia suprimido um correio secreto, proibira as caretas, os apelidos, as caricaturas — fizera tudo, enfim, que se possa empreender para trazer disciplinado meio cento de meninas rebeldes. Os rapazes cansam muito a paciência, só Deus sabe quanto!, mas as meninas, infinitamente mais, com especialidade a dos homens nervosos, de temperamento tirânico e sem maior talento para ensinar que o sr. Davis. Este sabia Grego, Latim. Álgebra e todas as ciências terminadas em *logia*, pelo que era considerado um grande mestre; não considerava, porém, de grande importância as maneiras, os costumes, os sentimentos e os exemplos. E aquele momento fora dos melhores para denunciar Amy, e Jenny Snow o compreendera. O sr. Davis havia evidentemente tomado café muito forte pela manhã; soprava também um ventinho leste, que lhe dava nevralgia, e as discípulas não lhe mostravam a consideração que ele julgava merecer; para empregar a linguagem expressiva, embora deselegante, das alunas, “estava tão frenético como uma bruxa e tão furioso como um urso”. A palavra “limões” foi o mesmo que fogo num rastilho de pólvora; o rosto amarelado tornou-se rubro e ele deu tão enérgico soco na mesa que Jenny seguiu para seu lugar com uma rapidez pouco usual.

— Meninas, atenção, façam favor!

A esta severa ordem, o burburinho cessou e cinquenta pares de olhos, pretos, pardos, castanhos, fixaram-se submissos naquele terrível rosto.

— Miss March, chegue-se aqui.

Aparentemente, Amy ia levantar-se para obedecer; um secreto receio, porém, a oprimia, pois os limões lhe pesavam na consciência.

— Traga os limões que estão na sua carteira — e esta ordem inesperada a paralisou um momento antes de levantar-se.

— Não leve todos, — sussurrou-lhe a vizinha, uma menina de grande presença de espírito.

Amy apartou rapidamente meia dúzia, e levou os restantes ao sr. Davis, achando que qualquer homem com um coração humano se enterneceria, ao sentir sob o nariz aquele delicioso perfume. Por infelicidade, o sr. Davis detestava particularmente o cheiro desse doce em moda, o que o tornou mais irado ainda.

— Estão todos?

— Não, senhor — tartamudeou Amy.

— Traga o resto, imediatamente.

Ela obedeceu, lançando um olhar de desespero ao seu sortimento de doces.

— Tem certeza de não haver mais algum?

— Não costumo mentir, sr. Davis.

— É o que noto. Agora pegue nessas coisas enjoativas e atire-as, duas a duas, pela janela fora.

Ouviu-se um suspiro simultâneo, ao perderem a última esperança daquele pequenino regalo; e o festim foi-lhes arrebatado das boquinhas gulosas. Rubra de raiva e de vergonha, Amy executou os doze gestos mortais; e a cada par condenado — tão grandes e tão gostosos! — que caía de suas mãos trêmulas, vinha da rua um som que lhe fez transbordar o cálice, pois lhe disseram que o seu banquete estava sendo aproveitado por um bando de pequeninos irlandeses, seus inimigos implacáveis. Isto, isto era demais! todas relampejavam olhares indignados ou suplicantes para o inexorável Davis, tendo mesmo prorrompido em choro uma delas, adoradora apaixonada de limões. Ao voltar Amy da última ida à janela o sr. Davis emitiu um majestoso “Hum!” e disse do modo mais impressionador possível:

— Meninas, lembrem-se do que lhes disse há uma semana. Sinto que isto tenha sucedido; mas não permito que se infrinjam as determinações, pois faltaria à minha palavra. Miss March, estenda a mão.

Amy estremeceu, colocando as mãos atrás das costas, e lançou-lhe um olhar implorativo que tinha mais significação que as palavras que não conseguia pronunciar. Ela fora anteriormente a aluna favorita do “velho Davis”, nome por que era conhecido, e creio firmemente que ele haveria faltado à sua palavra, se a menina, na sua indignação de aluna irrepreensível, não tivesse dado um muxoxo acintoso. Aquele muxoxo fraco como fora, irritara, contudo, o irascível homem, decidindo do destino da culpada.

— Sua mão, miss March! — única resposta que houve ao seu mudo apelo. Muito orgulhosa para gritar ou implorar misericórdia, Amy cerrou os dentes, levantou desafiadoramente a cabeça e suportou sem desfalecimento vários bolos estalados na pequenina palma. Não foram muitos nem muito fortes, mas para ela era o mesmo. Pela primeira vez em sua vida fora castigada; e o opróbrio era tão profundo a seus olhos, como se ele lhe tivesse batido até fazê-la cair.

— Agora, ficará no estrado até a saída — disse o sr. Davis, resolvido a completar a obra, já que a começara.

Isso era horrível. Teria sido suficiente ir para o seu lugar, vendo os rostos apiedados das amigas, ou os rostos satisfeitos de suas poucas inimigas; ficar, porém, de frente para a classe inteira, após o vexame recente, parecia-lhe intolerável e por um segundo sentiu que iria deixar-se cair ao chão, debulhada em lágrimas. Todavia, um amargo sentimento de culpa e a lembrança de Jenny Snow ajudaram-na a suportar o novo castigo; e, indo para o lugar de ignomínia, fixou os olhos em cima, na chaminé da lareira, a qual lhe aparecia como um mar de rostos com os olhares fixos nela, e ali ficou tão pálida e imóvel, que as meninas acharam difícil estudar com aquela figurinha diante dos olhos.

Durante os cinquenta minutos que se seguiram, a orgulhosa e sensível menina sofreu uma dor e uma vergonha que jamais esqueceu. Para outros, seria coisa burlesca ou trivial, mas para ela significou uma dura provação; nos doze anos de sua vida, fora governada unicamente pela afeição, sem receber um castigo corporal como aquele. A dor da mão e a dor da alma eram sufocadas pela dor muito mais pungente desta reflexão:

— Terei de contar tudo em casa e vão ficar contrariadas comigo!

Os cinquenta minutos pareceram-lhe uma hora; chegaram ao fim, no entanto, e a palavra “recreio!” nunca lhe soou tão agradavelmente como daquela vez.

— Pode sair, miss March, — disse o sr. Davis, que parecia constrangido.

Por muito tempo ele não pôde esquecer o olhar de exprobração que Amy lhe lançou ao sair, sem uma palavra, para a antessala, onde pegou em seus objetos a fim de retirar-se “para sempre”, conforme declarou firmemente a si própria. Em triste estado entrou em casa; e quando as irmãs mais velhas chegaram, algum tempo depois, mostraram-se indignadas. A sra. March nada dizia, mas parecia contrariada, confortando a filhinha aflita, do modo mais terno que lhe era possível. Meg banhava a mãozinha inchada com glicerina e com lágrimas; Beth achava que nem os seus queridos gatinhos

poderiam servir-lhe de consolo; e Jo, encolerizada, propunha a prisão imediata do sr. Davis, enquanto Hannah acenava de mão fechada para o “bandido” e esmagava as batatas para o jantar como se o tivesse dentro do almofariz.

Ninguém notou a fuga de Amy, exceto suas companheiras; mas as espertas meninas observaram que o sr. Davis esteve mais complacente e menos nervoso durante a tarde. Pouco antes de acabar a aula, apareceu Jo, com um semblante terrível, e dirigiu-se à mesa para entregar uma carta de sua mãe; recolheu todos os objetos de Amy e saiu, esfregando fortemente os pés no capacho da porta como para limpá-los de toda a poeira daquela casa.

— Sim, você vai ter umas férias escolares, mas é preciso que estude um pouco, todos os dias, com Beth — disse a sra. March. naquela tarde. — Não concordo com os castigos corporais, particularmente para meninas, nem aprovo o método de ensino do sr. Davis, nem acho útil a convivência com outras alunas, por isso pedirei a opinião de seu pai antes de mandá-la para outra escola.

— Ótimo! Queria que todas as meninas saíssem daquela velha escola. Fico quase louca ao pensar nos limões tão lindos — suspirou Amy com ares de mártir.

— Não me importa que você os tenha perdido, pois infringiu a proibição e merecia um castigo pela desobediência obteve Amy, como resposta, o que a desapontou, pois unicamente esperava palavras confortadoras.

— Quer dizer que ficou satisfeita por ter eu sido humilhada perante toda a classe? — exclamou Amy.

— Eu não escolheria essa maneira de corrigir uma falta — replicou a mãe; — não sei, porém, se isso seria melhor que uma correção mais branda; você está se tornando muito vaidosa e importante, minha filha, e é tempo de corrigir-se. São muitos os seus dotes e virtudes, mas não há necessidade de alardeá-los, pois a vaidade destrói as mais belas índoles. Não há grande perigo de que o verdadeiro talento ou a verdadeira bondade sejam menosprezados; mesmo que sim, a consciência de possuí-los e dar-lhes bom emprego seria suficiente, pois a modéstia é que confere a algum predicado o seu maior encanto.

— Tem razão — exclamou Laurie que jogava xadrez a um canto com Jo. — Conheci uma vez uma moça que possuía verdadeiro talento musical e não o conhecia, nem calculava como eram lindas as pequeninas músicas que compunha quando estava só e nem mesmo o teria acreditado se alguém lho dissesse.

— Gostaria de conhecer essa bela moça; talvez me auxiliasse; sou obtusa para aprender — disse Beth, que, ao lado do rapaz, ouvia com toda a atenção suas palavras.

— Você conhece-a, e ela a auxilia mais que qualquer outra pessoa o poderia fazer — respondeu Laurie, fitando-lhe com olhar tão significativo seus joviais olhos negros, que Beth se tornou subitamente muito corada e escondeu o rosto na almofada do sofá, toda confusa pela inesperada descoberta.

Jo deixou que Laurie ganhasse a partida, pagando-lhe assim aquele elogio à sua Beth, a qual não conseguiam persuadir a tocar para todos ouvirem após tal cumprimento. Por isso Laurie fez o que pôde para agradar-lhes, cantando otimamente, com disposição o mais jovial possível, pois raras vezes manifestava às March o aspecto taciturno do seu caráter. Quando ele saiu, Amy que estivera pensativa todo o serão, disse subitamente, como preocupada por uma ideia nova:

— Laurie é moço educado, não?

— Sim; tem uma excelente educação e muito talento; tornar-se-á um distinto cavalheiro, se não for muito mimado — respondeu a mãe.

— E não é orgulhoso? — perguntou novamente Amy.

— De modo algum; eis porque é tão simpático, e porque gostamos tanto dele.

— Assim o vejo; é bonito ter talento e ser elegante, sem o demonstrar ou jactar-se disso — comentou Amy pensativa.

— Tais predicados são sempre observados e sentidos nas maneiras e conversas de uma pessoa, quando associados à modéstia; não é necessário, porém, exhibi-los — observou a sra. March.

— Exibi-los seria o mesmo que você usar todos os seus chapéus, vestidos e enfeites de uma só vez, para os outros verem que os possui — acrescentou Jo; e a conversa terminou com boas gargalhadas.

VIII

Jo e Appollyon, o espírito do mal

— Aonde vão vocês? — perguntou Amy ao entrar no quarto um sábado à tarde, e encontrando as irmãs mais velhas a fazer preparativos para sair, tudo com um segredo que lhe excitou a curiosidade.

— Não se importe; as crianças não devem fazer perguntas — replicou Jo asperamente. Se algo existe mortificante quando somos crianças é ouvir isso; e, mais ainda, receber esta ordem: “Vá-se embora, menina”. Amy abespinhou-se a este desaforo e resolveu descobrir qual o segredo. Voltando-se para Meg, que jamais lhe recusara alguma coisa por muito tempo, disse-lhe persuasivamente:

— Conte-nos o que é! Você não terá a coragem de deixar-me aqui. Beth está brincando com as suas bonecas e eu nada tenho a fazer. Fico tão só!

— Não é possível, queridinha, pois você não foi convidada — adiantou Meg; Jo, porém, interrompeu-a com impaciência:

— Ora, Meg, cale-se, se não estragará tudo. Você não pode ir, Amy; não comece a choramingar como um bebê.

— Vocês vão com Laurie a alguma parte, eu sei que vão; vi-os cochichando e rindo, todos os três, no sofá ontem à noite, e pararam quando eu cheguei. Não vão com ele?

— Vamos, sim; agora fique quieta e deixe de aborrecer-nos.

Amy silenciou a língua, mas investigando com os olhos viu que Meg punha um leque no bolso.

— Já sei! Já sei! Vão ao teatro assistir aos “Sete Castelos”! — exclamou ela; e acrescentou resolutamente: — E eu irei, mamãe disse que eu podia ir; tenho dinheiro para a entrada, por isso não é bonito não me haverem prevenido antes.

— Escute-me um instante e seja uma boa menina — disse Meg com meiguice. — Mamãe não quer que você vá esta semana, porque seus olhos ainda não estão completamente bons para suportar a luz dessa peça fantástica. Na outra semana, você irá com Beth e Hannah, e divertir-se-á muito.

— Prefiro ir com vocês e Laurie. Deixe-me, por favor; tenho estado trancada com este resfriado há tanto tempo, que estou morta por uma distração. Deixe, Meg! Eu serei sempre boazinha — insistia Amy, do modo mais patético que lhe era possível.

— E se nós a levarmos? Creio que mamãe não se incomodaria se a agasalhássemos bem — começou Meg.

— Pois se ela for, eu não vou! E se eu não for, Laurie não ficará satisfeito; ele ficará bem aborrecido, já que só a nós convidou, por levarmos Amy conosco. Sabia que ela ia aborrecer-nos, metendo-se onde não é chamada — disse Jo, mal-humorada, a qual quando queria divertir-se, não gostava de vigiar meninas travessas.

Seu modo e seu tom de voz exasperavam Amy que começou a calçar-se dizendo do modo mais acintoso:

— Pois eu irei; Meg diz que posso ir; e desde que eu pague minha entrada, Laurie nada tem que ver com isso.

— Você não pode ficar junto de nós, pois os nossos lugares são reservados e não pode sentar-se sozinha; Laurie terá de dar-lhe o seu lugar e isso desmanchará nosso prazer; ou então ele terá que

comprar outra cadeira para você e isso não fica bem, pois não foi convidada; você não deve absolutamente ir — ralhou Jo mais zangada que nunca, por ter picado o dedo, com sua precipitação.

Sentada no chão, só com um dos pés calçado, Amy começou a chorar e Meg procurava convencê-la, quando Laurie as chamou de baixo. E as duas saíram às pressas, deixando a irmã em prantos — pois de quando em vez ela se esquecia de seus modos bem educados e procedia como uma criança birrenta. Quando os três iam sair, Amy foi até o patamar de onde exclamou num tom ameaçador:

— Você vai ver o que lhe acontece, Jo March! Vai ver.

— Tolice! — replicou Jo, puxando a porta, com força.

Divertiram-se muito, pois os “Sete Castelos do Lago dos Diamantes” era uma peça maravilhosa e muito de seu gosto. Mas, a despeito dos engraçados diabinhos vermelhos, das fadas cintilantes e dos príncipes e princesas pomposamente vestidos, o prazer de Jo continha uma gotinha de fel; as lindas rainhas de cachos dourados recordavam-lhe Amy; e, nos intervalos, ficava a pensar no que queria dizer com aquele “Vai ver o que lhe acontece!” Ela e Amy haviam já tido muitas rusguinhas, pois ambas eram de gênio arrebatado, prontas sempre a explosões quando levadas a isso. Amy atormentava Jo e Jo irritava Amy, ocorrendo desavenças semicasuais, das quais ambas depois se envergonhavam. Conquanto mais velha, Jo tinha menos domínio sobre si própria, sentindo grande dificuldade em refrear o gênio impetuoso, o que sempre lhe causava desgostos. Suas raivas, contudo, não perduravam muito tempo e, depois de confessar humildemente a falta, arrependia-se com sinceridade, procurando tornar-se melhor. As irmãs costumavam dizer que gostavam de enfurecer Jo, pois ela se tornava depois um anjo. E a pobre Jo procurava desesperadamente tornar-se boa, mas seu inimigo interior estava sempre a pique de inflamar-se, anulando-lhe as boas intenções e foram precisos anos de pacientes esforços para conseguir subjugá-lo.

Ao regressarem a casa, encontraram Amy a ler na sala; ela mostrava um ar de ressentimento quando as viu; não levantou os olhos do livro nem fez a menor pergunta. Talvez a curiosidade sobrepujasse o ressentimento, se Beth não estivesse ali para perguntar pela peça e ouvir uma descrição entusiástica. Subindo, com o fim de tirar o chapéu — o melhor que tinha — o primeiro olhar de Jo foi para a cômoda, pois, na sua recente raiva, Amy desabafara-se puxando a gaveta de Jo e atirando-a no assoalho. Tudo estava em seu lugar porém, e, após uma rápida vista de olhos nas suas caixinhas e bolsas, Jo chegou à conclusão de que Amy havia esquecido e perdoado a sua má ação.

Estava, no entanto, muito enganada, porque no dia seguinte fez uma descoberta que originou uma tempestade. Meg, Beth e Amy achavam-se sentadas juntas, à tardinha, quando Jo entrou de supetão na sala, muito exaltada, perguntando, quase sem poder falar:

— Alguma de vocês tirou o livro de contos que eu estava escrevendo?

Meg e Beth responderam juntas negativamente, parecendo surpreendidas; Amy atiçava o fogo e nada disse. Jo viu-lhe a vermelhidão do rosto e aproximou-se dela no mesmo instante.

— Você escondeu, Amy?

— Eu, não!

— Sabe então onde ele está?

— Não! não sei.

— Mentirosa! — gritou Jo, pegando-a pelos ombros e fitando-a com um aspecto feroz capaz de amedrontar qualquer criança mais corajosa que Amy.

— Não sei. Não o tirei, nem me importa saber onde está.

— Você sabe alguma coisa e é melhor dizer de uma vez, ou então eu a faço dizer — e Jo deu-lhe um leve empurrão.

— Grite quanto quiser, você nunca mais verá o livrinho de seus contos sem graça — exclamou Amy, exasperando-se por seu turno.

— Por quê?

— Porque eu o queimei.

— Quê! Meu livro de que eu tanto gostava, que escrevia com tanto trabalho, e que eu queria terminar antes que papai chegasse?! Você queimou-o mesmo? — disse Jo empalidecendo, com os olhos relampejando e as mãos crispadas nervosamente, agarrando Amy.

— Sim, queimei-o! Eu avisei-a de que me havia de pagar a grosseria de ontem e por isso... — Amy não pôde terminar a frase, pois o gênio impulsivo de Jo apossou-se dela, e a ranger os dentes sacudiu a irmã, a gritar, num assomo de dor e de ódio:

— Malvada, menina malvada! Nunca mais poderei escrevê-lo de novo, e nunca lho perdorei, enquanto viver!

Meg precipitou-se em socorro de Amy e Beth procurava acalmar Jo, mas esta achava-se completamente fora de si; e com um murro de despedida no ouvido da irmã atirou-se para a água furtada para o velho sofá lá existente, a esperar que acabasse seu acesso de raiva.

A tempestade passou. Depois a sra. March chegou e, sabedora do caso, fez compreender a Amy quão mal havia procedido para com sua irmã. O livro de Jo era o orgulho de seu coração e considerado pela família como um embrião literário que dava muitas esperanças. Era unicamente meia dúzia de pequenas histórias de fadas, porém Jo as tinha escrito com toda a paciência, dedicando ao trabalho todo o seu esforço e toda a sua alma, na esperança de fazer uma coisa digna de ser impressa. Havia-as passado a limpo com grande carinho, rasgando o rascunho e o fogo de Amy destruíra seu trabalho paciente de vários meses. Seria uma pequena perda para os outros; mas para Jo significava uma calamidade terrível, pois jamais supusera que lhe fizessem tal coisa.

Beth chorava como se lhe tivessem furtado um dos gatinhos e Meg não queria tomar as dores por sua irmã predileta; e a sra. March assumira um ar grave e consternado e Amy compreendeu que nenhuma a estimaria mais, se não pedisse perdão pela ação que agora, mais que todas, lamentava ter praticado.

Quando soou a campainha para o chá, Jo apareceu com um aspecto tão feroz e inacessível, que Amy mal teve coragem para lhe dizer meigamente:

— Perdoe-me; estou triste, muito triste com o que fiz, Jo.

— Jamais poderei perdoar-lhe — foi a resposta de Jo; e desde aquele instante não quis mais saber de Amy.

Ninguém tocou novamente neste assunto — nem mesmo a sra. March — pois todas sabiam por experiência que, quando Jo estava naquele estado, todas as palavras eram inúteis, sendo meio mais prudente esperar que algum acontecimento, ou a própria natureza generosa da moça, abrandasse o ressentimento, cicatrizando a ferida. Não foi um serão feliz; conquanto cosessem como de costume, enquanto a mãe lia alto trechos de Bremer, Scott ou Edgeworth, faltava alguma coisa e a suave paz doméstica estava perturbada. Sentiram-no ainda mais quando chegou a hora do canto e Amy se retirou. Por isso, Meg e a mãe cantaram sozinhas. Mas, apesar dos esforços empregados para se tornarem tão alegres como as cotovias, suas vozes não estavam harmoniosas como das outras vezes e o coro parecia desafinado.

Ao dar o beijo de boa-noite, a sra. March segredou meigamente a Jo:

— Meu bem, não deixe que o sol ao nascer ainda a encontre com raiva; perdoem-se mutuamente, ajudem-se uma à outra, e comecem vida nova amanhã.

Jo teve que receber, de cabeça baixa, aquele conselho materno, prestes a chorar para expandir a sua dor e a sua ira; as lágrimas, porém, eram uma fraqueza ignóbil e ela sentia-se tão profundamente ferida que não poderia esquecer ainda. Por isso, pestanejando nervosamente, levantou a cabeça e disse, áspera, pois Amy estava a escutar:

— Foi uma ação abominável, ela não merece perdão.

E foi para o quarto deitar-se. Naquela noite não houve confidências e tagarelices.

Amy sentia-se ofendida por terem sido rejeitadas suas propostas de reconciliação e arrependida de

se ter humilhado, com o que assumiu irritante ar de superioridade. Jo semelhava-se a uma nuvem carregada de eletricidade; e nada correu bem no dia seguinte. Fez um frio cortante pela manhã, ela deixou cair na sarjeta sua preciosa merenda, tia March teve um acesso de rabugice, Beth mostrou-se triste e pensativa quando voltou para casa e Amy fazia observações sobre certas pessoas que sempre falavam em tornar-se boas e nunca se esforçavam para isso, embora fossem apontadas como modelos de perfeição.

“Todas estão tão aborrecidas que vou convidar Laurie para irmos patinar. Ele é sempre bom e jovial, por isso sua companhia me porá satisfeita” — pensou Jo.

Amy ouviu o ruído dos patins e olhou para fora com uma exclamação impaciente:

— Sim, senhor! Prometeu-me que me levaria na próxima vez, e hoje é o último dia em que se patinará este ano. Não o pedirei, porém, a uma criatura tão mal-humorada.

— Não fale assim — disse Meg; — e você foi muito má, e é difícil a Jo esquecer a perda de seu precioso livrinho; penso, contudo, que ela já o esqueceu e que a levaria se você lhe tivesse falado. Vá atrás deles; não diga nada até que Jo se mostre de bom-humor com Laurie, e então beije-a ou faça alguma coisa que lhe agrade, e eu estou certa de que serão novamente amigas, de todo o coração.

— Vou experimentar — replicou Amy, pois o conselho lhe agradava; e, depois de se aprontar às carreiras, correu atrás deles, que iam justamente desaparecendo além da colina.

Não era distante o rio, porém estavam preparados para patinar antes que Amy os alcançasse. Jo viu-a aproximar-se e voltou-se para o outro lado; Laurie não a viu por achar-se patinando com cuidado na margem, sondando a resistência do gelo, porquanto fizera algum calor naquele dia.

— Vou até a primeira curva do rio, a ver se tudo está direito, antes de começarmos a patinar — ouviu-o dizer Amy, quando ele começava a deslizar, parecendo um jovem russo com o seu casaco e o seu barrete guarnecidos de peles.

Jo ouviu atrás o resfolegar de Amy e ouviu-a bater com os pés e assoprar os dedos, procurando amarrar os patins; mas não se volveu para vê-la e foi vagarosamente ziguezagueando até o rio, sentindo uma espécie de amarga satisfação com o desapontamento da irmã; havia alimentado o ódio, deixando-o crescer e apoderar-se dela, como acontece sempre com os maus pensamentos e os maus desejos, a menos que sejam desenraizados de uma vez. Ao dobrar a curva, Laurie gritou-lhe:

— Patine junto à margem; no meio está perigoso.

Jo ouviu; porém Amy, que estava às voltas com os patins, não escutou uma palavra. Jo olhou-a, pelas costas, mas o pequeno demônio que se alojara nela segredou-lhe ao ouvido:

— Pouco importa que ela ouvisse ou não; cada um cuida de si.

Laurie desaparecera na curva da margem; Jo ia segui-lo, e Amy, bem atrás, abalou para o meio do rio, onde o gelo estava menos compacto. Por um instante, Jo permaneceu silenciosa, com um estranho pressentimento a ferir-lhe a alma; resolveu continuar a corrida, mas algo a retinha, fazendo-a virar-se justamente a tempo de ver Amy levantar os braços e cair entre um súbito ruído de gelo tendido, ouvindo a seguir o baque de um corpo na água e um grito que lhe confrangeu o coração. Esforçou-se por chamar Laurie, mas a voz não lhe saía da garganta; procurou ir-lhe em socorro, mas os pés não tinham forças; e, durante um segundo, ficou sem movimento, pasmada, com um terror pânico estampado no rosto, vendo-lhe a pequenina touca azul à flor da água escura. Alguém passou velozmente por ela, enquanto ouvia a voz de Laurie:

— Traga um pau, depressa!

Nunca soube como o fez, mas, obedecendo cegamente a Laurie, daí a um instante ela esforçava-se como louca para arrancar um pau da cerca, o qual levou para aquele que, deitado sobre o gelo, segurava Amy pelo braço. E conseguira tirar do rio a menina, a quem o acidente mais aterrorizara do que fizera mal.

— Agora, precisamos levá-la para casa o mais rapidamente possível; ponha-lhe os nossos agasalhos, enquanto eu tiro os patins — exclamava Laurie, enrolando o seu casaco em Amy e arrebatando as presilhas dos patins que nunca pareceram tão difíceis de desamarrar.

Carregaram Amy, tiritante e com as vestes a escorrer água e a chorar; e após friccionar-lhe o corpo para reaquecê-lo, ela adormeceu, enrolada em cobertores, ante um bom fogo. Durante o atropelo, Jo mal falara, correndo para todos os lados, pálida e transtornada, com o vestido rasgado, as mãos dilaceradas e feridas pelo gelo, pelo pau da cerca e pelas fivelas dos patins. Quando Amy estava dormindo confortada e a casa se aquietara, a sra. March, sentada à beira do leito, chamou Jo para junto de si, pensando-lhe as mãos feridas.

— Tem certeza que ela está salva? — sussurrou Jo, fitando cheia de remorso a loura cabecinha que podia ter desaparecido de sua vista para sempre, sob o gelo traiçoeiro.

— Completamente fora de perigo, minha filha; não se feriu e nem sequer se resfriou, creio eu; foi bom vocês terem tido o cuidado de embrulhá-la e trazê-la imediatamente para casa — disse-lhe a mãe ternamente.

— Foi Laurie quem fez tudo; o que fiz foi deixá-la ir para o meio do rio; eu somente auxiliei. Se ela morresse, mamãe, a culpa seria minha; — e Jo atirou-se à cama, derramando lágrimas de arrependimento, contando tudo o que acontecera, recriminando-se pela dureza de seu coração e chorando de ventura por lhe ter sido poupado o terrível castigo que poderia ter recebido. — Foi o meu maldito gênio! procuro modificá-lo, mas quando penso que o dominei, ele irrompe ainda pior. Oh, mamãe, que devo fazer? — exclamava a chorar, a pobre e desesperada Jo.

— Vele e ore, minha filha; não se canse nunca de o tentar, nem julgue nunca impossível reparar sua falta — disse a sra. March, achegando-a de seu ombro e beijando-lhe a face úmida com tanta ternura que Jo prorrompeu num choro mais convulsivo ainda.

— A senhora não sabe! Não pode calcular como é ruim o meu gênio! Parece-me que sou capaz de todas as loucuras quando estou assim; torno-me feroz, sou capaz de ferir alguém e alegrar-me com isso. Tenho medo de fazer alguma ação horrível, qualquer dia, tornando-me infeliz para sempre e fazendo com que todos me odeiem. Oh, mamãe, ajude-me, ajude-me!

— Sim, minha filha, ajudá-la-ei. Não chore assim, lembre-se deste dia e resolva, com toda a sinceridade, nunca mais praticar uma ação semelhante. Jo, minha querida filha, todos nós temos as nossas tentações, às vezes bem maiores que as suas, e não raras vezes gastamos a vida inteira para dominá-las. Você julga o seu gênio o pior do mundo, mas o meu era exatamente igual!

— O seu, mamãe? A senhora jamais se zanga! — e por um instante Jo, surpresa, esqueceu os remorsos.

— Tenho procurado perdê-lo, há quarenta anos, mas consegui unicamente refreá-lo. Fico encolerizada quase todos os dias, Jo; aprendi, porém, a não o demonstrar, e tenho esperanças de ainda conseguir aprender a não sentir esse impulso, embora leve para isso outros quarenta anos.

A paciência e a humildade que se estampavam naquele rosto tão amado era melhor lição para Jo do que o sermão mais sábio ou a mais severa repreensão. Sentia-se confortada pela simpatia e pela confiança que a mãe lhe demonstrava; a certeza de que tinha também esta as suas faltas e procurava emendar-se, tornava mais suportável sua própria culpa, fortalecendo-lhe a resolução de regenerar-se, embora quarenta anos parecessem tempo muito longo para velar e orar, a uma menina de quinze.

— Mamãe, a senhora está zangada quando aperta fortemente os lábios e quando sai às pressas da sala, se tia March está rabugenta ou alguém a aborrece? — perguntou Jo, sentindo-se cada vez mais amiga e íntima da mãe.

— Sim; aprendi a conter as palavras impensadas prontas a saírem dos lábios; e, receando que elas possam ser proferidas contra minha vontade, saio por um minuto, recriminando-me a mim própria por ser tão fraca e tão má — respondeu a sra. March, com um suspiro e um sorriso, enquanto alisava e prendia os cabelos revoltos da filha.

— Como aprendeu a conservar-se calma? É isso o que acho difícil, pois as palavras ferinas brotam espontaneamente, antes que eu saiba o que estou dizendo; e, quanto mais falo, pior fico, até que se me

torna um prazer ofender os sentimentos alheios e dizer coisas horríveis. Diga-me como conseguiu aprender a dominar-se, mamãe querida.

— Minha boa mãe ajudava-me...

— Como a senhora faz — interrompeu Jo com um beijo de gratidão.

— Eu, porém, a perdi quando era muito mais nova que você, e durante muitos anos tive de lutar sozinha, porque era bastante orgulhosa para confessar minha fraqueza a alguém. Foi uma luta, Jo, e derramei muitas lágrimas amargas pelos meus defeitos, pois, a despeito de meus esforços, parecia que jamais os venceria. Apareceu então seu pai e eu senti-me tão feliz que achei fácil tornar-me boa. Logo, porém, que, em nossa pobreza, me vi cercada de quatro criancinhas, novamente começaram os ímpetos antigos, porque não sou paciente por natureza e era para mim um sofrimento ver minhas filhas passarem necessidades.

— Pobre mamãezinha! E quem a auxiliou, então?

— Seu pai, Jo. Jamais perdeu a paciência, nunca teve dúvidas nem queixas — sempre esperanças e esforços e tão alegre sempre, que sentiria vexame quem procedesse de outra maneira diante dele. Auxiliava-me, confortava-me, mostrando-me que eu devia procurar praticar todas as virtudes que eu desejava que minhas filhas possuísem, pois seria o exemplo para elas. Foi mais fácil esforçar-me por amor de vocês que por mim mesma; um olhar espantado ou atemorizado de uma de vocês, quando eu falava com aspereza, repreendia-me mais fortemente que todas as censuras que pudesse ouvir; e o amor, o respeito e a confiança de minhas filhas eram a mais suave recompensa que poderia desejar para meus esforços.

— Oh, mamãe! se eu conseguisse metade da sua bondade ficaria satisfeita. — exclamou Jo, comovidíssima.

— Espero que seja muito mais bondosa que eu, querida filha; precisa, porém, atentar para o seu “inimigo interior”, como lhe chama seu pai, para que ele não amargure ou mesmo não destrua sua existência. Você teve agora um aviso; lembre-se dele e procure de alma e corpo dominar esse gênio impulsivo, antes que ele lhe proporcione maior tristeza e aborrecimento do que os que conheceu hoje.

— Vou tentar, mamãe. Desejo-o de todo o coração. Mas a senhora precisa auxiliar-me, fazer-me lembrar de minha tenção e não me deixar sair da boa trilha. Via às vezes papai pôr o dedo sobre os lábios, fitando-a com um semblante afetuoso, embora sério; e a senhora franzia fortemente os lábios ou retirava-se. Era uma advertência, mamãe? — perguntou meigamente Jo.

— Era; eu pedia-lhe que me auxiliasse desse modo, e ele nunca se esqueceu de meu pedido, evitando que eu dissesse muitas palavras ríspidas com aquele gesto simples e aquela expressão do seu semblante bondoso.

Jo via que os olhos da mãe se marejavam de lágrimas e que os lábios lhe tremiam ao falar e, receando ter perguntado mais do que devia, sussurrou-lhe ansiosa:

— Faz mal interrogá-la assim, e tocar nesse assunto? Não quero ser grosseira, mas sinto-me tão confortada ao dizer-lhe tudo quanto sinto, e acho-me tão feliz e tão confiante ao seu lado.

— Minha Jo, você pode dizer tudo quanto quiser a sua mãe, pois é minha maior felicidade e orgulho ver que minhas filhinhas confiam em mim e compreendem quanto as amo.

— Julguei que a tivesse afligido.

— Não, meu bem; mas ao falar sobre seu pai, refleti na falta que ele me faz, no que lhe devo e quanto fielmente eu deveria zelar a segurança e bom natural de suas filhas.

— No entanto, a senhora mandou-o ir para a guerra, mamãe, e não chorou quando ele partiu nem jamais se queixou, parecendo que nunca precisou de consolo — disse Jo admirada.

— Dei o que tinha de melhor para a Pátria que adoro, e reservo as lágrimas para o caso de ele morrer. Para que lastimar-me, quando nós ambos estamos cumprindo o nosso dever, vindo a ser mais felizes, certamente, no final? Se pareço não precisar nunca de consolo, é porque tenho um amigo maior

ainda que seu pai para me confortar e amparar. Minhas filhas, os trabalhos e as tentações da sua vida estão ainda em princípio e podem ser muitos; poderão porém, sobrepujá-los e vencê-los a todos, se aprenderem a sentir o poder e a ternura do Pai Celestial, assim como reconhecem os de seu pai da terra. Quanto mais O amarem e confiarem n'Ele, mas próximas estarão d'Ele e menos dependerão do poder e da sabedoria dos homens. O Seu amor e o Seu carinho nunca fatigam, nunca mudam, jamais poderão ser-lhes arrebatados, e sim poderão tornar-se a fonte de uma paz prolongada na vida, fonte de felicidade e de valor. Acreditem nisto com sinceridade, e cheguem-se a Deus com todos os seus pequeninos cuidados e esperanças, pecados e tristezas tão livremente e com tanta confiança como se se dirigissem a sua mãe.

A única resposta de Jo foi estreitar fortemente a mãe nos braços e, no silêncio que se seguiu, fez, sem palavras, a mais veemente súplica que jamais formulara o seu coração, pois, naquela triste, porém, feliz hora, havia conhecido não somente a amargura do remorso e do desespero, como também a suavidade da abnegação e do domínio próprio; e, guiada pela mão materna, havia sido impelida para junto do Amigo que acolhe todas as crianças com um amor mais potente que o de um pai e mais terno ainda que o de todas as mães terrenas.

Amy agitou-se, suspirando, no seu sono leve; e, na ansiedade de começar desde logo a reparar sua falta, Jo fitou-a com expressão que jamais se vira em seu rosto.

— O sol ao nascer encontrou-me ainda zangada; não lhe quis perdoar e hoje, não fosse Laurie, poderia ter sido tão tarde! Como pude ser tão má? — disse Jo, em tom meio alto, inclinando-se sobre a irmã para acariciar-lhe meigamente os úmidos cabelos espalhados sobre o travesseiro.

Como se tivesse ouvido, Amy abriu os olhos, dando-lhe os braços num sorriso que foi ao fundo do coração de Jo. Não pronunciaram uma única palavra, mas estreitaram-se uma a outra, apesar dos cobertores que enrolavam Amy, e tudo foi esquecido e perdoado num beijo partido do íntimo do coração.

XI

Meg na Feira das Vaidades

— Penso que seria a maior felicidade do mundo aquelas crianças terem sarampo agora — disse Meg, num dia de abril, enquanto arranjava a mala de viagem no quarto, cercada pelas irmãs.

— Foi tão bom Annie Moffat não se ter esquecido de sua promessa! Uma quinzena inteira de divertimentos é coisa verdadeiramente deliciosa — replicou Jo, parecendo moinho de vento, a dobrar os vestidos com seus longos braços.

— E com um tempo lindo deste; estou tão satisfeita! — acrescentou Beth, guardando com cuidado as fitas para o cabelo em sua melhor caixinha, emprestada para a grande ocasião.

— Tenho esperança de algum dia também poder usar todas estas bonitas coisas — dizia Amy, com a boca cheia de alfinetes que ia artisticamente espetando na almofada da irmã.

— Gostaria que todas vocês fossem; mas, como não é possível, contar-lhes-ei minhas aventuras quando voltar. É o que posso fazer de melhor para pagar a bondade de todas, emprestando-me os seus objetos e auxiliando-me nos apertos — disse Meg, relanceando um olhar pelo quarto.

Pareciam quase terminados, a seu ver, os simples preparativos.

— Que lhe deu mamãe das suas preciosidades? — perguntou Amy que não estivera presente na hora da abertura de certa arca de cedro, na qual a sra. March guardava umas relíquias do esplendor passado, destinadas às filhas na ocasião própria.

— Um par de meias de seda, aquele lindo leque com relevos e um belo cinto azul. Eu preferia o vestido de seda violeta; mas não é ocasião para pedi-lo, portanto, devo contentar-me com o meu velho de tarlatana.

— Ficar-lhe-ia bem minha saia de musselina, na qual assentaria otimamente o cinto. Pena é que eu tivesse quebrado o meu bracelete de coral, senão você poderia levá-lo — disse Jo, que gostava de dar e de emprestar, mas cujos objetos estavam frequentemente estragados devido ao muito uso.

— Há na caixa uma linda pérola antiga, mas a mamãe acha que as flores naturais são o melhor ornamento para uma moça e Laurie prometeu mandar-me todas as de que eu necessitasse — sobreveio Meg. — Agora, vejamos: aqui está o meu vestido de passeio, o pardo... Encrespe a pena de meu chapéu, Beth... O de popelina é para os domingos e para reuniões íntimas... Parece um tanto pesado para a primavera, não acham? O de seda violeta ficaria tão bem...

— Não pense nele; leve o de tarlatana para as grandes reuniões; de branco você sempre parece um anjo — disse Amy, pensando na pequena coleção de objetos luxuosos que lhe deliciavam a alma.

— Não é decotado, nem bastante comprido, mas não faz mal. Meu vestido azul ficou tão bonito depois de virado pelo avesso e enfeitado de novo, que me parece um vestido novo. Meu manto de seda não está muito na moda e meu chapéu não é bonito como o de Sallie; não gosto de dizê-lo a ninguém, mas estou muito desapontada com a minha sombrinha. Pedi à mamãe uma sombrinha preta com cabo branco, porém ela esqueceu-se e comprou verde com um cabo amarelado e feio. É um artigo forte e elegante, portanto não devo queixar-me, mas sei que me vou envergonhar ao compará-lo com o de Annie, que é de seda e de ponteira dourada — suspirou Meg, olhando para a sombrinha com grande desdém.

— Pois troque-a — aconselhou Jo.

— Não farei isso; iria melindrar mamãe que faz grande sacrifício para me dar as coisas. É uma ideia tola de minha parte, a qual devo abandonar. Tenho para me consolar as minhas meias de seda e dois pares de lindas luvas. Você foi muito delicada em emprestar-me as suas, Jo. Sinto-me rica, elegante, com dois pares novos e as velhas limpas para o uso.

E Meg lançou um olhar satisfeito à caixa das luvas.

— Annie Moffat usa laços azuis e cor-de-rosa em suas loucas de dormir; devo pôr alguns nas minhas? — perguntou ela ao trazer-lhe Beth uma pilha de toucas de musselina, brancas como a neve, saídas de pouco das mãos de Hannah.

— Não, eu não poria; as toucas muito enfeitadas não combinam com as roupas simples e sem enfeites. As pessoas pobres não se devem ataviar muito — disse Jo em tom convicto.

— Gostaria de saber se não poderei usar rendas nas minhas roupas ou um laço nas toucas — disse Meg, com impaciência.

— Você disse há dias que, para se julgar muito feliz, bastar-lhe-ia ir à casa de Annie Moffat — observou Beth, com seu modo calmo.

— Disse. Sou feliz, mas quanto mais se alcança mais se deseja, não é verdade? Bem, está tudo pronto, tudo guardado, com exceção do meu vestido de baile, que vou deixar para mamãe — disse Meg, com entusiasmo, olhando para a mala quase cheia e para o seu vestido branco de tarlatana, várias vezes passado e consertado, ao qual, com um ar de importância, ela chamava o seu “vestido de baile”.

O dia seguinte estava lindo e Meg partiu para gozar quinze dias de novidades e de prazer.

A sra. March consentira no passeio, a princípio com certa relutância, receando que Margaret voltasse menos contente do que fora. Ela, porém, pedira tão insistentemente, e Sallie havia prometido ter tanto cuidado com ela, e parecia tão delicioso um pequeno passeio após um inverno de tão duro labor, que a mãe aquiesceu, indo a menina ter a sua primeira impressão da vida moderna.

As Moffat eram pessoas amigas do luxo, de maneira que a ingênua Meg ficou desde a chegada intimidada com o esplendor da casa e a elegância dos seus moradores. Eram, contudo, bondosos, não obstante a vida frívola que levavam, fazendo logo com que a hóspede se sentisse à vontade. Meg talvez notasse, sem mesmo saber por que, que os donos da casa não eram pessoas de grande cultivo e inteligência, e que toda aquela douradura externa não poderia disfarçar o material ordinário de que eram feitos. Era sem dúvida agradável viver na opulência, passear em lindas carruagens, usar diariamente seus melhores vestidos, nada fazendo que não fosse distrair-se. Tal vida era exatamente a que lhe convinha; começou logo a imitar as maneiras e o modo de falar dos circunstantes, a ter certas atitudes e cortesias, empregar frases francesas, frisar os cabelos, vestir-se bem, conversar sobre modas, da melhor maneira que podia. Quanto mais via as belas coisas de Annie Moffat, mais a invejava e desejava ser também rica. A casa de sua mãe, parecia-lhe agora, quando pensava nela, pobre e triste, o trabalho afigurava-se-lhe cada vez mais penoso, e julgava nada ter que servisse, apesar das luvas novas e das meias de seda.

Não tinha, entretanto, tempo de sobra para desgostos, pois as três moças procuravam o mais possível divertir-se. Faziam compras, passeavam a pé ou a cavalo, faziam visitas de dia; iam a teatros ou distraíam-se em casa, aos serões; porque Annie tinha muitas amigas e sabia entretê-las. As irmãs mais velhas eram moças muito bonitas; uma delas já estava noiva, o que, no pensar de Meg era extremamente interessante e romântico. O sr. Moffat era um senhor de idade, gordo e jovial, que conhecia o pai dela; e a sra. Moffat, também idosa, gorda e jovial, simpatizara com Meg tanto como sua filha. Todos a arrumavam e a “Margaridinha”, com a apelidaram, estava em vias de perder a cabeça.

Ao aproximar-se a noite da “reunião íntima”, ela achou que o seu vestido de popelina não servia, em absoluto, pois as outras moças preparavam vestidos de tecidos leves, que na verdade as faziam muito mais elegantes; por isso teve de recorrer ao de tarlatana, mais velho, mais desajeitado, mais feio que nunca, ao lado do vestido preguado e novo de Sallie. Meg viu os olhares que as meninas lançavam ao seu vestido, fitando-se depois umas às outras, significativamente, e suas faces purpurejaram, pois, apesar

de toda a sua delicadeza, era bastante orgulhosa. Ninguém disse palavra, porém Sallie ofereceu-se para pentear-lhe o cabelo, Annie para apertar-lhe o cinto e Belle, a irmã que era noiva, elogiou-lhe a brancura dos braços; e nessas mostras de bondade, Meg divisava unicamente compaixão pela sua pobreza; e sentia o coração oprimido enquanto via as outras rir e tagarelar, andando pela sala como borboletas de gaze. Aquele sentimento de amargura aumentava, mas em certo momento a criada entrou com uma caixa de flores. Antes que ela pudesse dizer alguma coisa, Annie havia tirado a tampa, aparecendo, com surpresa de todas, lindas rosas, urzes e fetos dentro da caixa.

— É para Belle, naturalmente; George costuma mandar-lhe sempre flores, mas estas são extraordinariamente lindas — exclamou Annie, aspirando-as.

— O portador disse que são para miss March. Aqui está um cartão — acrescentou a criada, apresentando-o a Meg.

— Que graça! De quem são? Não sabíamos que você tivesse namorado! — exclamavam as moças, rodeando Meg com curiosidade e surpresa.

— O cartão é de mamãe e as flores de Laurie — disse Meg simplesmente, embora satisfeitíssima por não ter sido esquecida por ele.

— Oh, deveras! — disse Annie com um olhar brejeiro, ao ver que Meg guardava o cartão no bolso, como um talismã contra a inveja, a vaidade e o falso orgulho, pois as poucas palavras do mesmo tinham-lhe feito bem e as flores agradavam-lhe muito pela beleza.

Sentindo-se quase que feliz de novo, separou alguns fetos e rosas para si, desmanchando o resto em ramalhetes delicados para o peito, cabelos ou cintura das suas amigas, oferecendo-lhes tão graciosamente que Clara, a mana mais velha, declarou que “era a coisa mais delicada e linda que já vira”, ficando muito encantada com essa atenção. De certo modo, esse ato de delicadeza pôs termo ao seu desapontamento; e, ao irem todas mostrar-se à sra. Moffat, ela viu no espelho um rosto de expressão feliz e de olhos brilhantes, quando colocava os fetos nos cabelos ondulados e prendia as rosas no vestido, que não lhe parecia agora tão feio.

Divertiu-se muito naquela noite, pois valsara à vontade; todos eram atenciosos e recebeu três elogios. Annie fê-la cantar, tendo alguém observado que ela possuía uma voz notavelmente bela; o major Lincoln perguntou quem era “aquela moça de olhos lindos”; e o sr. Moffat fez questão de dançar com Meg, dizendo jovialmente que “Ela não perdia tempo, pois se mostrava incansável”. Assim, tivera uma deliciosa noite, até que entreouvriu um pedaço de conversação que a perturbou em extremo. Estava sentada no centro da estufa, esperando o seu par que lhe fora buscar um sorvete, quando uma voz perguntou, do outro lado da parede:

— Que idade tem ela?

— Dezesseis ou dezessete anos, creio eu — respondeu outra voz.

— Seria um achado para aquelas meninas, não? Sallie diz que eles agora são íntimos, e o velho as aprecia extraordinariamente.

— A sra. M. tem seus planos, creio eu, e jogará a sua cartada, assim que lhe for possível. A menina evidentemente não pensa ainda nisso — disse a sra. Moffat.

— Ela pregou aquela mentira sobre o cartão, como se soubesse dos tais planos e corou muito quando recebeu as flores. Pobrezinha! Seria tão bonita se estivesse bem vestida! Acha que se ofenderá se lhe oferecermos um vestido para quinta-feira? — perguntou outra voz.

— É orgulhosa, mas creio que aceitará, pois só tem aquele desajeitado vestido de tarlatana. Podia rasgá-lo esta noite, seria uma boa desculpa para lhe arranjarmos um mais decente.

— Vou convidar o tal Laurence, para podermos apreciar os dois.

Nessa ocasião, o par de Meg apareceu, encontrando-a muito corada e um tanto agitada. Ela era orgulhosa, e o orgulho foi-lhe útil então, pois a auxiliou a disfarçar a mortificação, a ira, o desgosto, causados pelo que ouvira — pois, apesar de inocente e confiante, não pudera deixar de compreender a

conversa de seus amigos. Procurava esquecer mas não o conseguia, repetindo a toda a hora para si mesma: “A sra. M. tem seus planos”, “Ela pregou aquela mentira sobre o cartão”, “Aquele desajeitado vestido de tarlatana”. Sentiu desejo de chorar, de correr para a sua casa e expor sua confusão e pedir conselhos.

Como, porém, era isso impossível, empregou todos os esforços para parecer alegre; e, embora nervosa a princípio, conseguiu dominar-se tão bem que ninguém poderia avaliar o esforço que fazia. E ficou muito satisfeita quando o baile acabou e se viu tranquila em seu leito, onde pôde refletir e indignar-se ao ponto de doer-lhe a cabeça, e de correrem as lágrimas, refrescando-lhe o rosto abrasado. Aquelas palavras absurdas, mas bem intencionadas, haviam desvendado um novo mundo para Meg, perturbando a serenidade da outra Meg que até então vivera feliz como uma criança. Sua amizade inocente com Laurie fora maculada pelas tolices que ouvira sem querer. Sua confiança na mãe ficara um tanto abalada pela suspeita dos planos que lhe atribuíra a sra. Moffat, acostumada a julgar os outros por si; e a resolução de se contentar com um vestido simples, próprio da filha de um pobre, foi enfraquecida pela compaixão das moças que julgavam que um vestido feio era uma das maiores calamidades que poderiam existir debaixo dos céus.

A pobre Meg teve uma noite de insônia, levantando-se de olhos pisados, desditosa, quase indignada com as amigas e meio envergonhada de si própria por não usar de franqueza, pondo as coisas nos seus lugares. Nada fizeram naquela manhã, e só após o meio-dia foi que as moças sentiram um pouco de disposição para fazer alguma coisa. Havia algo nos modos das amigas que atraiu o reparo de Meg; tratavam-na com mais atenções, ouviam com interesse maior o que ela dizia, olhando-a com uns olhos que revelavam claramente sua curiosidade. Tudo isto a surpreendia e lisonjeava, embora não conhecesse o motivo, até que miss Belle, levantando os olhos do que estava escrevendo, disse num tom sentimental:

— Margaridinha, mandei um convite ao seu conhecido, o sr. Laurence, para a festa de quinta-feira. Temos desejo de conhecê-lo e o convite é todo em atenção a você.

Meg enrubesceu, mas veio-lhe a ideia de gracejar.

— É grande bondade sua, mas creio que ele não virá.

— Por que, *chérie*? — perguntou miss Belle.

— É muito velho.

— Menina, o que quer dizer com isso? Que idade tem o mesmo, pode-me dizer? — exclamou miss Clara.

— Perto de setenta anos, creio — respondeu Meg, contando os pontos do vestido para esconder o brilho zombeteiro de seus olhos.

— Dissimulada! Estamos nos referindo ao moço — exclamou miss Belle, rindo.

— Não há moço nenhum; Laurie é menino — e Meg riu, por sua vez, ao ver o olhar surpreso que as irmãs trocaram, quando ela disse isto.

— Da sua idade, mais ou menos? — perguntou Nan.

— Quase da idade de minha irmã; eu faço dezessete, em agosto — replicou Meg, erguendo a cabeça com importância.

— Foi grande gentileza de sua parte mandar-lhe flores, não? — disse Annie, para sondá-la melhor.

— Sim, mas Laurie nos manda sempre; na casa dele há muitas e nós as apreciamos bastante. Minha mãe e o sr. Laurence são conhecidos; é, pois, natural que brinquemos juntos — e Meg esperou ter encerrado a questão, dessa maneira.

— É evidente que a Margaridinha ainda não compreendeu a coisa — sussurrou miss Clara a Belle, com um gesto significativo.

— Um verdadeiro estado pastoril de inocência — observou miss Belle, encolhendo os ombros.

— Vou sair para fazer compras; precisam de alguma coisa, meninas? — perguntou a sra. Moffat, chegando com seu andar lerdo de elefante, toda coberta de sedas e de rendas.

— Não, senhora, muito obrigada — respondeu Sallie; já comprei meu vestido de seda cor-de-rosa para quinta-feira e de nada mais preciso.

— Nem eu... — ia dizer Meg; não continuou, porém, porque lhe ocorreu que precisava de várias coisas que não podia obter.

— Que vestido vai você usar? — perguntou Sallie.

— O meu velho vestido branco novamente, se conseguir consertá-lo, rasgou-se deploravelmente à noite passada — disse Meg, procurando falar naturalmente, mas sentindo íntima perturbação.

— Por que não manda buscar outro em sua casa? — disse Sallie, que não era muito sagaz.

— Não tenho outro. — custou-lhe muito dizê-lo, porém, Sallie não o percebeu, exclamando num tom de surpresa:

— Só tem aquele? Que graça... — não terminou, contudo, a frase, porque Belle lhe fez um sinal com a cabeça, intervindo bondosamente:

— Não é preciso absolutamente mandar a sua casa, Margaridinha, mesmo que tenha uma dúzia de vestidos, pois possuo um lindo, azul, de seda, que não uso por não me servir mais. Você poderá vesti-lo, o que me dará muito prazer; está dito?

— Você é muito boa, mas prefiro pôr o meu vestido velho, se não contraria a vocês; serve muito bem para uma moça da minha idade — disse Meg.

— Dê-me o prazer de a vestir à moda. Gosto de fazê-lo com uns ligeiros retoques, e você vai ficar uma belezinha. Não deixarei que ninguém a veja antes de estar pronta. Então entraremos de repente como a Borralheira e madrinha no dia do baile — acrescentou Belle, num tom persuasivo.

Meg não poderia recusar uma oferta assim gentil e o desejo de ver se ficaria mesmo “uma belezinha” depois de manjada a levou a aceitar, esquecendo todos os ressentimentos que tivera antes, dos Moffat.

Na tarde de quinta-feira, Belle trancou-se com ela e com uma criada, transformando Meg em lindíssima dama. Frisaram-lhe o cabelo, pulverizando o colo e os braços com pó de arroz perfumado, passaram-lhe nos lábios uma pomada cor de coral para avermelhá-los mais, e Hortense teria posto ainda um “*soupçon de rouge*” se Meg não protestasse.

E trouxeram-lhe um vestido azul-celeste que era tão apertado que a moça mal podia respirar e tão decotado que ela enrubesceu ao ver-se no espelho. Puseram-lhe adereços de prata — braceletes, colar, broche, e até brincos, que Hortense prendeu com um fio de seda que não aparecia.

Um ramalhete de botões de rosa-chá no seio e um peitilho de rendas fizeram Meg conformar-se com a exibição de seus ombros nus, e um par de sapatinhos de seda azul e salto alto satisfazia o maior desejo de seu coração. Por fim, um lenço bordado, um leque de plumas e um buquê completaram-lhe a “toilette”, e miss Belle contemplou-a com a satisfação de uma criança ao ver sua boneca com um vestido novo.

— “*Mademoiselle est très jolie*”, não é? — exclamava Hortense, batendo palmas, entusiasmada.

— Venha para que a vejam — disse miss Belle, dirigindo-se para o quarto onde as outras estavam esperando, ansiosas.

Com o ruje-ruje de sedas da cauda a arrastar, com os cachos de cabelos a esvoaçarem, o coração palpitando célere, sentia-se como no início de uma vida de aventuras, pois o espelho dissera-lhe claramente que estava mesmo “uma belezinha”. As amigas repetiam a frase entusiástica e, por alguns instantes, ela ficou como a gralha da fábula, a olhar as penas emprestadas, ao passo que as outras tagarelavam como um bando de pegas.

— Enquanto me visto, ensine-lhe a segurar a saia, Fan, e a pisar com os sapatos de salto alto, senão ela poderá tropeçar. Ponha-lhe a sua borboleta de prata no meio do peitilho de rendas e levante aquele cacho comprido do lado esquerdo do rosto, Clara, e não vão desmanchar o lindo trabalho de minhas mãos — dizia Belle, ao retirar-se muito satisfeita com a sua obra.

— Estou com acanhamento de descer, parece-me que me acharão esquisita, empertigada demais e seminua — dizia Meg a Sallie, ao ouvirem a campainha e o recado da sra. Moffat para que as moças

descessem logo.

— Você nada se parece com o que é, mas está muito bonita. Belle tem muito gosto; você parece uma verdadeira parisiense, posso-lhe garantir. Deixe pender as flores; não se incomode com elas; e tenha cuidado para não tropeçar no vestido — replicou Sallie, sem se importar com que Meg estivesse muito mais bela que ela própria.

Obedecendo com cuidado a essa recomendação, Margaret desceu sem dificuldade, entrando na sala, onde estavam reunidos os Moffat e alguns convidados que já haviam chegado. Logo descobriu que existe um encanto nos vestidos ricos o qual fascina certa classe de pessoas, atraindo as suas atenções. Várias moças, que não haviam antes reparado nela, tornaram-se muito íntimas e diversos moços, que se limitaram a olhá-la na última reunião, agora, além de a fitarem, pediam que os apresentassem a ela e diziam-lhe uma porção de coisas tolas, mas agradáveis de ouvir; e várias velhas, sentadas nos sofás a criticarem de tudo e de todos, perguntavam com interesse quem era aquela moça. Ouviu mesmo a sra. Moffat dizer a uma delas:

— É Margaret March, filha de um coronel do exército, de uma das mais distintas famílias, mas que perdeu a fortuna; são íntimos amigos dos Laurence; é uma criatura adorável, afianço-lhe; meu Ned está louco por ela.

— Deveras? — disse a velha dama, erguendo a “*lorgnette*” para observar de novo a moça a qual, um tanto escandalizada com as mentiras da sra. Moffat, procurava fingir não ter ouvido. A impressão de “estar esquisita” não se lhe dissipava, porém ela dizia consigo que estava a representar o papel de dama de sociedade e tudo correria muito bem, se não fossem o vestido apertado que lhe produzia uma dor de lado e a cauda que se intrometia pelos pés, além de estar em contínuo sobressalto com o receio de deixar cair os brincos, quebrando-os ou perdendo-os. Agitava o leque, rindo-se com os gracejos amáveis de uma jovem que se esforçava para ter espírito; mas, de repente, parou de rir confusa, pois viu Laurie em frente. Ele fitava-a com surpresa mal disfarçada e mesmo com desaprovação, ao que lhe parecia; porquanto, embora se inclinasse a sorrir, havia algo em seus olhares sinceros que a fazia corar, lamentando não estar com seu vestido velho. Para completar a confusão, viu que Belle acenava para Annie e que as duas revesavam olhares para ela e para Laurie.

Este parecia mais menino e mais tímido que habitualmente, e essa observação deu prazer a Meg.

“São umas tolas em procurar incutir-me na cabeça tais coisas! Não me incomodo, porém, nem isso me fará mudar de proceder” — refletiu Meg; e atravessou a sala para apertar a mão de seu amigo.

— Estou muito alegre por você ter vindo, pois receava não o ver aqui — disse-lhe ela, com o ar mais “de moça” que pôde assumir.

— Jo pediu-me que viesse para contar-lhe como a achei e resolvi por isso vir — respondeu Laurie sem a fitar, conquanto sorrisse ouvindo-lhe o tom superior de voz.

— E que lhe vai dizer? — perguntou Meg, presa de curiosidade por saber a opinião dele a seu respeito, embora se sentisse, nos primeiros instantes, pouco à vontade.

— Dir-lhe-ei que não a reconheci, parecendo muito mais crescida e diferente. Sinto até certo medo de você — acrescentou ele brincando com o botão da luva.

— Que absurdo! As moças vestiram-me por brincadeira, e eu consenti. Acha que Jo se espantaria se me visse? — disse Meg, procurando fazê-lo dizer se achava que ela ficava mais bonita ou não com os novos trajes.

— Creio que sim — respondeu Laurie, sério.

— Não gosta de me ver assim? — perguntou Meg.

— Absolutamente não — foi a resposta peremptória do rapaz.

— Por quê? — inquiriu a moça, ansiosa.

Ele olhou para os cabelos frisados, para as espáduas nuas, para o vestido fantasticamente enfeitado, com uma expressão que a envergonhou mais que sua resposta, na qual não havia a sua delicadeza

habitual:

— Porque não gosto de exageros carnavalescos.

Era muito, dito por um rapaz mais moço que ela; e Meg afastou-se, dizendo com impertinência:

— Você é o menino mais grosseiro que eu já vi.

Muito agastada, dirigiu-se para uma janela com o fim de refrescar o rosto, pois o vestido apertado fazia-lhe subir o sangue ao rosto.

E, quando ali se achava, ouviu o major Lincoln dizer à mãe, ao passarem perto deles:

— Estão virando a cabeça daquela menina; queria que a senhora a visse, transformaram-na completamente; esta noite, nada mais é que uma boneca.

— Ah, meu Deus! — suspirou Meg — Eu deveria ter tido juízo, usando o que é meu; não teria desagradado aos outros desta maneira, nem me envergonhado e aborrecido como sucede.

Apoiou a cabeça na vidraça e ali ficou, meio oculta pelas cortinas, sem se importar mesmo com sua valsa favorita que começava, até que alguém lhe tocou no braço; voltando-se viu Laurie com ar arrependido, o qual lhe disse inclinando-se e estendendo a mão:

— Queira perdoar-me a grosseria e vamos dançar.

— Receio que isso lhe desagrade — replicou Meg, procurando mostrar-se ofendida, sem que, no entanto, o conseguisse.

— Absolutamente não. Desejo-o muito. Venha, serei cordato. Não gosto dos seus trajes, mas concordo em que está divina — e acompanhou as palavras com gestos, como para melhor exprimir sua admiração.

Meg sorriu desvanecida e segredou-lhe, quando iam começar a dançar:

— Cuidado para não tropeçar em minha cauda; ela é o meu tormento, fui uma verdadeira tola em pôr um vestido assim.

— Prenda-a com alfinetes ao redor do pescoço que lhe prestará um bom serviço — aconselhou Laurie, olhando os sapatinhos azuis com visível admiração.

E começaram a dançar, ágeis e graciosos, pois, havendo praticado em casa, formavam um par harmônico, um lindo par que valia a pena ver, incansáveis e alegres os dois, mais íntimos ainda após a rusguinha passageira.

— Laurie, você vai fazer-me um favor, sim? — disse Meg quando, por se ter sentido cansada daí a pouco, sem saber por que, haviam parado de dançar, enquanto seu par a abanava com o leque.

— Por que não? — disse-lhe Laurie em tom jovial.

— Nada conte em casa sobre minha “toilette” de hoje. Não compreenderiam a brincadeira e isso iria entristecer mamãe.

— Então por que fez isso? — diziam os olhos de Laurie de modo tão claro, que Meg se apressou a acrescentar:

— Eu própria lhes contarei, confessando a mamãe minha tolice; mas quero eu mesma contar; você nada falará, ouviu?

— Dou-lhe minha palavra de que nada direi a esse respeito; mas que devo contar, quando me perguntarem?

— Diga-lhes que eu estava muito bonita e que me diverti muito.

— Quanto à primeira parte, posso afirmá-lo de todo o meu coração; mas quanto à segunda... Não parece que se está divertindo muito; está mesmo? — e Laurie olhou-a com uma expressão que a obrigou a responder num sussurro:

— Não, agora não. Não pense que estou satisfeita; meu desejo era divertir-me um pouco, mas esta espécie de distração não me agrada; já estou cansada da mesma.

— Aí vem Ned Moffat; que desejará ele? — disse Laurie, franzindo as negras sobrancelhas, como se não olhasse o jovem filho dos donos da casa como um elemento muito desejável naquela reunião.

— Ele inscreveu seu nome para dançar três vezes e suponho que vem para reclamar a primeira. Que maçada! — replicou Meg, tomando um ar lânguido que divertiu Laurie imensamente.

Este não tornou a vê-la até a hora da ceia, ocasião em que a viu beber champanha com o referido Ned e seu amigo Fisher, sendo esse procedimento “verdadeira insensatez”, no pensar de Laurie, pois ele se sentia investido de uma espécie de autoridade fraternal para vigiar as March, pronto a fazer-lhes advertências, quando preciso fosse.

— Você amanhã estará com uma furibunda dor de cabeça, se continuar a beber assim, Meg. Sua mãe não ficaria satisfeita se soubesse — sussurrou-lhe ele, inclinando-se sobre a sua cadeira enquanto Ned se virava para lhe encher novamente o copo e Fisher se abaixava para lhe apanhar o leque.

— Esta noite eu não sou Meg e, sim, “uma boneca” que faz toda a espécie de loucuras. Amanhã acabarei com os “exageros carnavalescos” tornando-me ajuizada novamente — replicou ela, com uma risada afetada.

— Gostaria mais de estar amanhã aqui, então — murmurou Laurie, afastando-se descontente com a mudança que notava.

Meg dançou e namorou, tagarelou e riu, tolamente, como faziam todas as outras moças. Após a ceia, começou a querer dançar passos alemães mas atrapalhava-se e quase fazia cair seu par com a longa cauda do vestido, e seus modos escandalizavam Laurie.

Observando-a, meditava um sermão severo. Não teve, porém, ensejo de lho pregar, pois Meg lhe evitou a companhia até a hora de despedir-se.

— Lembre-se do que me prometeu — disse ela, procurando sorrir, porque a dor de cabeça profetizada já havia começado.

— Guardarei silêncio “à la mort” — replicou Laurie com entoação melodramática, ao retirar-se. Este diálogo à parte excitou a curiosidade de Annie; Meg, porém, estava muito cansada para tagarelices e foi para a cama, exausta, como se tivesse estado em um baile de máscaras, sem se divertir tanto quanto previra. Ficou doente durante todo o dia seguinte e voltou para casa no sábado, fatigada dos divertimentos daquela quinzena e sentindo que havia estado no regaço do luxo demasiado tempo.

— É bem agradável estar sossegada, sem ter continuamente preocupações de boas maneiras. Nossa casa é um lugar aprazível, embora não seja luxuosa — disse Meg, com uma expressão de tranquilidade, sentada junto à mãe e à irmã, na tarde de domingo.

— Fico muito alegre por ouvi-la dizer isso, querida filha. Sentia receios de que você achasse a casa muito triste e pobre, depois de passar dias em belos aposentos — replicou a mãe, que a fitara durante o dia inteiro com ansiedade, pois aos olhos maternos é sempre fácil descobrir qualquer mudança pela expressão dos rostos dos filhos.

Meg referira jovialmente as suas aventuras, descrevendo por miúdo as suas encantadoras férias; alguma coisa, todavia, parecia pesar-lhe na consciência e, quando as irmãs mais moças foram deitar-se, sentou-se junto ao fogão, pensativa, sem falar e com um ar aborrecido. Quando o relógio deu nove horas e Jo propôs irem-se deitar, Meg deixou a cadeira arrebatadamente e, ficando no tamborete de Beth, recostou a cabeça nos joelhos da mãe, dizendo corajosa:

— Mamãezinha, preciso confessar-me.

— Já o sabia, minha filha.

— Devo retirar-me? — perguntou Jo discretamente.

— Absolutamente! Não costumo contar-lhe sempre tudo? Fiquei com vergonha de falar diante das crianças, mas é preciso que a senhora saiba de todas as coisas terríveis que eu fiz, em casa dos Moffat.

— Estamos preparadas — disse a sra. March a sorrir, mas um tanto ansiosa, também.

— Conte que as moças me vestiram, mas não revelei que me empoaram e espartilharam e frisaram — enfim, puseram-me como se eu fosse uma pintura da moda. Laurie achou-me inconvenientemente trajada; não o disse, mas compreendi; um homem chamou-me de “boneca”. Reconheci que fora tola,

porém elas lisonjeavam-me, dizendo que eu estava “uma belezinha” e uma porção de tolices, e assim consenti que fizessem de mim uma doidinha.

— Só isso? — perguntou Jo, enquanto a sra. March fitava a cabeça inclinada de sua linda filha sem achar em que censurar as suas pequeninas maluquices.

— Não; bebi champanha, diverti-me adoidadamente, procurei namorar, tornei-me completamente sem juízo — disse Meg, num tom de quem se censura a si mesma.

— Isso já foi alguma coisa mais, creio eu — e a sra. March passou meigamente a mão no rosto macio da filha, que corou e respondeu devagar:

— Sim, fui muito louca, mas preciso contar tudo, pois não gosto de que os outros falem e pensem certas coisas sobre nós e Laurie.

E narrou os fragmentos de conversa que ouvira em casa dos Moffat; e, enquanto falava, Jo viu que a mãe apertava fortemente os lábios um contra o outro, como aborrecidíssima, por terem feito a inocente da Meg ouvir tais coisas.

— Se isso não é a maior indignidade que eu ouvi... — exclamou Jo revoltada. — Por que você não protestou na hora?

— Não era possível, eu ficaria em posição embaraçosa. Primeiro, não podia deixar de ouvir e, depois, fiquei tão indignada e vexada que não me lembrei de que deveria sair imediatamente do meu lugar.

— Deixe-me encontrar com Annie Moffat que lhe mostrarei como resolvo isso. Essa ideia de ter “planos” e de sermos atenciosas com Laurie por ele ser rico, e para casar com uma de nós! Como ele vai rir-se, quando eu contar as coisas estúpidas que disseram! — e Jo ria-se, como se, depois da primeira impressão, achasse até engraçado.

— Se você contar a Laurie, nunca lho perdoarei! Laurie não deve saber, não acha, mamãe? — perguntou Meg aflita.

— Não; jamais repitam essa conversa tola e esqueçam-na o mais prestes possível — disse com gravidade a sra. March. — Fui muito insensata por deixar você hospedar-se com pessoas que conheço tão pouco; podem ser boas de intenção, mas são muito mundanas, mal educadas e repletas de ideias vulgares sobre os moços. Estou mais contrariada do que pareço, pensando no mal que tal visita lhe possa ter causado, Meg.

— Não fique aborrecida; não me prejudiquei com isso; esquecerei tudo quanto é ruim, recordando-me somente do que é bom, pois me diverti muito e agradeço-lhe sinceramente ter-me dado licença para ir. Não ficarei ressentida nem descontente, mamãe; sei que sou uma tola e ficarei por isso a seu lado até ter aprendido a velar por mim mesma. Mas é agradável ser elogiada e admirada e não posso deixar de dizer que isso me deu prazer — disse Meg, meio envergonhada com a confissão.

— É perfeitamente natural e mesmo inofensivo, desde que não se torne uma paixão levando uma pessoa a praticar atos desvairados ou impróprios de uma moça. Aprenda a conhecer e a prezar o elogio digno deste nome e a provocar a admiração dos bons, procurando ser tão modesta quanto bonita Meg.

Margaret sentou-se por alguns momentos a pensar, ao passo que Jo permanecia atrás dela, com as mãos no espaldar da cadeira da mesma, interessada e um tanto perplexa; era uma novidade ver Meg corar e conversar sobre admiração, namorados e coisas parecidas, parecendo a Jo que durante aquela quinzena a irmã havia crescido espantosamente e penetrava em um mundo aonde ela não a poderia seguir.

— Mamãe, a senhora tem “planos”, como disse a sra. Moffat? — perguntou Meg um tanto envergonhada.

— Sim, meu bem, tenho muitos, como todas as mães; diferem, no entanto, dos que ela suspeitou. Contar-lhe-ei alguns deles, pois creio que chegou a ocasião de fazer com que essa cabecinha romântica se preocupe com alguma coisa séria. Você é jovem, Meg; não é, porém, jovem demais para compreender, e os lábios de uma mãe são os únicos capazes de dizerem tais coisas a uma moça como você. Jo, a sua

vez também virá: assim, escutem os meus “planos”, ajudando-me a pô-los em prática, se forem bons.

Jo sentou-se num dos braços da poltrona, com o ar de quem vai tomar parte de uma reunião para tratar de assuntos importantes. Segurando uma das mãos de cada filha, a sra. March observava carinhosamente os dois semblantes, dizendo com o seu modo sério e jovial ao mesmo tempo:

— Quero que minhas filhas sejam belas, bem educadas e boas; que sejam admiradas, amadas e respeitadas; que tenham unia mocidade feliz, façam um bom casamento e tenham uma vida útil e venturosa, tendo apenas os cuidados e tristezas que Deus for servido dispensar-lhes. Ser escolhida e amada por um homem digno é a coisa melhor e mais suave que possa desejar uma mulher; e eu tenho sincera esperança de que minhas filhas hão de conhecer este prazer. É muito natural pensar nele, Meg; muito conveniente aguardá-lo e muito prudente prepará-lo; assim, quando chegar esse tempo feliz, você poderá sentir-se apta para cumprir os seus deveres e pronta para a felicidade. Minhas filhas queridas, eu tenho ambições; não, porém, de fazer de vocês um joguete do mundo, casando-as com homens ricos meramente porque são ricos, para terem palácios esplêndidos que não são lares, porque lhes faltará o amor. O dinheiro e coisa necessária e preciosa — e, quando bem empregado, um metal nobre — porém jamais desejo que o julguem o primeiro ou o único bem a procurar. Prefiro vê-las esposas de homens pobres, mas felizes, amadas, satisfeitas, a vê-las em tronos de rainhas, mas degradadas a seus próprios olhos e sem paz de espírito.

— Belle diz que as moças pobres não acham casamento se não se esforçarem para isso — disse Meg suspirando.

— Então ficaremos todas solteironas — replicou Jo com firmeza.

— Justamente, Jo; é preferível ser uma solteirona velha e feliz a uma esposa desgraçada ou moça desenvolta à caça de um marido — afirmou a sra. March. — Não se aborreça, Meg; a pobreza raras vezes afugenta ao homem que ama com sinceridade. Algumas das mulheres mais felizes e mais honradas que conheço foram moças pobres, porém tão dignas de ser amadas que não ficaram solteironas. Deixem estas coisas para o tempo oportuno; tornem este lar feliz para que aprendam a criar a felicidade de seu próprio lar, se o conseguirem ter; ou contentem-se com este, se não conseguirem outro. Lembrem-se sempre de uma coisa: a mãe está sempre pronta para ser a confidente e, o pai, para ser amigo dos filhos; ambos nós cremos e esperamos que nossas filhas, quer solteiras, quer casadas, hão de ser o orgulho e o conforto da nossa vida.

— Havemos de o ser, mamãe, havemos de o ser! — exclamaram ambas no íntimo da alma, enquanto a mãe lhes dava as boas-noites.

X

O C.P. e a A.P.

Quando chegou a primavera, novas espécies de divertimentos foram adotadas, e os compridos dias proporcionavam longos serões para trabalhos e distrações variadas. O jardim havia sido arranjado, tendo cada irmã um pedaço do pequeno chão por sua conta para cuidar dele como lhe agradasse.

Hannah costumava dizer que, mesmo se visse os jardins da China, reconheceria logo de quem eram, pois os gostos das meninas diferiam tanto como seus caracteres. O jardim de Meg possuía rosas e heliotrópios, mirtos, e uma pequena laranjeira no centro. O canteiro de Jo não ficava duas estações da mesma forma; ela estava sempre a fazer novas experiências; naquele ano, seria uma plantação de girassóis, para dar as sementes à galinha e aos pintos. Beth tinha flores fragrantes e antigas em seu jardim: ervilhas-de-cheiro e resedás, defíneas, cravos, amores-perfeitos, artemísias, além de orelhas-de-rato para os passarinhos, a erva-de-gato para os bichanos. Amy formara no seu canteiro um caramanchão de madressilvas e ipomeias, suspensas em graciosas grinaldas sobre o jardim; tinha lírios esgalgados e brancos; fetos delicados e uma infinidade de plantas vistosas, tantas quantas era possível florescer naquele lugar.

Jardinagem, passeios, excursões ao rio ou a procurar flores silvestres, enchiam os dias de sol; nos chuvosos tinham as diversões caseiras, umas antigas, outras modernas, todas mais ou menos originais. Uma delas era o “C. P.”; estando na moda as sociedades secretas, julgaram conveniente ter a sua, e, como todas as meninas admiravam Dickens, deram-lhe o nome de “Clube Pickwick”. Mantiveram-no por um ano, com pequenas interrupções, reunindo-se todos os sábados à noite no grande sótão. Neste lugar procedia-se ao seguinte cerimonial: colocavam três cadeiras em fila, diante de uma mesa onde havia um lampião e quatro emblemas brancos, com um grande “C. P.”, em cada um, de cores diferentes, e a folha hebdomadária, chamada “Gazeta do Clube Pickwick” para o qual cada uma contribuía com alguma coisa; Jo, que se deliciava tendo a pena na mão, era a redatora. Às sete horas, as quatro sócias subiam à sala das reuniões do clube, amarravam os emblemas ao redor da cabeça e sentavam-se com grande solenidade. Meg, sendo a mais velha, era Samuel Pickwick; Jo, que tinha inclinações literárias, era Augustus Snodgrass; Beth, por ser gorda e corada, Tracy Tupman; e Amy, que vivia a tentar fazer o que não podia, era Nataniel Winkle. Pickwick, o presidente, lia o jornal, cheio de contos inéditos, versos, notícias locais, avisos humorísticos, indiretas com que recordavam jovialmente os defeitos umas das outras.

Em uma ocasião, o sr. Pickwick pôs uns óculos sem vidros, bateu na mesa e, depois de olhar severamente para o sr. Snodgrass, que estava a inclinar para trás a cadeira, preparou-se solenemente para ler e começou em seguida:



GAZETA DO CLUBE PICKWICK

20 de maio de 18. . .

ODE ANIVERSÁRIA

Embora esteja constipado, gostamos de ouvi-lo falar, pois, apesar de sua voz desafinada e rouca, diz-nos coisas cheias de sapiência.

Eis-nos de novo reunidos, para celebrarmos, com os emblemas e ritual solene, o quinquagésimo segundo aniversário do Clube Pickwick, no salão de sua sede.

O velho Snodgrass, de nove palmos de altura e de cabelos negros, sobressai em nosso grupo com sua graça elefantina e ar jovial.

Estamos todos com saúde; nenhum dos de nosso grupinho morreu; vemos de novo rostos muito conhecidos e apertamo-nos cordialmente as mãos.

Em seus olhos brilha a inspiração poética; luta contra os reveses da sorte; vê-se na frente a ambição pintada, e, no nariz, um borrão de tinta!

Saudamos com reverência nosso Pickwick que, em seu lugar, de óculos acavalados no nariz, lê nosso bem colaborado jornalzinho semanal.

Depois vem nosso pacífico Tupman, corado, gorducho e delicado, que costuma cair da cadeira e matar a gente de riso com seus trocadilhos.

Também o pequenino e afetado Winkle aqui se acha, com a cabeleira em seu lugar, sempre um modelo de asseio, embora não goste de lavar o rosto.

Findou-se o ano, mas ainda continuamos unidos para rir, gracejar e ler, prosseguindo na trilha literária que conduz à glória.

Prosperem nosso jornal, continue de pé nosso clube e derramem os anos vindouros suas bênçãos sobre o útil e alegre Clube Pickwick.



O CASAMENTO COM MÁSCARAS

(Conto veneziano)

Gôndola após gôndola acostava-se aos marmóreos degraus, deixando sua preciosa carga que ia aumentar a brilhante multidão que enchia os majestosos salões do Conde de Adelon.

Cavaleiros e damas, elfos e pajens, monges e moças caracterizados de flores, todos dançavam alegremente. Vozes suaves e maviosas enchiam os ares; e, entre a alegria e a música, a cena teve início.

— Vossa Alteza viu lady Violeta esta noite? — perguntou um galante trovador à rainha das fadas, que adejava pelo salão apoiada a seu braço.

— Sim; ela não é simpática, embora seja muito melancólica. Seu vestido está muito lindo e rico; dentro de uma semana, desposará o conde Antônio, a quem detesta extraordinariamente.

— Por minha fé que o invejo! Ali vem ele, parecendo em tudo um noivo, exceto com aquela máscara negra. Quando a tirar, veremos como fitará a linda noiva cujo coração não consegue conquistar, embora

seu severo pai lhe conceda a mão da mesma — replicou o trovador.

— Sussurram por aí que ela ama o jovem artista inglês que lhe costuma passar pela porta, mas que é maltratado pelo velho conde — disse a dama, ao começarem a dançar.

A folia estava no auge quando apareceu um sacerdote que levando o jovem par a uma alcova decorada com veludo purpúreo, os fez ajoelhar aí. Pairou breve silêncio sobre a alegre multidão; nada mais se ouvia do que o marulhar das fontes e o sussurro dos laranjais adormecidos ao luar, quando o conde de Adelon assim falou:

— Cavalheiros e damas; perdoai-me o ardil de que me servi para reunir-vos aqui a fim de testemunhardes o casamento de minha filha. Padre, aguardamos vossos serviços.

Todos os olhares se cravaram nos dois noivos e um burburinho de espanto percorreu a multidão, pois nem o noivo e nem a noiva retiraram as máscaras. A curiosidade e o assombro possuíam todos os corações, porém o respeito refreou as línguas até findar a cerimônia sagrada. Depois disso, os espectadores ansiosos rodearam o conde, pedindo-lhe explicações.

— Daria com a melhor vontade, se pudesse; somente sei, porém, que foi capricho da minha tímida Violeta e que consenti nele. Agora, meus filhos, terminemos a peça. Tirem as máscaras, e recebam minha bênção.

Nenhum deles, contudo, dobrou o joelho; e o jovem noivo, ao cair-lhe a máscara, deixou ver o rosto de Ferdinand Devereux, o artista amante, em cujo peito, onde rutilava a estrela de um conde inglês, se reclinava a cabeça da adorável Violeta, ofuscante de alegria e de beleza.

— Senhor, vós proibistes desdenhosamente que eu aspirasse à mão de vossa filha, embora pudesse jactar-me de um nome tão ilustre e de uma fortuna tão sólida como a do conde Antônio. Tomo-lhe, porém, vantagem e vossa alma ambiciosa não poderá recusar o conde de Devereux e do Veie, visto que ele concede seu antigo nome e sua riqueza sem limites a troco da mão querida desta bela dama, agora minha esposa.

O conde ficou como que petrificado; e, voltando-se para a multidão atônita, Ferdinand acrescentou com um sorriso de triunfo:

— E para vós, meus nobres amigos, só posso desejar que vossos amores finalizem como o meu o que todos possais obter uma noiva tão bela como consegui neste casamento com máscaras.

S. Pickwick



Em que se assemelha o C. P. com a Torre de Babel?
Em que os seus sócios não se entendem uns aos outros.



HISTÓRIA DE UMA ABÓBORA

Era uma vez um hortelão que plantou uma sementinha em sua horta. Passado algum tempo, ela desenvolveu-se e transformou-se em uma abóboreira. Um dia, em outubro, quando as abóboras estavam maduras, ele apanhou uma e levou-a ao mercado. Um merceeiro comprou-a e a pôs na sua venda. Naquela mesma manhã, uma menina de chapeuzinho pardo e vestido azul, com uma cara redonda e um nariz muito chato, comprou-a para sua mãe. Carregou-a para casa, cortou-a em pedaços e cozinhou-a em uma grande panela. Preparou um pedaço com sal e manteiga para o jantar; e ao outro pedaço juntou um pouco de leite, dois ovos, quatro colheres de açúcar, noz-moscada e uns biscoitos, pôs numa travessa funda, cozendo-o até que ficasse escuro e bonito; no dia seguinte foi comido por uma família chamada March.

T. Tupman



Senhor Pickwick:

Dirijo-me ao senhor por causa de um pecado, o pecador em questão é um homem chamado Winkle que perturba o clube às vezes com suas risadas e não escreve nada para este jornal, espero que o senhor lhe perdoará seus defeitos e consentirá que ele mande uma fábula francesa, porque não pode escrever nada “de sua cabeça” por ter muitas lições e não ter “miolos”. Futuramente eu procurarei arranjar tempo e preparar algum trabalho que será completo, o que significa muito bom eu estou com pressa porque é hora de aula.

Muito respeitosamente N. Winkle

(O trecho acima é uma confissão sincera e respeitável de mau procedimento anterior. Se nosso jovem amigo soubesse pontuar as frases, tudo estaria bom).



LAMENTÁVEL ACIDENTE

Sexta-feira passada, ficamos assustadíssimos por um violento abalo no porão, seguido de gritos de angústia. Correndo todos à adega, encontramos nosso querido presidente prostrado no solo, pois havia tropeçado e caído quando carregava lenha para fins domésticos. Apresentava-se a nossos olhos um quadro atrozmente horrível, porque o sr. Pickwick caíra com a cabeça e os ombros em uma tina de água, derribando um barrilete de decoada sobre seu corpo varonil e rasgando a roupa toda.

Ao se retirar daquela tina, verificou-se que não apresentava ferimentos, a não ser ligeiras machucaduras. E temos o prazer de comunicar que agora está passando bem.

Ed. . .



PERDA NACIONAL

Cumprimos o doloroso dever de participar o súbito e misterioso desaparecimento de nossa querida amiga, Madame Bola-de-neve. Esta simpática e estimável gatinha gozava da predileção de um vasto círculo de admiradores entusiastas, pois sua beleza atraía os olhares, e suas graças e virtudes a tornavam querida de todos, sendo sua perda profunda e geralmente lamentada.

Foi vista pela última vez sentada ao portão, observando a carroça do açougueiro; receamos que algum vilão, seduzido por seus encantos, a roubasse. Já se passaram várias semanas sem se descobrirem vestígios dela; e nós, tendo perdido todas as esperanças, pusemos uma fita preta no cesto onde dormia, retirando seu prato do lugar e choramo-la como a alguém perdido para sempre.

Acompanhando-nos em nossa dor, um amigo enviou-nos a seguinte joia literária:

LAMENTAÇÕES

A Madame Bola-de-neve

Choramos a perda da nossa gatinha predileta, lamentando nossa infelicidade, pois nunca mais a veremos sentada junto ao fogo ou a brincar perto do velho portão verde. A pequenina campã onde jaz seu filho fica sob o castanheiro; sobre o túmulo dela, porém, não podemos ir chorar, pois não sabemos em que lugar está situado. O leito vazio, a abandonada bola com que brincava, nunca mais a verã; nem se ouvirã mais, à porta da sala, seu arranhar gracioso e seu ronronar amigo. Veio outra gata atrás dos seus camundongos; é uma gata de cara suja, e não caça como a saudosa desaparecida nem tem a mesma graça quando brinca. Suas patinhas percorrem sem rumor a mesma sala onde Bola-de-neve costumava brincar; esta, porém, limita-se a “cuspir” nos cachorros, ao passo que Bola-de-neve fugia graciosamente. É útil e meiga e procura cumprir o seu dever, mas não é bonita; e não lhe podemos dar o seu lugar, querida gatinha, nem adorá-la como sempre adoramos a você.

A.S.



NOTÍCIAS

Miss ORANTHY BLUGGAGE, a famosa conferencista, fará sua magnífica conferência “A Mulher e sua Posição Social”, no salão do Clube Pickwick, na noite do próximo sábado, após a reunião ordinária.

Realizar-se-á nova reunião semanal, na Praça da Cozinha, para ensinar as moças a cozinhar. Servirá de presidente Hannah Brown. Convidam-se todos, em geral.

A Sociedade “Pá do Lixo” reunir-se-á quinta-feira próxima, fazendo uma parada no andar superior do edifício do Clube. Todos os sócios deverão ir de uniforme e de vassoura ao ombro, às nove horas em

ponto.

A sra. Beth exporá na próxima semana seu novo sortimento, na Casa de Modas para Bonecas. Recebeu as últimas novidades parisienses, aguardando as prezadas ordens de sua clientela.

Uma nova peça surgirá no cartaz do Teatro Barnville, dentro em poucas semanas, a qual se avantajará a todas as peças já encenadas nos palcos americanos. “O Escravo Grego, ou Constantino, o Vingador” é o nome desse emocionante drama.!!



AVISOS

Se S. P. não passasse tanto sabonete nas mãos, não chegaria sempre atrasado para o almoço.

Pede-se a A. S. o favor de não assobiar na rua.

É favor T. T. não se esquecer do guardanapo de Amy.

N. W. não deve afligir-se por não ter seu vestido nove babados.



BOLETIM SEMANAL

Meg • nota boa

Jo • má

Beth • ótima

Amy • regular



Quando o Presidente terminou a leitura do jornal (sobre este peço permissão para assegurar aos meus leitores que é uma cópia *bona fide* tirada por moças também bona fide) soaram aplausos e em seguida o sr. Snodgrass levantou-se para fazer uma proposta.

— Sr. Presidente e srs. consócios — começou assumindo atitude e ar parlamentares — desejo propor a admissão de um novo membro: é uma pessoa que merece altamente essa honra, ficará profundamente grata por ela, será de grande utilidade para este clube, dará realce ao valor literário deste jornal, enfim, só teremos, com isso, motivos de grande contentamento. Proponho o sr. Theodore Laurence para sócio honorário do C. P. Tenho dito. Vamos! Votem para ele entrar!

A súbita mudança de tom do orador fez rir as irmãs; todas, porém, pareciam indecisas, tanto que ninguém disse palavra quando Snodgrass se sentou.

— Vou submeter a proposta a votação — disse o presidente. — Os que lhe forem favoráveis, queiram responder “Sim”.

Ouviu-se uma afirmativa estrondosa de Snodgrass, acompanhada, para surpresa de todos, por outra, tímida, de Beth.

— Os que forem contrários digam “Não”.

Meg e Amy eram contrárias; e o sr. Winkle levantou-se para dizer, com grande elegância:

— Nós não precisamos de rapazes; eles só servem para caçar e para anarquizar tudo. Este clube é uma sociedade de moças, e desejamos que seja íntimo e correto.

— Receio que ele se ria do nosso jornal e faça depois troça de nós — observou Pickwick, repuxando um pequeno cacho da testa, costume que tinha quando estava embaraçado.

Levantou-se Snodgrass impetuosamente, muito exaltado:

— Senhor! Dou a minha palavra de cavalheiro de que Laurie nada disso fará. Ele gosta de escrever e dará mais realce à colaboração e impedirá, também, que sejamos sentimentais, não acham? Pouco podemos fazer por ele, ao passo que o mesmo faz tanto por nós; julgo que é razoável oferecer-lhe um lugar aqui, recebendo-o bem, se ele vier.

Esta hábil alusão aos benefícios prestados convenceu Tupman, que se levantou para falar.

— Sim, devemos admiti-lo, embora estejamos receosas. Acho que ele pode vir, e seu vovô também, se quiser.

Esta resolução de Beth eletrizou a assembleia; Jo levantou-se do lugar para apertar-lhe a mão, em sinal de solidariedade.

— Então vamos votar de novo. Lembrem-se todos de que é o nosso Laurie e digam “Sim”! — exclamou Snodgrass, animadamente.

— Sim! Sim! Sim! — responderam três vozes de uma só vez.

— Muito bem! Muito bem! E agora, para não perdermos tempo, permitam-me que lhes apresente o novo sócio. — e, com espanto das mais sócias, Jo abriu a porta de um quarto escuro e mostrou Laurie sentado em um saco de trapos, de rosto vermelho, a piscar e a querer rir sem poder.

— Velhaca! Traidora! Jo, como foi você fazer isso? — exclamavam as três irmãs, enquanto Snodgrass trazia triunfalmente o seu amigo para a sala e, apresentando-lhe uma cadeira e um emblema, o empousava, num ápice.

— A calma de vocês dois, srs. patifes, é espantosa — disse o sr. Pickwick, procurando fazer uma carranca horrível, mas somente conseguindo ter um sorriso amável. O novo membro, porém, estava a par das circunstâncias, pois, levantando-se, fez uma graciosa saudação, disse no mais afável dos tons:

— Sr. Presidente e minhas senhoras... Perdão! Meus senhores... permitam-me apresentar-me como Sam Weller, o muito humilde criado do clube.

— Muito bem! — exclamou Jo, batendo na mesa com a tampa de uma caçarola.

— Meu fiel amigo e nobre patrão — continuou Laurie — que tão lisonjeiramente me apresentou, não deve ser censurado pelo estratagema desta noite. Fui eu quem o planejou, e ele apenas consentiu após grande relutância.

— Ora, não ponha em si mesmo toda a culpa. Sabe que eu até propus esconder-se no armário — interrompeu Snodgrass, que estava gostando muito do logro.

— Não façam caso do que ela diz. Fui eu o culpado de tudo — disse o novo sócio a Pickwick, com um gesto à moda de Weller — Mas, por minha honra, nunca mais farei tal coisa e doravante dedicar-me-ei inteiramente ao interesse deste clube imortal.

— Bravos! Bravos! — exclamava Jo, batendo na tampa da caçarola, como se fosse um címbalo.

— Continue, continue! — disseram Winkle e Tupman, enquanto o presidente sacudia a cabeça em

sinal de aprovação.

— Desejo dizer simplesmente que, como prova de minha gratidão pela honra que me concederam e como meio de estreitar as relações amigas entre duas nações limítrofes, instalei uma agência postal na sebe, no canto mais baixo do jardim: um belo e espaçoso edifício com cadeado na porta e todas as acomodações para as malas. É uma velha casa de andorinhas: mas eu mandei abrir mais a portinha e fazer uma fenda na cobertura podendo assim conter muita coisa e economizando nosso precioso tempo. Cartas, manuscritos, livros e pacotes podem passar pela abertura; e, como cada nação terá sua chave, ficará muito bom, segundo penso. Permitam-me que lhes entregue a chave da agência; e, com muitos agradecimentos pelo favor, vou sentar-me.

Ruidosos aplausos soaram, quando o sr. Weller colocou uma chavinha na mesa; em seguida extinguiram-se; a tampa da caçarola ressoava e agitava-se no ar, selvaticamente, e foi difícil restabelecer a ordem. Seguiu-se uma longa discussão; cada qual falava mais, de sorte que a reunião correu animadíssima, só terminando bem tarde, com três entusiásticos vivas ao novo sócio.

Ninguém teve algum dia motivo de arrepender-se da admissão de Sam Weller; não poderia haver sócio mais dedicado, bem comportado e jovial do que ele. Dava calor às assembleias e graça ao jornal, pois seus discursos provocavam discussões e suas produções eram excelentes: patrióticas, clássicas, cômicas ou dramáticas, nunca, porém, sentimentais. Jo via nele um êmulo digno de Bacon, de Milton, de Shakespeare; e, na opinião da mesma, melhorava, remodelando-os, os próprios trabalhos dela.

A “A. P.” (agência postal) era uma pequenina instituição importante, que se desenvolveu espantosamente; passaram por ela quase tantas coisas disparatadas como as que passam pelo verdadeiro correio. Tragédias e gravatas, poesias e conservas, sementes de flor e longas missivas, músicas e pães doces, borrachas, convites, ralhos e cachorrinhos. O velho sr. Laurence gostou da brincadeira e divertia-se mandando pacotes esquisitos, mensagens misteriosas e engraçados telegramas; e o jardineiro, que estava abrasado pelos encantos de Hannah, enviou-lhe uma carta de amor aos cuidados de Jo. Como se riram eles quando foi descoberto este segredo — sem prever, nem por sonhos, quantas cartas de amor transitariam, no futuro, por aquele pequenino correio!

XI

Experiências

— Primeiro de junho; os King vão para beira-mar amanhã, e eu fico livre! Três meses de férias! Como vou divertir-me! — exclamava Meg, entrando em casa num dia cálido, e encontrando Jo estirada no sofá, num estado incomum de exaustão, enquanto Beth lhe tirava os sapatos empoeirados e Amy fazia limonadas para refrescar o bando todo.

— Tia March foi-se hoje, por isso acho-me radiante! — disse Jo — Estava morrendo de medo de que ela me pedisse que a acompanhasse; se o fizesse, era preciso atender; e Plumfield é tão alegre como um cemitério, sabem disso, e eu preferia bem ser dispensada. Estávamos loucas para que a velha partisse e eu receava a todo o instante que ela me falasse e convidasse, pois, na alegria de vê-la pelas costas, tornara-me atenciosa e serviçal em extremo, e temia que a mesma achasse impossível separar-se de mim. Temi até que a vi na carruagem, e tive ainda um susto final, porque, ao partir, pôs a cabeça de fora, dizendo: “— Josephine, você não que...?” Não ouvi o resto, porque vergonhosamente corri até a esquina, onde me senti então a salvo.

— Pobre Jo! Chegou aqui como se estivesse perseguida por ursos — disse Beth, afagando os pés da irmã com um carinho maternal.

— Tia March é um verdadeiro lampiro, não? — disse Amy procurando a bebida.

— Não é lampiro, e, sim, vampiro — murmurou Jo — Afinal, com este calor, o melhor é a gente não se incomodar com erros de linguagem.

— Ficarei deitada até tarde e não farei nada, — respondeu Meg, das profundezas da cadeira de balanço. — Durante todo o inverno, levantei-me cedo e passei os dias trabalhando para os outros; agora vou descansar e divertir-me quanto puder.

— Hum! — disse Jo — dormir assim não me agrada. Separei uma pilha de livros e vou empregar as minhas horas lendo empoleirada na velha macieira, quando não estiver a ouvir coto...

— Não são cotovias! — disse Amy, vingando-se da correção do “vampiro”.

— Direi então “rouxinóis”, como Laurie; é mais bonito e mais próprio, pois me parece que são esses os cantores.

— Paremos com as lições, Beth, durante esse tempo: aproveitemos estes dias para brincar e descansar, como vão fazer as outras — propôs Amy.

— Sim, se mamãe não se importar. Preciso aprender algumas canções novas e as minhas filhinhas precisam de preparar-se para o verão; estão horivelmente desarranjadas e necessitando muito de roupas.

— Consente, mamãe? — perguntou Meg, volvendo-se para a sra. March, que cosia sentada no lugar que elas denominavam “o cantinho da mamãe”.

— Podem fazer a experiência uma semana para ver se gostam. Penso que sábado à noite estarão convencidas de que brincar sem trabalhar é tão desagradável como trabalhar sem brincar.

— Oh, mamãe querida, é impossível! Estou certa de que será delicioso — disse Meg satisfeita.

— Proponho agora um brinde, como diz “minha amiga e colega Sairy Gamp”. Contínua alegria e nada de canseiras! — exclamou Jo, levantando-se, de copo na mão, passando para diante a limonada que volteou a sala.

Beberam todas alegremente e a experiência começou, com vadiação pelo resto do dia.

Na manhã seguinte, Meg não apareceu até às dez horas; seu almoço solitário foi-lhe desagradável, e a sala parecia deserta e desarranjada; Jo não havia posto água nas vasilhas. Beth não espanara o pó e os livros de Amy jaziam espalhados por toda parte. Nada estava limpo nem arranjado, a não ser “o cantinho da mamãe”, que parecia como sempre; e Meg se sentou no mesmo “para descansar e ler”, o que significa bocejar e pensar nos belos vestidos de verão que poderia comprar com o seu ordenado. Jo passou a manhã no rio com Laurie e a tarde lendo e recitando a gritar “O imenso, o imenso mundo” no alto da macieira. Beth começou a pôr ordem no grande cômodo onde morava a sua “família”; sentindo-se, porém, cansada antes de terminar, deixou o mesmo em maior desarranjo e foi tocar piano, regozijando-se por não ter pratos para lavar. Amy limpou o seu caramanchão, pôs o melhor vestido branco, penteou os cachos e sentou-se a desenhar sob as madressilvas na esperança de que alguém a visse e procurasse saber quem era aquela pequena artista. Como não aparecesse ninguém, a não ser uma aranha curiosa, que examinou seu trabalho com interesse, foi passear, tomou chuva e voltou para casa com a roupa encharcada.

À hora do chá compararam impressões, tendo todas concordado que havia sido um dia delicioso, conquanto excessivamente longo. Meg, que fora fazer compras à tarde, e comprara linda musselina azul-clara, havia descoberto, já depois de cortar o pano, que o tecido não era lavável, o que a pôs levemente contrariada. Jo havia tostado a pele do nariz a passear de barco e ficara com terrível dor de cabeça por ter lido demais. Beth estava aborrecida pela confusão existente no seu gabinete e pela dificuldade que encontrara em aprender de pronto três ou quatro canções. Amy, por sua vez, lastimava os estragos produzidos em seu vestido, pois a reunião de Katy Brown seria no dia seguinte e agora, como Flora McFlimsy, “nada tinha para vestir”. Eram, porém, coisinhas sem importância e elas asseguraram à mãe que a experiência corria admiravelmente bem. Esta sorriu, nada disse e, com o auxílio de Hannah, fez os serviços esquecidos, tornando a casa alegre e fazendo o mecanismo doméstico funcionar.

Era espantoso como o processo de “descansar e folgar” produzia um desagradável estado de coisas. Os dias pareciam cada vez maiores; o tempo andava muito variável e, com ele, os gênios; os espíritos tornavam-se irrequietos e Satã encontrava enorme quantidade de coisas más para aquelas mãos ociosas. No auge da mania do luxo, Meg estragou algumas de suas costuras, cortando e perdendo os seus vestidos, em vãs tentativas de transformá-los “à la Moffat”. Jo lia a ponto de cansar a vista e aborrecer os livros; tornou-se tão rabugenta que o próprio Laurie, sempre de bom-humor, teve uma briga com ela, e tão nervosa ficou que chegava a lamentar não ter ido com a tia March.

Beth continuava muito bem, pois se esquecia constantemente de que o lema era “brincar muito, trabalhar nada” e voltava à sua vida antiga, de vez em vez; alguma coisa porém, no ambiente, a aborrecia e mais de uma vez sentiu perturbada sua tranquilidade, tanto que, uma vez, deu um safanão em sua pobre Joana aleijadinha, dizendo-lhe que ela era “um estafermo”.

Amy estava pior do que todas, porque os recursos de que dispunha eram pequenos; e, quando as manas deixavam que se distraísse sozinha e cuidasse de si, achava em pouco que aquela independência era um pesadíssimo fardo. Não gostava de bonecas; achava os contos de fadas pueris e não podia estar a desenhar toda a vida. Os chás sociais e os piqueniques não eram muitos.

— Se a gente tivesse uma bela casa, cheia de moças amáveis ou pudesse viajar, o verão seria delicioso; mas ficar em casa com três irmãs egoístas e um rapaz crescido é o suficiente para fazer perder a paciência de Booz. — queixou-se “mal à propos”, após vários dias dedicados ao prazer, à agitação e ao tédio.

Nenhuma confessava que estava cansada da experiência; na noite de sexta-feira, porém, cada qual reconhecia por si própria que se achavam contentes por avizinhar-se o fim da semana. Na esperança de gravar melhor a lição, a sra. March, que possuía muito tino, resolveu terminar a experiência de maneira apropriada e concedeu um dia de folga a Hannah, deixando que as moças gozassem o efeito completo do

sistema de recreação.

Pela manhã de sábado, não havia fogo na cozinha, nem almoço na sala de jantar, nem sabiam onde estava a mãe.

— Misericórdia! Que aconteceu? — exclamou Jo, procurando-a assustada.

Meg subiu correndo a escada, voltando logo depois, com expressão de alívio, embora com certo embaraço e vergonha.

— Mamãe não está doente, está somente cansada; ela disse-me que vai ficar em repouso no quarto todo o dia, deixando a nosso cargo fazer o que for possível. Isto é esquisito da parte dela, mas mamãe alega que teve uma semana muito trabalhosa, por isso não nos devemos queixar, mas tratarmos de nós mesmas.

— É muito fácil, e eu gosto da ideia; estou doida por fazer alguma coisa, isto é, por uma distração nova, compreende? — acrescentou Jo com vivacidade.

Realmente, foi grande alívio para todas ter alguma coisa para fazer e por isso deram-se ao trabalho com vontade, mas compreenderam logo a exatidão do dito de Hannah — “Tomar conta de casa não é brinquedo”. A despensa estava bem sortida e, enquanto Beth e Amy punham a mesa, Meg e Jo faziam o almoço, admirando-se de que as criadas achassem aquele serviço tão penoso.

— Vou levar alguma coisa para mamãe, conquanto tenha dito que não nos incomodássemos com ela, pois cuidaria de si mesma — disse Meg, à cabeceira da mesa, com um perfeito ar de matrona, atrás do bule de chá.

E, assim, antes de começarem a almoçar, foi preparada uma bandeja e levada ao andar superior, com os cumprimentos da cozinheira. O chá estava muito amargo, a omelete queimada e os biscoitos com excesso de bicarbonato; mas a sra. March recebeu o seu repasto com agradecimentos, rindo-se a não poder mais quando Jo se retirou.

— Pobrezinhas, vão ter um dia bem atribulado, creio eu; mas não sofrerão com isso e será uma boa lição — disse ela, servindo-se das iguarias, mais apetitosas, com que se havia munido e fazendo desaparecer da bandeja o mau almoço, para não melindrar os bons sentimentos das filhas — um pequeno engano da parte da mãe, engano que daria prazer a elas. Embaixo, muitas eram as queixas e grande o desapontamento da cozinheira-chefe pelo seu pouco êxito.

— Eu me encarrego do jantar, serei a criada: você servirá de dona de casa; conserve as mãos limpas, chame auxiliares e dê ordens — disse Jo, menos versada ainda que Meg em assuntos culinários.

Tão agradável oferecimento foi aceito da melhor vontade, e Margaret retirou-se para a sala de visitas que pôs em ordem rapidamente, jogando o cisco para debaixo do sofá e cerrando as gelosias para evitar o trabalho de espanar o pó. Jo, confiante no seu próprio valor e desejosa de pôr termo à sua briga com Laurie, mandou incontinenti um convite para este vir jantar com elas.

— Você deveria ver primeiro o que tem para oferecer, antes de pensar em fazer convites — disse Meg, ao saber de seu gesto cavalheiresco, mas um tanto temerário.

— Ora, temos carne-seca e grande quantidade de batatas; arranjarei alguns aspargos e uma lagosta “por luxo”, como costuma dizer Hannah. Temos alface para uma salada; não sei como se faz, mas o livro ensina. Para sobremesa, há manjar-branco e morangos; e, se desejarem brilhar, coaremos café, também.

— Não se meta a fazer muitos pratos, Jo, pois você só poderá conseguir pão doce e melaço para a refeição. Lavo as mãos em relação ao tal banquete; e, já que foi você quem, por sua alta recreação, convidou Laurie, assumo a responsabilidade desse ato.

— Não preciso que você faça coisa alguma, a não ser tratá-lo atenciosamente e auxiliar-me no pudim. Você me ensinará, se eu não souber fazê-lo? — perguntou Jo, meio agastada.

— Perfeitamente; mas não tenho grande prática, a não ser de fazer pão e algumas coisinhas triviais. Teria sido melhor você pedir a opinião de mamãe, antes de resolver qualquer coisa — replicou Meg prudentemente.

— Bem sei. Não sou louca! — e Jo retirou-se furiosa, por serem postas em dúvida suas aptidões.

— Faça o que quiser e não me aborreça; vou jantar fora e não posso preocupar-me com os negócios caseiros — replicou a sra. March quando Jo lhe foi falar — Hoje quero descansar, ter uma folga doméstica para ler, escrever, fazer visitas e distrair-me.

O espetáculo desacostumado de ver a mãe sempre diligente balouçar-se na grande cadeira de balanço a ler, durante a manhã, deu a Jo a impressão de ter ocorrido qualquer fenômeno extraordinário; um eclipse, um terremoto, uma erupção vulcânica não teriam sido mais estranhos.

Entrando na sala, Jo encontrou Beth soluçando ao lado de Pip, o seu canarinho, que jazia morto na gaiola com as patinhas comoventemente esticadas, como a implorar o alimento cuja falta lhe causara a morte.

— Foi culpa minha, eu me esqueci do pobrezinho... Não há nem um grão de alpiste, nem uma gotinha de água na gaiola... Oh, Pip, Pip! Como eu fui má para você! — exclamava Beth tomando-o nas mãos e procurando reanimá-lo.

Jo observou-lhe os olhinhos e abanou tristemente a cabeça, oferecendo sua caixinha de dominó para servir-lhe de esquite.

— Coloque-o no forninho, talvez ele se reanime com o calor — aconselhou Amy, esperançada.

— Ele morreu de fome e não quero que o assem depois de morto. Vou fazer-lhe uma mortalha e enterrá-lo numa cova; nunca mais quero outro passarinho, nunca, meu Pip! Fui muito má, muito — murmurava Beth, sentada no assoalho com o cadaverzinho nas mãos.

— O enterro será hoje de tarde e todas nós iremos. Ora, não chore, Bethzinha; é mesmo muito triste, mas tudo está correndo mal nesta semana e Pip foi uma das vítimas, a maior vítima das experiências. Faça a mortalha e ponha-o na minha caixinha; após o jantar, far-lhe-emos um lindo funeral — disse Jo.

E, deixando as outras a consolar Beth, foi-se para a cozinha que estava no mais deplorável estado de balbúrdia. Colocando um grande avental, começou a trabalhar empilhando os pratos para a lavagem, quando notou que o fogo se havia apagado.

— Muito bonito! — resmungou Jo, abrindo violentamente a portinha do fogão e atijando com vigor o fogo.

Conseguindo reacendê-lo, resolveu ir ao mercado enquanto a água fervia. O passeio fez-lhe bem; e, gabando-se de ter feito ótimos negócios, voltou para casa, depois de ter comprado uma linda lagosta fresca, alguns aspargos um tanto velhos e duas caixinhas de morangos azedos.

Chegou a casa à hora do jantar. O fogão estava aquecido ao rubro. Hannah deixara numa caçarola massa de pão para crescer. Meg cuidara da mesma cedo e a deixara junto à lareira para crescer mais, esquecendo-a nesse lugar. E estava a mencionada Meg a conversar com Sallie Gardiner, na sala de visitas, quando a porta súbito se escancarou e assomou no limiar uma figura rubra, descabelada, suja de farinha e de fuligem, a perguntar, gaguejando:

— A massa já está bem crescida quando começa a cair para os lados, sobre as outras vasilhas?

Sallie começou a rir; Meg, porém, acenou afirmativamente, erguendo as sobrancelhas o mais possível, o que teve como efeito fazer desvanecer-se aquela aparição, a qual, sem mais demora, foi pôr o pão fermentado no forninho.

A sra. March saiu depois de observar aqui e ali como iam as coisas e de dizer uma palavra de consolo a Beth, que, sentada, fazia uma mortalha, enquanto o querido morto jazia na caixa de dominó. Sobre aquelas cabecinhas pesou uma estranha sensação de desalento, quando seu chapéu cor de cinza desapareceu na primeira esquina; e o desespero se apossou delas quando, minutos mais tarde, miss Crocker chegou para jantar.

Era uma senhora magra, macilenta, solteirona, de nariz pontiagudo e olhos inquisidores, que via tudo e tagarelava sobre tudo quanto via. Antipatizavam com ela mas, como era velha e pobre e não tinha amigos, haviam aprendido a respeitá-la. tratando-a com bondade e carinho. Por isso, Meg deu-lhe a

poltrona, procurando entretê-la, ao passo que ela fazia perguntas, criticava tudo e caçoava de pessoas conhecidas.

A palavra não pode descrever a ansiedade, as amarguras, os esforços de Jo naquele dia; e o jantar que ela ofereceu tornou-se depois um motivo de constantes gracejos.

Temendo pedir mais conselhos, fê-lo sozinha, da melhor maneira que pôde, chegando à conclusão de que era preciso mais alguma coisa que energia e boa vontade para preparar um jantar. Cozeu os aspargos durante uma hora inteira, afligindo-se ao ver que as cabeças estavam queimadas e os talos duros como pedra. O pão, de torrado, ficara preto; absorveu-se tanto a preparar a salada, que se esqueceu de tudo o mais, convencendo-se, no fim, de que não tornaria aquela comestível.

A lagosta era um problema para ela, mas tanto lidou e mexeu que conseguiu tirar-lhe a casca, ficando, o pouco que restou da mesma, oculto em bosque de folhas de alface. Tinha que arranjar depressa as batatas, para não deixar os aspargos esperando, mas afinal, não foram preparadas. O creme havia talhado, os morangos eram menos maduros do que lhe pareceram mas, para remediar, resolveu pôr-lhes muito açúcar.

“Ora, podem comer carne com pão e manteiga, se tiverem fome; é lastimável, entretanto, ter gasto uma manhã inteira para não fazer coisa alguma” — refletiu Jo ao tocar a campainha meia hora mais tarde do que de costume, afogueada, abatida, cansada, fitando o banquete, oferecido a Laurie — habituado a todas as espécies de requintes — e miss Crocker, cujos olhos curiosos notariam certamente todos os defeitos e cuja língua indiscreta se encarregaria de contar tudo, por todos os recantos.

A pobre Jo ter-se-ia escondido de boa vontade sob a mesa, ao ver que os pratos, uns após outros, eram provados e rejeitados; Amy ria sem motivo, Meg parecia desesperada, miss Crocker franzira os lábios, Laurie, esse conversava e ria com todas as forças, para dar um tom folgazão àquela cena festiva. O prato de resistência de Jo eram as frutas, por ter-lhes posto muito açúcar e havia excelente creme para acompanhá-las. Suas faces abrasadas descoloriram-se um pouco, e sentia-se mais desopressa ao ver os lindos pratinhos de vidro rodear a mesa e todos olharem satisfeitos para as róseas ilhotas flutuantes num mar de creme.

Miss Crocker primeiro fez uma careta, e bebeu rapidamente um gole de água em seguida. Jo, que não tinha aceitado pensando que o doce poderia ser pouco, olhou para Laurie, mas este comia heroicamente, conquanto houvesse uma leve contração em seus lábios e conservasse os olhos cravados no prato. Amy, que possuía o gosto pelos pratos delicados, pôs à boca uma colherada cheia, mas engasgou, tapou a boca com o guardanapo e saiu precipitadamente da mesa.

— Que foi? — exclamou Jo, tremendo.

— Você pôs sal em vez de açúcar e, além disso, o creme está azedo — respondeu Meg com um gesto trágico.

Jo soltou um gemido e caiu na cadeira, lembrando-se de que havia pulverizado às pressas os morangos com um pó de uma das latas da mesa da cozinha e que se havia esquecido também de pôr o leite no refrigerador. Tornara-se escarlate e estava a ponto de chorar, quando encontrou os olhos de Laurie que se mostravam motejadores, apesar de todos os seus esforços para não rir; compreendeu então o lado cômico da cena e riu-se, riu-se a ponto de as lágrimas deslizarem-lhe pelas faces. Os restantes fizeram o mesmo, até a própria Crocker, a resmungona, como maldosamente as moças denominavam à velhota, e o infeliz jantar terminou alegremente com pão e manteiga, azeitonas e gracejos.

— Agora vamos ficar sérios para o funeral — disse Jo, ao levantarem-se; miss Crocker, porém, tratou de sair, ansiosa por descrever aquele jantar à mesa de outros conhecidos.

Ficaram sérios por amor de Beth; Laurie cavou uma pequena sepultura sob os fetos do bosque, onde o pequenino Pip foi depositado entre lágrimas pela sua inconsolável dona. Sobre a cova colocaram uma grinalda de violetas e ervas-de-pintos. Na pedra funerária se lia o epitáfio composto por Jo na hora em que estava às voltas com o jantar: “Aqui jaz o amado Pip March, falecido a 7 de junho. Foi amargamente

lamentada a sua perda. Tão cedo não será esquecido”.

Ao fim da cerimônia, Beth retirou-se para seu quarto, vencida pela emoção e pela lagosta; mas não pôde repousar, pois as camas estavam por fazer; e ela sentiu grande alívio à sua tristeza, batendo os travesseiros e pondo as coisas em ordem.

Meg ajudou Jo a tirar da mesa os restos do banquete, o que tomou parte da tarde, deixando-as tão cansadas que se contentaram no resto do dia com chá e torradas. Laurie levou Amy a passear de carro, o que foi uma obra de caridade, pois o creme azedo parecia ter-lhe azedado o gênio. A sra. March voltara, encontrando as três filhas mais velhas dedicando-se ao árduo trabalho da tarde; e, a um simples olhar pela sala, teve a intuição do que sucedera naquela parte das experiências.

Antes que as ilustres donas de casa pudessem descansar, vieram algumas visitas que as obrigaram a novos esforços. Quando caiu a tarde úmida e silenciosa, foram-se reunindo uma a uma no alpendre, onde floresciam, lindas, as rosas de junho — cada qual resmungando ou suspirando ao sentar-se, devido ao cansaço ou aborrecimento.

— Que dia horrível! — começou Jo, que era de costume a primeira a falar.

— Pareceu-me mais curto que os outros, mas tão aborrecido! — replicou Meg.

— Figurava-se que não era a nossa casa — ajuntou Amy.

— Sem mamãe e sem o pequeno Pip não parecia mesmo — suspirava Beth, fitando com olhos magoados a pequena gaiola suspensa sobre a sua cabeça.

— Aqui está mamãe, queridinha, e amanhã mesmo, se quiser, você terá novo passarinho.

E, assim dizendo, a sra. March tomou o seu lugar entre as meninas, com ares de quem tinha tido folga mais agradável que a delas.

— Estão satisfeitas com a experiência, minhas filhas, ou querem prolongá-la por mais uma semana?

— perguntou ela, enquanto Beth se aninhava a seu lado e as outras se voltavam para ela com os rostos radiantes, como flores voltadas para o lado do sol.

— Eu não quero! — exclamou firmemente Jo.

— Nem eu — disseram em coro as outras.

— Acham então que é melhor ter algumas obrigações a fazer e viver um pouco para os outros, não é?

— Vadiar não é coisa agradável! — observou Jo, abanando a cabeça. — Estou cansada disso e quero começar a fazer alguma coisa útil.

— Creio que você aprendeu a cozinhar muito bem; é um útil mister que todas as mulheres devem saber — disse a sra. March, rindo-se gostosamente à lembrança do jantar de Jo, pois tinha encontrado miss Crocker que lhe contara tudo.

— Mamãe! A senhora saiu de propósito, para ver como nos arranjaríamos! — exclamou Meg que suspeitara isso todo o dia.

— Sim; queria que vocês compreendessem que o conforto depende do fiel cumprimento do dever de cada qual. Enquanto Hannah e eu trabalhamos para vocês, acham-se muito bem, embora eu não julgue que sejam muito felizes; eu pensava, pois, que era preciso uma liçãozinha para demonstrar-lhes o que acontece quando a gente pensa egoisticamente em si só. Não sentiram que é mais agradável auxiliarem-se umas às outras, ter ocupações diárias, que tornam os lazes mais suaves quando chega sua hora, suportar com paciência os trabalhos, e que assim a casa se pode tornar mais agradável e alegre para todas nós?

— Sim, mamãe, tem razão — exclamaram as filhas.

— Então permitam que as aconselhe a retomar de novo seus “fardos”; conquanto pareçam às vezes pesados, são bons para todos, tornando-se leves quando os aprendemos a carregar. O trabalho é agradável e prodigaliza abundância para todos; resguarda-nos do aborrecimento e dos males; é útil para a saúde e para o espírito, dá-nos o sentimento do poder e da independência, muito melhor que o dinheiro ou o luxo.

— Seremos como as abelhas; trabalharemos com dedicação — disse Jo. — Desejo aprender a

cozinhar nas horas vagas; e no próximo banquete hei de brilhar!

— Quero fazer as camisas de papai, em vez de as deixar a seu cargo, mamãe. Posso e desejo fazê-las, embora não seja muito amiga de costuras; será melhor tarefa do que fazer coisas inúteis — sobreveio Meg.

— Pois eu darei minhas lições diárias e não mais perderei muito tempo com músicas e bonecas. Sou uma tola. Devo estudar e deixar de brincar tanto — disse resolutamente Beth. Amy, seguindo seu exemplo, declarou heroicamente:

— Vou aprender a fazer casas de botões e prestar mais atenção em meu modo de falar.

— Muito bem! Estou então muito satisfeita com a experiência e creio que não precisaremos repeti-la; só recomendo que não vão até o extremo oposto, até a servidão. Tenham método para o trabalho e para o prazer; empreguem o tempo diariamente em coisas úteis e agradáveis, provando que compreendem o valor do mesmo. A mocidade assim será deliciosa, a idade madura não terá contrariedades e a vida tornar-se-á suave e linda, a despeito da pobreza.

— Não nos esqueceremos, mamãezinha!

E assim fizeram.

XII

O acampamento Laurence

Beth era a agente do correio, pois, estando mais em casa, podia atender a ele regularmente e gostava muito da tarefa diária de abrir a pequenina porta e distribuir a correspondência. Uma manhã de julho foi ela para casa como um verdadeiro carteiro, com as mãos cheias de cartas e de embrulhos.

— Eis o seu ramallete, mamãe! Laurie jamais se esquece dele — disse colocando as flores no vaso que ficava no “cantinho da mamãe”, vaso abastecido continuamente pelo atencioso rapaz. — Senhorita Meg March, uma carta e uma luva — continuou Beth, entregando as encomendas à irmã que se achava junto à mãe a remendar um punho de camisa.

— Mas eu deixei lá um par, e aqui está somente uma — replicou Meg, olhando para a luva de algodão pardo — Você não perdeu a outra no jardim?

— Não, tenho absoluta certeza; havia somente uma no correio.

— Não gosto de luvas desaparelhadas! Não importa! A outra aparecerá! A carta é uma tradução da canção alemã de que necessitava; creio que foi o sr. Brooke que a fez, pois não é letra de Laurie.

A sra. March olhou para Meg, que estava muito bonita em seu roupão matinal, com pequenas madeixas a esvoaçarem na testa, a coser junto à sua mesinha de trabalho; despreocupada, cosia e cantava, enquanto os dedos trabalhavam e o espírito doidejava em fantasias juvenis tão inocentes e puras como as margaridas que se viam à sua cinta; e a sra. March sorriu satisfeita.

— Duas cartas para a dra. Jo, um livro e, do lado de fora, um engraçado chapelão de palha que cobria toda a casinha da agência — disse rindo-se Beth, dirigindo-se ao gabinete onde Jo escrevia.

— Como Laurie é finório! Eu disse desejar que os chapéus grandes estivessem em moda, porque costume ficar com as faces queimadas nos dias de calor. Ele observou: — Que importa a moda? Use um chapéu grande, seja comodista! Disse-lhe que o faria se tivesse um, e ele manda-me este para experimentar! Pois hei de usá-lo por troça, e mostrar-lhe que não me importo com as modas.

E, colocando o chapéu num busto de Platão, começou a ler as suas cartas.

Uma delas, de sua mãe fez-lhe abrasar as faces e umedecer os olhos, pois dizia-lhe isto:

Querida filha,

Escrevo estas poucas palavras para dizer-lhe que com grande satisfação lhe tenho observado os esforços para dominar seu gênio. Você nada diz sobre os mesmos, nem sobre suas vitórias e desfalecimentos e pensa, talvez, que ninguém os percebe, a não ser o amigo a quem pede diariamente auxílio — a acreditar na capa muito usada de seu livrinho-guia. Mas tenho visto tudo e creio na sinceridade de sua resolução, pois começa a dar os seus frutos. Continue, querida filha, paciente e animosa e creia sempre que ninguém a aplaudirá com mais ternura do que a sua amorosa

Mamãe.

— Como isto me faz bem! Vale milhões de dólares e alqueires de elogios! Ó mamãe, continuarei a esforçar-me! Não sentirei desalento desde que saiba que a senhora me auxilia!

E, apoiando a cabeça sobre os braços, Jo rorejou o seu romance com algumas lágrimas. Ela julgava que ninguém lhe via os esforços desesperados para se tornar boa e esta certeza era-lhe duplamente

preciosa, duplamente encorajadora, por ser inesperada e por provir da pessoa a cujos louvores dava mais valor.

Sentindo-se mais forte do que nunca para arrostar e vencer seu Satanás, prendeu com um alfinete a carta cm seu vestido, como um escudo e um lembrete; receosa de se esquecer do seu dever e começou a abrir a outra carta, pronta a inteirar-se de suas notícias, boas ou más que fossem. Laurie escrevera numa letra graúda e elegante estas palavras:

Querida Jo, Salve!

Amigos e amigas ingleses vêm visitar-me amanhã, e eu desejo passar uns momentos alegres. Se estiver bom o tempo, iremos acampar em Longmeadow, onde almoçaremos e jogaremos críquete; haverá fogueira, folguedos à moda dos ciganos, enfim, toda espécie de brincadeiras. São bons companheiros e gostam de tais coisas. Brooke irá para tomar conta de nós, rapazes, e Kate Vaughan velará pelas meninas. Quero que vocês todas vão; não dispenso de forma alguma Beth, a quem ninguém aborrecerá. Não precisam incomodar-se com referência a vitualhas, providenciarei sobre isso; quero somente que venham.

*Um recado apressadíssimo do sempre seu
Laurie.*

— Que ventura! — gritou Jo, correndo para dentro a dar a notícia a Meg. — Nós poderemos ir, mamãe; será um auxílio para Laurie, pois eu posso remar, Meg cuidará do almoço e as outras meninas serão úteis em qualquer coisa.

— Desejo que os Vaughan não sejam amigos do luxo e nem pessoas grandes. Sabe alguma coisa a respeito deles, Jo? — perguntou Meg.

— Só sei que são quatro. Kate é mais velha que você, Fred e Frank, gêmeos, têm mais ou menos a minha idade e a menor, Grace, é de nove para dez anos. Laurie conhece-os muito e gosta dos rapazes. Parece-me que não admira muito Kate, pela maneira com que fala dela.

— Felizmente, meu vestido de chita está limpo, e é exatamente o mais próprio — observou Meg, satisfeita. — E você, tem algum decente?

— Tenho o vermelho e cinzento à marinheira muito bonzinho; vou brincar e passear, por isso não é preciso engomá-lo. Você vai, Beth?

— Se não deixarem nenhum dos meninos conversar comigo.

— Nenhum. Nós lhe prometemos.

— Eu gosto de agradar a Laurie; também não receio o sr. Brooke, que é muito bom; mas não quero brincar, nem cantar, nem falar, nada. Trabalharei somente, sem perturbar ninguém; se você for comigo, Jo, eu irei.

— Minha flor, você faz bem em lutar contra o acanhamento, por isso quero-lhe mais bem ainda; combater os defeitos não é tarefa fácil, eu o sei, e muitas vezes uma palavra alentadora é um grande auxílio. Obrigada, mamãe, pelo bem que me fez — e Jo beijou-lhe agradecida o rosto magro, beijo que deu mais prazer à sra. March do que se lhe houvessem restituído o róseo viço de sua mocidade.

— Eu recebi uma caixa de chocolate e o desenho que desejava copiar — disse Amy mostrando sua correspondência.

— E eu uma carta do sr. Laurence, pedindo-me que fosse tocar para ele ouvir esta tarde, antes de se acenderem as luzes; e eu irei — acrescentou Beth, cuja amizade com o velho aumentava dia a dia.

— Agora, vamos ao trabalho e trabalhemos dobrado hoje, a fim de podermos amanhã divertir-nos com o espírito despreocupado — disse Jo preparando-se para substituir sua pena por uma vassoura.

Quando o sol entrou no quarto das meninas, na manhã seguinte, prometendo-lhes um lindo dia, deparou-se-lhe um cômico espetáculo. Cada qual havia feito, para a festa, os preparativos que lhe

pareceram necessários e indispensáveis. Meg estava com uma fila extra de papелotes na cabeça e besuntara copiosamente com creme o rosto ansioso; Beth levava Joana para sua cama, para mitigar as saudades da próxima separação e Amy chegara ao cúmulo de apertar o nariz com uma mola de prender roupa para dar-lhe mais perfeita forma. Era uma dessas molas que os desenhistas também usam para fixar o papel na mesa, mas servia perfeitamente para o mister a que fora promovido agora... Esse espetáculo engraçadíssimo parecia ter alegrado o senhor sol, pois começou a dardejar raios de tal maneira que acordou Jo, a qual, por sua vez, despertou todas as irmãs com uma gargalhada estridente, ao ver o enfeite no nariz de Amy.

Raios de sol e risadas eram bons augúrios para um piquenique, e daí a pouco em ambas as casas havia uma lufa-lufa festiva. Beth, que se aprontara primeiro, fazia a reportagem do que se passava na casa vizinha, apressando a “toilette” das irmãs com frequentes telegramas enviados da janela.

— Aí vem um homem com a barraca! Vejo a sra. Barcker pondo os comestíveis num cabaz e num cesto grande. Agora, é o sr. Laurence a olhar para o céu e para o catavento! Assim vá ele, também! Olha, Laurie parece um marinheiro, que beleza! Oh, meu Deus, lá vem uma carruagem cheia de gente... uma senhora alta, uma menina, e dois pequenos medonhos. . . Um é coxo. Coitado, anda de muletas! Laurie não nos contou isso. Andem depressa, meninas; está ficando tarde. Olhem, aquele é Ned Moffat, garanto! Veja, Meg, não é aquele o moço que cumprimentou você naquele dia em que estávamos fazendo compras?

— É ele mesmo; esquisito! Pensava que estivesse nas Montanhas. Ali está Sallie; como foi bom que ela viesse a tempo! Estou direita, Jo? — perguntou Meg, postando-se à frente da mesma.

— Parece uma margarida. Erga mais o penteado e ponha o chapéu; vamos então.

— Oh, Jo! Você vai com esse chapéu horrível? É abominável! — admoestou Meg ao ver que Jo amarrava, com uma fita encarnada, o chapelão desusado e de abas largas que Laurie lhe mandara por brincadeira.

— Irei, certamente; está visto; é grande, leve e produz sombra; podem caçoar, mas não me importo, desde que ele me resguarda bem o rosto.

E, assim dizendo, encaminhou-se para a porta, seguida de perto pelas outras; um gracioso bando de irmãs, de aspecto encantador, com vestidos leves de verão e os rostos radiantes de felicidade sob as abas dos chapéus de passeio.

Laurie correu a encontrar-se com elas, apresentando-as aos amigos, da maneira mais cordial possível. O gramado serviu de sala de recepção e durante alguns minutos desenrolou-se ali uma cena deliciosa. Meg ficou encantada por ver que Miss Kate, conquanto fosse uma moça de vinte anos, estava trajada com uma simplicidade que os americanos deveriam imitar; e além disso lisonjeadíssima pelas finezas de Ned, que fora especialmente por causa dela. Jo compreendeu por que Laurie não mostrava admirar muito Kate quando nela falava, pois esta jovem tinha um ar de não me toques que contrastava flagrantemente com a maneira jovial e franca das outras moças. Beth reparou bem nos rapazes e chegou à conclusão de que o coxo não era “temível”, mas gentil e delicado; e resolveu demonstrar-lhe desde logo sua simpatia. Amy achou Grace muito bem educada, uma criaturinha muito alegre e, depois de permanecerem hesitantes uma em frente da outra por alguns instantes, tornaram-se subitamente ótimas amigas.

Tendo sido enviadas de antemão as barracas, virtualhas e pertences de críquete, embarcou em seguida o bando, indo os dois barcos juntos, enquanto o sr. Laurence agitava o chapéu na praia. Laurie e Jo remavam num deles, e o sr. Brooke e Ned, no outro, enquanto Fred Vaughan, o turbulento gêmeo, empregava todos os seus esforços para passar-lhes adiante, remando ao lado deles numa canoazinha, como um percevejo-d'água.

O chapelão de Jo prestou grandes serviços a todos, pois quebrou o gelo de constrangimento, no cortejo, provocando gargalhadas, produzia agradável brisa ao oscilar-lhe a cabeça com os movimentos para remar e ainda, conforme ela dizia, serviria de excelente refúgio para todos, se sobreviesse borrasca.

Kate parecia espantada com os modos de Jo, principalmente quando ela exclamou: “Cristóvão Colombo!” ao escapar-se-lhe o remo. Laurie, tropeçando nos seus pés ao substituí-la perguntou solícito: — Machuquei-a, minha amiguinha?

Depois, porém, de usar várias vezes a “lorgnette”, para examinar a estranha criatura, miss Kate concluiu que ela era excêntrica, mas interessante; e sorriu-lhe de longe.

Meg, no outro barco, estava, com vivo prazer, sentada em frente dos remadores que admiravam a paisagem, manejando os remos com rara “habilidade e destreza”. O sr. Brooke era um moço grave e silencioso, de belos olhos castanhos e voz agradável. Meg gostava de suas maneiras calmas, e considerava-o uma enciclopédia ambulante de conhecimentos úteis. Nunca conversara muito com ela, mas olhava-a muito, e a moça compreendia que ele não a contemplava com aversão. Ned, sendo colegial ainda, tomava atitudes importantes que os franceses julgavam ser indispensável assumir; mesmo assim, era muito jovial e alegre, e, portanto, um excelente companheiro para um piquenique.

Sallie Gardiner absorvia-se a conservar imaculado de sujeira o seu vestido “pique” e gracejava com o ubíquo Fred, que mantinha Beth em constante terror com suas travessuras.

Não era longe Longmeadow, mas, ao chegarem, encontraram já armada a barraca e os paus do críquete prontos no chão. Era um lindo campo verdoengo, tendo ao centro três ramalhudos carvalhos e uma suavíssima faixa de relva para o jogo.

— Sejam bem-vindos ao acampamento Laurence! — disse este jovem ao aportarem, entre exclamações de alegria — Brooke é o comandante-chefe; eu, o comissário-geral; os outros companheiros, oficiais do estado-maior; e vocês, moças, são nossas hóspedes. A barraca é para seu uso exclusivo e, aquele carvalho, a sala de visitas; ali é o refeitório, e, além, a cozinha de campanha. Agora, vamos jogar antes que faça calor e depois trataremos do almoço.

Frank, Beth, Amy e Grace sentaram-se para apreciar o jogo dos outros oito. Brooke escolheu Meg, Kate e Fred; Laurie ficou com Sallie, Jo e Ned. Os ingleses jogavam bem, mas os americanos melhor, disputando as polegadas do campo encarniçadamente como se os animassem os mesmos sentimentos hostis do ano 76. Jo e Fred tiveram algumas escaramuças, e de uma das vezes por um triz não trocaram palavras ásperas. Jo atravessara o último arco, mas errara o golpe e essa falha aborrecera-a muito; Fred estava atrás dela e a sua rebatida veio parar na frente da mesma; deu um golpe; a bola foi até o arco, mas parou uma polegada ao lado. Como não havia ninguém perto, ele correu para examinar e empurrou levemente com o pé a bola, fazendo com que fosse parar uma polegada adiante.

— Atravessei! Agora, miss Jo, sou eu — exclamou o rapaz, volteando o batedor para novo golpe.

— O senhor empurrou-a! Eu vi. É a minha vez, agora — replicou Jo, acremente.

— Dou-lhe minha palavra de que não a movi. Ela rolou um pouco, talvez, mas isso é permitido; afaste-se, faça favor, para eu enxergar a estaca.

— Nós não costumamos roubar na América; o senhor porém, pode fazê-lo se quiser — replicou Jo agastada.

— Os ianques são muito mais trapaceiros, todo o mundo o sabe. Pode agora jogar — retrucou Fred, arremessando longe a bola dela.

Jo abriu os lábios para dar uma resposta grosseira, mas conteve-se a tempo, corou e ficou por um instante indecisa; atacou o arco com toda a força, enquanto Fred acertava na estaca, proclamando-o com grande alegria. Ela foi atrás de sua bola, gastando algum tempo para achá-la entre os ramos; voltou, porém, calma e calada, esperando paciente a sua vez.

Empregou alguns golpes para conseguir o seu lugar e, quando o ocupou, o partido contrário estava quase ganhando, porque a bola de Kate foi parar junto à estaca.

— Por S. Jorge, tudo está contra nós! Adeus, Kate! Estamos liquidados, pois Jo nos logrou em um ponto — exclamou Fred, exaltado, quando todos corriam para ver o fim.

— Os ianques sabem ser generosos com seus inimigos — disse Jo, com um olhar que fez corar o

rapaz — principalmente quando os derrotam — acrescentou ela; e, sem tocar na bola de Kate, com um hábil golpe conseguiu ganhar a partida.

Laurie atirou ao ar o chapéu, mas recordando-se de que não deveria exultar com a derrota de seus convidados, atalhou em meio a manifestação de alegria para segredar a sua amiga:

— Muito bem, Jo. Ele roubou: eu vi. Não lho poderemos dizer; mas ele não faria isso de novo, garanto-lhe.

Meg levou-a para um lado, sob pretexto de lhe arranjar uma trança desatada e disse aprovativamente:

— A provocação foi grande, mas você dominou seu gênio, com o que estou satisfeita, Jo.

— Não me elogie, Meg, pois até neste momento tenho vontade de dar-lhe uns murros nos ouvidos.

Teria perdido certamente a paciência, se não me tivesse afastado um pouco, procurando conter-me. Mas ainda estou fervendo de raiva, por isso desejo que ele não me provoque outra vez — replicou Jo, mordendo os lábios enquanto dardejava o olhar irado em Fred por debaixo do seu grande chapéu de passeio.

— É hora do almoço — disse o sr. Brooke consultando o relógio. — Sr. Comissário-geral, faça fogo e ferva a água, enquanto miss March, miss Sallie e eu pomos a mesa. Quem sabe fazer um café gostoso?

— Jo — disse Meg, satisfeita por poder elogiar a irmã. E assim Jo, crente de que suas últimas lições de culinária lhe haviam dado fama, encarregou-se do mesmo, enquanto as crianças catavam gravetos e os rapazes acendiam o fogo e iam a uma fonte próxima buscar água. Miss Kate desenhava e Frank conversava com Beth, a qual fazia pequeninas esteiras de ramos entrelaçados para servir de pratos. O comandante-chefe e suas auxiliares encheram logo a toalha com um sortimento convidativo de comestíveis e bebidas, ornados fantasiosamente com folhas verdes. Jo anunciou que o café estava pronto e todos trataram de servir-se abundantemente; os jovens raras vezes são dispépticos e o exercício abre o apetite.

O almoço decorreu muito alegre, entre frequentes gargalhadas, cujos sons iam inquietar um venerável cavalo que pascia ali perto.

A engraçada desigualdade da mesa produzia vários desastres para os copos e pratos; caíam bolotas no leite, formiguinhas pretas participavam do banquete sem convite e lagartas desciam das árvores para ver o que era aquilo. Três cabecinhas louras de crianças assomaram na divisa, e um cão perdigueiro latiu do outro lado do rio com toda força de seus bofes.

— Se preferir com sal, temos aqui — disse Laurie, passando para Jo uns pires com morangos.

— Muito obrigada, prefiro aranhas — replicou ela, pescando duas imprevidentes aranhazinhas que tinham ido procurar a morte numa vasilha de creme. — Como ousa você recordar-me aquele horrível jantar, quando o seu é tão perfeito? — acrescentou Jo. E riram-se ambos enquanto comiam no mesmo prato por não ter sido a louça suficiente.

— Foi um belo dia para mim aquele, ainda não passei outro melhor. O bom êxito de hoje não é devido a mim, você compreende; nada fiz: foram vocês, Meg e Brooke que se encarregaram de tudo, não sei como lhes agradecer. Que faremos, quando acabarmos de almoçar? — perguntou Laurie compreendendo que sua carta de trunfo era aquela colação.

— Brincaremos até o dia ficar mais fresco. Penso que miss Kate conhece alguns brinquedos novos e interessantes. Vá perguntar-lhe; ela é uma das convidadas, por isso você precisa prestar-lhe mais atenção.

— Você não é também outra? Penso que Kate gosta de Brooke, mas ele continua a conversar com Meg, e Kate fita-os com sua ridícula “lorgnette”! Eu vou, mas não precisa falar sobre conveniências, pois você não as observa, Jo.

Miss Kate conhecia vários passatempos novos; e como as moças não quisessem e os rapazes não pudessem comer mais, reuniram-se todos na “sala de visitas” a brincar de “Disparates”.

— Uma pessoa começa uma história, qualquer tolice que queira, e fala enquanto lhe der na cabeça,

tendo o cuidado de parar de repente num ponto interessante; nessa ocasião o que se lhe segue toma a palavra e faz o mesmo. É muito engraçado quando bem feito, produzindo uma mistura de coisas trágicas e cômicas que fazem rir. Queira começar, sr. Brooke — disse Kate, com um gesto imperativo que surpreendeu Meg, a qual tratava o professor com mais respeito do que a qualquer outro cavalheiro.

Deitado na relva, ao pé das duas jovens, o sr. Brooke começou obediente a história, com os belos olhos castanhos fixos no rio reverberante de sol:

— Era uma vez um cavaleiro que saiu pelo mundo em busca de fortuna, porque nada possuía a não ser sua espada e seu escudo. Viajou muito tempo, até que chegou ao palácio de um bom e velho rei, o qual oferecia um prêmio a quem domasse e adestrasse um lindo cavalo novo que era o seu orgulho. O cavaleiro tratou de experimentar e conseguiu montá-lo, difícil, mas seguramente, pois o animal era dócil, não obstante ser fogoso e selvagem, e logo se afeiçoou a seu novo dono. Todos os dias, quando ensinava esse animal favorito do rei, o cavaleiro atravessava a cidade montado nele, e, enquanto cavalgava, admirava tudo, achando nas coisas um lindíssimo aspecto que conhecera várias vezes em seus devaneios, mas nunca na realidade. Um belo dia, quando passeava garboso numa rua erma, viu à janela de um castelo antiquíssimo um rosto encantador. Fascinado, tratou de saber quem morava naquele castelo; então disseram-lhe que várias princesas estavam aprisionadas nele por um gênio, e que fiavam o dia inteiro, para conseguir meios de comprar a liberdade. O cavaleiro sentiu o ardente desejo de libertá-las; mas era pobre e só podia ir diariamente admirar o rosto fascinador, procurando sempre vê-lo exposto ao sol. Afinal, resolveu-se a entrar no castelo e tratou de saber como poderia chegar ao lugar onde elas estavam. Foi e bateu; abriu-se um grande portão e ele viu...

— Uma moça deliciosamente linda que exclamou, com arrebatamento: — Ei-lo enfim! — continuou Kate, que lia novelas francesas e admirava-lhes o estilo. — É ela! exclamou o conde Gustavo, caindo-lhe aos pés num êxtase. — Oh, levante-se! disse ela, estendendo-lhe a mãozinha alva e gelada.

— Nunca! Enquanto não me disser como poderei salvá-la, não me levantarei! — afirmou o cavaleiro, continuando de joelhos — Ai de mim! O destino cruel condenou-me a permanecer aqui, até que meu tirano seja aniquilado! — Onde está o vilão? — Na sala rósea; vá, valente cavaleiro, e arranque-me do desespero! — Obedeço e obterei a vitória... ou a morte. — E, com tais palavras aterradoras, precipitou-se para a porta do salão roxo, que ele abriu e ia penetrar na sala quando recebeu...

— ...uma atordoante pancada que um velho vestido de preto lhe desferiu com um grosso dicionário grego — disse Ned. — Imediatamente, o cavaleiro Seja-Ele-Quem-For, recobrando-se do choque, lançou o tirano pela janela e voltou para junto da moça, vitorioso, mas com um galo na testa; achando a porta trancada, arrancou as cortinas, fez com elas uma escada de corda e começou a descer por esta; mas, não resistindo a escada ao peso, despenhou-se no fosso, de uma altura de vinte metros. Mas ele nadava como um pato e assim deu a volta ao castelo até chegar a uma portinha ladeada por dois robustos guardas; batendo-lhes as cabeças uma contra a outra, quebrou-as como duas nozes e, empregando um pouquinho de sua prodigiosa força, pôs a porta abaixo, galgando alguns degraus de pedra recobertos de palmo e meio de pó e cheios de enormes sapos e aranhas que fariam miss March cair com um ataque de nervos. No cimo dessa escada, divisou repentinamente uma cena que lhe embargou a respiração e lhe gelou o sangue nas veias...

— Era uma alta figura toda de branco, com um véu no rosto, e uma lanterna na mão esquelética — continuou Meg — Acenava-lhe, deslizando silenciosamente à sua frente por um corredor escuro e gelado como uma tumba. Vultos sombrios com armaduras ladeavam o corredor, num silêncio de morte, enquanto a lâmpada projetava lúgubres clarões azulados; e a figura espectral se virava para ela, vez em vez, relanceando-lhe um olhar medonho através do branco véu. Chegaram a uma porta recoberta com uma cortina, atrás da qual se ouvia uma belíssima música; ele precipitou-se para entrar, mas o espectro o empurrava para trás acenando-lhe ameaçadoramente com uma...

— Caixa de rapé — disse Jo, num tom sepulcral que abalou a assistência. — Obrigadíssimo — agradeceu delicadamente o cavaleiro, enquanto tirava uma pitada, espirrando sete vezes com tanta força, que sua cabeça saiu fora do corpo — Ah! Ah! — riu-se sarcasticamente o fantasma; e, depois de espiar pelo buraco da fechadura para as princesas que continuavam fiando, para readquirir a cara liberdade, o espírito mau levantou a sua vítima do chão, metendo-a numa grande caixa de folha onde estavam outros onze cavaleiros sem cabeça, empilhados como sardinhas em lata, os quais se levantaram e começaram...

— Dançar ao som de uma gaita de fole — interrompeu Fred, quando Jo parara para respirar — e, ao dançarem, o castelo arruinado se transformou numa escuna a velejar a todo o pano. — Içar a bujarrona, rizar as adriças nos topes, virar porte para barlavento, e tripular as peças! gritava o capitão, pois um navio pirata português estava à vista com uma bandeira, negra como tinta, a flutuar no mastro de traquete. — Perseguir e vencer, meus bravos! — disse o capitão; e iniciou-se uma tremenda batalha naval. Afinal o navio inglês venceu — os ingleses vencem sempre — e, tendo feito o capitão dos piratas prisioneiro, continuou a viagem a escuna, cujo convés estava coberto de cadáveres e inundado de sangue, pois a ordem havia sido: — “Alfanges em ação e matar de verdade!” — Imediato, tome uma corda da escota da bujarrona e dependure nela esse tratante, se não confessar todos os seus crimes imediatamente, — disse o capitão inglês. O português jorrava pelo tombadilho, enquanto os marujos riam a bom rir como loucos. Mas o cão deu um salto e um mergulho, e, passando por baixo da escuna, fez-lhe vários rombos e esta começou a afundar com toda a marinagem, desaparecendo no fundo do mar, onde...

— Oh! bonito! Que irei eu contar! — exclamou Sallie, quando Fred terminou a sua parte, na qual havia, de mistura e confusamente, termos náuticos e fragmentos de um de seus livros prediletos. — Bem, foram para o fundo e uma linda sereia recebeu-os, mas ficou penalizadíssima, encontrando a caixa de cavaleiros sem cabeça; pô-los bondosamente em salmoura, na esperança de compreender aquele mistério; era mulher, e, portanto, muito curiosa. Veio logo um mergulhador e a sereia disse: — Dar-te-ei esta caixa cheia de pérolas se puderes levá-la para cima — pois desejava restituir-lhes a vida e não podia com o peso da caixa. O mergulhador içou-a imediatamente, e ficou muito desapontado ao abri-la, não achando pérolas, e sim corpos mutilados. Deixou-a então num grande campo solitário onde foi encontrado por uma...

— Pequena guardadeira de gansos que pastoreava uma centena de gordas aves desta espécie, no campo — disse Amy ao terminar Sallie a sua parte. — A mesma ficou muito triste ao ver os corpos, e perguntou a uma velha o que lhe aconselhava fazer. — Os teus gansos o dirão — respondeu laconicamente a última. A menina, então, perguntou aos gansos o que deveria arranjar para substituir as cabeças que se haviam perdido e os gansos, com suas cem bocas, grasnaram ao mesmo tempo:

— “Cabeças de repolho! Cabeças de repolho!” — continuou Laurie prontamente. — Muito bem, disse a menina; bela ideia! — e correu à sua horta, de onde trouxe doze lindas cabeças de repolho. Colocou-as sobre os pescoços e os cavaleiros reviveram, agradecendo-lhe vivamente e foram alegres andando seu caminho sem conhecer a diferença que neles se fizera, pois há no mundo muita gente com cabeça de repolho, sem que dê por isso. O nosso cavaleiro voltou a procurar o lindo rosto e soube que todas as princesas haviam recuperado a liberdade, casando-se exceto uma só. Ficou louco por saber qual delas ficara solteira. Montou no seu cavalo que não o abandonara em todas essas vicissitudes e correu ao castelo. Espreitando sobre a cerca, viu a rainha dos seus pensares colhendo flores no jardim. — Quer me dar uma rosa? — perguntou ele. — Entre e colha. Eu não posso dar. Não seria bonito — respondeu brandamente. Ele tentou pular a cerca, mas esta parecia crescer mais e mais; procurou então atravessá-la, porém ela tornava-se cada vez mais espessa, com o que o rapaz ficou desesperado. Pacientemente quebrou vara por vara até fazer uma pequena abertura através da qual conseguiu olhar, dizendo um tom suplicante: — Deixe-me entrar! Mas a linda princesa parecia não o compreender, porquanto continuava a colher calmamente as rosas, deixando-o a esforçar-se para entrar. Se o conseguiu ou não, dirá Frank.

— Eu não. Não estou no brinquedo, não costumo brincar — respondeu Frank, aterrado com a situação

sentimental em que se achava o tal par. Beth desaparecera atrás de Jo e Grace adormecera.

— Então, o pobre cavaleiro fica encravado na cerca? — perguntou o sr. Brooke, continuando a observar o rio e brincando com a rosa silvestre da sua boteira.

— Penso que a princesa lhe deu um ramallete e abriu o portão daí a um instante — acrescentou Laurie, sorrindo, enquanto atirava bolotas no preceptor.

— Quanto disparate dissemos! Poderíamos dizer coisas mais interessantes, com algum exercício. Vocês conhecem “Verdade”? — perguntou Sallie, depois que todos acabaram de rir da história contada.

— Penso que conheço — disse Meg, laconicamente.

— Eu refiro-me ao jogo.

— Como é? — perguntou Fred.

— Muito simples. Você escolhe um número e sorteia-o entre os presentes; a pessoa sorteada tem de responder a verdade às perguntas feitas pelos outros. É muito engraçado.

— Vamos experimentar — disse Jo que gostava de novidades.

Miss Kate, o sr. Brooke, Meg e Ned não quiseram entrar no jogo, mas Fred, Sallie, Jo e Laurie participavam do sorteio. O número saiu para o último.

— Quais são os seus heróis preferidos? — perguntou Jo.

— Vovô e Napoleão.

— Qual a moça que acha mais bonita? — perguntou Sallie.

— Margaret.

— E de qual gosta mais? — perguntou Fred.

— De Jo, naturalmente.

— Que perguntas tolas! — E Jo deu de ombros desdenhosa, enquanto os outros se riam do tom sério de Laurie.

— Vamos fazer outro sorteio. Não é mau brinquedo “Verdade” — disse Fred.

— Muito bom para você — replicou Jo em tom baixo. Era agora a sua vez.

— Qual o seu maior defeito? — perguntou Fred, desejoso de verificar se Jo tinha a virtude que lhe faltava.

— Um gênio exaltado.

— Que deseja mais? — disse Laurie.

— Um par de botinas de amarrar — respondeu Jo, adivinhando e malogrando a sua intenção.

— Não é verdade. Você deve dizer o que realmente mais deseja.

— Talento. Você bem poderia me dar, Laurie — e sorriu maldosamente de seu desapontamento.

— Que virtude mais admira num homem? — perguntou Sallie.

— Coragem e honestidade.

— Agora é a minha vez — disse Fred.

— Aproveite — sussurrou Laurie a Jo, que abaixou a cabeça e perguntou imediatamente:

— Você roubou no críquete?

— Sim, um pouquinho.

— Meus Deus! E o trecho da história que contou não foi tirado do “Leão dos Mares”? — perguntou Laurie.

— Alguma coisa.

— Não acha a Inglaterra uma nação perfeita, sob todos os aspectos? — perguntou Sallie.

— Ficaria envergonhado de mim mesmo se não o achasse.

— É um verdadeiro John Buli. Agora, miss Sallie, é a sua vez, mesmo sem tirar sorte. Vou melindrar primeiramente seus sentimentos, perguntando-lhe se não está namorando alguém — disse Laurie, enquanto Jo acenava para Fred significando que já não estava zangada.

— Que rapaz indiscreto! Não, decerto — exclamou Sallie, embora o seu modo de responder

provasse o contrário.

— Que detesta mais? — perguntou Fred.

— Aranhas e pudim de arroz.

— E de que gosta mais? — perguntou Jo.

— De dançar e de luvas francesas.

— Acabou-se. “Verdade” é uma diversão muito tola, muito tola; vamos brincar de “Escritores”, para refrescar o espírito — propôs Jo.

Ned, Frank e as meninas mais novas reuniram-se para esse brinquedo, enquanto os três mais velhos dos presentes se sentaram à parte, para conversar. Miss Kate tomou o seu desenho de novo e Margaret observava-o ao passo que o sr. Brooke se deitou na grama, tendo na mão um livro que não lia.

— Que beleza o seu desenho! Gostaria de saber desenhar! — disse Meg, num misto de admiração e de prazer.

— Por que não aprende? Julgo que tem gosto e talento para isso — replicou gentilmente miss Kate.

— Falta-me tempo.

— Sua mamãe prefere dar-lhe outras prendas, decerto. A minha também, mas provei-lhe que tinha queda para o desenho, tomando algumas lições particulares e ela ficou muito desejosa de que eu continuasse a estudá-lo. Por que não faz o mesmo com a sua governanta?

— Eu não tenho governanta.

— Ah, esqueci-me de que as moças na América vão à escola. Papai diz que aqui há muitas e ótimas escolas. Você frequenta, certamente, alguma escola particular.

— Não. Eu é que sou governanta...

— Deveras! — replicou miss Kate, como se quisesse dizer: — Meu Deus, que horror! Era essa a significação de seu tom de voz, o que fez Meg arrepender-se de ter sido tão franca.

O sr. Brooke ergueu o olhar, acrescentando vivamente:

— As moças na América apreciam a independência com o mesmo ardor de seus antepassados, sendo admiradas e respeitadas por se manterem a suas próprias expensas.

— Oh! certamente. É muito bonito o seu procedimento. Nós temos mulheres respeitáveis e digníssimas que fazem o mesmo; são aproveitadas pela nobreza porque, descendendo de fidalgos, têm, ao mesmo tempo, boa educação e qualidades de família — disse miss Kate com um tom complacente que feriu o orgulho de Meg, fazendo-lhe achar detestável e degradante seu emprego.

— Gostou da canção alemã, miss March? — perguntou Brooke, quebrando o embaraçoso silêncio.

— Sim, é muito linda e estou gratíssima a quem me traduziu — respondeu ela, enquanto seu rosto de expressão abatida se alegrava de novo.

— Não traduz alemão? — inquiriu miss Kate com um olhar de surpresa.

— Muito mal. Meu pai, que mo ensinava, está ausente e eu não quis prosseguir só, pois não teria quem me corrigisse a pronúncia.

— Experimente um pouco agora. Aqui está “Maria Stuart”, de Schiller, e um professor que gosta de ensinar — e Brooke pôs-lhe o livro no regaço, com um sorriso convidativo.

— É muito difícil, tenho receio de sair-me mal — disse Meg agradecida, porém acanhada pela presença da educada moça.

— Vou ler um trecho para encorajá-la. — e miss Kate leu uma das mais belas passagens correta, mas inexpressivamente.

O sr. Brooke não fez comentário algum quando ela devolveu o livro a Meg, a qual disse com ingenuidade:

— Pensei que fosse em versos.

— Só em alguns trechos. Leia este.

E o sr. Brooke sorriu ao abrir o livro na passagem da lamentação da pobre Maria.

O novo professor de Meg indicou-lhe com uma longa folha de relva o trecho referido; obedecendo a esse gesto, Meg leu baixo a princípio, timidamente, transformando com a suave entoação de sua voz musical a aspereza das palavras em suave harmonia. A folha de relva foi descendo a página e Meg, esquecendo-se da presença da outra e empolgada pela beleza da cena triste, lia como se estivesse só, dando expressão trágica às palavras da infeliz rainha. Se tivesse fitado os seus nos olhos castanhos de Kate, teria parado imediatamente, mas não levantou os seus, e com isso a leitura não perdeu para ela o encanto.

— Muito bem! — disse o sr. Brooke quando Meg fez uma pausa, como se lhe tivessem passado despercebidas suas muitas incorreções e com o ar de quem realmente “gostava de ensinar”. Miss Kate ergueu a “lorgnette” e, depois de dar uma vista d'olhos ao pequeno quadro que tinha em frente, fechou o álbum de desenho, dizendo de modo condescendente:

— Você tem uma linda expressão e a seu tempo será unia excelente leitora. Aconselho-lhe que estude, pois a língua alemã é um predicado valioso para os mestres. Vou ver Grace; ela está brincando como uma criança. — E afastou-se, murmurando para si com um movimento de ombros: — Embora seja jovem e bonita, não vou ficar em companhia de uma governanta! Como são excêntricos estes ianques! Receio muito que Laurie se contamine no meio deles.

— Esqueci-me de que os ingleses viram o rosto às governantas e não as tratam como nós — disse Meg, olhando o vulto que se afastava com uma expressão de aborrecimento.

— Também pouco estimam os preceptores por lá, o que sei por triste experiência. Não há terra como a América para nós, os que trabalhamos, miss Margaret — e dizia-o tão satisfeita e jovialmente que Meg se sentiu envergonhada por lamentar sua condição.

— Fico então contentíssima por morar aqui. Não aprecio meu serviço, mas, afinal, dá-me assim mesmo prazer, por isso não devo queixar-me. Gostaria de lecionar como o senhor.

— Principalmente se tivesse alunos como Laurie. Vou ficar bem triste ao perdê-lo para o ano — disse o sr. Brooke, a fazer um buraco no chão.

— Ele vai para uma universidade, não? — Mas enquanto os lábios formulavam tal pergunta, os olhos acrescentavam, interrogativamente: — E que vai ser do senhor?

— Sim já está em tempo de ir; e, assim que ele partir, irei alistar-me como soldado.

— Muito bem — exclamou Meg. — Penso que todos os homens deveriam fazer o mesmo, embora seja horrível para os que ficam: as mães e as irmãs — acrescentou ela, com tristeza.

— Não tenho mãe nem irmã, e a pouquíssimos amigos interessa que eu viva ou morra — tornou ele com certa amargura ao mesmo tempo em que punha a rosa fanada no buraco que cavara, cobrindo-a de terra em sua pequenina sepultura.

— Laurie e o avô interessam-se muito e todas nós sentiríamos muito qualquer desgraça que lhe sucedesse — protestou Meg com sinceridade.

— Agradecido por essas palavras gentis — disse ele, tornando-se outra vez alegre; mas, antes que pudesse prosseguir, Ned, montado no velho cavalo, aproximou-se vagaroso a exhibir suas habilidades de cavaleiro às moças. E nesse dia não tiveram outros momentos de sossego.

— Não gosta de andar a cavalo? — perguntava Grace a Amy, após galopar em torno do campo, assim como as outras, guiadas por Ned.

— Sou louca por isso. Minha irmã Meg costumava andar quando papai era rico, mas agora não temos cavalos, exceto Ellen Treen — ajuntou Amy, rindo-se.

— Ellen Treen é alguma besta? — indagou curiosamente a outra.

— Jo é louca por cavalos e eu também; mas só possuímos um silhão velho. Em nosso pomar há uma macieira que tem um ramo baixo; prendemos os arreios no mesmo e cavalgamos, em Ellen Treen, para onde nos manda a fantasia.

— Que engraçado! — disse rindo-se Grace. — Eu tenho um pônei em casa e passeio quase

diariamente no Parque com Fred e Kate; é muito bonito, pois os meus amigos vão também e o Row está sempre cheio de damas e gentis-homens.

— Que encanto! Tenho esperanças de viajar pelo estrangeiro algum dia; eu preferia, porém, ir a Roma em vez de ir ao Row — acrescentou Amy, que não tinha a mais remota ideia do que fosse o Row.

Frank, sentado atrás delas, ouvia o que diziam, afastando de si, com impaciência, as muletas, ao ver os rapazes fazer toda a espécie de acrobacias cômicas.

Beth, que recolhia as esparsas cartas de jogar, fitou-o dizendo tímida mas amistosamente.

— Creio que está cansado; quer que o auxilie nalguma coisa?

— Converse comigo, faça o favor; é horrível estar aqui sentado, só — respondeu Frank, que evidentemente era muito mimado em casa.

Se ele lhe pedisse que recitasse uma frase latina, não pareceria à envergonhada Beth tarefa mais difícil; não havia, porém, jeito de fugir, nem Jo ali estava para se esconder atrás dela e o pobre rapaz fitava-a tão implorativamente que, corajosa, resolveu experimentar.

— Qual o assunto de que mais gosta? — perguntou ela, deixando cair a metade do baralho, cujas cartas procurava reunir.

— Gosto de ouvir falar sobre críquete, passeios de barco e caçadas — disse Frank, que ainda não aprendera a apreciar diversões de acordo com suas próprias possibilidades físicas.

“Meu Deus! Não entendo de nada disso! Que irei dizer?” — pensou consigo mesma Beth; e, esquecida do infortúnio do menino no seu atarantamento, começou, na esperança de fazê-lo falar:

— Nunca assisti a caçadas, mas você com certeza conhece-as bem, não?

— Cacei uma só vez, mas caí do cavalo ao fazê-lo saltar uma maldita cerca e daí em diante não houve mais cães nem cavalos para mim — disse Frank, com um suspiro que fez com que Beth se censurasse pelo seu desaso.

— Os veados de seu país são muito mais bonitos que os nossos feios búfalos — disse ela recorrendo em seu apuro à vida dos campos e satisfeita por ter lido um dos livros de que Jo tanto gostava.

Os búfalos agradaram e, na sua ânsia de distrair o companheiro, Beth esqueceu-se de si própria, não dando pela surpresa das irmãs, surpresa e satisfação, ao espetáculo extraordinário de vê-la conversar com um dos “terríveis” rapazes contra os quais ela implorava proteção.

— Belo coraçãozinho! Compadeceu-se dele, por isso trata-o com carinho — disse Jo, observando-a, radiante, do campo de críquete.

— Eu sempre disse que ela é uma santinha — acrescentou Meg, como se não pudesse haver dúvidas a respeito.

— Nunca ouvi Frank rir-se tanto — disse Grace a Amy, quando estavam sentadas as duas a discutir sobre bonecas e a fabricar aparelhos de chá com as bolotas caídas.

— Minha irmã Beth é uma menina fastidiosa quando o quer ser — replicou Amy muito alegre com o sucesso da irmã. Ela queria dizer “prodigiosa”; mas como Grace não conhecia a significação de nenhuma das duas palavras, “fastidiosa” soava melhor e produziu maior impressão.

Um circo improvisado e uma partida amistosa de críquete deram fim à tarde. Ao pôr do sol, desmontaram a barraca, arrumaram as cestas e os pertences do jogo, entraram nos barcos e todo o farrancho desceu rio abaixo, cantando o mais alto possível. Ned, possuído de sentimentalismo, modulava uma serenata com o estribilho tristonho:

“Triste e só, ai pobre de mim!” e, ao cantar os versos “Somos jovens, temos coração, Por que ficarmos assim sós?”, fitara Meg com uma expressão tão derretida que ela deu uma gargalhada franca, estragando-lhe com a canção amorosa.

— Como pode ser tão cruel? — sussurrou Ned enquanto soava o coro estridente de outras vozes — Esteve o dia todo junto daquele inglês afetado e agora zomba de mim.

— Não tive essa intenção; mas você estava tão engraçado que realmente não pude conter o riso —

respondeu Meg, silenciando sobre a primeira parte da censura; era então verdade que ela o “deslumbrava”, refletiu, a recordar-se do que ouvira na casa dos Moffat.

Ofendido, Ned voltou-se para Sallie a procurar consolo, dizendo-lhe:

— Aquela moça parece que não costuma namorar!

— Não! Mas mesmo assim é um anjo — respondeu Sallie defendendo a amiga, embora reconhecendo-lhe esse defeito.

No gramado, onde se reuniu, o pequeno bando separou-se com boas noites e adeuses cordiais, pois os Vaughan estavam de partida para o Canadá. Ao atravessarem o jardim as quatro meninas, miss Kate acompanhou-as com a vista, dizendo sem seu costumado tom de superioridade:

— Apesar de seu exibicionismo, as moças americanas são gentis quando se convive com elas.

— Concordo plenamente com sua opinião — acrescentou o sr. Brooke.

XIII

Castelos no ar

Laurie embalava-se lentamente na rede em uma tarde cálida de setembro, perguntando-se o que seria feito de suas vizinhas, mas com preguiça suficiente para não ir saber notícias delas. Estava num de seus dias de mau humor; o dia fora-lhe inútil e aborrecido e bem quisera vivê-lo de novo. O calor tornara-o indolente; deixara de lado o estudo, apoquentara a mais não poder o sr. Brooke, aborrecera o avô, excitando-se em jogos grande parte do dia, assustara horrivelmente as criadas, fazendo-lhes crer, por maldade, que um dos cães ia ficar louco e, depois de dirigir palavras ásperas ao rapaz da estrebaria sob o pretexto imaginário de não ter tratado do seu cavalo, mergulhara finalmente na rede a pensar na estupidez do mundo até que, apesar de si próprio, o acalmara a placidez daquele belo dia.

Fitando a verdoenga obscuridade das copas dos castanheiros, ao alto, fantasiava sonhos de toda a espécie e estava exatamente a imaginar-se no oceano, numa viagem ao redor do mundo, quando um som de vozes o fez voltar instantaneamente à terra. Espreitando pelas malhas da rede, viu as March que saíam, como a fazerem alguma excursão.

— Para onde se dirigirão aquelas meninas? — pensou Laurie, abrindo os olhos sonolentos para ver bem, pois havia algo de particular no aspecto das mesmas. Cada uma ia com um grande chapéu desabado e trazia um saco de estopa ao ombro e um comprido cajado na mão; Meg levava ainda uma almofada, Jo um livro, Beth uma cestinha e Amy uma pasta. Seguiram todas silenciosas pelo jardim, transpuseram o pequeno portão dos fundos e começaram a subir a colina que ficava entre a casa e o rio.

— Muito bem, muito bonito! — disse Laurie, de si para consigo — fazerem um piquenique e não me convidarem! Não podem ir no barco, pois não têm a chave. Talvez esquecessem de pedi-la; vou levá-la e verei o que há.

Embora possuísse meia dúzia de chapéus, gastou muito tempo para encontrar um; depois, foi um trabalho insano para encontrar a chave que estava, afinal, no próprio bolso; assim, as meninas já haviam desaparecido quando ele alcançou a cerca e deitou a correr atrás delas. Tomando o caminho mais curto para o depósito dos barcos, esperou-as ali. Como nenhuma aparecesse, subiu a colina para observar. Parte desta era coberta por um verde bosque de pinheiros e no meio do mesmo soavam sons mais nítidos do que o cicio dos ramos e o trilar monótono dos grilos.

“Eis um belo quadro!” — pensou Laurie, olhando através, dos ramos, já com o semblante alegre e bem-humorado.

Era-o, em verdade; as irmãs estavam sentadas juntas num canto ensombrado, com efeitos de sol e penumbra ao alto, ao bafejo de uma aragem perfumada que lhes fazia esvoaçar os cabelos e refrescava as faces ardentes; todos os habitantezinhos do bosque continuavam em sua atividade como se não existissem ali estranhos e, sim, velhos amigos. Meg sentara-se sobre sua almofada, costurando com graciosos movimentos das alvas mãos, tendo a louçania e a suavidade de uma rosa e ficando em realce, com seu vestido vermelho, entre o verde da vegetação. Beth ajuntava os “cones” que havia em abundância perto, com os quais, debaixo de um pé de cicuta, fazia lindos objetos. Amy desenhava um grupo de fetos e Jo lia alto, fazendo, ao mesmo tempo, meia. O rosto de Laurie entristeceu-se, ao vê-las, pois viu que deveria voltar, por não ter sido convidado; hesitava, contudo, porque a sua casa lhe parecia extremamente

solitária e aquele passeio no bosque mais atraente para seu espírito irrequieto.

Ali ficou até que um esquilo, ocupadíssimo com a sua colheita de frutos, desceu por um pinheiro junto a ele e, vendo-o, deu um salto rápido para trás com um guincho tão agudo que Beth volveu o rosto; e, divisando o moço entre os ramos, fez-lhe um aceno, acompanhando-o de um sorriso acolhedor.

— Posso ir aí? Ou vou importuná-las? — perguntou aproximando-se devagar.

Meg levantou os supercílios, porém Jo apressou-se a responder:

— Está claro que pode. Queríamos chamá-lo, mas supusemos que não lhe agradassem estas diversões de moças.

— Gosto sempre das suas distrações; mas se Meg não quiser, irei embora.

— Não tenho objeções a fazer, desde que você faça alguma coisa; é contrário ao regulamento ficar-se na ociosidade aqui — replicou Meg séria, mas amavelmente.

— Muito agradecido; farei o que quiserem, se me deixarem ficar um pouco, porque em casa está mais triste que o deserto de Saara. Devo costurar, ler, desenhar, apanhar cones ou fazer tudo isso ao mesmo tempo? Estou pronto — e Laurie sentou-se com ar submisso agradável de ver-se.

— Acabe essa história enquanto eu termino este calcanhar — disse Jo, passando-lhe o livro.

— Sim, senhora — respondeu docilmente iniciando a leitura e procurando assim provar sua gratidão pelo favor da admissão na “Sociedade das Abelhas Trabalhadeiras”.

A história não era longa e, ao concluí-la, aventurou-se a fazer algumas perguntas como recompensa à sua atitude.

— Digam-me, senhoras silenciosas, esta instituição, altamente instrutiva e encantadora, é nova?

— Posso dizer-lhe? — perguntou Meg às irmãs.

— Ele rir-se-á de nós — avisou Amy.

— Que importa? — disse Jo.

— Julgo que ele gostará — acrescentou Beth.

— Naturalmente! Dou-lhes minha palavra de honra de que não me rirei! Conte, Jo, não tenha receio.

— Ter receio de você! O caso é que costumamos imitar a Viagem do Peregrino e temos feito isso durante todo o inverno e o verão.

— Sim, já o sei — replicou Laurie, com um bonito sério.

— Quem lhe contou? — perguntou Jo.

— Os espíritos.

— Não, fui eu — disse Beth. — Precisava distraí-lo uma noite em que vocês todas haviam saído e ele estava muito triste. Ele gostou, por isso não ralhe comigo, Jo.

— Você não sabe guardar um segredo. Não importa. Poupe-lhe uma surpresa agora.

— Continue, por favor — disse Laurie quando viu que Jo, um pouco desapontada, se absorvia no seu trabalho.

— Ela não lhe contou então o nosso novo plano? Bem, resolvemos não desperdiçar nossas férias, e dedicarmo-nos cada uma de nós a uma tarefa com toda a boa vontade. As férias estão a terminar, mas temos cumprido nossa tenção, com o que nos sentimos muito contentes.

— Sim, acho que deve ser assim mesmo — e Laurie pensava, arrependido, nos seus dias ociosos.

— Mamãe gosta de que fiquemos ao ar livre o mais tempo possível; por isso trazemos para aqui nossos trabalhos e com isso nos divertimos muito. Porque é um prazer carregar nossos objetos nestes sacos, usar os chapéus velhos, os cajados para trepar na colina e brincar de peregrinos, como fazíamos há anos. Chamamos a esta colina “Montanha Aprazível”, pois podemos avistar até longe, enxergando a região onde esperamos habitar por algum tempo.

Jo apontava a paisagem e Laurie levantara-se para observar. Através de uma clareira do bosque, podiam ver além do rio largo e azul desde as campinas da outra margem até muito além dos arrabaldes da grande cidade, onde se elevavam verdes montanhas até o céu. O sol descia e as nuvens brilhavam com

o esplendor de um poente de outono. Nuvens cor de ouro e de púrpura acamavam nos cumes: e acima da rubra reverberação havia picos argênteos a brilhar como as torres esguias de uma Cidade Celestial.

— Como é belo! — exclamou Laurie, enlevado, sempre sensível à beleza, de qualquer espécie que fosse.

— É assim, muitas vezes; gostamos de admirar o pôr do sol, pois não sendo nunca o mesmo, é assim sempre esplendente! — disse Amy que desejaria saber pintar aquele panorama.

— Jo falou na região onde esperamos viver por algum tempo: ela se refere ao campo, com porcos, galinhas e o preparo do feno. Seria ótimo, mas eu preferiria que as regiões que se avistam lá em cima fossem reais e que pudéssemos atingi-las — disse Beth cismativamente.

— Há uma região mais linda que aquela, aonde chegaremos, aos poucos, se formos muito boas — observou Meg, com sua voz suave.

— Parece tão longa a espera e tão difícil consegui-la! Gostaria de ir voando, neste momento, como aquelas andorinhas, e transpor aquele resplandecente portão.

— Você lá chegará, Beth, mais cedo ou mais tarde; não tenha receios — disse Jo; — eu sou a única que terei de lutar e esforçar-me para subir e de esperar, e talvez jamais consiga imitá-la.

— Você ter-me-á por companheiro, se isto puder servir-lhe de conforto. Terei de viajar muito antes de avistar a sua Cidade Celestial. Se eu chegar atrasado você intercederá por mim, não, Beth?

Algo na expressão do semblante do moço perturbou sua amiguinha; ela, porém, acrescentou jovialmente, fitando os olhos plácidos nas nuvens cambiantes:

— Se realmente desejarmos ir, empregando todos os esforços, creio que haveremos de chegar; porque não acredito que haja trancas naquela porta, nem guardas no portão. Imagino sempre que é como naquele quadro onde seres resplendentes estendem as mãos para receber o pobre cristão que acaba de transpor o grande rio.

— Como seria bom que todos os castelos que fazemos fossem verdadeiros e pudéssemos viver neles! — disse Jo, após pequena pausa.

— Tenho feito tantos que seria difícil escolher qual preferiria — replicou Laurie, estendido no chão e atirando bolotas no esquilo que lhe denunciara a presença.

— Você escolheria o seu castelo favorito. Qual é ele? — perguntou Meg.

— Se contar o meu, você dirá o seu?

— Sim, se as outras também o fizerem.

— Nós todas contaremos. Comece, Laurie.

— Depois de percorrer o mundo todo, iria para a Alemanha e dedicar-me-ia exclusivamente à música. Seria um maestro famoso e todo mundo concorreria a ouvir-me; jamais teria aborrecimentos de negócios e gozaria a vida dedicando-me ao que quisesse. Eis o meu castelo favorito. E o seu, Meg?

Parecia que Margaret achava um tanto difícil exprimi-lo; agitava um ramo diante do rosto, como para enxotar insetos imaginários; por fim, disse pausadamente:

— Desejaria uma linda vivenda, cheia de coisas luxuosas; iguarias raras, belíssimas roupas, mobília elegante, o convívio de pessoas amáveis e um montão de dinheiro. Seria a dona de tudo, dirigiria tudo como quisesse, com uma legião de servos, sem que nunca precisasse trabalhar. Como eu seria feliz! Porque não teria preguiça e praticaria o bem e conseguiria fazer que todos me amassem profundamente.

— Você não precisaria de um dono para o seu castelo? — perguntou timidamente Laurie.

— Eu referi-me a pessoas amáveis — e Meg começou a abotoar os sapatos, para que ninguém lhe visse o rosto.

— Por que não diz que preferia um ótimo, inteligente e sensato marido e uns anjinhos ao redor? O seu castelo não ficaria completo sem eles — disse a tola da Jo, que ainda não fazia devaneios e desdenhava romances fora dos livros.

— E você só teria, no seu, cavalos, tinteiros e novelas — replicou Meg.

— Como não! Possuiria um estábulo repleto de cavalos árabes, aposentos atestados de livros e me utilizaria de um tinteiro mágico para que meus livros pudessem ser tão célebres como as músicas de Laurie. Preciso realizar alguma coisa estupenda antes de ir para o meu castelo — algo de heroico ou maravilhoso, que fosse lembrado sempre, após minha morte. Não sei o que seria, mas procuro descobri-lo e espero surpreender com isso, algum dia, a vocês. Penso que ainda hei de escrever livros que me proporcionarão riqueza e fama; é o meu sonho dourado.

— Pois o meu é ficar em casa, tranquila, com papai e mamãe, ajudando-os a cuidar da família — acrescentou Beth, satisfeita.

— E nada mais? — interrogou Laurie.

— Desde que ganhei meu pianinho sinto-me perfeitamente feliz. Somente almejo que estejamos todos juntos e com saúde. Nada mais.

— Eu, por mim, tenho vários desejos; o principal, porém, é tornar-me artista, ir a Roma e ser a maior pintora do mundo — foi o modesto desejo de Amy.

— Somos um bando de ambiciosos, não? Todos nós, exceto Beth, queremos ser ricos e célebres e viver em meio à pompa. Gostaria de saber se algum conseguirá realizar seus desejos — observou Laurie, mascando relva como um bezerro meditativo.

— Obtive a chave do meu castelo no ar; resta ver se conseguirei abrir a porta — observou misteriosamente Jo.

— E eu tenho a chave do meu, mas não me permitem usá-la. Maldita universidade! — resmungou Laurie, num arquejo de impaciência.

— Eis a minha! — e Amy agitou no ar o seu lápis.

— Eu ainda não possuo a do meu — disse Meg desolada.

— Possui, sim — replicou imediatamente Laurie.

— Onde?

— No seu rosto.

— Tolice. Para nada servirá...

— Espere e verá como ele lhe trará a chave de seu castelo — replicou o moço, sorrindo, ao pensar no encantador segredo que julgava ter surpreendido.

Meg corou, atrás do ramo que tinha nas mãos, mas nada mais perguntou e fitou o rio com a mesma expressão cismativa que repassara o rosto do sr. Brooke, ao contar a história do cavaleiro.

— Se daqui a dez anos todos nós formos vivos, encontrar-nos-emos e veremos então quantos puderam realizar seu sonho ou se estão perto de realizá-lo — disse Jo, sempre pronta a conceber projetos.

— Meu Deus! Como estarei velha então! Vinte e sete anos! — exclamou Meg, que com seus dezessete já se considerava pessoa adulta.

— Laurie e eu teremos vinte e seis, Beth, vinte e quatro, e Amy, vinte e dois! Um grupo respeitável — comentou Jo.

— Espero que terei alguma coisa de que me orgulhe, então; eu sou, porém, um preguiçoso, Jo, e receio continuar a sê-lo.

— Mamãe diz que você necessita de um estímulo; quando o tiver, diz ela que tem certeza de que fará maravilhas.

— Ela diz isso? Por Deus, é o que preciso mesmo! — exclamou Laurie, levantando-se com súbita exaltação. — Eu devia ficar satisfeito procurando contentar o vovô, mas compreendam que trabalhar sem gosto é desagradável. Quer que eu seja comerciante na Índia como ele o foi; e eu preferiria que me fuzilassem; tenho ódio ao chá, às sedas, às especiarias, a todas essas bugigangas que seus velhos navios transportam e pouco se me daria de que fossem todos ao fundo quando me pertencessem. A minha ida para a universidade deveria satisfazê-lo, mas ele está firme em seu intento e eu terei que seguir sua

carreira, a menos que imite meu pai — partir daqui e fazer o que quiser. Se houvesse alguém para ficar com ele, faria isso amanhã mesmo.

Laurie falava exaltadamente, parecendo pronto a executar a ameaça à menor provocação, pois, a despeito de sua vida de indolência, odiava a sujeição como um homem feito. Sentia a ânsia juvenil de ter sua própria experiência do mundo.

— Aconselho-o a embarcar em um de seus navios e a não voltar a casa, enquanto não tiver tentado viver sua própria vida — disse Jo, cuja imaginação se incendiava ao pensar em tão ousada aventura, e cuja simpatia estava estimulada pelo que ela denominava as “desventuras de Laurie”.

— Isso não é direito, Jo; não fale dessa maneira e Laurie não deve seguir os seus maus conselhos. Você precisa fazer o que o seu avô deseja — replicou Meg, em tom maternal. — Esforce-se o mais que puder na universidade que, quando ele vir que você procura agradar-lhe, não se mostrará mais injusto nem severo. Conforme diz, não há ninguém para ficar com ele e demonstrar-lhe afeto, e Laurie nunca perdoaria a si mesmo se o abandonasse sem sua permissão. Não desanime nem se aflija, mas cumpra seu dever; e terá a recompensa, como o bondoso sr. Brooke, tornando-se respeitado e amado.

— Que sabe você a respeito do sr. Brooke? — perguntou Laurie, agradecido pelo bom conselho e satisfeito por poder afastar a conversação de sua pessoa, após sua intempestiva exaltação.

— Apenas o que seu avô narrou a mamãe. Que ele cuidou de sua própria mãe até morrer, sem ir para o estrangeiro como preceptor em casa de pessoas ricas para não a deixar só; e que agora trata de uma velha que lhe criou a mãe, e jamais o conta a ninguém; e que é justo, generoso, paciente e bom.

— Querido mestre! — disse emocionado Laurie, quando Meg terminou, enrubescida e emocionada com o que disse. — Está mesmo no gênio de vovô ter procurado conhecer quem era ele, sem que o mesmo soubesse e revelar aos outros sua bondade, para que o estimem devidamente! Brooke não podia compreender por que razão a sra. March era tão boa para ele, convidando-o sempre a ir lá junto comigo tratando-o com muito carinho. Ele julga-a uma excelente senhora e fala todos os dias sobre ela e sobre vocês todas, com entusiasmo. Se eu pudesse realizar os meus desejos, iriam ver o que eu faria por Brooke!

— Comece a fazer alguma coisa agora, não lhe amargurando a vida — disse Meg vivamente.

— Como sabe que eu lha amarguro, senhorita?

— Lê-se no seu rosto quando ele sai, depois das aulas. Se você se mostra bom aluno, ele parece satisfeito e anda com rapidez; mas se o aflige, ele fica aborrecido e caminha vagaroso, como se quisesse voltar para fazer o seu serviço melhor.

— Muito bem, gosto de o saber! Quer dizer que o rosto de Brooke é para você o boletim de minhas boas ou más lições, não? Eu via-o inclinar-se e sorrir ao passar sob a sua janela, mas não sabia que lhes telegrafava esses segredos.

— Não nos telegrafava nada; não fique zangado e não lhe vá contar o que eu estou dizendo! Foi somente para lhe mostrar que me interessa seu modo de proceder; e o que se diz aqui é tudo confidencial, ouviu? — exclamou Meg, alarmada pela ideia do que se poderia seguir às suas inadvertidas palavras.

— Não sou intrigante — replicou Laurie, com um ar “imponente”, como Jo costumava chamar a certa expressão que ele às vezes tomava. — Mas se Brooke for transformar-se em barômetro de meus atos, preciso tomar cuidado e “fazer” bom tempo para ele o indicar.

— Não fique zangado; não tinha a intenção de molestá-lo; julguei somente que Jo estava encorajando em você um sentimento pelo qual, mais tarde ou mais cedo, iria sofrer dissabores. Dá-nos muito prazer estimá-lo como se fosse nosso irmão e gostamos, por isso, de dizer o que sentimos; perdoe-me, eu tive a melhor das intenções! — e Meg ofereceu-lhe a mão com afeição e timidez ao mesmo tempo. Envergonhado pelo seu repente de raiva, Laurie apertou-lhe a bondosa mãozinha, dizendo com sinceridade:

— Sou eu quem deve ser perdoado; fui grosseiro, tenho estado todo o dia irritado. Gosto de que você

me conte meus defeitos, fraternalmente; não se importe, pois, com os meus amuos; agradeço-lhe da mesma maneira.

Para demonstrar que não estava ofendido, tornou-se tão obsequioso quanto lhe foi possível: dobrou algodão para Meg, recitou poesias para Jo, apanhou bolotas para Beth, e auxiliou Amy nos seus fetos, tornando-se um ser útil e digno de pertencer à “Sociedade das Abelhas Trabalhadeiras”. No meio de uma amável discussão sobre os hábitos das tartarugas (uma dessas adoráveis criaturas saíra do rio a vagabundear pela margem) o tinir distante de uma campainha avisou-os de que Hannah havia posto o chá na chaleira e de que deveriam voltar para jantar.

— Posso voltar aqui de novo? — perguntou Laurie.

— Sim, se se mostrar ajuizado e amante de seus livros, como dizem que são os meninos dos contos — respondeu sorrindo Meg.

— Vou esforçar-me para isso.

— Venha então, que lhe ensinarei trabalhos de agulha, como fazem as escocesas; temos uma encomenda de meias agora — acrescentou Jo; e abanou no ar a sua, como se fosse uma grande bandeira azul, ao separarem-se no portão.

Naquela tarde, ao crepúsculo, quando Beth tocava para o sr. Laurence, o neto deste, Laurie, oculto atrás de uma cortina, ouvia a pequenina “David”, cuja música ingênua dissipava o aborrecimento de sua alma, e observava o velho avô, sentado e com a cabeça grisalha apoiada em uma das mãos, a pensar, talvez comovidamente, na pequenina morta que ele tanto amara. E, relembrando a conversa da tarde, o rapaz dizia a si próprio, na resolução de fazer alegremente o sacrifício de seus planos: “Renunciarei ao meu castelo e ficarei junto do querido velho enquanto lhe fizer falta, porque sou tudo o que ele possui no mundo.”

XIV

Segredos

Jo estava muito ocupada no sótão, pois em outubro os dias começam a esfriar e as noites a diminuir muito. Durante duas ou três horas, o sol entrava morno pela grande janela, iluminando a moça sentada no velho sofá a escrever febrilmente, com seus papéis espalhados sobre uma mala, em frente, enquanto Scrabble, o ratinho predileto, passeava nas traves do forro com seu filho mais velho, um lindo camundongo muito orgulhoso de seus bigodes nascentes. Absorvida totalmente em seu trabalho chegou Jo à sua última página, assinando depois o conto com um floreio da pena, que depôs, afinal exclamando:

— Pronto! Fiz o que pude. Se não servir, terei de esperar até poder fazer obra melhor. — E, deitando-se no sofá, leu todas as folhas cuidadosamente, riscando aqui e ali, amarrou depois o envólucro com uma bela fita encarnada e ficou sentada a olhá-lo, com uma expressão que demonstrava o esforço empregado para escrevê-lo.

A estante de Jo no sótão era uma velha lata de cozinha, pendurada à parede. Dentro dela guardava os papéis a salvo dos dentes de Scrabble que, com iguais pensamentos literários, devorava gulosamente as folhas dos livros que encontrava em seu caminho. Desse armário de lata, Jo tirou outro manuscrito; e, guardando ambos no bolso, desceu sorratamente a escada, deixando os amigos ratos a roer-lhes as penas de pato e provar-lhe a tinta.

Pôs o chapéu e o casaco o mais silenciosamente possível e, dirigindo-se a uma janela traseira, desceu ao telhado de um alpendre baixo, pulando daí no gramado, seguindo, depois, com um rodeio, em direção à estrada. Uma vez aí, compôs-se, chamou um ônibus que passava e dirigiu-se para a cidade, muito alegre e muito misteriosa.

Se alguém a estivesse observando, acharia seu itinerário um tanto singular, porque descendo do ônibus se dirigiu a passos largos para certa rua comercial, a procurar determinado número. Encontrado este, transpôs, depois de alguma hesitação, o limiar, olhou para a escada que conduzia ao alto, e, após permanecer alguns momentos hesitante, voltou subitamente à rua e fastou-se tão rápida como viera. Isto repetiu ela várias vezes, com grande contentamento de uns olhos pretos que a observavam de uma janela da casa fronteira. Ao voltar pela terceira vez, Jo encheu-se de coragem, desceu mais o chapéu na testa e subiu a escada com ar de quem ia mandar arrancar todos os dentes.

Realmente, havia uma placa de dentista, entre outras, adornando a entrada; e, depois de fitar por um instante a boca artificial que se abria e fechava devagar, à guisa de reclame, para mostrar lindas fileiras de dentes, o jovem dos olhos negros vestiu o paletó, tomou o chapéu e desceu, postando-se junto ao portal fronteiro a dizer de si consigo, sorrindo:

— É curioso ela ter vindo só, mas pode suceder-lhe alguma coisa e precisar de alguém que a acompanhe a casa.

Dez minutos depois, Jo descia as escadas com as faces muito vermelhas e a aparência de uma pessoa que passara por grandes apuros. Ao ver o moço, pareceu pouco satisfeita e passou pelo mesmo com um rápido cumprimento; ele, porém, seguiu-a, perguntando atenciosamente:

— Sucedeu-lhe alguma coisa?

— Não.

— Voltou tão depressa...

— Graças a Deus.

— Por que motivo veio só?

— Ninguém o precisa saber.

— Você é a criatura mais excêntrica que conheço. Quantos extraiu?

Jo fitou o amigo parecendo não o ter compreendido; depois começou a rir como se achasse muita graça em alguma coisa.

— Precisava extrair dois, mas preciso esperar uma semana.

— De que se ri? Você foi àquele sobrado para algum mistério, Jo — disse Laurie, intrigado.

— Como você. Que fazia, sr. Laurence, naquele salão de bilhar?

— Perdão, senhorita, aquilo não é salão de bilhar, e sim um ginásio, e eu estava aprendendo esgrima.

— Fico muito satisfeita com isso.

— Por quê?

— Porque me ensinará; e quando representarmos Hamlet você pode representar o papel de Laertes e nos sairemos otimamente na cena do duelo.

Laurie soltou uma gargalhada que fez sorrir involuntariamente vários transeuntes.

— Ensinarei, sim, quer representemos Hamlet ou não. É muito interessante e far-lhe-á bem. Não creio, porém, que fosse esta a razão para ter dito, daquele modo, seu “fico satisfeita”.

— Não. Fiquei satisfeita por saber que não era lá um bilhar; espero que você não costume frequentar tais lugares. Costuma?

— Poucas vezes.

— Desejaria que nunca frequentasse.

— Não há mal nisso, Jo. Tenho bilhar em casa, mas não é divertido porque não tenho parceiro. Por isso, como gosto muito desse jogo, divirto-me às vezes em alguma dessas casas, em companhia de Ned Moffat ou de outros amigos.

— Oh, Laurie! isto me põe muito triste, porque você se habituará e gastará tempo e dinheiro tornando-se como aqueles seus terríveis companheiros. Queria que você fosse um moço respeitável e o orgulho de seus amigos — replicou Jo.

— Mas não se pode ter uma distração, de vez em vez, sem se perder a respeitabilidade? — perguntou Laurie, embaraçado.

— Depende de como e onde nos distraímos. Não aprecio Ned nem os de sua roda e gostaria de que você os evitasse. Mamãe não permite que o recebamos em casa, conquanto ele muito o deseje; e, se você ficar com Ned, mamãe não deixará que continuemos a divertir-nos juntos, como atualmente.

— Realmente? — perguntou Laurie com ansiedade.

— Sim. Ela não suporta esses moços e prefere trancar-nos a ver-nos em companhia deles.

— Bem, não será preciso trancar vocês desde já; não faço e nem quero fazer parte dessa roda. Mas posso divertir-me, de vez em quando, como eles. Não é permitido?

— Sim, mas sem se viciar, ouviu? Senão, terminará nossa camaradagem.

— Serei um santinho.

— Não gosto de santos; seja um rapaz simples, honesto e respeitável que nunca lhe evitaremos a companhia. Não sei o que faria se você fosse como o filho do sr. King; tem muito dinheiro, não sabe o que fazer dele e embriaga-se, joga, mancha o nome do pai, enfim, torna-se um rapaz intolerável.

— E você acha que farei o mesmo? Muito agradecido!

— Não, querido Laurie! Mas ouço os outros dizer que o dinheiro é uma tentação, por isso às vezes desejaria que você fosse pobre; não haveria, então, motivo para afligir-me.

— E você aflige-se por minha causa, Jo?

— Um pouco, quando fica de mau humor ou contrariado; porque você tem um gênio tão teimoso que,

se enveredasse por mau caminho, seria difícil detê-lo.

Laurie caminhou silencioso por alguns minutos e Jo observava-o arrependida do que havia dito, pois parecia que o olhar dele exprimia raiva, enquanto os lábios sorriam às palavras dela.

— Você está disposta a pregar-me sermões durante todo o percurso? — perguntou ele, em seguida.

— Não. Por quê?

— Porque se estiver, tomarei um ônibus; se não, prefiro ir com você para contar-lhe uma coisa muito interessante.

— Não pregarei mais sermões e ouvirei com imenso prazer o que tem para dizer-me.

— Muito bem. Continuemos, então, a andar. É um segredo e, se eu lho confiar, você terá que me contar o seu.

— Não tenho segredos — começou a dizer Jo, mas parou subitamente, recordando-se de que realmente tinha um.

— Sabe bem que tem; você não me pode ocultá-los, se não, nada contarei também — exclamou Laurie.

— E o seu, é interessante?

— Como não há de ser! Diz respeito a pessoas que conhece e é muito engraçado! Você precisa saber e eu, há muito, estou doido para contar. Comece então.

— Promete nada dizer em casa?

— Nem uma palavra.

— E não me amolará depois?

— Nunca eu a amolo, nem ralho com você.

— Amola, sim. Você sabe fazer que os outros lhe digam tudo. É muito hábil.

— Muito obrigado. Vamos ao caso.

— Bem, eu deixei dois contos com um redator de jornal, para ver se publicam, e ele dar-me-á a resposta na próxima semana — sussurrou Jo ao ouvido de seu confidente.

— Viva miss March, a célebre escritora americana! — exclamou Laurie, arremessando o chapéu para o ar e pegando-o novamente, para gáudio de dois patos, quatro gatos, cinco galinhas e meia dúzia de irlandesinhos, pois agora já estavam fora da cidade.

— Cale-se! Não dará resultado, com certeza; mas não descansarei até estrear e nada desejo dizer a ninguém, pois não quero que haja mais pessoas desapontadas.

— Não acontecerá tal! Seus contos, Jo, são trabalhos de Shakespeare comparados com as tolices publicadas diariamente. Como será agradável vê-los em letra de forma! E como nos sentiremos orgulhosos com a nossa escritora!

Os olhos de Jo cintilaram, pois é sempre agradável ter esperanças e o louvor de um amigo é bem mais grato que uma dúzia de bombásticas notícias de jornal.

— E o seu segredo? Seja sincero, Laurie, senão nunca mais acreditarei em você — acrescentou ela, procurando dissipar o brilho das esperanças que fulgiram com aquelas palavras de encorajamento.

— Eu vou criar dificuldades contando-o, mas nunca falto ao que prometo. Sei onde está a luva de Meg.

— Só isso? — perguntou Jo desapontada, enquanto Laurie acenava afirmativamente com ar de mistério — E não é preciso mais; você concordará quando souber onde ela anda.

— Diga, então.

Laurie inclinou-se e sussurrou três palavras ao ouvido de Jo, cuja expressão mudou completamente, tornando-se motejadora. Parou e fitou-o, surpreendida e depois tomou ar aborrecido; e prosseguiu o diálogo, perguntando-lhe ela vivamente :

— Como o soube?

— Eu vi.

— Onde?
— No bolso dele.
— Durante todo este tempo?
— Sim, não acha romântico?
— Não; é revoltante.
— Não acha engraçado?
— É claro que não; acho ridículo; não deveria ser permitido. Meu Deus! Que irá dizer Meg?
— Lembre-se de que não deverá revelar a ninguém.
— Não o prometi.
— Ficou subentendido e eu tenho confiança em você.
— Bem, nada direi agora; mas estou contrariada; preferia não ter sabido.
— Pensei que você ficasse satisfeita.
— Com a ideia de alguém levar Meg de casa? Não; obrigada.
— Talvez preferisse que levassem a você, em vez de Meg?
— Gostaria de ver quem se atreveria a isso — replicou agressivamente Jo.
— Eu! — pensou sorrindo Laurie.
— Não sou amiga de segredos; sinto-me mal desde que você me contou aquilo — disse Jo

contrariada.

— Vamos correr por este morro que ficará bem disposta — sugeriu Laurie.

Não havia por ali ninguém; a estrada, suavemente, desenrolava-se convidativa diante dela; sem poder resistir à tentação, Jo partiu em desabalada corrida, deixando logo atrás de si o chapéu e o pentinho e semeando grampos pelo caminho. Laurie chegou primeiro ao ponto visado, muito alegre com o bom êxito da ideia, pois sua companheira ficara exausta, de cabelos esvoaçantes, olhos a rebrilhar e faces coradas e sem sombra de aborrecimento no semblante.

— Gostaria de ser um cavalo; poderia correr várias milhas sem perder o fôlego, neste ambiente delicioso de respirar. Mas veja em que estado fiquei! Vá catar os meus objetos, já que é um anjo — disse Jo, atirando-se à sombra de uma árvore que juncava o chão de folhas vermelhas.

Laurie dirigiu-se vagarosamente à procura dos objetos perdidos, e Jo pôs-se a arranjar os cabelos esperando que ali não passasse viva alma. Alguém passou, porém, e qual o seu espanto ao ver que era Meg, com ar de uma dama com seu vestido novo, pois tinha ido fazer visitas.

— Que faz você aqui? — perguntou ela, fitando com surpresa o desalinho da irmã.

— Estou juntando folhas — replicou Jo melifluamente, apresentando-lhe uma das mãos cheia de folhas rubras.

— E grampos também, acrescentou Laurie, atirando meia dúzia deles ao regaço de Jo — Nascem muito nesta estrada, Meg; e pentinhos e chapéus de palha também.

— Você esteve correndo, Jo! Como fez isso? Quando deixará esses modos de criança? — respondeu Meg enquanto a irmã arranjava o vestido e os cabelos, que o vento havia desmanchado.

— Nunca, enquanto não me tornar empertigada e velhusca e não usar muletas. Não queira fazer-me uma pessoa grande antes do tempo, Meg; é bem difícil mudar rapidamente de modos; deixe-me ser criança enquanto puder.

E, assim dizendo, Jo escondia o rosto para que não lhe vissem o tremer dos lábios. De há muito que compreendia que Margaret se tornava moça e agora, com o segredo de Laurie, via iminente a separação que tanto temia. Ele compreendeu o tremor de seu rosto e procurou desviar a atenção de Meg, perguntando-lhe de chofre:

— A quem foi visitar, tão chique assim?

— Aos Gardiner; Sallie me esteve contando as núpcias de Belle Moffat. Foi um ato lindíssimo e os dois partiram para passar o inverno em Paris. Como deve ser delicioso!

— Você inveja-a, Meg? — perguntou Laurie.

— Penso que sim.

— Muito estimo! — murmurou Jo, com um trejeito de impaciência, prendendo as fitas do chapéu.

— Por quê? — perguntou Meg, um tanto surpreendida.

— Porque se você gosta de riquezas, não se deve casar com um homem pobre — replicou Jo, com um gesto significativo para Laurie, que com o olhar lhe pedia que não traísse seu segredo.

— Jamais me casarei com alguém — observou Meg caminhando com a circunspeção de uma senhora, enquanto os dois a seguiam, rindo-se, cochichando, saltando sobre pedras, como duas crianças, no dizer de Meg — a qual, no entanto, se não fosse o vestido novo, talvez se sentisse tentada a imitá-los.

Durante uma ou duas semanas, Jo andou tão esquisita, que as irmãs estavam pasmadas. Corria à porta quando chegava o carteiro; tratava rudemente o sr. Brooke quando dele se aproximava; sentava-se em frente de Meg, olhando-a com ar de tristeza, dando-lhe às vezes repelões, para beijá-la em seguida, com modos misteriosíssimos. Vivia a fazer sinais a Laurie, que correspondia da mesma maneira, falavam a todo o momento em “Águias a alçarem voo”, a ponto de declararem as moças que ambos estavam ficando malucos.

No segundo sábado após a saída de Jo, Meg, sentada à janela a costurar, ficou escandalizada ao ver Laurie à procura de Jo por todo o jardim, indo finalmente encontrá-la no caramanchão de Amy. O que ali se passou não o pôde ver, mas ouviu estrepitosas gargalhadas, acompanhadas de murmúrios de vozes e do agitar de um jornal.

— Que faremos com aquela menina? Nunca conseguirá ser uma moça — suspirou Meg ao ver, contristada, a carreira desabalada em que ela vinha para casa.

— Creio bem que não — disse Beth, que nunca revelara estar um tanto magoada por ter Jo segredos que não lhe confiava.

— Devemos experimentar, mas jamais conseguiremos fazê-la comme la fô, acrescentou Amy, a arranjar os cachos de cabelos de certo modo que lhe parecia torná-la elegante e dar-lhe um aspecto de moça feita.

Daí a instantes, Jo entrou arrebatadamente, atirou-se sobre o sofá e pôs-se a ler.

— Há alguma coisa interessante nesse jornal? — perguntou Meg.

— Só um conto. Não tem grande valor, creio eu — replicou Jo, escondendo com cuidado o nome da autora do mesmo.

— Leia-o alto; isso nos divertirá e evitará que você vá fazer estrepolias — disse Amy, num tom de gente grande.

— Qual o título? — perguntou Beth, sem saber por que Jo escondia o rosto atrás da folha.

— “Os Pintores Rivaís”.

— O título é sugestivo. Leia-o — exclamou Meg. Tossindo primeiro e depois tomando um grande fôlego, Jo começou a leitura. As moças escutavam interessadas, pois o conto era romântico, algo patético; quase todos os personagens morriam no fim.

— Gostei da parte que se refere ao esplêndido quadro — notou Amy, quando Jo terminou.

— Eu prefiro a parte romântica. Viola e Ângelo são dois nomes de nossa predileção; não é mesmo coincidência? — disse Meg, enxugando os olhos, pois os amores acabavam tragicamente.

— Quem escreveu isso? — perguntou Beth, que havia observado de relance o rosto de Jo. A leitora levantou-se subitamente, afastou o jornal, mostrando fisionomia radiante e, num misto de solenidade e entusiasmo, respondeu em alta voz:

— Sua irmã!

— Você? — exclamou Meg, largando o trabalho.

— Está muito bom — opinou Amy.

— Eu já o conhecia! Oh, minha Jo, sinto-me tão orgulhosa! — e Beth atirou-se aos braços da irmã,

exultando com tão grande vitória.

Como ficaram todas encantadas! Meg não queria acreditar, enquanto não viu as palavras “Miss Josephine March”, impressas no jornal. Amy comentava favoravelmente o mérito artístico do conto, propondo ideias para a continuação, o que, infelizmente, era impossível, pois o herói e a heroína tinham morrido; Beth, entusiasmada, saltava e cantava de alegria; Hannah ficou estarrecida com a proeza de Jo! Não se calcula o orgulho da sra. March ao saber do acontecido; Jo ria com as lágrimas nos olhos quando a mãe lhe dizia que podia tornar-se vaidosa como um pavão; poder-se-ia dizer que a águia que ia alçar o voo batia já as asas triunfais sobre a casa dos March, pois o jornal passava de mão em mão.

— Conte-nos tudo. Quando foi isso? Quanto ganhou pelo conto? Que dirá papai? Não vá Laurie caçar — exclamava a família em peso, a uma só voz, agrupada ao redor de Jo; aquelas pessoas afetuosas e simples transformavam numa festa qualquer pequena alegria familiar.

— Parem de tagarelar, meninas, que lhes contarei tudo — dizia Jo, desejosa de saber se Miss Burney se sentiria mais importante com o seu “Evelina” que ela, com “Os Pintores Rivals”. Tendo contado como entregara os contos, Jo acrescentou: — E quando fui saber a resposta, o homem disse-me que gostara de ambos, mas não costumava pagar a estreantes, permitindo, somente, a impressão no jornal e publicando notícia sobre os contos. — Quando os principiantes melhoram, pagamos seus trabalhos — acrescentou ele. Por isso deixei-lhe os dois contos, sendo-me mandado hoje este jornal. Laurie viu-o comigo, insistiu para ler; e, permitindo-o eu, achou que estava bom. Vou escrever mais e ele irá buscar o dinheiro. Sinto-me tão contente por ver que algum dia poderei manter-me e auxiliar minhas irmãs!

Não pôde falar mais; escondeu o rosto no jornal, rorejando o seu contoquinho com algumas lágrimas — porque seu maior sonho, a máxima aspiração de sua vida era tornar-se independente, merecendo a estima daqueles a quem ela adorava — e parecia-lhe agora que conseguira galgar o primeiro degrau do seu lindo castelo encantado.

XV

Um telegrama

— Novembro é o mês mais desagradável do ano — disse Margaret à janela, numa tarde sombria, a olhar para o jardim coberto de neve.

— Foi a razão por que eu nasci nele — observou Jo pensativa sem saber que tinha o nariz sujo de tinta.

— Se nos acontecesse agora alguma coisa muito boa acharíamos um mês delicioso — disse Beth que olhava tudo pelo prisma do otimismo, até o mês de novembro.

— Talvez; mas nada acontecerá de bom para esta família — replicou Meg que estava evidentemente de mau humor — Vivemos a trabalhar dia após dia sem qualquer mudança de sorte e com muito pouca alegria. O ramerrão eterno.

— Meu Deus, como você está entendiada! — exclamou Jo. — Não é de admirar, pobrezinha, pois vê outras moças divertindo-se muito enquanto sua vida é sempre a mesma monotonia. Ah, não poder eu escolher o seu destino, como faço às minhas heroínas! Como você é muito boa e bonita, eu faria algum parente rico deixar-lhe uma fortuna inesperada. Sendo rica herdeira, você desprezaria todos os que a trataram com desdém e iria para o estrangeiro, regressando depois como Lady Qualquer Coisa, toda elegante e vivendo com deslumbrante fausto.

— Hoje em dia, não há mais ninguém que deixe fortunas como essas; os homens têm de trabalhar e as mulheres, de casar para encontrar arrimo. É um mundo bem injusto — replicou amargamente Meg.

— Jo e eu vamos adquirir riquezas para vocês todas; espere dez anos que o verá — disse Amy, sentada num canto a fazer “doces de barro”, que era como Hannah chamava os seus trabalhos de argila — pássaros, frutas e cabeças.

— Não poderei esperar, e não tenho muita fé com a tinta e o barro de vocês, mas fico gratíssima pelas suas boas intenções.

E Meg suspirou, volvendo novamente o olhar para o jardim coberto de neve; Jo resmungava de cotovelos apoiados na mesa, numa atitude de desalento; Amy, porém, trabalhava com seu barro animadamente e Beth, sentada junto à outra janela, disse sorrindo:

— Duas coisas boas vão acontecer: mamãe está chegando da rua e Laurie atravessa o jardim como se tivesse algo de muito interessante a contar.

Entraram ambos, a sra. March com a sua pergunta de costume:

— Há carta de seu pai, menina? — e Laurie a perguntar, no seu tom incisivo:

— Alguma de vocês quer dar um passeio? Estive às voltas com as matemáticas até ficar com a cabeça zonga e preciso refrescar o espírito com passeio de carro. O dia está enfarruscado, mas a temperatura não está má e vou buscar Brooke para que dentro de casa haja alegria caso não haja fora. Venham, Jo, Meg e vocês outras. Não querem?

— É claro que queremos.

— Muito obrigada, estou muito ocupada — e Meg tomou sua cesta de costura, pois havia concordado com a mãe em que seria melhor para ela, ao menos, não sair de carro com Laurie muitas vezes.

— Nós três estaremos prontas em um minuto — exclamou Amy correndo a lavar as mãos.

— Posso ser-lhe útil em alguma coisa, sra. Mamãe? — perguntou Laurie, inclinando-se sobre a cadeira da sra. March com o olhar e expressão afetuosos com que sempre se dirigia a ela.

— Não, muito agradecida, exceto passar pelo correio, se quiser fazer-me esse favor. Hoje é dia de vir carta e o carteiro não passou. Meu marido é tão regular na sua correspondência como o sol, mas com certeza houve alguma demora no caminho.

Um tilintar forte interrompeu-a, e em seguida Hannah entrou com um papel.

— É uma daquelas horríveis coisas do telégrafo — disse ela entregando-o com os modos de quem tivesse receio que explodisse e lhe produzisse algum dano.

À palavra “telégrafo” a sra. March tomou-o rápido, leu as duas linhas do mesmo, caindo a seguir numa cadeira, tão branca que parecia que aquele papel lhe havia atravessado o coração como uma bala. Laurie precipitou-se a buscar-lhe água enquanto Meg e Hannah a amparavam e Jo lia alto com uma voz horrorizada:

Sra. March:

Seu marido está muito mal. Venha imediatamente. Hospital Branco, S. Hale, Washington.

Como ficou muda a sala ao ouvirem aquilo! Como se transformou o mundo de repente, quando as moças se reuniam ao redor da mãe, como compreendendo que estavam na iminência de perder sua felicidade e seu amparo!

A Sra. March voltou a si em pouco; leu novamente o despacho e estendeu os braços para as filhas, dizendo num tom que elas jamais esqueceram:

— Irei imediatamente, mas poderá ser muito tarde! Oh, minhas filhinhas, ajudem-me a suportar este golpe! Durante alguns minutos só se ouviam soluços, de mistura com intercortadas palavras de conforto, promessas ternas de auxílio e murmúrios de esperança que se fundiam finalmente em lágrimas. A pobre Hannah foi a primeira a cobrar ânimo, dando, com sua inconsciente sabedoria, um ótimo exemplo às mais, pois para ela o trabalho era remédio para a maioria dos sofrimentos.

— Deus velará pelo querido patrão! Não quero gastar meu tempo com gritos, mas a preparar seus objetos para a partida — dizia ela para a ama com ternura, enxugando o rosto no avental e apertando-lhe fortemente a mão, com a sua calejada nos serviços grosseiros. E começou a trabalhar como três mulheres juntas.

— Ela tem razão; não há tempo para lágrimas agora. Fiquem sossegadas, meninas, e deixem-me refletir.

As pobrezinhas procuraram acalmar-se quando sua mãe se levantou, pálida, mas resoluta, esquecendo a recente dor, para pensar no que conviria fazer.

— Onde está Laurie? — perguntou, ao ter as ideias lúcidas e depois de resolver qual o primeiro passo a dar.

— Estou aqui, sra. March. Oh! permita-me que faça alguma coisa! — exclamava o rapaz, vindo às pressas do cômodo contíguo onde se refugiara ao ver que a tristeza de suas amiguinhas era por demais sagrada para ser vista mesmo por seus olhos amigos.

— Passe um telegrama avisando que irei imediatamente. O primeiro trem parte de madrugada. Irei nele.

— Que mais? Meu cavalo está pronto; posso ir fazer mais alguma coisa em qualquer outra parte — dizia ele disposto até a partir para os confins do mundo.

— Leve-me uma carta para tia March. Jo, dê-me aquela pena e aquele papel. Rasgando um pedaço em branco de uma de suas folhas recém-escritas, Jo puxou a mesa para junto de sua mãe, sabendo que ela ia pedir dinheiro emprestado para a longa e triste viagem; e pareceu-lhe que poderia contribuir com alguma quantia em benefício de seu pai.

— Vá agora, meu caro Laurie, mas não se mate a tocar muito depressa; não há necessidade.

O aviso da sra. March foi evidentemente perdido, porque cinco minutos depois Laurie passava sob a

janela, no seu cavalo de corridas, a galopar como para salvar a própria vida.

— Jo, corra a dizer à sra. King que não poderei ir lá. No caminho, compre estas coisas. Serão precisas e eu devo ir preparada para ficar como enfermeira. Os sortimentos dos hospitais nem sempre são bons. Beth, vá pedir ao sr. Laurence duas garrafas de vinho velho; não me envergonho de pedir para seu pai. Este há de ter tudo o que haja de melhor. Amy, diga a Hannah que traga a mala preta; e você Meg, venha ajudar-me a arranjar minha roupa, pois estou meio aturdida.

Escrevendo, pensando e dirigindo, tudo de uma só vez, era natural que a pobre senhora se aturdisse, e por isso Meg pediu-lhe que se sentasse e ficasse quieta uns instantes, deixando que elas providenciassem. Todas se espalharam, como um punhado de folhas a um pé de vento; e o lar calmo e feliz transformou-se de súbito, como se aquele papel fosse um sortilégio fatal.

O sr. Laurence chegou logo com Beth, trazendo tudo aquilo de que o bom velho se pôde lembrar para o ferido, e as mais amistosas promessas de velar pelas meninas durante a ausência da mãe, o que a tranquilizou bastante. Nada houve que ele não oferecesse, desde seu melhor roupão, até sua própria companhia. Isto, porém, era inadmissível. A sra. March não podia consentir que o idoso amigo empreendesse tão penosa viagem.

Todavia, por uma passageira expressão de seu rosto a semelhante ideia, o sr. Laurence percebeu que com a companhia de alguém não viajaria tão ansiosa. Então franziu as sobrancelhas, esfregou as mãos e saiu abruptamente, dizendo que voltaria logo. E ninguém teve mais tempo de pensar nele. Mas daí a pouco, quando Meg atravessava o vestíbulo a correr, com um par de galochas em uma das mãos e uma xícara de chá na outra, deu de rosto com o sr. Brooke.

— Fiquei muito incomodado ao saber a notícia, miss March — disse ele num tom delicado e calmo que soava agradavelmente aos ouvidos da aflita moça. — Vim oferecer-me para acompanhar sua mãe. O sr. Laurence encarregou-me de alguns negócios em Washington e assim terei grande prazer em poder ser-lhe útil naquela cidade.

As galochas caíram ao chão e o chá quase seguiu o mesmo caminho, quando Meg lhe estendeu a mão com expressão de tão comovido reconhecimento, que o sr. Brooke só com isso se sentiria pago de sobejo, mesmo se fosse grande o sacrifício que tivesse de fazer.

— Como o sr. é bom! Mamãe aceitará certamente. E será um grande consolo saber que ela terá alguém que vele por ela. Muito, muito obrigada.

E Meg falava calorosamente, esquecendo-se de tudo, até que algo naqueles olhos castanhos que a fitavam a fez lembrar-se do chá que esfriava; dirigiu-se então para a sala, prometendo chamar a mãe.

Estava tudo arranjado quando Laurie chegou com uma carta de tia March, acompanhada da quantia pedida; em algumas linhas repetia ela o que já por várias vezes dissera: que sempre achara uma loucura a ida de March para a guerra e predissera que alguma coisa de funesto aconteceria; e esperava que para o futuro lhe seguissem os conselhos. A sra. March pôs a carta no fogo, o dinheiro na bolsa e continuou com seus preparativos.

A tarde escoou-se com rapidez; todas as providências foram tomadas; Meg e sua mãe empregaram a noite a fazer alguns necessários trabalhos de agulha, enquanto Beth e Amy preparavam o chá, pois Hannah estava a passar roupa; Jo, porém, não aparecia. Começaram a ficar inquietos; Laurie saiu a procurá-la pois não sabiam o que lhe poderia ter acontecido. Ele não a encontrou; mas Jo chegou daí a pouco com expressão enigmática, misto de alegria e de receio, de satisfação e de pesar, ficando toda a família embasbacada quando ela depôs diante da mãe um maço de notas, a dizer em comovido tom de voz:

— Eis a minha contribuição para o conforto de papai e para sua volta a nossa casa!
— Onde arranjou isso, minha filha? Vinte e cinco dólares! Creio que não fez alguma loucura?
— Não; ganhei honestamente este dinheiro; não o pedi, não o tomei emprestado, de modo que ninguém poderá censurar-me por isso. Limitei-me a vender o que era meu.

E assim dizendo, tirou o chapéu. Partiu um grito de todas as bocas.

A sua abundante cabeleira havia sido cortada.

— Os seus cabelos! Os seus lindos cabelos! Oh, Jo, como fez isso? A única coisa bonita que você possuía! Minha filha, não era necessário esse sacrifício! Não se parece mais com a minha Jo, mas agora eu a amo ainda mais!

Enquanto soavam estas exclamações e Beth lhe abraçava ternamente a cabeça, Jo assumia um ar indiferente que não enganava a ninguém; e disse, depois, erguendo a cabeça de cabelos tosquiados rentes, como se os preferisse desse modo:

— Isto não influirá nos destinos da nação; portanto, não se lamente, Beth. Meu cérebro terá ideias mais límpidas; sinto a cabeça deliciosamente fresca, e o barbeiro disse que eu terei logo cabelos cacheados como os de um menino; estou muito satisfeita, por isso guarde esse dinheiro e vamos jantar.

— Conte-nos tudo, Jo; eu não estou satisfeita, mas não posso censurá-la, pois compreendo que você sacrificou de boa vontade a sua vaidade, como você lhe chama, ao seu amor filial. Mas, minha filha, não era necessário e receio que se arrependa — disse a sra. March.

— Absolutamente não me arrependerei! — protestou Jo com firmeza, sentindo-se aliviada por ver que não fora censurada sua loucura.

— Como se resolveu a isso? — perguntou Amy, que se lembraria antes de cortar a cabeça do que os seus lindos cachos.

— Estava louca por fazer alguma coisa por papai — explicou Jo, enquanto se reuniam ao redor da mesa, pois os jovens têm apetite mesmo nas circunstâncias mais tétricas — tenho horror de pedir dinheiro emprestado, exatamente como mamãe, e sei que tia March é deveras rabugenta: se lhe pedem uma moeda, começa a resmungar. Meg dera todo o seu ordenado do semestre para o aluguel da casa e eu comprei umas roupas com o meu, de forma que me considerava má e precisava arranjar dinheiro, de qualquer maneira, nem que fosse vendendo o meu próprio nariz.

— Você não devia julgar-se má, minha filha; não tinha agasalhos e comprou coisas muito modestas com seu magro salário — disse a sra. March, com um olhar que confortou o coração de Jo.

— Não tive a princípio a menor ideia de vender os cabelos: caminhando na rua ia a pensar no que faria, quando, na vitrina de um barbeiro, vi cabeleiras para vender, com os preços marcados; uma delas, preta, comprida, mas não tão espessa como a minha, era oferecida por quarenta dólares. Veio-me então a ideia súbita de que possuía um meio de obter dinheiro; e, com esta ideia fixa, entrei no salão e perguntei se compravam cabelos e que preço davam pelos meus.

— Não posso compreender como teve essa coragem, — disse Beth em tom de espanto.

— A pessoa a quem me dirigi era um homenzinho que parecia viver unicamente para passar óleo no próprio cabelo. A princípio, fitou-me espantado, como se não estivesse acostumado a ver moças entrar esbaforidas a oferecer os cabelos à venda. Respondeu-me então que não dava muito valor aos meus, pois não eram da cor da moda e não poderia pagar muito por eles, por demandar muito trabalho o modificá-los, e assim por diante. Estava-se tornando tarde e eu comecei a recear nada conseguir — vocês sabem que quando resolvo fazer uma coisa não gosto de voltar atrás; por isso, pedi-lhe que os cortasse e disse-lhe que tinha pressa explicando a razão da mesma. Ele estava de má vontade, mas mudou de disposição ante o calor com que lhe expus nossa situação. A mulher ouviu o que eu contara, por isso interveio bondosamente:

— Compre-os Tomás, satisfaça essa moça; eu faria o mesmo pelo nosso Jimmy, se tivesse lindos cabelos.

— Quem era Jimmy? — perguntou Amy que gostava de saber tudo por miúdos.

— Um filho do casal que está no exército, segundo me disseram. Como os estranhos se tornam nossos amigos, por motivos como este! Ela conversou comigo todo tempo que o marido levou a cortar-me os cabelos, distraíndo-me muito suas palavras.

— E você não sentiu horror quando ele deu o primeiro corte? — perguntou Meg. num arrepio.

— Lancei um último olhar a meus cabelos enquanto o homem dispunha os objetos, e foi só. Nunca choramingo por coisas sem importância; confesso, porém, que achei esquisito ver os meus queridos cabelos em cima da mesa e sentir a cabeça leve, muito leve. Quase parecia que me haviam cortado um braço ou uma perna. A mulher viu-me olhar para eles e deu-me uma comprida madeixa dos mesmos para que eu a guardasse. Vou lhe dar, mamãe, como lembrança das glórias passadas, pois estou gostando tanto dos cabelos cortados, que acho que não os deixarei crescer de novo.

A sra. March enrolou o cacho ondedado e castanho, guardando-o na sua escrivaninha, junto a um outro, grisalho. Disse somente:

— Obrigada, querida filha — mas tomou tal expressão seu rosto, que as meninas trataram de mudar de assunto, começando uma animada conversa sobre a bondade do sr. Brooke, e a perspectiva de ser lindo o dia seguinte e a alegria que teriam quando o pai viesse convalescer em casa.

Às dez horas, como nenhuma desejasse ir deitar-se, a sra. March, pondo fim ao trabalho com que se entretivera, chamou-as. Beth foi para o piano e tocou a música favorita de seu pai; começaram todas a cantar com entusiasmo, mas foram parando uma a uma até que Beth ficou só a cantar com todo o sentimento, porque a música para ela era um suavíssimo consolo.

— Vão deitar-se e não conversem, pois precisamos levantar cedo e é necessário dormir. Boa noite, minhas queridas filhas — disse a sra. March ao terminar o hino. Beijaram-na serenamente e dirigiram-se para seus leitos tão silenciosamente como se o ferido estivesse no quarto contíguo. Beth e Amy adormeceram logo, apesar de sua preocupação, porém Meg jazia acordada, embebida nos pensamentos mais atrozes que já tivera em sua curta vida. Jo estava deitada, imóvel, e a irmã julgava-a adormecida, até que um soluço abafado a fez exclamar, afagando-lhe docemente o rosto:

— Jo, queridinha, que tem? Está chorando por causa do papai?

— Não, agora não é.

— Então por quê?

— Por causa... dos meus cabelos — soluçou a pobre Jo, procurando em vão abafar os soluços, enterrando o rosto no travesseiro.

Comovida com essa resposta, Meg, beijou a pobre heroína com grande ternura.

— Eu não estou arrependida — protestou Jo com outro soluço. — Faria o mesmo amanhã novamente, se pudesse. É o meu egoísmo, a minha vaidade que me faz chorar deste modo tolo. Não conte a ninguém. Pensava que você estivesse dormindo e deixei-a ouvir os meus soluços. Mas por que está ainda acordada?

— Não posso dormir; estou muito inquieta — disse Meg.

— Pense em alguma coisa agradável que afastará esses pensamentos.

— Já experimentei, mas cada vez tenho menos sono.

— E em que pensou você, para esse fim?

— Em rostos lindos; em olhos, particularmente — respondeu Meg, sorrindo para si mesma no escuro.

— De que cor os aprecia mais?

— De cor castanha... isto é, às vezes acho lindos também os olhos... azuis.

Jo riu-se e Meg admoestou-a vivamente a ficar quieta. E depois de prometer-lhe amavelmente encrespar-lhe os cabelos curtos, adormeceu e sonhou que já estava morando em seu lindo castelo aéreo.

Batiam os relógios a meia-noite, e os aposentos permaneciam em absoluto silêncio, quando uma sombra deslizou suavemente de leito em leito, alisando aqui um cobertor, arranjando ali um travesseiro, parando para fitar com ternura cada um dos rostos adormecidos e beijá-los com lábios abençoadores e mudos, na fervorosa prece que somente as mães sabem proferir. Quando afastou a cortina para fitar a noite escura e fria, a lua surgia súbito de detrás das nuvens, projetando raios pálidos sobre o seu vulto, como que a segredar no silêncio noturno:

— Conforta-te, coração! Ainda há luz brilhante atrás das nuvens sombrias!...

XVI

Cartas

Na madrugada cinzenta e fria, as irmãs acenderam as luzes e leram os seus capítulos habituais, com uma devoção nunca dantes sentida, pois havia agora a sombra de uma tristeza real a mostrar-lhes como sua vida passada havia sido rica em fulgores e alegrias. Os livrinhos foram pródigos de palavras confortadoras e amigas; e, vestindo-se, deliberaram dar à mãe um adeus jovial, esperançoso, para que ela pudesse fazer a triste viagem sem a recordação entristecedora de lágrimas e de lamentos.

Acharam grande estranheza em tudo ao descerem; lá fora, sombras apenas, e silêncio; e dentro, agitação e rumores de vida. Era esquisita a colação a hora tão matinal, e o próprio rosto familiar de Hannah pareceu-lhes estranho, quando se dirigia para a cozinha ainda de touca de dormir.

A grande mala já estava pronta no vestíbulo; sobre o sofá jaziam a capa e o chapéu da mãe, a qual procurava comer alguma coisa; mostrava-se, porém, tão pálida e abatida, que as filhas acharam difícil manter a resolução tomada ao levantar-se. Os olhos de Meg estavam vermelhos apesar de seu propósito; Jo era obrigada por vezes a esconder o rosto; e os semblantes das mais novas achavam-se repassados de tão grave expressão que se diria que só então sabiam o que era o sofrimento.

Nenhuma falava, pois o tempo se escoava rápido; e, enquanto esperavam a carruagem, a sra. March dizia às filhas — todas ocupadas com os preparativos — uma, a dobrar-lhe o xale, outra a alisar-lhe as fitas do chapéu, uma outra a calçar-lhe as galochas, a última, enfim, a apertar-lhe as correias da mala de viagem.

— Meninas, deixo vocês aos cuidados de Hannah e do sr. Laurence; Hannah é a lealdade em pessoa, e o nosso bom vizinho velará por vocês como se fossem suas filhas. Não tenho cuidados por sua causa, portanto, mas receio que não saibam arrostar animosamente esta provação. Não chorem nem se aflijam quando eu partir nem pensem que podem achar consolo na indolência ou no esquecimento. Entreguem-se ao trabalho, como é costume, pois é sempre um lenitivo abençoado. Esperem e esforcem-se; aconteça o que acontecer lembrem-se de que nunca serão órfãs.

— Sim, mamãe.

— Meg, minha filha, seja ajuizada; vele por suas irmãs; aconselhe-se com Hannah e, em qualquer embarço, vá ter com o sr. Laurence. Seja paciente, Jo; não fique desanimada nem faça maluquices; escreva-me muitas vezes; seja valorosa, pronta a auxiliar e a encorajar todas. Beth, console-se com a sua música e não se esqueça das pequenas obrigações domésticas; e você Amy, ajude a todas no que puder, seja obediente e fique quietinha em casa.

— Sim, mamãe! assim faremos.

O ruído de um carro que se aproximava pô-las todas à escuta. Era o momento da separação, mas as meninas a suportaram bem; nenhuma delas chorou, nem gritou, nem correu, nem proferiu um lamento, embora seus corações estivessem agitados ao enviarem lembranças ao pai, por se lembrarem ao mesmo tempo de que talvez fosse tarde para dá-las. Beijaram calmamente a mãe, abraçaram-na com ternura e tiveram forças bastantes para agitar as mãos quando o carro se afastava.

Laurie e o avô foram vê-la partir e o sr. Brooke parecia tão animado, sensível e bom, que as meninas o crismaram com o cognome de sr. Magnânimo.

— Adeus, queridas filhas! Deus as abençoe e as guarde! — sussurrava a sra. March, beijando uma por uma as facezinhas pálidas. Em seguida subiu depressa no carro. Ao afastar-se, o sol começava a raiar. Voltando-se para trás, viu, como um bom augúrio, o grupo no portão iluminado pelos primeiros raios de sol. Viram-na também e acenaram-lhe as mãos sorrindo; a última visão que teve, ao dobrar a esquina, foi a dos seus quatro rostos, tendo atrás de si, como guardas fiéis, o velho sr. Laurence, a fiel Hannah e o dedicado Laurie.

— Como todos são bons para nós — disse ela, voltando-se e encontrando, como prova evidente disso, a respeitosa e simpática figura do jovem professor.

— Não vejo como o poderiam deixar de ser — replicou o sr. Brooke rindo-se de modo tão contagioso que a sra. March não pôde deixar de sorrir; e, assim, a longa jornada iniciava-se com os ótimos auspícios de raios de sol, sorrisos e palavras amáveis.

— Tenho a impressão de que houve um terremoto — dizia Jo, quando os vizinhos foram almoçar, deixando-as sossegar e descansar.

— Parece que falta metade da casa — acrescentou Meg em tom consternado. Beth abriu os lábios para dizer algo, mas só conseguiu apontar para a ruma de meias cuidadosamente remendadas que jaziam sobre a mesa da mãe, a demonstrar que mesmo na pressa da última hora havia pensado nelas e trabalhado para elas. Era pouco o que fizera, mas significava muito para seus magoados corações; por isso, a despeito de suas resoluções anteriores, começaram todas a chorar amarguradamente.

Hannah achou sensato deixá-las entregues aos seus próprios sentimentos; e, quando viu que a borrasca dava indícios de passar, foi em seu socorro, armada com uma cafeteira.

— Agora, queridas meninas, lembrem-se do que disse sua mamãe e não se ralem; venham tomar uma xícara de café e vamos trabalhar, para honra da família.

O café era convidativo; Hannah mostrou fino tato em prepará-lo naquela manhã. Nenhuma pôde resistir a seus persuasivos gestos nem ao convite aromático que se evolava do bico da cafeteira. Foram para a mesa, trocaram os lenços por guardanapos e dentro de dez minutos estava tudo sossegado novamente.

— Esperança e trabalho!, foi o lema que mamãe nos deixou; portanto, vamos ver quem se recordará melhor do mesmo. Irei à casa de tia March, como de costume. Oh, tenho que ouvir um sermão, pela certa! — disse Jo, enquanto sorvia a bebida, em nova disposição de espírito.

— E eu irei para os meus King, embora preferisse ficar a cuidar da casa — disse Meg, triste por ter ficado com os olhos tão vermelhos.

— Não é preciso; Beth e eu tomaremos conta da mesma muito bem — acrescentou Amy com um ar importante.

— Hannah dirá o que devemos fazer e estará tudo direito quando vocês chegarem — disse Beth, começando a tirar a mesa. Quanto a Amy, mostrava-se pensativa, a comer açúcar.

As outras não puderam deixar de rir, alegrando-se com isso, embora Meg abanasse mudamente a cabeça, ao ver a irmã achar o consolo num açucareiro.

Ao ver os pastéis do lanche usual, Jo tornou-se novamente triste; e ao saírem as duas para a sua tarefa diária, olharam tristes para trás, para a janela onde costumavam ver o rosto de sua mãe. Não o avistaram; Beth, porém, lembrara-se do pequeno costume doméstico e foi para a janela, dizendo-lhes adeus como um corado mandarim.

— Como é boa minha Beth! — disse Jo acenando-lhe o chapéu, com expressão satisfeita.

— Adeus, Meg; tenho a esperança de que os King não passearão hoje. Não se inquiete pelo papai, querida irmã — acrescentou ao partir.

— Eu tenho esperança de que tia March não se mostrará muito rabugenta. Seus cabelos estão lhe assentando bem e dão-lhe um bonito ar de rapaz — disse Meg, fazendo esforços para não rir da cabeça anelada que parecia comicamente pequena nos altos ombros da irmã.

— É o meu único consolo — e, colocando o chapéu “à Laurie”, Jo afastou-se, parecendo-lhe uma ovelha tosquiada num dia hibernar.

As notícias do pai confortaram-nas muito; conquanto perigosamente ferido, bastara a presença da melhor e mais terna das enfermeiras para sentir-se bem disposto. O sr. Brooke mandava boletins diários e, como chefe da família, Meg fazia questão de ler, para todas, esses telegramas que se tornavam cada vez mais animados. A princípio, todas queriam escrever e volumosas cartas eram postas cuidadosamente na caixa do correio por alguma das irmãs, as quais se sentiam importantes com sua “correspondência para Washington”. Como uma das sobrecartas contivesse linhas características de cada um da família vamos roubá-la imaginariamente e ler todo o seu conteúdo.

Idolatrada mamãe:

É impossível descrever-lhe a alegria que tivemos com sua última carta, pois eram tão boas as notícias que não pudemos deixar de rir e gritar de contentamento. Como é bondoso o sr. Brooke e que felicidade terem os negócios do sr. Laurence lhe proporcionado ensejo para fazer-lhe companhia tanto tempo, sendo tão útil à senhora e ao papai! As meninas estão boas, física e moralmente. Jo ajuda-me na costura, insistindo em fazer toda a espécie de trabalhos pesados. Eu teria receio de que se fatigasse em excesso, se não soubesse que esse seu capricho não será de longa duração. Beth é de uma regularidade assombrosa em suas tarefas e jamais se esquece do que a senhora lhe recomendou. Aflige-se muito com a doença de papai e anda triste, exceto quando está a tocar piano. Amy ajuda-me bastante e eu tenho muito cuidado com ela. Ela mesma penteia o seu cabelo, e eu estou-lhe ensinando a cascar roupas e a remendar meias. Luta com alguma dificuldade, mas sei que a senhora ficará satisfeita com o seu adiantamento quando voltar.

O sr. Laurence vela por nós como uma galinha por seus pintinhos, conforme diz Jo, e Laurie é muito atencioso e amigo. Ele e Jo conservam-nos alegres, pois às vezes ficamos aborrecidas, parecendo-nos que somos órfãs, por estar a senhora tão distante. Hannah é uma santinha; não ralha conosco, chama-me sempre “Miss Margaret”, o que é muito distinto, como sabe, e trata-me com muito respeito. Estamos todas bem e sempre diligentes; ansiamos, porém, dia e noite, pela sua volta. Abraços muito apertados para o papai e creia que sou sempre sua amorosa

Meg

Esta carta, primorosamente escrita em papel perfumado, contrastava extraordinariamente com a seguinte, rabiscada em grande folha de papel fino e feio, ornada de borrões e floreios caligráficos:

Minha preciosa mamãe:

Três vivas ao querido papai! Brooke foi um verdadeiro “trunfo” ao telegrafar-nos que ele estava melhor. Corri para o sótão ao chegar essa notícia e tentei dar graças a Deus por ser tão bom para nós, mas só conseguia exclamar: “Estou alegre! Estou alegre!” Não acha que estas palavras valem uma oração em regra? Pois era grande a emoção que as inspirava. Temos tido motivos de contentamento e posso entregar-me a este, agora, plenamente, porquanto em casa é como se vivêssemos num ninho de pombos. A senhora rir-se-ia ao ver Meg sentada à cabeceira da mesa, diligenciando mostrar-se maternal. Ela fica dia a dia mais bonita e às vezes sinto-me verdadeiramente apaixonada pela mesma. As outras são uns verdadeiros anjos e eu... bem eu continuo a ser Jo, e nunca serei outra coisa mais.

Ah, devo contar-lhe que estive a ponto de brigar com Laurie. Tomei a liberdade de falar-lhe sobre uma tolice dele e Laurie ficou zangado. Eu tinha razão mas não me exprimi como devia ter feito, e ele foi para casa dizendo que não voltaria aqui enquanto não lhe pedisse perdão. Declarei

que não o faria, e ele ficou louco de raiva. Assim se passou o dia inteiro. Arrependi-me e desejei ardentemente que a senhora estivesse aqui. Laurie e eu somos ambos muito orgulhosos e é uma coisa difícil pedir perdão; eu, porém, julgava que ele viesse, pois a razão estava de meu lado. Contudo, não veio; à tarde, lembrei-me do que a senhora disse quando Amy caiu no rio. Li meu livrinho, senti-me melhor e resolvi não deixar que minha raiva durasse até o dia seguinte; por isso, corri a procurar Laurie para dizer que eu estava triste. Encontrei-o no portão quando vinha aqui para o mesmo fim. Rimo-nos ambos, pedindo-nos mutuamente perdão e tudo voltou às boas como dantes.

Fiz ontem um “trabalhinho”, quando ajudava Hannah a lavar; como papai gosta de minhas tolices poéticas, mando-o, para distraí-lo. Dê-lhe um abraço apertado como ele nunca recebeu. Beija-a uma dúzia de vezes, a sua “espeloteada”

Jo.

Canção da Bolha de Sabão

*Rainha de minha tina, canto alegre enquanto a branca espuma vai surgindo;
e lavo com vontade, e esfrego, e torço, e ponho, enfim, as roupas a enxugar;
ficam a balançar, ao vento brando, sob um radioso céu,*

*Gostaria de lavar de nossas almas
as manchas negras destes dias findos;
fazer que a água e o ar com seu poder
purificassem nossos corações;
seria então um dia glorioso,*

— o dia da barrela!

*Pelo caminho de uma vida útil, só pode florescer a doce paz;
a ocupação do espírito não deixa tempo para tristezas e cuidados;
os pensamentos maus são repelidos com a vassoura na mão.*

*Estou alegre com a tarefa que me deram,
para fazer dia a dia,
pois dá-me vida, forças, esperanças,
e ensina-me a dizer:*

*“A cabeça a pensar, a alma a sentir.
E as mãos a trabalhar!”*

Querida mãe:

O espaço é pequeno para enviar-lhe minhas saudades e umas margaridas murchas do pé que tenho conservado para que papai veja. Leio todas as manhãs, esforço-me por ser boa todos os dias, e canto sozinha para adormecer, do modo como papai cantava. Não posso mais entoar “A Canção do paraíso”; faz-me chorar. Todos são muito bons para nós e somos felizes quanto o permite a ausência da senhora. Amy precisa do resto da página, por isso vou parar. Não me esqueço de dar corda ao relógio e de arejar os quartos todas as manhãs. Beije papai na face que ele diz que é minha. Volte depressa para junto da sua

Bethzinha

Ma chère Maman:

Estamos todas boas, dou minhas lições sempre e nunca contradigo as meninas. Meg diz que quero dizer “contrário” por isso eu ponho as duas palavras para a senhora escolher a que for mais apropriada. Meg é muito boazinha para mim e dá-me geleia toda noite na hora do chá. Jo

diz que é para eu continuar bem comportada.

Laurie não é muito respeitável como devia ser agora que eu tenho quase dez anos; chama-me Pintinho e ofende os meus sentimentos conversando francês comigo muito depressa, quando eu falo Merci ou Bonjour como faz a Hattie King, as mangas de meu vestido azul estavam rasgadas e Meg pôs umas novas mas a frente ficou errada e elas estão mais azuis que o vestido. Isso me aborrece, mas sofro com paciência; em todo caso, desejo que Hannah ponha mais goma nos meus aventais e prepare sopa de trigo todos os dias. Não pode? Meg diz que a minha pontuação e ortografia são horríveis isso me aborrece, mas meu Deus tenho tantas coisas a fazer que não posso escrever com mais cuidado. Adeus, mando montões de lembranças para o papai.

*Sua filha amorosa,
Amy Curtis March.*

(Nota: os alteres pitorescos e singulares da carta de Hannah vão abaixo traduzidos em linguagem corrente).

Prezada ama sra. March:

Mando-lhe estas linhas apressadas para dar notícias nossas. As moças estão boas e muito alegres. Miss Meg está-se tornando uma ótima dona de casa; tem gosto e aprende as coisas muito depressa. Jo procura passar-lhe na frente. Segunda-feira lavou uma tina de roupas, mas depois engomou-a antes de estar bem torcida, e anilou tanto um vestido de chita cor-de-rosa, que eu quase morri de rir. Beth é a melhor de todas e procura ajudar-me, e pode-se ter confiança no trabalho dela. Procura aprender as coisas e vai fazer compras no mercado; é também quem faz as contas, ajudada por mim, do modo mais cuidadoso. Temos feito com isso muita economia. Não deixo que elas tomem café mais de uma vez por semana conforme seus desejos. Amy consola-se usando os seus melhores vestidos e comendo doces. O sr. Laurie continua sempre dedicado e vem frequentemente aqui a casa; anima muito as meninas e deixo-os por isso continuar sua camaradagem. O velho manda sempre coisas. O pão está crescendo no forno, não tenho tempo para escrever mais. Muitas recomendações ao sr. March, com os meus votos para que logo sare completamente. Sua criada respeitosa:

Hannah.

Boletim do Quartel General.

Tudo calmo, tropas em boas condições, comissariado bem dirigido. Casa da Guarda sob as ordens do Coronel Laurie; a postos o Comandante Chefe General Laurence revista o exército diariamente, Sargento de Quartel Mestre Mullet aguarda ordens no campo e o Major Leão cumpre o seu dever de vigilância, à noite. Uma salva de vinte e quatro tiros de artilharia foi dada ao chegarem as boas notícias de Washington, havendo parada com uniforme de grande gala no Quartel General. O Comandante Chefe envia-lhe recomendações, no que é secundado pelo Coronel Laurie.

Prezada senhora:

As meninas vão bem; Beth e o meu rapaz escrevem diariamente. Hannah é o modelo das criadas, guardando a linda Meg como um dragão. Continua o bom tempo; peço-lhe dizer a Brooke que procure ser-lhe o mais útil possível e que saque sobre minha firma, se as despesas excederem o seu orçamento. Não deixe seu marido passar falta de coisa alguma. Damos graças a Deus por ele estar melhorando. Seu sincero amigo e criado:

James Laurence.

XVII

>

A que não esqueceu dos seus deveres

Durante uma semana, os atos meritórios daquela velha casa bastariam para suprir toda a vizinhança. Era realmente de espantar, pois parecia que todas mantinham celeste disposição de espírito: serem abnegadas era a única preocupação de todas. Aliviadas, porém, da sua grande apreensão sobre a saúde do pai, as moças foram insensivelmente afrouxando seus louváveis esforços, revertendo aos primitivos hábitos. Não haviam esquecido a divisa — esperança e trabalho — mas esperar e trabalhar pareciam haver-se tornado mais fáceis; por isso, após tão grande ansiedade, acharam que seus esforços mereciam bem uma boa folga e elas proporcionaram-se a mesma.

Jo apanhara forte resfriado por se haver esquecido de resguardar bem a cabeça tosquiada, e tivera de ficar em casa até sarar bem, pois a tia March não gostava de ouvir leituras feitas por pessoas endefluxadas. Jo gostava bem disso e, depois de uma ativa arrumação desde o sótão até a adega, instalou-se no sofá a tratar de seu defluxo com arsênico e livros. Amy achara que as ocupações domésticas não se coadunavam com as artes, e voltara a seus “doces de barro”. Meg ia diariamente ao reino onde trabalhava, isto é, à casa dos King; e em casa, costurava ou julgava que o fazia passando na verdade a maioria do tempo a escrever longas cartas à mãe e a reler, muitas vezes, os telegramas de Washington. Durante alguns breves intervalos, Beth nunca se mostrava indolente ou triste.

Todas as suas pequenas obrigações eram por ela cumpridas fiel e diariamente, e também muitas das de suas irmãs, por serem estas muito esquecidas.

Quando o coração se sentia agoniado pelas saudades da mãe ou de receios pela vida do pai, ia a certo recanto, escondia o rosto nas dobras de certo vestido velho muito querido e soluçava baixo, rezando a sua oraçãozinha em silêncio. Ninguém sabia o que poderia alentá-la em seus acessos de tristeza, mas todas achavam que Beth era meiga e boa e procuravam meios de confortá-la ou aconselhá-la nos seus pequenos desgostos.

Ninguém tinha consciência de que os presentes dissabores iam pôr-lhe em prova o caráter; e, ao passar o primeiro embate, sentiram que haviam agido bem e mereciam louvores; seu erro, porém, estava em deixarem, depois disso, de proceder assim e só após muita aflição e arrependimento foi que compreenderam bem esta lição.

— Meg, é preciso você ir ver os Hummel; sabe que mamãe nos recomendou que não os esquecêssemos — disse Beth, doze dias após a partida da sra. March.

— Não poderei ir esta tarde, estou muito cansada — respondeu Meg embalando-se confortavelmente enquanto costurava.

— E você, Jo? — perguntou Beth.

— Com o estado do tempo meu defluxo poderá piorar.

— Julgava que estivesse melhor do mesmo.

— Estou melhor para ir com Laurie, mas não para ir a casa dos Hummel — disse Jo rindo-se, mas um tanto envergonhada de sua incoerência.

— Por que não vai você mesma? — perguntou Meg.

— Tenho ido sempre, mas o pequeno está doente e não sei o que fazer. A Hummel vai para o trabalho e Lottchen fica a tratar dele; porém o pequeno piora dia a dia e por isso achei que você ou Hannah

deveriam ir.

Beth falara com veemência; e Meg prometeu ir no dia seguinte.

— Peça a Hannah um prato de alguma coisa boa e leve-o, Beth; o passeio far-lhe-á bem — disse Jo; e acrescentou para justificar-se: — Eu iria, se não precisasse terminar meu conto.

— Estou com dor de cabeça e cansada, por isso achei que poderia ir uma de vocês — disse Beth.

— Amy virá daqui a pouco, e há em nosso lugar — sugeriu Meg.

— Bem, vou esperá-la e, enquanto isso, descansarei um pouco.

Beth deitou-se no sofá, as outras voltaram a seus serviços e os Hummel foram esquecidos. Passada uma hora, Amy ainda não chegara; Meg foi ao quarto experimentar um vestido; Jo absorvera-se na sua história e Hannah ressonava junto ao fogão. Então Beth silenciosamente pôs a touca, encheu um cesto de coisas para dar à pobre criança e saiu com ar abatido, com a cabeça pesada e a tristeza pintada nos seus olhos pacientes.

Era tarde quando voltou sem que ninguém lhe ouvisse os passos ao subir e ao fechar-se no quarto de sua mãe. Meia hora após, Jo foi ao “gabinete da mamãe” para fazer qualquer coisa, encontrando aí Beth sentada na caixa onde se guardavam os remédios, muito séria, de olhos vermelhos e com um frasco de cânfora na mão.

— Cristóvão Colombo! Que aconteceu? — exclamou Jo, enquanto Beth, fazendo-lhe sinal para que se afastasse, perguntava:

— Você já teve escarlatina?

— Há anos, quando Meg teve. Por quê?

— Vou dizer-lhe... Oh, Jo, o menino morreu!

— Que menino?

— O da sra. Hummel; morreu no meu regaço, antes da mãe chegar! — exclamou Beth num soluço.

— Querida Beth, que cena horrível foi para você! Eu devia ter ido em seu lugar — disse Jo, com expressão de remorso, pondo a irmã no regaço, ao sentar-se na cadeira da mãe.

— Horrível não, Jo! e sim muito triste! Vi logo que ele estava mal, porém Lottchen disse que a mãe tinha ido buscar um médico; tomei a criança nos braços para que Lottchen descansasse. Parecia adormecida, mas de repente deu um pequeno gemido, tremeu e em seguida ficou muito quieta. Procurei aquecer-lhe os pezinhos e Lottchen deu-lhe leite, mas ele não se mexia e eu reconheci então que estava morto.

— Não chore, Beth! E que fez você?

— Conservei-me sentada e deixei-o ficar onde estava até que chegasse a sra. Hummel com o médico. Ele disse que estava morto e examinou Heinrich e Minna que se achavam com a garganta inflamada.

— Escarlatina, minha senhora; devia ter-me chamado mais cedo — disse com mau humor. A sra. Hummel replicou-lhe que era paupérrima e procurava curar a criança com remédios caseiros, o que fora inútil; e que agora confiava na sua caridade. Ele sorriu bondoso; eu comecei a chorar com os da casa. O médico então voltou-se súbito para mim, mandando-me vir para casa e tomar beladona imediatamente para não ter também febre.

— Não, você não a terá! — exclamou Jo com veemência, apertando-a nos braços, cheia de horror — Oh, Beth, se você ficar doente, nunca me perdoarei a mim mesma! Que faremos?

— Não tenha receio, espero que a terei mais branda. Olhei no livro de mamãe e vi que a escarlatina começa com dor de garganta e mal-estar como o que sinto, mas tomei beladona e estou melhor! — disse Beth, passando as mãos frias na fronte ardente e procurando mostrar-se bem disposta.

— Se mamãe estivesse em casa! — exclamou Jo, tomando o livro e refletindo na distância entre sua casa e Washington. Leu uma página, olhou para Beth, pôs-lhe a mão na testa, examinou-lhe a garganta, dizendo depois com gravidade: — Você esteve com o pequeno diariamente, por mais de uma semana, e no meio dos que agora adoeceram também; tenho medo, por isso, de que haja contraído a moléstia, Beth.

Vou chamar Hannah; ela é experiente nessas coisas de doenças.

— Não deixe Amy subir; ainda não teve escarlatina e não quero passar para ela. Será que você e Meg podem ter de novo? — perguntou Beth ansiosamente.

— Creio que não; não se incomode por minha causa. Servir-me-á de lição, porque fui egoísta, deixando você ir e ficando a escrever tolices! — murmurava Jo, quando ia à procura de Hannah para consultá-la.

Sabedora do fato, a boa mulher tomou à sua conta o caso, assegurando a Jo que não havia motivos para receios; todos têm escarlatina, e ninguém morre dela, se é bem tratada; com isso, Jo sentiu-se aliviada e subiram as duas a chamar Meg.

— Agora vejamos o que vamos fazer — disse Hannah. após haver examinado Beth — temos o dr. Bangs para tratar de você, meu bem, e para nos aconselhar; mandaremos Amy por algum tempo para casa de tia March, a fim de que não lhe pegue a moléstia, e uma de vocês ficará em casa a distrair Beth durante um ou dois dias.

— Ficarei eu porque sou a mais velha — resolveu Meg, aflita e exprobrando-se a si mesma.

— Serei eu, porque foi por culpa minha que ela está doente; disse à mamãe que iria à casa dos Hummel e não fui — disse Jo em tom enérgico.

— Qual você quer que fique Beth? Não há necessidade de ficarem as duas — disse Hannah.

— Jo — disse Beth reclinando a cabeça no regaço da irmã com um olhar de agradecimento.

— Irei então avisar Amy — disse Meg, um tanto sentida, mas intimamente satisfeita, pois não estava tão habituada como Jo a servir de companhia às irmãs mais novas.

Amy rebelou-se, declarando categoricamente que preferia ter a febre a ir para a casa de tia March. Meg procurou convencê-la, pediu, instou, ordenou, tudo em vão. Amy teimava que não iria; e Meg, deixando-a no seu desespero, foi saber de Hannah o que deveriam fazer. Antes que voltasse, Laurie entrou na sala, encontrando Amy em prantos com a cabeça entre as almofadas do sofá. Contou-lhe o caso, esperando ser consolada; Laurie, porém, limitou-se a pôr as mãos nos bolsos e a passear pela casa, assobiando em surdina e de sobrancelhas franzidas, em altas cogitações. Depois, sentou-se ao lado da menina, dizendo no seu mais afável tom:

— Seja uma mulherzinha sensata e faça o que elas dizem. Não chore e ouça a bela ideia que tenho: você ficará em casa de tia March e eu irei buscá-la diariamente para darmos um passeio a pé ou de carro, distraindo-nos com isso. Não é melhor do que ficar aqui aborrecida?

— Não quero ir assim, como se estivesse estorvando aqui — respondeu Amy, numa voz de choro.

— Meu Deus, menina! É para a resguardar. Quer ficar doente?

— É claro que não; mas creio que adoecerei assim mesmo, pois tenho estado com Beth durante todo este tempo.

— Maior razão para ir imediatamente, a fim de ver se escapa. Mude de ares e procure livrar-se do mal; se não for possível, terá pelo menos mais branda a moléstia. Aconselho-a a ir o mais depressa possível, pois escarlatina não é brincadeira, senhorinha.

— Mas a casa de tia March é tão aborrecida e ela é tão rabugenta — objetou Amy assustada.

— Não a achará aborrecida, pois irei diariamente dizer-lhe como está Beth e buscá-la para passearmos. A velhota gosta de mim e usarei de grande tática com ela para que não nos atrapalhe os planos.

— Você me levará no carro puxado por Puck?

— Dou-lhe a minha palavra de cavalheiro.

— E irá todos os dias?

— Não faltarei.

— E me trará para casa assim que Beth sarar?

— No mesmo instante.

— E iremos sem dúvida ao teatro?

— A uma dúzia de teatros, se houver tempo.

— Bem... assim... estou de acordo — respondeu Amy lentamente.

— Boa menina! Chame Meg e diga-lhe que você se submete à vontade dela — disse Laurie, com uma palmada carinhosa nas costas, o que aborreceu mais a Amy que aquela frase “se submete”.

Meg e Jo correram a contemplar o milagre que se tinha realizado e Amy, fazendo-se de muito rogada, prometeu ir se o médico dissesse que de fato Beth estava doente.

— Como vai a queridinha Beth? — perguntou Laurie, porque a estimava muito e via-se que se achava mais ansioso a seu respeito do que o desejaria demonstrar.

— Está deitada na cama de mamãe, e sente-se melhor. A morte da criança impressionou-a muito, mas parece-me que ela está somente resfriada. Hannah também julga assim; mas acho-a muito abatida e isso me inquieta — respondeu Meg.

— Que mundo penoso, este! — suspirou Jo, arrepiando o cabelo de modo engraçado. — Nem bem nos livramos de um aborrecimento, já vem outro. Quando mamãe se ausenta parece que tudo se transforma.

— Ora, não é preciso transformar-se num porco-espinho por isso; arranje seu cabelo, Jo, e diga se devo telegrafar a sua mãe ou se deverei fazer outra coisa — sugeriu Laurie, que ainda não se conformara com a perda do que sua amiguinha tinha de mais bonito.

— É isso que me inquieta — disse Meg. — Penso que lho deveríamos contar se Beth estiver realmente com escarlatina, mas Hannah acha que não, pois a mamãe não poderá deixar papai e se sentirá muito incomodada. Beth não ficará por muito tempo doente, e Hannah sabe o que faz; além disso, mamãe disse que lhe obedecêssemos, por isso assim o devemos fazer, embora não me pareça o melhor alvitre.

— Eu nada posso dizer; por que não perguntam ao vovô, depois que o médico a examinar?

— Boa ideia; Jo, vá chamar o dr. Bangs — ordenou Meg; — Nada podemos decidir enquanto ele não vier.

— Fique onde está, Jo; eu sou o moço de recados desta casa — disse Laurie tomando o chapéu.

— Mas você talvez esteja ocupado — disse Meg.

— Não, já estudei as lições de hoje.

— Você estuda nas férias? — interrogou Jo.

— Sigo o bom exemplo que me dão os vizinhos — respondeu, quando se retirava.

— Tenho muita confiança neste meu rapaz — observou Jo, vendo-o passar através da sebe, com um sorriso nos lábios.

— Não é mau menino — respondeu Meg com algum descaso, porque o assunto não a interessava.

O dr. Bangs chegou e disse que Beth tinha sintomas de escarlatina, mas julgava que seria muito benigna — embora ficasse incomodado com o caso dos Hummel. Mandaram Amy partir imediatamente e tomaram algumas providências necessárias para evitar que ela adoecesse. A menina partiu solenemente escoltada por Jo e Laurie.

Tia March recebeu-os com sua usual cordialidade.

— De que necessitam? — perguntou ela, fitando-os agudamente por sobre os óculos enquanto o papagaio pousado nas costas da cadeira, gritava:

“Saia! Aqui não entram homens!”

Laurie afastou-se para o lado da janela enquanto Jo contava à tia o sucedido.

— Era o que eu esperava, desde que vocês andam metidos com essa gatinha. Amy pode ficar aqui pelo tempo que lhe aprouver, desde que não esteja doente, do que não duvido — olhe seu aspecto! Não chore, menina, não gosto de choros.

Amy estava a ponto de prorromper em soluços, mas Laurie matreiramente puxou o rabo do papagaio, com o que o louro deu um guincho de susto, gritando:

“Largue a botina!”. Amy achou tanta graça que, em vez de chorar, riu a valer.

— Que notícias mandou sua mãe? — perguntou a velha, em voz ríspida.

— Papai está muito melhor, — respondeu Jo, procurando ser lacônica.

— Sim? Muito bem. Creio que ficará bom logo. March tem bastante resistência física — observou ela alegremente.

“Ah, ah! Cale a boca! Tome tabaco. Adeus, Adeus!” esganiçou o louro, dançando no poleiro e unhando a touca da velha tia — enquanto Laurie lhe fazia cócegas no ouvido.

— Cale a boca, ave atrevida! Jo, é melhor você ir-se embora. Não é bonito andar tão tarde por aí com um rapaz sem preceito como...

“Cale a boca atrevida!” exclamou o papagaio, pulando com estrondo da cadeira ao chão e correndo para bicar o rapaz sem preceito que se estorceu de riso àquelas últimas palavras da velha.

“Creio que não a tolerarei, mas vou experimentar” — pensou consigo mesma Amy, quando a deixaram só com tia March.

“Vá-se embora, você me assusta!” — gritava o louro e Amy, ouvindo a ave, não pôde reprimir o riso.

XVIII

Dias sombrios

Beth teve a escarlatina e ficou bem pior do que esperavam todos — menos Hannah e o médico. As moças nada souberam sobre a gravidade da moléstia, e o sr. Laurence não teve licença de vê-la, de maneira que a Hannah coube a responsabilidade do segredo guardado. O dedicado dr. Bangs empregou todos os seus esforços — mas deixou ainda muitos cuidados a cargo da excelente enfermeira. Meg ficou em casa, com receio de contaminar os King e assumiu a direção do lar, muito aflita e embaraçada ao escrever as cartas à mãe, nas quais não tocava na moléstia de Beth. Não se podia conformar com enganar a mãe, mas havia-lhe ordenado que obedecesse a Hannah e esta não queria sequer que lhe falassem em contar à sra. March o acontecido “para que não se incomodasse com uma coisinha à toa”.

Jo devotava-se a Beth dia e noite; não era árdua a tarefa, pois a doente se mostrava muito paciente, suportando com resignação os seus sofrimentos na medida de suas forças. Uma ocasião, porém, num acesso febril, começou a falar com voz rouquenha e intercortada, a bater com os dedos no cobertor, como se fosse o seu amado piano e a esforçar-se por cantar com a garganta de tal modo inchada que não se conseguia ouvir um som ao menos; não reconhecia os rostos familiares que a cercavam, trocava os nomes das pessoas e chamava implorativamente a mãe.

Jo sentiu-se aterrada, Meg pedia que lhe deixasse escrever a verdade e a própria Hannah aditou “que iria pensar nisso, embora ainda não houvesse perigo”.

Veio aumentar a inquietação uma carta de Washington, pois o sr. March havia tido uma recaída e não poderia vir para casa tão cedo.

Como lhes pareciam sombrios os dias agora! Quão triste e solitário estava aquele lar, e como se achavam contristados os corações das irmãs, enquanto trabalhavam e aguardavam, vendo a sombra da morte adejar por sobre aquela casa outrora tão feliz! Foi então que Margaret, sentada só, regando de lágrimas seu trabalho, compreendeu quão rica havia sido de bens mais preciosos que todas as coisas luxuosas que o dinheiro possa adquirir — de amor, de proteção, de paz, de saúde — únicas venturas da vida.

Quanto a Jo, encerrada no escuro quarto, tendo perenemente diante dos olhos aquela irmã sofredora, ouvindo soar aos ouvidos sua voz comovente, começou a ver a beleza e a suavidade do gênio de Beth, a compreender quão profundo e terno era o lugar que ela ocupava nos corações de todas, a conhecer a doçura do desapego da irmã: viver para os outros, tornar feliz o lar pelo exercício daquelas singelas virtudes que todos podem possuir e que todos deveriam estimar mais do que o talento, a riqueza ou a beleza. E Amy, em seu exílio, louca por voltar à casa paterna, louca por dedicar-se a Beth, sentia agora que não há trabalho árduo e fastidioso e relembrava com amargura as tarefas esquecidas que aquelas mãozinhas diligentes haviam feito para ela. Laurie vagueava pela casa como uma alma penada e o sr. Laurence fechara o grande piano, pois não se podia esquecer da jovem vizinha que costumava alegrar-lhe os longos serões. Todos lamentavam a doente. O leiteiro, o padeiro, o merceiro, o açougueiro perguntavam como ela passava; a pobre senhora Hummel viera pedir perdão por sua imprudência; os vizinhos enviaram toda espécie de coisas que lhe podiam ser úteis, formulando votos pelo seu restabelecimento, e mesmo os que melhor a conheciam ficaram surpreendidos por ver quantas amizades a

acanhada Bethzinha havia granjeado.

Nesse ínterim, ela jazia na sua cama com a velha Joana ao lado, pois mesmo no seu delírio não se esquecia da sua infeliz protegida. Sentia saudades dos gatinhos mas não queria vê-los, de medo de que ficassem também doentes; e, nas horas de lucidez, ficava cheia de cuidados por Jo.

Enviava lembranças a Amy, mandava que as irmãs dissessem à mãe que ela iria escrever-lhe em breve; às vezes pedia um lápis e papel para rabiscar algumas palavras, não fosse o pai pensar que ela o esquecera. Logo, porém, esses intervalos de lucidez desapareciam, e jazia horas a fio revolvendo-se na cama com palavras incoerentes nos lábios, ou imersa em profundo sono que não lhe trazia melhoras.

O médico vinha vê-la duas vezes por dia. Hannah não se deitava à noite, Meg tinha pronto na gaveta um telegrama e Jo não se arredava de pé do leito.

Dia hibernal o primeiro de dezembro, com um vento implacável, muita neve a cair, como se o ano se preparasse para morrer. Quando o dr. Bangs chegou nessa manhã, fitou-a demoradamente, apertou nas suas a mãozinha quente da enferma, largou-a e disse em tom baixo a Hannah:

— Se não for indispensável a presença da sra. March junto ao marido é melhor chamá-la.

Hannah fez um gesto mudo, pois os lábios se lhe repuxavam nervosamente; Meg caiu numa cadeira, porque as forças a abandonaram ao soar de tais palavras e Jo, muito pálida por um instante, correu à sala, agarrou o telegrama e, vestindo-se às pressas, saiu em meio da tormenta. Logo voltou e, enquanto tirava quieta o casaco, entrou Laurie com uma carta, dizendo que o sr. March melhorara de novo. Jo leu-a cheia de emoção, mas o coração lhe continuava oprimido e seu rosto mostrava tanta amargura que Laurie perguntou inquieto:

— Que houve? Beth piorou?

— Telegrafei chamando mamãe — disse Jo com expressão dramática, procurando tirar as galochas.

— Que fez, Jo! Foi por sua conta e risco? — perguntou Laurie, fazendo-a sentar-se na cadeira do vestíbulo e tirando-lhe as recalcitrantes galochas, ao ver que as mãos trementes de Jo não o poderiam fazer.

— Não. Foi o médico quem mandou.

— Oh, Jo! Está tão mal assim? — exclamou Laurie com o rosto transtornado.

— Está, sim; não reconhece ninguém, nem fala mais no bando de pombas verdes, como ela chamava às folhas de parreira da parede; não parece mais a minha Beth e não há ninguém para ajudar-nos e confortar-nos neste transe: mamãe e papai acham-se tão distantes e Deus parece que está tão longe que não posso encontrá-lo!

As lágrimas fluíam, deslizando pelas faces da pobre Jo, que estendeu as mãos, como a tatear na escuridão desolada, e Laurie, tomando-as nas suas, disse-lhe com voz embargada pela comoção:

— Estou aqui a seu lado, Jo querida!

Ela não podia falar, mas confiava nele, pois a acolhida fraternal do amiguinho lhe confortava a aflição, parecendo conduzi-la para mais perto dos braços divinos, únicos capazes de ampará-la em sua angústia. Laurie desejava dizer algo de consolador e de terno, mas não encontrava palavras, e ficou ali silencioso, ameigando a cabecinha inclinada da jovem, como a mãe costumava fazer.

Foi a melhor coisa que pode fazer — mais consoladora que as palavras mais eloquentes — pois fazia sentir a Jo sua simpatia irradiante e muda, e compreender, naquele silêncio, como é suave o consolo proporcionado pela afeição à tristeza. Logo depois enxugou as lágrimas que a tinham aliviado, fitando-o com expressão agradecida.

— Obrigada, Laurie; estou agora melhor; sinto-me menos desanimada e procurarei conformar-me com o que vier.

— Não perca a esperança; breve, sua mãe aqui estará e tudo há de voltar à normalidade.

— Estou contentíssima por papai estar melhor; assim, ela não ficará tão incomodada por deixá-lo.

Oh, meu Deus! parece que todas as aflições se reuniram e eu recebi a parte mais pesada de todas —

suspirou Jo, estendendo seu lenço úmido sobre os joelhos para o enxugar.

— E Meg, nada fez? — perguntou Laurie em tom zangado.

— Oh, sim, ela procura ser útil, mas não ama tanto Beth como eu. Nem pode sentir tanto como eu. Beth é meu ídolo, e não posso passar sem ela. Não posso!

E mergulhou o rosto no lenço molhado, chorando desesperadamente; conseguira fazer-se de forte até então, sem derramar uma lágrima. Laurie passou a mão pelos olhos, sem dizer palavra, enquanto sentia na garganta aquele nó que lhe tolhia a voz.

Mesmo que fosse impróprio de um homem, não podia deixar de se sentir comovido. Agora que diminuíram os soluços de Jo, ele disse cheio de esperança:

— Creio que ela não morrerá; é tão boa, e nós amamo-la tanto, que não acredito que Deus a leve tão cedo.

— Os bons e os amados são os que morrem — soluçava Jo, deixando, porém, de chorar alto, pois as palavras do amigo a esperançasavam a despeito de seus próprios temores e dúvidas.

— Pobrezinha! Você está muito aflita. Não deve ficar assim desanimada. Vou animá-la num instante.

Laurie saiu descendo dois a dois os degraus da escada e Jo pousou a cabeça sobre a pequena touca de Beth que ninguém pensara em tirar da mesa onde ela a deixara. Possuía certamente qualquer coisa de miraculoso; pois o espírito submisso de sua gentil dona parecia ter-se apossado de Jo; e, quando Laurie chegou correndo, trazendo-lhe vinho, ela pegou o copo com um sorriso, dizendo animada:

— Bebo à saúde de minha Beth! Você é um bom médico, Laurie, e ainda melhor amigo; como poderei pagar-lhe? — acrescentou, sentindo que o vinho lhe revigorava o organismo tanto quanto as palavras bondosas lhe haviam fortalecido o espírito.

— Mandar-lhe-ei logo a conta, sossegue; e hoje à noite dar-lhe-ei algo que dissipará mais as inquietações de seu coração do que uma pipa de vinho — disse Laurie, fitando-a com misterioso ar de satisfação por algum oculto motivo.

— Que será? — exclamou Jo, esquecendo por instantes o seu sofrimento.

— Telegrafei à sua mãe ontem e Brooke respondeu-me que viria imediatamente; estará aqui esta noite, todos se tranquilizarão. Não ficou contente?

Laurie falava depressa, vermelho e excitado, pois havia conservado secreto seu ato, de medo de assustar as irmãs ou fazer Beth piorar. Jo tornou-se muito branca, caiu na cadeira e, quando ele se calou, lançou-lhe os braços ao redor do pescoço, exclamando com alegria:

— Oh! Laurie! Oh! mamãe! Estou tão contente — não chorou mais, mas riu nervosamente, convulsivamente abraçada a seu amiguinho, como atordoada com a súbita notícia. Laurie, conquanto muito espantado, conservou a sua presença de espírito; deu-lhe pancadinhas nas costas e, vendo que ela voltava ao estado normal, beijou-a meigamente uma ou duas vezes, o que a acabou de reanimar.

Firmando-se no balaústre, repeliu-o brandamente, dizendo com esforço: — Oh! não faça isso! Não era essa a minha intenção! Foi um ímpeto absurdo de minha parte, mas você foi tão bondoso por telegrafar, a despeito das ordens contrárias de Hannah, que não pude deixar de o abraçar. Conte-me tudo, e não me dê mais vinho; ele influiu para eu proceder assim.

— Não tem importância — riu-se Laurie, ajeitando o laço da gravata. — Eu estava inquieto e vovô também. Julgamos que Hannah estava abusando de sua autoridade e que sua mãe precisava sabê-lo. Ela jamais nos perdoaria se Beth... ora, se alguma coisa acontecesse, compreende. Assim vovô disse que era tempo de fazermos alguma coisa e eu corri ao telégrafo ontem, pois o médico parecia apreensivo e Hannah quase me arrancou a cabeça quando eu propus telegrafarmos. Jamais tolerarei tratarem-me desse modo, por isso tomei aquela resolução e executei-a. Sua mãe virá no último trem, talvez às duas da madrugada. Irei esperá-la; você vai, pois, engarrafar seus transportes de júbilo e manter Beth sossegada, até aquela abençoada senhora chegar.

— Laurie, você é um anjo! Como poderei agradecer-lhe?

— Abraçando-me novamente, gostei disso — disse Laurie. zombeteiro, tom esse que não assumia havia uma quinzena.

— Não, obrigada. Fá-lo-ei por procuração, quando seu avô chegar. Não me aborreça e vá para casa descansar, pois terá que se levantar de madrugada. Deus o abençoe, Laurie!

Já havia recuado, e, ao acabar de falar, correu precipitadamente para a cozinha onde contou aos gatos todos, ali reunidos, que ela era “feliz, muito feliz” enquanto Laurie se retirava satisfeitíssimo.

— É o rapaz mais intrometido que eu já vi; perdoo, porém, e desejo que a sra. March esteja fazendo boa viagem — dizia Hannah com expressão de alívio, quando Jo lhe contou a boa nova.

Meg sentiu um calmo êxtase e meditava sobre a carta chegada, enquanto Jo punha em ordem o quarto da doente e Hannah “fazia alguns pastéis, para o caso de virem outras pessoas”. Parecia que uma bafagem de ar puro ventilava a casa e algo mais brilhante que um raio de sol irradiava nos aposentos tranquilos; tudo parecia sentir a feliz mutação; o canário de Beth começou a cantar de novo alegremente e uma rosa semiaberta foi encontrada na roseira de Amy sob a janela; o fogo estralejava alegre, e de cada vez que as meninas se cruzavam na casa as suas pálidas feições desmanchavam-se em sorrisos, sussurrando esperançadamente: — Mamãe vai chegar! Mamãe vai chegar!

Todas se regozijavam, exceto Beth; esta jazia no mesmo marasmo, inconsciente às alegrias e esperanças, às dúvidas e aos perigos. Era um quadro comiserador!

As faces outrora rosadas, tinha-as, agora, pálidas e enevoadas; suas mãos diligentes, fracas e emagrecidas, os lábios sempre sorridentes, agora mudos, os cabelos dantes lindos e bem penteados, dispersos e embaraçados sobre o travesseiro.

E jazera ali o dia inteiro, levantando vez em vez a cabeça para murmurar somente “Água”, com os lábios tão cerrados que mal se entendia essa palavra; durante todo o dia Jo e Meg inclinavam-se sobre ela, observando, esperando, confiando em Deus e na mãe; e, todo o dia, a mesma neve a cair, o vento a zunir tetricamente, as horas a se escoarem lentas...

Veio, finalmente, a noite, e, todas as vezes que o relógio soava, as irmãs, sentadas na cama, uma de cada lado, fitavam-se com olhos brilhantes, pois cada hora que se passava fazia aproximar-se mais a saúde. O médico havia dito que durante aquela noite dar-se-ia fatalmente uma mudança qualquer, para melhor ou para pior, prometendo voltar perto da meia-noite.

Hannah, muito cansada, deitara-se no sofá aos pés da cama e caíra no sono; o sr. Laurence passeava na sala, para um e outro lado, achando que enfrentaria mais corajosamente uma bateria rebelde que o rosto ansioso da sra. March ao entrar.

Laurie jazia sobre o tapete, pretendendo descansar; fitava, porém o fogo com aquele olhar pensativo que tornavam os seus olhos negros lindamente suaves e límpidos.

Jamais se esqueceram as moças daquela noite insone, a observarem o relógio, naquele horrível sentimento de impotência que nos sobrevém em semelhantes conjunturas.

— Se Deus salvar Beth nunca mais me lastimarei de coisa alguma — sussurrou Meg.

— Se Deus salvar Beth, hei de amá-lo e servi-lo durante toda a minha vida — replicou Jo com idêntico fervor.

— Preferia não possuir coração; faz sofrer muito — suspirou Meg, após uma pausa.

— Se a vida for muitas vezes assim triste, não sei como a suportaremos por muito tempo — acrescentou a irmã desalentada.

O relógio bateu meia-noite e ambas esqueceram-se de si próprias para observar Beth, pois pareciam-lhes que uma transformação se operava em seu rosto pálido.

A casa estava silenciosa como um túmulo, nada mais se ouvindo a não ser os lamentos da ventania açoutando os arvoredos. A fatigada Hannah dormia e sono solto, e só as duas irmãs viam a pálida sombra que parecia pairar sobre o pequeno leito. Passou-se mais uma hora, e nada de anormal acontecera, a não ser a partida silenciosa de Laurie para a estação. Outra hora... e não chegava ninguém, e receios lúgubres

de atraso devido à tormenta ou por acidente no caminho, ou coisas ainda mais tétricas, apavoravam as meninas.

Dera duas e meia quando Jo, que fora para a janela e refletia na desolação com que tudo se apresentava através dos remoinhos da neve a cair, ouviu um ruído na cama e, voltando-se, viu Meg ajoelhar-se diante da grande poltrona da mãe, com o rosto oculto, nas mãos. Um frêmito de horror perpassou pelo corpo de Jo ao pensar consigo:

“Beth morreu e Meg não quer me contar.”

Voltou instantaneamente para seu lugar e ante seus olhos esgazeados grande transformação se operou na enferma. O rubor da febre e o ar cadavérico haviam desaparecido. O amado rostinho mostrava-se, no sono, tão pálido e tranquilo, que Jo não pensou mais em chorar ou lastimar-se.

Inclinando-se sobre a irmã predileta, beijou-lhe, com o coração nos lábios, a testa úmida, murmurando suavemente:

— Adeus, minha Beth, adeus!

Talvez acordada pelo rumor que fizera, Hannah, abriu os olhos, correu à cama, observando Beth e apalpando-lhe as mãos e a testa; em seguida murmurou baixinho:

— A febre foi-se; ela está dormindo sossegada, suando muito e com a respiração regular. Graças, meu Deus!

Antes que as moças acreditassem na feliz verdade, entrou o médico para confirmá-la.

Era um homem simpático, e elas acharam-lhe um ar celeste quando, sorrindo, disse em tom paternal:

— Sim, minhas filhas, creio que a menina está livre de perigo, por esta vez. Mantenham a casa em silêncio e deixem-na dormir; quando acordar deem-lhe...

Mas nenhuma das duas ouviu o que deveriam dar, pois ambas se precipitaram para o vestibulo escuro e, sentando-se num degrau da escada, abraçaram-se estreitamente, para desoprimirem os corações cujo excesso de ventura lhes tolhia a fala.

Quando voltaram, para que as beijasse e abraçasse a fiel Hannah, encontraram Beth deitada como de costume, com o queixo pousado na mão, sem aquele temeroso palor de morte e respirando suavemente, como se houvesse acabado de adormecer.

— Se mamãe chegasse agora... — disse Jo, quando surgia o primeiro albor da madrugada.

— Veja — disse Meg, vindo com uma rosa branca entreaberta. Julgava que esta flor nem amanhã desabrocharia, para ser posta na mão de Beth se ela... nos fosse arrebatada; no entanto, descerrou-se durante a noite e agora vou pô-la aqui, no meu jarro, para que, ao acordar, as primeiras coisas que veja, sejam esta flor e o rosto de mamãe.

Jamais o sol despontara tão fúlgido, nem o mundo lhes parecera tão belo, como, aos olhos cansados de Meg e Jo, a aurora daquele dia, após a triste e longa vigília da noite.

— Que maravilhoso me parece o mundo! — dizia Meg, sorrindo para si mesma, atrás da cortina, a observar o ofuscante quadro do amanhecer.

— Escute! — gritou Jo, pondo-se de pé.

Sim, ouvia-se um tilintar de campainhas à porta e soava um grito de Hannah, ao passo que a voz de Laurie, que entrara, lhes dizia, daí a um instante, num sussurro jovial:

— Meninas, ela chegou, ela chegou!

XIX

O testamento de Amy

Enquanto ocorriam tais fatos, Amy passava por duras provações em casa de tia March. Sentia duplamente seu exílio, e pela primeira vez em sua vida compreendeu quanto era amada e mimada em seu lar. Tia March jamais fizera luxos com alguém; não gostava disso; mas procurava ser boa, pois a bem comportada menina agradava-lhe muito e tia March reservava um doce cantinho em seu velho coração para as filhas de seu sobrinho, conquanto não gostasse de confessá-lo. Realmente, fazia o que podia para tornar Amy feliz, mas como se enganava! Alguns velhos que se conservam jovens, a despeito das rugas e dos cabelos brancos, interessam-se pelos brinquedos e pequeninas preocupações dos pequenos, sabem fazê-los sentir-se à vontade, como se estivessem na sua própria casa e também disfarçar ótimas lições sob o aspecto de brincadeiras alegres, prodigalizando e recebendo amor da maneira mais agradável possível. Mas tia March não possuía esse dom e aborrecia mortalmente Amy com suas regras e ordens, com suas exigências excessivas e seus longos e enfadonhos sermões. Achando a menina mais dócil e delicada que a irmã, a velha julgava-se no dever de fiscalizar e reprimir, o mais possível, os maus efeitos da liberdade e tolerância com que fora criada. Tomava Amy pela mão e ensinava-lhe coisas que tinham sido ensinadas a ela havia sessenta anos, procedimento que consternava a pobre menina, que se sentia como uma mosca na teia de uma implacável aranha.

Tinha de lavar as xícaras todas as manhãs, arear suas antigas colheres e o aparelho de prata do chá, e lavar os copos, até se tornarem ofuscantes. Precisava depois varrer o quarto, e que trabalhadeira lhe dava aquilo! Não escapava ao olhar da tia a menor mancha e todos os móveis tinham entalhes e pés em forma de patas, com o que nunca se podia tirar bem a poeira; depois, dar a ração ao louro, pentear o cãozinho de colo e mais, subir e descer as escadas uma dúzia de vezes, buscar as coisas ou dar ordens, pois a velhota era coxa e raras vezes saía de sua grande cadeira. Após estes exaustivos trabalhos, deveria estudar e dar lições, o que punha diariamente em prova todas as virtudes que possuía.

Era-lhe depois concedida uma hora para exercícios ou brinquedos que ela aproveitava com uma delícia indizível. Laurie vinha diariamente, e agradava tia March até que esta permitisse a saída de Amy com ele, ocasião em que passeavam a pé, ou de carro e se divertiam. Depois do jantar tinha que ler alto, ficando em seguida sentada, à espera, durante o sono da velha, porque a mesma adormecia quando Amy ainda estava a ler a primeira página. Vinham em seguida as colchas de retalho ou as toalhas a fazer e Amy costurava com aparente boa vontade e íntima revolta até o crepúsculo, ocasião em que lhe era permitido divertir-se à vontade até a hora do chá.

As noites eram ainda piores, pois tia March se punha a contar histórias intermináveis sobre sua mocidade, coisa tão aborrecida para Amy, que esta preferia ir cedo para a cama com a intenção de chorar sua triste sina. Usualmente, porém, o sono vinha-lhe logo que havia vertido as primeiras lágrimas.

Se não fossem Laurie e a velha Ester, a criada, nunca teria conseguido suportar esse período terrível. Só o papagaio a distraía um pouco, mas logo a ave compreendeu que ela não a admirava, e vingava-se maldosamente como podia; puxava-lhe o cabelo assim que Amy passava perto; derrubava o pão e o leite para a aborrecer logo que lhe limpava a gaiola; fazia Mop ladrar, bicando-o, quando a velha March dormitava; chamava-lhe nomes diante de estranhos, havendo-se a todos os respeitos como uma ave

malcriada. Também não podia suportar o cão, animal gordo e estúpido, que rosnava para ela quando estava a fazer a “toilette”, e que se punha de costas, com as pernas no ar, na mais idiota das atitudes, quando queria comer alguma coisa, o que acontecia doze vezes por dia. A cozinheira era mulher pouco tratável e o velho cocheiro, surdo; só Ester tinha algumas relações com a jovem.

Ester era uma francesa, que havia muitos anos servia “Madame”, como chamava tia March, e que vivia tiranizada pela velha que nada podia fazer sem ela. Seu verdadeiro nome era Estelle; mas tia March ordenou-lhe que o trocasse e ela obedeceu, sob condição de que nunca lhe proporia mudar de religião. Tomara em grande afeição Mademoiselle, distraíndo-a muitíssimo com histórias singulares da sua vida na França quando Amy se sentava a seu lado, enquanto ela cuidava das rendas de Madame. Permitia-lhe vaguear pela grande casa e examinar as coisas curiosas e bonitas guardadas nos grandes armários e antigas arcas. Porque tia March enceleirava coisas como uma pega. O principal encanto de Amy era uma secretária indiana cheia de gavetas esquisitas, como casinhas de pombos, com fundos secretos onde se guardavam ornamentos de toda espécie, linhos preciosos, outros meramente interessantes, todos mais ou menos antiquados. Examinar e catalogar essas alfaias era a máxima satisfação de Amy, principalmente os estojos de joias, nos quais, em almofadas de veludo, repousavam as que haviam adornado uma elegante de quarenta anos antes. Havia a coleção de granadas que tia March usava quando saía, as pérolas que o pai lhe dera no dia do seu casamento, os brilhantes de seu marido, anéis de azeviche para luto, broches extravagantes, alfinetes com retratos de pessoas mortas, chorões feitos com cabelos, e braceletes pequeninos que usara sua única filha; o grande relógio de tio March, com cujo berloque vermelho tanto brincaram mãozinhas infantis; numa caixa, separado, jazia o anel de casamento de tia March, muito apertado agora para seu dedo gordo e guardado cuidadosamente, como a joia mais preciosa de todas.

— Se fosse para escolher, qual preferia, Mademoiselle? — perguntou Ester, que sempre estava junto dela para guardar as coisas preciosas, depois de haverem sido vistas.

— Penso que preferia esta espécie de colar — respondeu Amy, contemplando com grande admiração um cordão de ouro, de contas de ébano, do qual pendia pesada cruz daquele metal.

— Quanto a mim, desejaria o mesmo, não porém, para usar como colar; para mim isto é um rosário e usá-lo-ia como boa católica — disse Ester olhando invejosamente para o lindo enfeite.

— Devem-se utilizar do mesmo modo aquelas contas de madeira perfumada que vi penduradas em seu espelho? — perguntou Amy.

— Sim, perfeitamente, são para se rezar. É muito agradável aos santos que alguém use um rosário tão lindo como este, em vez de algum outro sem valor.

— Parece que suas orações confortam muito, Ester, pois anda sempre calma e satisfeita. Desejaria ser assim.

— Se Mademoiselle fosse católica, encontraria o verdadeiro conforto espiritual; como isto, porém, não se dá, seria bom que reservasse parte do dia para meditar e orar, como fazia a boa senhora a quem eu servia antes de Madame. Possuía uma pequena capela e nesse lugar achava consolo para muitas dores.

— Seria bom para mim proceder assim também? — perguntou Amy, que na sua solidão sentia a falta de um auxílio qualquer e achava que iria esquecer o seu livrinho agora que Beth não estava perto para trazê-lo à sua lembrança.

— Seria excelente e encantador; e eu de boa vontade lhe prepararei para esse fim, se quiser, o pequeno quarto de vestir. Nada diga a Madame, mas quando ela adormecer vá para lá e sente-se sozinha um instante a tomar boas resoluções e a pedir a Deus que salve sua irmãzinha.

Ester era sinceramente piedosa e deu convictamente seu conselho; era dotada de coração afetuoso e lastimava muito o sofrimento daquelas irmãs. Amy gostou da ideia, consentindo que ela lhe arranjasse o pequeno gabinete ao pé do quarto, na esperança de que isso lhe fizesse bem.

— Gostaria de saber de quem serão todas estas lindas coisas quando titia morrer — dizia ela, recolocando o fulgente rosário em seu lugar e fechando os estojos de joias, um a um.

— De Mademoiselle e de suas irmãs. Eu sei. Madame toma-me como sua confidente; servi de testemunha de seu testamento, e posso asseverar-lhe, portanto, ser essa a verdade — sussurrou Ester sorrindo.

— Que bom! Gostaria, porém, de que ela nos deixasse usá-los agora. A procrastinação não é agradável — disse Amy com ênfase, lançando um último olhar aos brilhantes.

— É ainda muito cedo para as meninas usarem estas coisas. A primeira que ficar noiva terá as pérolas, conforme disse Madame. E eu estou em dizer que aquele pequeno anel de turquesa será dado à senhora quando se for, pois Madame está satisfeita com seu bom procedimento e suas maneiras encantadoras.

— Julga isso? Oh, serei um cordeiro, se conseguir assim ter aquele lindo anel! É muito mais bonito que o de Kitty Bryant. Gosto de tia March, francamente — e Amy experimentou o anel azul com expressão de enlevo e com a firme resolução de merecê-lo.

Desde aquele dia, tornou-se um modelo de docilidade e a velha senhora March admirava contente o bom resultado de seu método de educação.

Ester pôs no gabinetezinho uma mesa, colocou-lhe em frente um escabelo e em cima uma imagem tirada de um dos aposentos fechados da casa. Pensava que não fosse de grande valor, mas, sendo própria para o lugar, tirara-a crente de que Madame jamais o saberia ou de que, se o soubesse não se incomodaria. Era entretanto uma valiosa cópia de um célebre quadro e os olhos de Amy, amantes do belo, nunca se cansavam de contemplar o suave rosto da Mãe Divina, enquanto seu coração se enchia de ternos pensamentos.

Sobre a mesa jazia sua pequenina Bíblia, o livro de hinos e um vaso cheio das lindas flores que Laurie lhe levava; naquele recanto ia ela diariamente sentar-se sozinha a tomar boas resoluções e a pedir a Deus que salvasse sua irmãzinha. Ester dera-lhe um rosário de contas pretas com uma cruz de prata, porém Amy pendurara-o, sem o usar, em cima da imagem.

A menina fazia tudo isso com sinceridade porque, só e ausente de seu lar, sentia a necessidade de uma bondosa mão que a guiasse com segurança e por isso voltara-se instintivamente para o Amigo forte e carinhoso, cujo amor paternal envolvia suavemente sua filhinha adorada. Sentiu a falta da mãe para guiá-la e compreendê-la; tendo, porém, aprendido para quem devia recorrer, diligenciava encontrar o bom caminho para segui-lo confiante. Amy era uma jovem peregrina, e justamente agora parecia-lhe mais pesada sua carga. Esforçava-se para esquecer seus pesares, e alegrar-se e sentir satisfação que proporciona a prática do bem, embora não houvesse alguém para a observar e louvar. No seu primeiro esforço para se tornar boa, muito boa, decidiu fazer seu testamento, a exemplo da tia March, para que, se caísse doente e morresse, pudessem os seus haveres ser justa e equitativamente divididos. No entanto, representava um grande sacrifício pensar em desfazer-se dos pequenos tesouros que a seus olhos tinham maior valor que todas as joias daquela velha dama.

Em uma de suas horas de recreio, redigiu o importante documento do melhor modo que pôde auxiliada nalguma coisa por Ester, principalmente em certo número de dizeres legais; e, depois que a boa francesa assinou seu nome, Amy sentiu-se desafogada e guardou-o para apresentar a Laurie, que deveria assinar também como testemunha.

Como o dia estivesse chuvoso, subiu para distrair-se num dos grandes quartos do andar superior, levando o louro consigo como companhia. Nesse quarto havia um guarda-roupa cheio de vestidos antigos, com os quais Ester deixava que ela brincasse. Era sua distração favorita vestir-se com os trajes de brocados esmaecidos e passear diante do espelho a fazer cortesias palacianas, arrastando a cauda com um ruge-ruge delicioso aos seus ouvidos. Tão abstraída estava ela nesse dia que não ouviu o campainhar de Laurie, nem viu seu rosto observando-a, quando ela passeava gravemente de cá para lá, abanando o leque e meneando a cabeça, na qual exibia um grande turbante cor-de-rosa a contrastar excentricamente com o seu longo vestido azul de brocado e com a saia amarela acolchoada.

Precisava pisar cuidadosamente, por estar de sapatos de salto alto. Como Laurie disse depois a Jo, era espetáculo engraçado vê-la andar com aquelas roupas, com o louro atrás empertigado, imitando-a do melhor modo que lhe era possível e a parar de vez em quando para rir e exclamar: “Vá embora, espantalho! Cale a boca! Me dá um beijo? Ah, ah, ah!”

Reprimindo a custo uma explosão de riso que teria ofendido Sua Majestade, Laurie bateu palmas, sendo atenciosamente recebido.

— Sente-se e descanse enquanto eu guardo estas roupas. Preciso consultá-lo sobre um assunto seriíssimo — disse Amy depois de exhibir seus vistosos trajes e de ter levado o louro para um canto. — Essa ave é os meus pecados! — continuou, tirando o imenso toucado róseo enquanto Laurie se escanchava comodamente numa cadeira. — Ontem, quando a titia dormia e eu procurava ficar quieta como um rato, o louro começou a gritar e a bater as asas na gaiola; ia levá-lo para fora da sala quando encontrei naquela uma enorme aranha. Atirei-a no chão com um piparote e ela correu para debaixo da estante dos livros; o louro correu atrás dela, parou e espreitou para debaixo da estante dizendo comicamente, a piscar o olho: “Saia daí e vamos passear, querida!” Não pude deixar de rir, o que o fez continuar a falar isso, acordando a titia, que nos repreendeu a ambos.

— E a aranha aceitou o convite? — perguntou Laurie bocejando.

— Sim, sim e o louro correu amedrontado, e trepou na cadeira da tia March a gritar: “Pega! Pega!” enquanto eu procurava matá-la.

“Mentira! Mentira! Ó senhor!” exclamava o papagaio, bicando o salto do sapato de Laurie.

— Eu torceria seu pescoço se você fosse meu, velho importuno! — exclamava Laurie, fechando o punho para a ave, que virou a cabeça de lado, a pairar muito sério:

“Aleluia! Deus te abençoe!”

— Agora estou pronta — disse Amy fechando o guarda-roupa e tirando um papel do bolso. — Quero que faça o favor de ler isto e dizer-me se está direito e legal. Julguei que devia fazê-lo, pois a vida é incerta e não quero que nada pese sobre minha tumba.

Laurie mordeu os lábios e leu o seguinte documento com uma gravidade digna de louvor, se se levar em conta a ortografia.

Meu testamento

Eu, Amy Curtis March, em plena lucidez de espírito, disponho de todos os bens que possuo, no caso de minha morte, do seguinte modo:

A meu pai, lego meus melhores quadros, esboços, mapas, e trabalhos de arte, inclusive molduras, bem como meus cem dólares, para fazer deles o que lhe aprouver. A minha mãe, com muito afeto, todas as minhas roupas — exceto o avental azul de bolso — bem como meu retrato e o respectivo medalhão.

A minha querida irmã Margaret, deixo o meu anel de “turquesa” (se o ganhar), assim como a minha caixa verde com os pombos, meu cordão para que o use ao pescoço e o retrato dela que eu esbocei, como recordação de sua irmãzinha predileta;

A Jo, meu alfinete bonito e que está consertado com lacre, bem como o meu tinteiro de bronze que não tem mais tampa e o meu preciosíssimo coelhinho de gesso, como prova de arrependimento por ter queimado seu livro de contos.

A Beth (se me sobreviver) deixo minhas bonecas e minha escrivantina, o leque, as golias de linha e minhas chinelas novas, se malgrado sua magreza, quando sarar, puder usá-la; manifesto-lhe também meu pesar por ter sempre caçoado da sua velha Joana.

A meu amigo vizinho Theodore Laurence, lego minha pasta de papéis, o modelo em gesso de um cavalo, embora ele haja dito que o cavalo não tem focinho; além disso, em paga da sua

extrema bondade em nossos transe, um de meus trabalhos artísticos, dos quais reputo melhor a Nossa Senhora.

Ao nosso venerável benfeitor sr. Laurence, deixo minha caixa vermelha com espelho na tampa que será boa para colocar as suas penas e que lhe recordará a falecida, a qual agradece os seus favores à família, principalmente a Beth.

Deixo que minha companheira de folgado Kitty Bryani fique com o meu avental de seda azul e o anel de continhas douradas, com um meu beijo.

A Hannah, lego a caixa de fitas que ela desejava e todas as minhas restantes obras de escultura, esperando que “se lembrará de mim. quando as vir”.

Tendo, assim, disposto de meus mais valiosos bens, espero que tudo será cumprido sem censuras à finada. Perdoo a todos, crente de que estaremos juntos ao soar da trombeta do Juízo Final. Amem.

Aponho minha assinatura e meu selo neste testamento aos vinte dias de novembro de 1861.

Amy Curtis March.

Testemunhas: Estelle Valnor.

Theodore Laurence.

O último nome foi escrito a lápis, explicando Amy que ele deveria cobri-lo com tinta, selando convenientemente o documento para ela.

— Quem lhe pôs tal coisa na cabeça? Alguém lhe disse que Beth dera seus objetos? — limitou-se a perguntar Laurie, sério, enquanto Amy punha diante dele um pedaço de fita vermelha, lacre, uma vela e uma mesinha.

Amy perguntou o que significavam suas palavras.

— Não sabia ainda? Já que fui indiscreto contarei tudo. Ao sentir-se mal um dia disse a Jo que desejava dar o piano a Meg, o canário a você, e a pobre boneca quebrada a Jo, que deveria estimar por amor a ela. Disse que estava triste por ter tão pouco que deixar, e por isso legou os cachos de seus cabelos às outras e seu sincero amor ao papai. Mas nunca falou em fazer testamento.

Laurie selava o documento enquanto assim falava, sem olhar para ela, até uma grande lágrima cair sobre o papel. O rosto de Amy estava mudado; só pôde dizer:

— Costumam as pessoas pôr post-scriptum nos seus testamentos?

— Sim, codicilos, como lhes chamam.

— Ponha um no meu, então — que eu desejo que todos os meus cachos sejam cortados e distribuídos às pessoas de minha amizade. Esqueci-me disso; mas quero fazê-lo embora fique muito feia.

Laurie escreveu sorrindo por ver o último e máximo sacrifício de Amy. E esteve a distraí-la durante uma hora, ouvindo com interesse a exposição de suas tribulações. Quando ia sair, Amy fê-lo voltar, sussurrando-lhe com os lábios trêmulos:

— Beth está correndo risco de vida?

— Receio que sim; mas devemos ter esperanças; não chore, pois. — e Laurie cingiu-lhe fraternalmente o pescoço.

Quando ele se retirou, Amy dirigiu-se à sua pequenina capela e, sentando-se aí, ao crepúsculo, orou por Beth, com o coração dorido, entre abundantes lágrimas, sentindo perfeitamente que um milhão de anéis de turquesas jamais a consolariam, se perdesse a adorada irmãzinha.

Confidências

Não creio que possa com palavras descrever o encontro da mãe e das filhas; esses momentos são suavíssimos mas difíceis de reproduzir, por isso deixo à imaginação dos meus leitores o evocarem tal cena, dizendo meramente que a casa se encheu de verdadeira felicidade e que se realizou o desejo de Meg; quando Beth acordou do seu longo e profundo sono, as primeiras coisas que seus olhos divisaram foram a rosa entreaberta e o rosto de sua mãe. Muito fraca para se admirar do que quer que fosse, limitou-se a sorrir, aninhando-se nos amados braços, sentindo que seu ardente anseio se realizava afinal.

E dormiu de novo, e as meninas esperaram pela mãe que não quisera largar a mãozinha magra e doente, que mesmo dormindo, se agarrara às suas. Hannah havia preparado um almoço de arromba para a recém-chegada, único modo que achava de exteriorizar seu contentamento. Meg e Jo não se afastavam da mãe como duas cegonhazinhas obedientes, a ouvi-la falar sobre o estado de saúde do pai, sobre a promessa do sr. Brooke de ficar a velar por ele, o atraso que a tempestade ocasionara na viagem e a indizível consolação que lhe proporcionara o rosto animado de Laurie, quando ela chegou, cheia de fadiga, de ansiedade e de frio. Que dia extraordinário, mas agradável, foi aquele! Fora, brilhante e alegre, pois toda a natureza parecia dar boas-vindas à primeira nevada; dentro, calmo e repousado, porque todos dormiam numa quietude beatífica, enquanto Hannah montava guarda à porta do quarto. Com o alívio de se verem livres de sua responsabilidade, Meg e Jo fecharam os olhos cansados, repousando o resto do dia, como naus batidas pela tormenta e ancoradas, enfim, num porto sossegado. A sra. March, que não se arredara da cabeceira de Beth descansava numa cômoda poltrona, acordando várias vezes para observar, tocar a agasalhar a filha, como um avarento que houvesse reconquistado o seu tesouro.

Nesses entretimentos, Laurie fora depressa tranquilizar Amy, e contara tudo tão bem que tia March não repetira, uma única vez sequer, o seu indefectível “Eu bem disse!” Amy, portou-se de tal forma nessa conjuntura, que acreditou que seus bons pensamentos da capela começavam a produzir frutos. Enxugou rapidamente as lágrimas, refreou a impaciência de ver a mãe e nem mesmo pensou no anel de turquesa quando a velha tia concordou sinceramente com a opinião de Laurie de que ela se mostrava “uma verdadeira mulherzinha”. Até o louro parecia impressionado, pois a chamava “boa menina” e disse-lhe: “Vamos dar um passeio, meu bem!” com o mais afável dos modos. Ficaria satisfeítíssima de sair a gozar o brilhante dia de inverno, mas, compreendendo que Laurie estava a cair de sono, apesar dos esforços sobre-humanos para ocultá-lo, convenceu-o a que descansasse no sofá enquanto escrevia uma carta à mãe. Demorou-se muito tempo a fazê-lo; e, quando voltou, ele estava imerso num profundo sono, com a cabeça recostada nos braços, havendo tia March corrido as cortinas num desacostumado “acesso de benevolência”.

Após algum tempo, começavam a pensar que ele não acordaria antes da noite, e certamente assim aconteceria se não fosse desperto subitamente pelos gritos de alegria de Amy ao ver a mãe. Creio que Amy foi, de todas as meninas da cidade, a que maior felicidade sentiu nesse dia quando se sentou no regaço materno a lhe contar todas as suas proações, sentindo-se bem compensada de tudo com os sorrisos e carícias dela. Foram juntas à capelinha, não a tendo admoestado a mãe quando a menina tudo lhe explicou.

— Deu-me muito prazer seu procedimento, minha filha — disse ela observando desde o empoeirado rosário até o livrinho já bem estragado e o lindo quadro com sua guirlanda de sempre-vivas. — É uma ideia excelente termos um lugar reservado para onde nos retiremos em silêncio, se alguma coisa nos desgostar.

— Quando voltar para casa, mamãe, desejo ter um cantinho no gabinete para colocar meus livros e a cópia que vou tentar fazer daquele quadro. O rosto da Nossa Senhora é difícil, é lindo demais para eu desenhar, mas o do Menino Jesus é mais fácil e gosto muito dele. Sinto-me mais confortada ao pensar que Ele também foi pequenino, pois com isso tenho a impressão de achar-se mais perto, para eu lhe pedir o auxílio.

Ao apontar para o Menino Jesus sorridente, nos joelhos da Mãe, a sra. March viu qualquer coisa na sua mãozinha alçada que a fez sorrir. Nada disse, porém Amy compreendeu o olhar e após um instante acrescentou com seriedade:

— Queria falar-lhe sobre isto, mas esqueci-me. Tia March deu-me este anel hoje; chamou-me e beijou-me muito e, pondo-me no dedo, disse que eu era seu orgulho e que desejaria criar-me. Gostaria de usá-lo, mamãe; consente?

— É muito bonito, mas penso que você ainda é muito pequena para usar uma joia como essa Amy — disse a sra. March, fitando a nédia mãozinha com a pedra azul-celeste no índice.

— Procurarei não me tornar vaidosa — disse Amy — Não quero usá-lo por ser tão bonito, mas pela mesma razão por que aquela moça do conto usava seu bracelete: para não me esquecer de uma coisa.

— De tia March? — perguntou rindo a mãe.

— Não; é para lembrar-me de que não devo ser egoísta. — e Amy disse-o com tanto calor, que a mãe parou de rir e ficou a escutar, séria, seus pequeninos projetos — Ultimamente tenho pensado muito na minha porção de defeitos, dos quais o pior é ser egoísta; vou procurar corrigir-me. Beth não é egoísta e é por tal razão que todos a amam, e porque sentiram tanto receio de perdê-la. Ninguém sentiria a metade se fosse eu a doente, e com toda a razão. Mas desejo ser amada por muitas pessoas, por isso vou procurar ser semelhante a Beth. Sou capaz de esquecer minhas boas resoluções; se tivesse alguma coisa comigo para recordar, seria melhor. Posso experimentar?

— Sim; mas tenho mais fé no cantinho do gabinete. Use o seu anel, querida filha, e faça o que puder; julgo que vencerá, pois o desejo sincero de ser boa é meia vitória. Agora, preciso voltar para junto de Beth. Tenha paciência mais um pouco, filhinha, que todos estaremos novamente reunidos em casa muito em breve.

Naquela tarde, enquanto Meg escrevia ao pai dando notícias da viagem da sra. March, Jo entrou sorradeira no quarto de Beth, encontrando a mãe no seu lugar costumado; permaneceu alguns minutos a torcer os cabelos com os dedos com um ar de contrariedade e indecisão.

— Que há, minha filha? — perguntou a sra. March com um gesto e expressão que provocavam confidências.

— Preciso falar-lhe sobre uma coisa, mamãe.

— Sobre Meg?

— Adivinhou logo! Sim, a respeito dela; apesar de coisa sem importância, tem-me posto preocupada.

— Beth está dormindo; fale baixo e conte-me tudo. Espero que o Moffat não tenha estado aqui — disse a sra. March, um tanto secamente.

— Não; eu ter-lhe-ia fechado a porta na cara se viesse — disse Jo sentando-se no chão, aos pés da mãe. — No verão passado, Meg deixou um par de luvas em casa dos Laurence, e só voltou uma. Esquecemos isso, até que Laurie me disse que o sr. Brooke estava com ela. Guardava-a no bolso do colete e, caindo-lhe do mesmo, uma vez, Laurie caçoou com ele e esse respeito e o sr. Brooke declarou que gostava de Meg, mas não tinha coragem de confessá-lo à mesma, porque era muito nova e ele muito pobre. Não concorda em que isso é uma coisa medonha?

— E você acha que Meg gosta dele? — perguntou ansiosamente a sra. March.

— Meu Deus! Nada sei a respeito de amor e de tolices idênticas — exclamou Jo, num misto engraçado de interesse e desprezo — Nos romances as moças demonstram-no por sobressaltos e rubores, desmaiando, emagrecendo e procedendo como loucas. Com Meg não sucede nada disso; come, bebe e dorme como qualquer criatura; olha-me tranquilamente quando lhe falo naquele homem e somente cora um pouco quando Laurie caçoa sobre namorados. Proíbo-lhe tocar nesse assunto, mas ele não me obedece como devia.

— Então, acha que Meg não gosta de John?

— De quem? — exclamou Jo espantada.

— Do sr. Brooke; eu chamo-lhe “John”, agora; acostumamo-nos a chamar-lhe assim no hospital e ele gosta desse tratamento.

— Oh, mamãe querida! Vejo que a senhora está tomando o seu partido! Tem sido bondoso para o papai e por isso deixará Meg casar-se com ele, se ela quiser! Coisa ignóbil! Ir tratar do papai e servir de companhia à senhora, simplesmente para adulá-los e fazer com que gostassem dele! — e novamente Jo pôs-se a torcer os cabelos com raiva.

— Minha filha, não fique zangada por isso; contar-lhe-ei tudo o que aconteceu. John foi comigo a mandado do sr. Laurence e mostrou-se tão dedicado a seu pobre pai que não poderíamos deixar de lhe criar grande afeição. Foi muito sincero a respeito de Meg, pois nos disse que a amava, mas precisava adquirir uma casa confortável antes de pedi-la em casamento. Somente queria que lhe permitíssemos amá-la e também fazer-se amar, se possível fosse. É um moço excelente e não poderíamos deixar de atender-lhe o pedido; mas não consentirei que Meg trate casamento tão cedo.

— Está claro, seria uma asneira! Eu sabia que havia qualquer coisa, mas agora vejo que a situação é pior do que imaginava. Ah, se me pudesse casar com Meg, para não a deixar sair da família!

Tão disparatado desejo fez a sra. March sorrir; mas respondeu, séria:

— Jo confio em que você não dirá nada a Meg por enquanto. Quando John voltar e eu os vir juntos, observarei melhor seus sentimentos para com ele.

— Ela fitará aqueles lindos olhos de que tanto fala e estará tudo perdido. Meg possui um coração tão sensível que se derrete como manteiga ao sol ao mais leve olhar sentimental. Vive a ler as breves notícias que ele envia — mais do que lia suas cartas, mamãe — e belisca-me quando eu lhe falo nisso; gosta de olhos castanhos e não acha que o nome de John seja feio; vai apaixonar-se e acabarão nossa tranquilidade e nossas alegrias; já estou prevendo isso! Eles começarão a amar-se e nós teremos de evitá-los; Meg ficará distraída, não será mais bondosa para mim; Brooke irá procurar fortuna em qualquer parte e a levará consigo, deixando um vazio em nossa família; ficarei desesperada, e tudo se tornará horivelmente triste. Oh! meu Deus! Por que razão não somos todas rapazes? Não haveria aborrecimentos!

Jo apoiou o queixo nos joelhos, numa atitude de desconsolo, e fez um gesto de ameaça ao censurável John. A sra. March suspirou e Jo fitou-a com expressão de alívio.

— Não acha, mamãe? Estimo que concorde comigo. Mande-o às favas e nada diga a Meg a tal respeito; seremos felizes novamente, todas reunidas, como de costume.

— Minha filha, é muito natural e conveniente que todas vocês algum dia tenham seus próprios lares; mas quero conservar minhas filhas comigo o mais tempo possível, pelo que me entristeci por isto se ter dado tão cedo. Meg tem dezessete anos somente e ainda demorará bastante tempo até que John possa dar-lhe um lar. Combinamos, seu pai e eu, não a deixar assumir agora um compromisso e nem se casar antes dos vinte anos. Se eles se amarem, podem esperar, pondo em prova seu amor dessa maneira. Ela é ajuizada e não tenho receio de que minha boa e amorosa filha o faça infeliz. Espero assim que tudo corra a contento dela.

— Não acha que seria melhor se se casasse com um moço rico? — perguntou Jo, vendo que a mãe

tartamudeava um pouco, ao dizer estas últimas palavras.

— O dinheiro é bom e útil, Jo, e espero que minhas filhas jamais tenham carência excessiva dele nem sejam tentadas em demasia pelo seu brilho. Desejava que John arranjasse colocação segura, que lhe desse renda bastante para viver sem fazer dívidas e proporcionar conforto a Meg. Não tenho ambição de grandes fortunas, de posições elevadas, nem de grandes nomes para minhas filhas. Se a posição e o dinheiro vierem de par com o amor e a virtude, aceitá-los-ia de boa vontade, regozijando-me com sua riqueza; mas sei, por experiência própria, que pode existir verdadeira felicidade em uma casinha simples, onde o pão cotidiano é ganho com o trabalho e onde as pequenas privações tornam mais suaves os poucos prazeres. Fico satisfeita de ver Meg iniciar a vida humildemente porque, se não me engano muito, ela se sentirá rica com a posse do coração de um bom marido, o que é bem melhor que uma fortuna.

— Compreendo, mamãe, e concordo com a senhora; mas estou desapontada, pois sonhava com Meg casada com Laurie, futuramente, para vê-la na opulência por toda a vida. Não seria muito bom? — perguntou Jo.

— Ele é mais moço do que Meg — disse a sra. March; mas Jo interrompeu-a:

— Isso não tem importância; para sua idade, é bem desenvolvido; e, se ele quisesse, poderia assumir os modos de uma pessoa grande. É rico, generoso e bom e estima-nos a todas; é uma pena falhar assim o meu plano.

— Laurie não têm assaz idade, em relação a Meg e tem muito de um ventoinha, agora, para se poder contar com o mesmo! Não faça planos, Jo; deixe que o tempo e os corações decidam por si mesmos da sorte de seus amiguinhos. Não nos devemos intrometer em tais assuntos e será melhor deixarmo-nos de “tolices românticas”, como você diz para não prejudicarmos nossa amizade.

— Sim, mas detesto ver as coisas atrapalhadas, quando, com um empuxão aqui, um corte ali, se poderia endireitar tudo. Desejaria que houvesse modo de não crescermos. Mas os botões transformaram-se em rosas e os gatinhos em gatos grandes... É pena!

— Que história é essa de modos de não crescer e de gatos? — perguntou Meg, entrando no quarto, tendo na mão a carta que acabava de escrever.

— Algumas de minhas ideias tolas. Vou deitar-me. Vamos, Meg — disse Jo, erguendo-se como um boneco de mola.

— Muito bem, está otimamente escrita. Faça o favor de acrescentar que eu mando lembranças ao John — disse a sra. March devolvendo a carta que havia lido.

— A senhora chama-o “John?” — perguntou Meg, fitando com olhos inocentes a mãe.

— Sim; ele para nós foi verdadeiro amigo e o ficamos estimando muito — respondeu a sra. March, lançando à filha um olhar penetrante.

— Fico muito satisfeita por isso; ele vive tão só... Boa noite, mamãe querida. Não imagina o meu contentamento por vê-la de novo aqui — respondeu Meg calmamente.

E a mãe beijou-a com ternura, dizendo num misto de satisfação e de pesar, quando ela se retirava:

— Ainda não o ama, porém o amará muito em breve.

XXI

Laurie prega uma peça em Meg

O rosto de Jo, no dia seguinte, apresentava diferente expressão, porque o segredo lhe pesava, e ela achava difícil não assumir ar enigmático e importante. Meg o observou, mas não se deu ao trabalho de formular perguntas, sabendo que a melhor maneira de proceder com Jo era levar em conta seu espírito de contradição; por isso, tinha a certeza de que saberia tudo se nada perguntasse. Ficou surpreendida, porém, ao ver que o silêncio continuava o mesmo, mantendo Jo um ar protetor que ofendia os melindres da irmã; por seu turno Meg assumiu modos de dignidade e reserva, dedicando-se inteiramente à mãe.

Isto fez que Jo apenas pudesse contar consigo própria para achar modo de passar o dia, pois havendo a sra. March assumido o posto de enfermeira, ordenara a todas que descansassem e se distraíssem, como compensação a tão grandes sacrifícios. Ausente Amy, Laurie era seu único recurso; embora, porém gostasse do seu convívio, temia-lhe a sagacidade, com a qual poderia arrancar-lhe o segredo.

E assim foi: o diabrete logo suspeitou que havia algum mistério e tratou de descobri-lo, apoquentando Jo por isso. Lisonjeava, procurava suborná-la, ridicularizava-a, ameaçava-a e ralhava; afetava indiferença, para ver se surpreendia a verdade; chegou a dizer que nada ignorava mas que não se incomodava com aquilo; finalmente, a poder de perseverança, chegou a saber tudo o que dizia respeito a Meg e ao sr. Brooke. Indignado por não ser tomado como confidente pelo professor, começou a imaginar algum modo de se vingar da desconsideração.

Enquanto isso, Meg esquecera aparentemente o caso, absorvida como estava com os preparativos para a volta do pai; súbita mudança, contudo, se operou nela por um ou dois dias. Sobressaltava-se quando lhe dirigiam a palavra, corava se a fitassem, permanecia silenciosa ou sentava-se para costurar, revelando, no olhar, sua íntima confusão. Às perguntas da mãe respondia que estava boa, e às de Jo não dava resposta, pedindo-lhe somente que a deixasse em paz.

— Ela está começando a amar, creio eu — dizia Jo. — E muito depressa. Veem-se os sintomas; anda quieta e aborrecida, não come, dorme pouco, anda pelos cantos, taciturna. Surpreendia-a cantando aquela canção “Regato de Som Argentino” e disse uma vez “John”, como a senhora, tornando-se tão vermelha como uma papoula. Que devemos fazer? — e Jo parecia pronta a usar de qualquer meio decisivo, violento que fosse, para pôr cobro àquilo.

— Nada mais do que esperar. Deixe-a só, seja boa e paciente para ela, que a chegada do pai resolverá tudo — replicou a mãe.

— Aqui está uma carta lacrada para você, Meg. Esquisito! Nunca Laurie lacrou as que me manda — disse Jo no dia seguinte, ao distribuir a correspondência do correiozinho.

A sra. March e Jo estavam entretidas com outras coisas, quando uma exclamação de Meg a fez olhar para seu lado, vendo-a então com expressão transtornada, tendo a carta na mão.

— Que foi, minha filha? — exclamou a mãe correndo para ela, enquanto Jo procurava tomar o papel causador daquele abalo.

— Mistificação... Não era dele a outra carta... Oh, Jo, como pôde fazer isso! — exclamava Meg a chorar, com as mãos a cobrir o rosto, como se lhes houvessem dilacerado o coração.

— Eu! Eu não fiz nada! Por que diz isso? — perguntou Jo espantada.

Os doces olhos de Meg chispavam de raiva ao retirar do bolso uma carta amarrotada que atirou para Jo, dizendo em tom de censura:

— Foi você quem a escreveu, e aquele perverso ajudou-a. Como pôde ter essa crueldade para nós dois?

Jo não a ouvia pois estava absorta, bem como a mãe na leitura da carta, escrita com uma letra conhecida:

Minha querida Margaret:

Não posso por mais tempo esconder a minha paixão e preciso conhecer a minha sorte antes de voltar. Não ousei ainda dizer-lhe a seus pais, mas creio que consentiriam se soubessem que nos amamos mutuamente. O sr. Laurence me arranjará alguma boa colocação e então, minha doce Meg, você me fará feliz. Peço-lhe encarecidamente que nada diga a sua família por enquanto e que envie uma palavra de esperança, por intermédio de Laurie, ao seu dedicado

John.

— Oh! malvado! É assim que Laurie procede, sabendo que eu dera a palavra a mamãe? Passar-lhe-ei uma repreensão em regra e o trarei aqui para pedir perdão — exclamava Jo, impaciente por castigá-lo imediatamente. A mãe, porém, segurou-a e disse-lhe, tendo no olhar uma expressão que raras vezes lhe viam:

— Espere, Jo; você precisa justificar-se primeiro. Tem feito tantas maluquices, que receio ande sua mão nisso tudo.

— Dou-lhe minha palavra de que não, mamãe! Não tinha lido esta carta, nem sei coisa alguma a respeito. Pela luz que me alumia! — respondeu Jo de modo tão convincente que elas acreditaram. — Se tivesse tomado parte nesta brincadeira, teria feito coisa melhor, escreveria uma carta mais sentimental. Você devia compreender que o sr. Brooke não ia escrever tolices destas — acrescentou ela para Meg, jogando ao chão a carta, indignada.

— A letra é igual à dele — gaguejou Meg, comparando-a com a carta que tinha na mão.

— E você respondeu, Meg? — exclamou, inquieta, a sra. March.

— Sim, mamãe — confessou Meg, escondendo o rosto de novo.

— Que fiasco! Deixe-me ir buscar aquele endiabrado rapaz para explicar-se e ouvir um sermão. Não descansarei enquanto não o encontrar — e Jo encaminhou-se para a porta.

— Espere! Deixe-me verificar bem o caso, pois é mais grave do que eu pensava. Margaret, conte-me tudo — ordenou a sra. March sentando-se ao lado de Meg e mantendo Jo segura, de medo de que ela lhe fugisse.

— Recebi a primeira carta das mãos de Laurie, que parecia estar completamente alheio ao caso — começou Meg sem se atrever a erguer os olhos. — Fiquei aborrecida a princípio e tencionava contar-lhe; lembrei-me, porém, de quanto a senhora gosta do sr. Brooke, e por isso pensei que não se zangaria por eu guardar meu pequeno segredo durante alguns dias. Era tão tola que me convencia de que todos o ignoravam e fiquei indecisa sobre o que deveria fazer; afinal fiz como as moças dos romances procedem, em casos idênticos. Perdoe-me, mamãe; estou bem paga de minha imbecilidade. Nunca mais terei coragem de fitá-lo.

— E o que lhe dizia na carta? — perguntou a sra. March.

— Respondi-lhe somente que ainda era muito moça, que não queria ter segredos para a senhora e que ele deveria falar com papai. Dizia-me muito grata pela sua bondade e que continuaria sua amiga, porém nada mais, por enquanto.

A sra. March sorriu, como que satisfeita, e Jo bateu as mãos exclamando entre risos:

— Você está quase igual a Carolina Percy, que era um modelo de discrição. Continue, Meg. E que lhe respondeu ele agora?

— Que nunca me enviou cartas de amor e que ficava muito pesaroso por ter a garota da minha irmã

Jo, tomado tais liberdades conosco. Seus termos são atenciosos e corteses, mas imaginem que coisa horrível para mim!

Meg arrimara-se a sua mãe, como se fosse a estátua do desespero e Jo passeava agitada pela sala, a maldizer Laurie. De repente parou e, tomando as duas cartas, olhou-as com atenção, dizendo em seguida, convicta:

- Não creio que nenhuma das duas seja de Brooke; Laurie escreveu as duas e guardou sua resposta para fazer troça de mim, porque eu não quis contar-lhe meu segredo.
- Não guarde segredos, Jo, conte tudo a mamãe como eu fiz — admoestou-a Meg.
- Valha-a Deus, menina! Foi mamãe quem mo contou!
- Está bem, Jo. Ficarei a consolar Meg, enquanto você vai procurar Laurie. Apurarei o caso e porei logo um ponto a tais brincadeiras.

Jo correu à procura do rapaz e a sra. March com muito tato contou a Meg as verdadeiras intenções do sr. Brooke.

— E agora, querida filha, que acha? Ama-o bastante para esperar até que ele esteja em condições de casar-se, ou quer conservar-se livre de compromissos por enquanto?

— Estou tão assustada e aborrecida, que não quero saber de namorados por algum tempo e talvez nunca mais — respondeu arrebatadamente Meg — Se John nada souber desta embrulhada, não lha conte, e faça com que Jo e Laurie refreiem as línguas. Não quero cair no ridículo aos olhos de... Oh! meu Deus, que vergonha!

Vendo irritada a filha, de gênio habitualmente brando e notando-lhe o orgulho ferido pela maligna brincadeira, a sra. March acalmou-a com promessas de absoluto silêncio e discrição. Assim que ouviram os passos de Laurie no vestíbulo, Meg correu para a sala de estudos, ficando só a sra. March para receber o culpado. Jo não lhe dissera o motivo do chamado, com receio de que ele não viesse; Laurie, porém, compreendeu-o assim que viu o rosto da sra. March e ficou a torcer o chapéu com um ar de réu, o que o condenou imediatamente. Jo recebeu ordem para retirar-se, mas ficou a passear no vestíbulo de um lado para o outro, como uma sentinela, com receio de que o prisioneiro fugisse. Durante meia hora alteavam-se ou moderavam-se, a revezes, os sons das vozes; o que se passou, porém, na entrevista, nunca as moças o souberam.

Quando elas entraram, Laurie estava de pé em frente de sua mãe, com um rosto tão contrito que Jo lhe perdoou incontinenti, mas sem de modo algum manifestá-lo. Ele pediu desculpas a Meg, que se sentiu desopressa com a certeza de que Brooke nada soubera da brincadeira.

— Jamais lho contarei até à hora da minha morte! Perdoe-me, Meg, que tudo farei para lhe provar que estou arrependido do que fiz — acrescentou envergonhado.

— Desculpo-o; mais foi coisa muito pouco delicada. Não sabia que você era tão levado e malicioso, Laurie! — e, com a reprimenda, Meg procurava disfarçar a própria confusão.

— Foi abominável o que fiz, e mereço que não pronunciem meu nome durante um mês; mas você perdoa, não? — e Laurie pôs as mãos num gesto tão implorativo, fitando-a com tanta doçura e com entoação tão persuasiva, que era impossível repreendê-lo mais, apesar de seu mau proceder; Meg perdoou-lhe e a severidade do rosto da sra. March desapareceu, a despeito de seus esforços, ao ouvi-lo dizer a seguir que iria reparar sua falta por todos os meios penitenciais “humilhando-se como um pequenino verme ante a donzela ofendida”.

Jo conservava-se à distância, procurando sentir-se indignada, mas só conseguindo assumir ares de reprovação. Laurie fitou-a por uma ou duas vezes mas, como Jo não desse mostras de se enternecer, ficou magoado e virou-lhe as costas; depois ao despedir-se, fez-lhe somente uma zumbaia, sem lhe falar.

Ao vê-lo sair, ela arrependeu-se de sua atitude; e, assim que a mãe e a irmã subiram, Jo sentiu-se só e com saudades de Laurie.

Após alguns minutos não pôde mais resistir e, levando o livro que precisava devolver, dirigiu-se para

a casa grande.

— O sr. Laurence está? — perguntou Jo a uma criada que descia as escadas.

— Sim, senhora; mas creio que não a atenderá agora.

— Por quê? Está doente?

— Está visto que não, senhora; mas teve uma alteração com o sr. Laurie que, por qualquer motivo, se achava num de seus frenesis, o que aborreceu meu amo; por isso não me atrevo a ir procurá-lo.

— Onde está Laurie?

— Trancado no quarto, sem responder, embora eu tenha batido na porta. Não sei o que fazer com o jantar, pois está pronto e ninguém quer ir para a mesa.

— Vou ver o que houve. Não receio nenhum deles.

Jo subiu e bateu delicadamente à porta do gabinete de estudos de Laurie.

— Pare com isso, senão abro a porta e você verá — gritou o rapaz num tom ameaçador.

Jo imediatamente bateu de novo; a porta abriu-se e ela viu-se em frente de Laurie, que não pôde ocultar sua surpresa. Vendo que ele estava realmente zangado, Jo, que conhecia a maneira de levá-lo, tomou, atitude humilde e ajoelhando-se a seus pés disse com meiguice:

— Perdoe-me por ter ficado tão carrancuda. Vim pedir-lhe perdão e não sairei daqui enquanto não me perdoar.

— Está direito. Levante-se e não seja tola — foi a resposta cavalheiresca que obteve.

— Muito obrigada. Posso saber o que houve? Você parece furioso.

— Deram-me um safanão e não posso conformar-me com isso! — gritou Laurie indignado.

— Quem? — perguntou Jo.

— Vovô; se fosse qualquer outro, eu teria... — e o jovem terminou a frase com um gesto expressivo, do braço direito.

— Não é nada; já muitas vezes te dei safanões e você não se incomodou — disse gravemente Jo.

— Ora! Mas você é moça, e até tinha graça; mas não admito que homem algum faça o mesmo.

— Penso que ninguém teria coragem de tentar fazê-lo, se o visse com o ar terrível com que está agora. Mas por que razão foi tratado assim?

— Simplesmente porque não quis dizer o motivo por que sua mãe me mandou chamar. Eu prometera nada falar, e é claro que não podia faltar à minha palavra.

— E não poderia satisfazer seu avô de outra maneira?

— Não; ele queria saber a verdade, toda a verdade, e nada mais que a verdade. Eu ter-lhe-ia dito o que se referia a mim próprio, se fosse possível, sem trazer à baila o nome de Meg. Como não era possível, preendi a língua e suportei o sermão todo até o velho agarrar-me pela gola. Fiquei furioso então e vim trancar-me aqui, de medo de me esquecer do respeito que lhe devo.

— Não foi bonito, mas ele deve estar triste; desça e vamos arranjar isso. Eu o ajudarei.

— Prefiro que me enforcem! Não estou para ser repreendido e castigado por todo mundo por uma brincadeira insignificante. Fiquei pesaroso por causa de Meg e pedi-lhe perdão como um homem; mas, estando com a razão, é coisa que não farei de novo.

— Mas ele sabe disso.

— Deveria acreditar em mim e não me tratar como uma criança. Aquilo não foi procedimento, Jo; ele precisa saber que sou capaz de dirigir-me por mim próprio, não precisando mais de andar agarrado ao cordão do avental de alguém.

— Como você está azedo! — suspirou Jo — Como vai resolver então este negócio?

— Ele deve pedir-me perdão e acreditar em mim quando eu lhe disser que não lhe posso contar alguma coisa.

— Está doido! O velho jamais o fará!

— Pois não sairei daqui enquanto não o fizer!

— Ora, Laurie, seja cordato; esqueça isto, e eu explicar-lhe-ei o caso da melhor forma possível. Você não pode ficar aqui fechado toda a vida; por isso, que adianta essa atitude dramática?

— Não pretendo ficar aqui muito tempo. Partirei de viagem para qualquer parte e quando vovô sentir minha falta mudará logo para comigo.

— Você não deve ir para não o desgostar.

— Não me venha com conselhos. Irei ficar com Brooke em Washington; lá é divertido; preciso distrair-me após tantos aborrecimentos.

— Como deve ser bom! Desejaria ir também! — disse Jo, esquecida do seu papel de mentor à visão sedutora da capital em pé de guerra.

— Pois vamos. Por que não? Fará uma surpresa a seu pai, e eu, a meu velho amigo Brooke. Será um delicioso passeio; vamos, Jo! Deixará uma carta dizendo que partimos e seguiremos imediatamente. Tenho bastante dinheiro; ser-lhe-á agradável e não há inconveniente algum, pois irá ver seu pai!

Durante um instante, parecia que Jo tinha concordado, pois esse plano arrojado estava de acordo com seu natural. Sentia-se cansada de suas preocupações e vida retraída; anelava qualquer mudança e tentava a ideia de rever o pai ferido, bem como a novidade dos acampamentos e hospitais de sangue, e da liberdade e divertimentos.

Seus olhos faiscavam quando os fitou, pela janela, na paisagem; mas eles foram incidir sobre sua velha casa, em frente. Então, ela abanou, triste, a cabeça, resolvendo não ir.

— Se eu fosse rapaz, iríamos juntos e teríamos uma bela oportunidade para passear; sou, porém, uma infeliz menina, por conseguinte devo ser ajuizada e ficar em casa. Não me tente, Laurie; seu plano é uma loucura.

— Eis o seu encanto — disse Laurie que persistia na ideia e estava resolvido a pô-la em execução de qualquer modo.

— Cale a boca! — exclamou Jo, tapando os ouvidos. — Meu destino é o “conchego do lar” e não devo fugir a ele. Vim aqui para aconselhar e não para ouvir coisas que me façam esquecer meus deveres.

— Sei que Meg se horrorizaria com tal proposta, mas pensava que você fosse mais inteligente — disse Laurie insinuante.

— Cale-se, perverso! Sente-se e medite sobre suas culpas; não me faça aumentar as minhas. Se eu conseguir que seu avô lhe peça desculpas por lhe ter dado safanões, você desiste da viagem? — perguntou Jo em tom sério.

— Sem dúvida; mas você não o conseguirá — respondeu Laurie, que desejava fazer as pazes, mas achava que sua dignidade ultrajada precisava receber primeiro uma satisfação.

“Se consegui dar um jeito no rapaz conseguirei dá-lo no velho também” — murmurava Jo ao descer, tendo deixado Laurie inclinado sobre um mapa ferroviário, com a cabeça apoiada nas mãos.

— Entre! — respondeu a voz seca do sr. Laurence, mais irritada do que de costume, quando Jo bateu na porta.

— Sou eu, sr. Laurence, que vim devolver-lhe um livro — disse ela meigamente ao entrar.

— Precisa de mais alguma coisa? — perguntou o velho com ar carrancudo, embora procurasse não o ter.

— Sim, senhor; gostei tanto do velho Sam, que desejava ler o segundo volume — respondeu Jo que, para captar-lhe a simpatia, aceitava uma segunda dose da “Vida de Johnson”, de Boswel, que tanto lhe recomendara.

As cerradas sobrancelhas desfranziram-se um pouco quando ele colocou a escada em frente à estante onde estava a literatura johnsoniana. Jo trepou e, sentada no último degrau, simulava procurar o livro, mas na verdade pensava no modo de abordar o perigoso assunto de sua visita. O sr. Laurence parecia ter suspeitado que alguma coisa se tramava na sua mente, porque, depois de dar algumas passadas largas pela sala, parou em frente da jovem, falando-lhe tão abruptamente que quase ela foi ao chão.

— Que houve com o rapaz? Não tente protegê-lo! Sei que ele fez alguma coisa reprovável, pela maneira com que se portou ao vir para casa. Não consegui tirar-lhe uma palavra; e, quando o ameacei de arrancar-lhe a verdade à força, ele trancou-se no quarto.

— Ele não andou bem, mas nós perdoamos-lhe e todos prometeram não dizer palavra a ninguém — começou Jo, embaraçada.

— Isso nada vale; ele não se pode escudar numa promessa de meninas bondosas. Se fez alguma coisa censurável, precisa confessá-lo, pedir perdão e receber o castigo. Diga, Jo! Eu não posso ficar sem saber.

O sr. Laurence parecia tão exaltado e falava tão ríspido, que Jo de boa vontade teria fugido, se pudesse; porém estava em cima da escada e ele embaixo, como um leão no caminho; por isso teve de ficar e arrostar-lhe a ira.

— Lamento-o, sr. Laurence, mas não posso contar; mamãe mo proibiu. Laurie confessou a culpa, pediu perdão e foi punido de sobejo. Nós não guardamos reserva para protegê-lo. mas por causa de outra pessoa; e será pior se o senhor intervir nesse caso. Não o faça, por favor! Parte da culpa foi minha, mas tudo já se acabou; portanto esqueça o incidente e vamos conversar sobre Rambler ou coisa assim agradável.

— Que vá Rambler para a forca! Desça e dê-me sua palavra de que esse estouvado nenhum mal praticou. Do contrário, apesar de toda a bondade que vocês lhe demonstram, sová-lo-ei com minhas próprias mãos!

A ameaça era proferida em tom assustador, mas não amedrontou Jo, pois a menina sabia que o irascível velho não levantaria um dedo contra o neto, apesar de sua promessa. Ela desceu submissamente e contou a brincadeira de tal modo que não traiu o segredo de Meg nem faltou à verdade.

— Hum! Se o rapaz se calou por ter dado a palavra, e não por obstinação, perdoo. É muito cabeçudo e difícil de levar — disse o sr. Laurence a revolver os cabelos até dar-lhes a aparência de tê-los soprado um furacão e descerrando as rugas da fronte com ar aliviado.

— Também sou assim; mas uma palavra delicada é capaz de me dominar com mais facilidade que todos os cavalos e cavaleiros do rei, todos juntos — disse Jo, procurando atenuar a situação de seu amigo Laurie.

— E acha que sou bom para ele, hein? — replicou o velho secamente.

— Oh! não, senhor! É excessivamente bom, mas um tanto desabrido quando ele põe sua paciência à prova, não concorda?

Jo terminara de desfechar o golpe mortal e procurava parecer calma, conquanto tremesse um pouco após esta última frase. Para alívio e surpresa sua, porém, o velho Laurence limitou-se a atirar os óculos barulhentemente sobre a mesa, exclamando com franqueza:

— Tem razão, menina! Gosto do rapaz, porém ele me esgota a paciência e não sei como acabaremos se continuarmos assim!

— Sei eu; ele quer ir embora daqui.

Assim que pronunciou estas palavras, Jo arrependeu-se. Seu desejo fora avisá-lo do propósito do rapaz, que não suportaria mais repressões e conseguir, desse modo, que o velho tivesse mais paciência com Laurie.

O rosto vermelho do sr. Laurence mudou súbito de expressão e ele sentou-se a contemplar o retrato de um belo moço, que pendia da parede acima da sua mesa. Era o pai de Laurie, que se fora, também, de casa, na mocidade e se casara contra a vontade do autoritário velho. Jo compreendeu que ele evocava a lamentava o passado, e lastimou ter feito aquela revelação.

— Ele não o faria — continuou Jo — a menos que fosse muito maltratado; somente faz semelhantes ameaças, às vezes, quando não quer estudar. Às vezes, eu também sinto vontade de ir-me para longe, principalmente depois que cortei o cabelo; se der por falta de nós, peça portanto notícia de dois rapazes

e procure nos navios que vão para a Índia.

E ria-se ao falar isso, de modo que o velho se sentiu aliviado, tomando aquelas palavras como uma brincadeira.

— Ó atrevidazinha! Como ousa falar assim? Onde ficaram o respeito que me é devido e sua boa educação? Como são as crianças de hoje! Que endemoninhadas! E no entanto não podemos passar sem elas! — replicou o velho beliscando-lhe bonacheiramente as faces. — Vá lá acima e traga o rapaz para jantar; diga-lhe que tudo está acabado e advirta-o a não tomar atitudes trágicas para com o avô; não posso suportar isso.

— Ele não virá, sr. Laurence; sente-se ofendido por não lhe ter dado crédito quando asseverava não poder contar. Penso que seu safanão lhe magoou, em demasia, os melindres.

Jo procurava dar solenidade às coisas, mas seu plano falhou porque o sr. Laurence começou a rir. E ela compreendeu que ganhara a partida.

— Fico muito pesaroso. Suponho que lhe deveria agradecer por ele não me ter dado repelões a mim... Que deseja então Laurie, com os demônios? — e o próprio velho parecia um tanto envergonhado de sua impulsividade.

— Se eu fosse o senhor, escrever-lhe-ia um bilhete pedindo desculpas. Laurie disse que não descera enquanto não lhas pedir, e fala em ir para Washington e outros absurdos semelhantes. Um formal pedido de desculpas far-lhe-á ver quão tolo ele está sendo e descera completamente mudado. Experimente; Laurie gosta de gracejo, e é melhor fazer assim do que de viva voz. Eu levá-lo-ei e aconselharei a Laurie sobre o que deve fazer.

O sr. Laurence lançou-lhe um olhar penetrante e pôs os óculos dizendo em tom baixo:

— Vocês são uns finórios! Não me importa, porém, ser governado por você e por Beth. Bem, dê-me um pedaço de papel e vamos fazer o tal disparate.

O bilhete foi escrito nos termos que um cavalheiro usaria para com outro a quem tivesse feito um gravíssimo insulto. Jo depôs um beijo na calva do sr. Laurence e correu a pôr o bilhete por baixo da porta de Laurie, pedindo-lhe, pelo buraco da fechadura, que se mostrasse submisso, digno e mais outras agradáveis impossibilidades. Continuando fechada a porta, deu tempo para que o bilhete produzisse o seu resultado; e ia-se embora sem fazer bulha, mas o jovem cavalheiro, descendo pela escada de serviço, foi esperá-la embaixo, dizendo-lhe aí com expressão de contentamento:

— Como você é boa, Jo! Houve grande tempestade? — acrescentou rindo-se.

— Não; estive muito gentil.

— Ah! Antes assim. Se você não voltasse às boas, eu faria qualquer loucura.

— Não fale dessa maneira; vire uma nova folha do livro de sua vida e comece de novo, Laurie.

— Tenho virado muitas folhas e rasgo-as depois, como faço aos meus cadernos e recomeço as coisas tantas vezes que nunca chego ao fim — replicou ele com tristeza.

— Vá jantar; sentir-se-á melhor depois da refeição. Os homens costumam rezingar quando estão com fome. — e, apressada, Jo dirigiu-se para a porta da rua.

Laurie seguiu para a sala de jantar, sentou-se à mesa com o avô, que se mostrou em excelente disposição de espírito e tratou ao neto de modo incomodativamente atencioso o resto daquele dia.

E todos julgavam o incidente terminado, e desaparecida a pequena nuvem borrascosa. O mal, porém, fora feito e, conquanto os outros o esquecessem, Meg continuava a tê-lo em mente. Jamais aludia a certa pessoa, mas vivia a pensar nela, fantasiando sonhos róseos mais do que nunca; e, certa vez, ao esquadrinhar a secretária da irmã à procura de selos, Jo encontrou um pedaço de papel rabiscado com as palavras “Sra. John Brooke”. A resmungar coisas terríveis lançou o papel ao fogo, compreendendo então que a brincadeira de Laurie ia produzir o efeito de precipitar o terrível acontecimento que ela tanto receava.

XXII

Um dia feliz

Como o sol depois da tempestade, correram as semanas seguintes. Os doentes melhoravam depressa e o sr. March começou a falar em regressar no princípio do ano novo. Beth já podia ficar no sofá da sala de estudos durante o dia todo, distraíndo-se a princípio com seus queridos gatos e, após, cosendo vestidos para as bonecas que haviam ficado no esquecimento. Suas pernas, outrora lépidas, estavam agora tão fracas que Jo a levava ao colo, diariamente, a respirar um ar puro, andando pela casa. Meg encardia e queimava as ebúrneas mãozinhas a preparar delicados petiscos para sua “adorada Beth”, enquanto Amy celebrava seu retorno dando parte de seus tesouros às irmãs — tantos quantos lhe era possível persuadi-las a aceitar. Como se aproximasse o Natal, começaram a aparecer os segredos e mistérios de sempre. Jo com frequência provocava animados debates, propondo planos totalmente impraticáveis ou cerimoniais absurdamente pomposos para a comemoração daquele Natal excepcionalmente feliz. Os de Laurie eram da mesma natureza; por seu gosto haveria fogueiras, foguetes e arcos de triunfo. Afinal, depois de várias discussões, saíram derrotados. Mostraram-se, com isso, consternados, mas, em se vendo a sós, soltavam boas gargalhadas.

Vários dias de tempo sereníssimo precederam um esplêndido Natal. Hannah pressentiu que ia ser um dia desusadamente festivo e demonstrou ser boa profetiza, pois tudo e todos pareciam concorrer para torná-lo mais venturoso. Para começar: o sr. March escrevera que breve estaria com elas; Beth, portanto, sentiu-se maravilhosamente alegre naquela manhã e, vestida com o presente de sua mãe — uma capa de merinó de um carmesim suave — foi levada em triunfo à janela, para contemplar a contribuição de Jo e de Laurie. Os incontestáveis haviam feito todos os esforços para honrar esse apelido, pois como fadas, trabalharam à noite, preparando uma cômica surpresa. No jardim aparecia uma gigantesca moça feita de neve, coroadada de azevinho, segurando com uma das mãos uma cesta de flores e frutos e, com a outra, um grande rolo de músicas novas, tinha um tapete afegã de todas as cores do arco-íris sobre as espáduas frias e saía-lhe dos lábios em uma tira de papel cor-de-rosa a seguinte canção:

Deus a salve, linda Rainha,
E a preserve do mal!
Dando-lhe muita alegria Neste dia de Natal.
Venho dar-lhe belas flores
E frutos do fim do ano,
Um tapete para os pés
Músicas para o piano.
E um retrato de Joana
Por um novo Rafael,
Que empregou toda a sua arte
Para torná-lo fiel.
Mais esta fita vermelha
Para a cauda da gatinha;
E um Monte Branco de creme

Feito por Meg, sozinha.
Para dar-lhe as Boas-festas
De meus autores, cá estou.
Aceite-os, e à moça alpina
Feita por Laurie e Jo.

Como Beth riu, ao vê-la! Como Laurie subia e descia escadas, carregando as suas dádivas! Que discurso engraçado fez Jo, ao entregá-las!

— Se papai aqui estivesse, minha felicidade hoje seria completa — disse Beth, suspirando de alegria ao carregá-la a irmã para o gabinete, a fim de descansar do abalo emocional e deliciar-se com as saborosas uvas que a moça de neve lhe mandara.

— A minha também — acrescentou Jo batendo no bolso onde guardava seu livrinho de há muito desejado, Ondina e Sintram.

— Também a minha — disse Amy fazendo-lhe eco, a contemplar, embevecida, uma gravura, reprodução do quadro “Nossa Senhora e o Menino Jesus”, que a mãe lhe dera numa linda moldura.

— A minha igualmente — exclamou Meg, alisando as dobras alvas do seu primeiro vestido de seda, com que o sr. Laurence insistira em presenteá-la.

— Como poderia eu deixar de sentir-me também feliz! — disse a sra. March cheia de gratidão, alternando olhares entre a carta do marido e o rosto sorridente de Beth e acariciando o broche feito de cabelos — louros, grisalhos e pretos — que as meninas lhe haviam pregado ao peito.

Vez em vez, neste mundo de trabalho, sucedem coisas como as dos contos de fadas e quão grande conforto prodigalizam à alma! Meia hora após terem assim falado, bateram à porta. Laurie foi abri-la. Ao fazê-lo, teve um grito. Seu rosto exprimia excitação tamanha e sua voz estava tão vibrante de alegria, que todos se levantaram, embora a custo somente pronunciasse estas palavras:

— Aqui está outro presente de Natal para a família March!

Antes de terminar a frase que lhe brotava dos lábios, teve que se afastar para um lado e em seu lugar viram no limiar um homem alto, agasalhado até os olhos, que, apoiado ao braço de outro homem não menos alto, tentava sem resultado dizer alguma coisa. Houve grande tumulto: por alguns minutos, todos perderam o juízo, pois foram feitas as coisas mais estranhas sem que se proferisse uma palavra. O sr. March desapareceu dentro de quatro pares de braços; Jo ridiculamente ia perdendo os sentidos e teve de ser medicada por Laurie no gabinete; o sr. Brooke beijou Meg por engano, consoante explicara depois, de modo incoerente; e Amy, a menina “importante”, tropeçou num tamborete e caiu, deixando-se ficar no chão a abraçar as botas do pai de modo muito comovente. A primeira a cair em si foi a sra. March, que ergueu a mão num aviso:

— Silêncio! Lembrem-se de Beth!

Era muito tarde porém; a porta do gabinete abriu-se, e assomou à soleira sua capinha vermelha — a alegria dera-lhe forças às pernas enfraquecidas — e Beth lançou-se nos braços do pai. Não se pode descrever o que se passou depois; os corações transbordaram, livrando-se da amargura do passado para unicamente sentir a suavidade do presente.

Nem todas as coisas foram românticas: soaram gostosas gargalhadas ao descobrirem Hannah atrás da porta, soluçando sobre o gordo peru que havia esquecido de soltar no chão ao correr para a sala. Assim que os risos amainaram, a sra. March começou a agradecer ao sr. Brooke os cuidados com que havia cercado o marido, ao que o sr. Brooke no mesmo instante replicou que o sr. March precisava de sossego; e, puxando Laurie, retirou-se precipitadamente com ele. Mandaram os dois doentes repousar, o que fizeram sentando-se juntos numa grande poltrona e conversando animadamente.

Contou então o sr. March o seu desejo de lhes fazer uma surpresa; como o tempo houvesse melhorado conseguiu que o médico consentisse na realização do mesmo. Começou depois a falar sobre o devotamento do sr. Brooke, que era o mais estimável e reto dos homens.

Quanto ao motivo por que o sr. March parou e, depois de lançar um olhar a Meg, que atiçava febrilmente o fogo, fitou a mulher com um enigmático mover de sobrancelhas deixou aos leitores o trabalho de descobri-lo assim como a razão de fazer-lhe a sra. March leve aceno com a cabeça perguntando abruptamente se ele nada queria comer. Jo viu e compreendeu o olhar; e retirou-se mal-humorada para buscar vinho e caldo de carne e murmurar consigo enquanto batia a porta: “Odeio os homens estimáveis de olhos castanhos!” Nunca houve um jantar de Natal como aquele. O peru era uma delícia para os olhos quando Hannah o trouxe para a mesa, recheado, louro, enfeitado. O mesmo aconteceu com o pudim de ameixas que se derretia na boca e as geleias, com que Amy se deleitava como mosca em vasilha de mel. Estava tudo excelente! “O que fora milagre”, dizia Hannah, “porque minha cabeça estava tão tonta, sra. March, que não sei como não assei o pudim e não recheei o peru com passas”.

Jantaram com eles o sr. Laurence e Laurie, além do sr. Brooke, para o qual Jo olhava carrancuda, no que Laurie achava muita graça. Duas poltronas tinham sido colocadas à cabeceira, lado a lado, e nelas se sentaram Beth e o pai, banqueteadando-se modestamente com frango e um pouco de frutas. Fizeram-se brindes, contaram-se histórias e entoaram-se canções, “para recordarem o passado”, como dizem as pessoas velhas divertindo-se, assim, bastante.

Havia sido planejado um passeio de trenó, mas as meninas não quiseram deixar o pai; por isso os convidados saíram cedo e, ao crepúsculo, a feliz família se reuniu ao pé da lareira.

— Exatamente há um ano, estávamos nos lastimando do triste Natal que íamos ter. Lembram-se? — perguntou Jo, quebrando a pausa que se seguira a uma longa conversa sobre vários assuntos.

— E, no entanto, foi muito feliz este ano! — disse Meg sorrindo junto ao fogo congratulando-se consigo própria por ver tratado Brooke com muita seriedade.

— Acho que ele teve bem sofrimentos para nós! — acrescentou Amy a observar o brilho de seu anel com olhos pensativos.

— Estou satisfeita por ter acabado, porque o sr. voltou — sussurrou Beth sentada nos joelhos do pai.

— Digam antes que foi uma árdua estrada para a viagem de vocês, minhas peregrinizinhas, especialmente no fim. Mas venceram heroicamente; e creio que as cargas serão alijadas de seus ombros muito em breve — disse o sr. March, fitando com paternal satisfação os quatro rostos jovens reunidos ao redor dele.

— Como sabe? Mamãe contou-lhe? — perguntou Jo.

— Muito pouco; mas as palhas mostram de que lado sopra o vento; e eu fiz hoje várias descobertas.

— Ah, diga-nos quais são! — exclamou Meg, sentada ao lado do pai.

— Aqui está uma! — e tomando-lhe a mão que pousava no braço de sua poltrona, apontou o indicador ferido, para uma queimadura no dorso e dois ou três calos na palma.

— Lembro-me de um tempo em que esta mãozinha era branca e macia e, sua maior preocupação, cuidar dela. Era muito linda então, mas para mim está hoje mais ainda, pois leio uma pequenina história nestes sinais. A vaidade ofereceu-se em holocausto nesta queimadura, esta palma calejada diz mais ainda que a simples queimadura e tendo a certeza que a costura feita por estes dedos picados durarão bastante, tanto foi a boa vontade com que deu os pontos. Meg, minha querida filha, reputo de maior valor a habilidade de uma mulher que torna o seu lar feliz, do que ter mãos brancas ou acompanhar a moda; tenho orgulho em apertar esta diligente e boa mão e a esperança de que não a terei de dar a alguém tão cedo.

Se Meg necessitasse de recompensa pelas suas horas de paciente labor, havia recebido o prêmio naquele aperto de mão e no sorriso de louvor que o pai lhe dirigiu.

— E Jo? Diga alguma coisa bem gentil sobre ela, pois sofreu bastante e foi muito, muito boa para mim — disse Beth ao ouvido do pai.

Ele sorriu, fitando a alta figura da filha sentada à sua frente, com grande meiguice.

— Apesar dos cabelos cortados, não vejo “meu filho Jo” que deixei aqui há um ano. Vejo uma moça

que sabe prender a gola com alfinetes, dar bonitos laços nos sapatos, e não assobia, não fala termos de gíria nem se deita no tapete como costumava fazer. Seu rosto está mais pálido e mais magro agora, pelas vigílias e apreensões; gosto porém de fitá-lo, pois se tornou mais gracioso; sua voz é menos estridente; não pisa com força, mas elegantemente e tem cuidados maternos com certa pessoazinha, o que me encanta. Perdi minha menina travessa, mas obtive, em seu lugar uma mulher corajosa, serviçal e sensível, com o que estou muito satisfeito. Não sei se foi a tosquia que fez minha ovelhinha rebelde se tornar mansa; sei, porém, que em toda Washington não consegui encontrar um objeto bastante lindo para comprar com os vinte e cinco dólares que minha boa filhinha me mandou.

Os olhos vivos de Jo turvaram-se um pouco e seu rosto emagrecido enrubesceu ao clarão do fogo, aos elogios do pai.

— Agora Beth — disse Amy, anelante por que chegasse a sua vez.

— Há tão pouco a dizer a seu respeito e, mesmo assim, receio falar demais e ela fugir, embora não seja mais tão arisca como outrora — começou o pai, jovialmente; e, recordando-se de que quase a perdera, aconchegou-a de si, acrescentando com ternura, tendo o rosto da filha unido ao seu: — Vejo-a salva, minha Beth, e hei de tê-la sempre assim, se Deus nos ajudar.

Após um minuto de silêncio olhou para Amy, que se sentara numa cadeirinha baixa, a seus pés, e disse acariciando-lhe os cabelos:

— Observei que Amy procedeu muito bem à mesa, fez compras para a mamãe durante o dia, cedeu à noite seu lugar a Meg, tratando a todos com paciência e delicadeza. Observei também que não se pavoneia diante do espelho e nem mesmo fala no lindo anel que tem no dedo; daí concluo que aprendeu a pensar mais nos outros e menos em si própria, procurando plasmar seu caráter tão cuidadosamente como modela suas figurinhas de argila. Estou satisfeítíssimo e, embora me pudesse orgulhar muito com uma graciosa estatueta feita por ela, sentir-me-ei, infinitamente mais orgulhoso por ter uma filhinha adorável, capaz de aformosear a vida dos outros e a dela própria.

— Em que pensa, Beth? — perguntou Jo, após os agradecimentos de Amy.

— Li hoje no meu livrinho Viagem do Peregrino que, depois de muitos trabalhos, o Cristão e o Esperançoso chegaram a aprazível e verde prado, onde floriam lírios todo o ano, ali repousando tranquilos, como fazemos agora, antes de chegarem ao fim de sua viagem — respondeu Beth; e, desprendendo-se dos braços do pai, dirigiu-se devagar para seu piano. — É hora de cantar e preciso estar no meu posto. Vou ver se entoo a canção do Pastor que os peregrinos escutaram. Ofereço a música a papai, porque ele gosta dos versos. — e, sentando-se em frente ao piano, Beth premiu suavemente as teclas e, com a doce voz que todos julgavam nunca mais ouvir, cantou, acompanhando a si mesma, o lindo hino sagrado:

Não teme as quedas o pobre,
Nem a soberba ferina;
Pois o humilde há de ter sempre
Como guia a mão Divina.
Contento-me com o que tenho,
Muito pouco, embora, seja...
Deus!
Concede-me a alegria
De tua bênção benfazeja!
Aos peregrinos da vida,
Pesa a fartura e a abastança.
Haja pobreza na terra;
No céu, bem-aventurança!

XXIII

Tia March precipita os acontecimentos

Como abelhas voando em volta de sua rainha, a mãe e as filhas adejavam ao redor do sr. March no dia seguinte esquecendo-se de tudo para fitá-lo, segui-lo, ouvi-lo falar, com tamanha ânsia, que com sua afeição quase se arriscavam a matá-lo. Quando ali se achava sentado em uma grande poltrona junto ao sofá de Beth, com a esposa e as outras filhas ao seu redor e vendo Hannah, vez em vez, enfiar a cabeça pelo vão da porta “para espiar o querido homem”, nada parecia faltar para ser completa sua felicidade. Alguma coisa, porém, faltava, e a mais velha das filhas o sentia, embora, não o confessasse. O sr. e a sra. March olhavam um para o outro significativa e ansiosamente, observando Meg. Jo tinha súbitos acessos de taciturnidade e viram-na fazer um gesto ameaçador para o guarda-chuva do sr. Brooke que havia ficado no vestíbulo; Meg estava distraída; tímida e quieta, estremecendo ao soar da campainha, corando quando pronunciavam o nome de John; Amy dizia “que todos pareciam esperar alguma coisa que não sabiam o que era, o que achava esquisito, pois papai estava em casa, são e salvo”: e Beth ingenuamente admirava-se de que os vizinhos não aparecessem, como de costume.

Laurie chegou pela tarde e, vendo Meg à janela, pareceu subitamente tomado de um acesso de teatralidade, pois caiu de joelhos sobre a neve, e batia no peito e arrancava os cabelos, a torcer as mãos convulsamente, como se implorasse alguma grande mercê; e ao dizer-lhe Meg que se portasse como gente e se levantasse, enxugou lágrimas imaginárias com o lenço e encostou-se cambaleante à parede, como num desespero infundo.

— Que quer dizer aquele tolo? — perguntou Meg, rindo-se e procurando fazer-se de desentendida.

— Está mostrando como seu John fará futuramente. Comovente, não? — disse Jo, num tom desdenhoso.

— Não diga meu John; não é bonito nem é verdade — porém sua voz hesitava, ao proferir estas palavras, como se lhe soassem agradavelmente aos ouvidos — Peço-lhe que não me atormente, Jo; já lhe disse que não me preocupo muito com ele e que nada se deve tocar a este respeito, continuando todos amigos como antes.

— Não adianta mais guardar segredo... Confesso-lhe que o brinquedo de Laurie diminuiu o conceito em que eu tinha você. Eu o noto e mamãe também; você não se incomoda mais com pessoa alguma, nem mesmo consigo própria. Não quero aborrecê-la e suportarei tudo como um homem, mas queria que o caso se decidisse logo. Não gosto de temporizar; assim, se você tenciona mesmo fazer isso, faça-o depressa — disse Jo com impertinência.

— Nada posso dizer nem fazer, enquanto ele nada me falar a respeito; e sei que não falará porque papai lhe disse que eu era muito criança — replicou Meg, inclinando-se sobre o seu trabalho com um sorriso particular, que parecia contar que ela não concordava muito com a opinião do pai sobre aquele ponto.

— E, se lhe falar, você não saberá o que responder; começará a chorar ou ficará vermelha ou acederá ao seu pedido, em vez de dar-lhe um peremptório “Não”.

— Não sou tão tola e fraca como você julga. Sei o que lhe hei de dizer, pois já pensei em tudo; logo, não serei tomada de surpresa; não se sabe o que pode acontecer e quero estar prevenida.

Jo não pôde deixar de sorrir ao ver o ar imponente que a irmã assumia, e que lhe assentava tão bem como as lindas mutações de cor de suas faces.

— Quer contar-me o que responderá? — perguntou Jo com mais seriedade.

— Sem dúvida; você tem dezesseis anos, portanto, já pode ser minha confidente; e meu caso lhe poderá ser útil em breve, quando se vir em situação idêntica.

— Não pretendo ficar em situação idêntica; é muito interessante observar os outros namorar, mas eu me acharia uma tola, se fosse comigo — disse Jo, parecendo alarmada com semelhante ideia.

— Creio que não se julgará tal, se gostar muito de alguém e esse alguém gostar de você. — e Meg parecia falar consigo própria, olhando para a alameda vizinha, onde vira muitas vezes passear namorados, ao crepúsculo do verão.

— Julgava que você ia contar-me o que diria aquele homem — replicou Jo, cortando cerce o devaneio da irmã.

— Oh! diria com franqueza, muito calma e decididamente: “Muito obrigada, sr. Brooke, o senhor é muito bondoso, mas concordei com meu pai em que sou muito nova para tratar casamento; portanto, peço-lhe não falar mais nisso, continuando nós amigos como sempre”.

— Hum! Está seco demais. Não creio que você lhe diga isso e sei que ele não ficará satisfeito, se o disser. Se ele proceder como os namorados desprezados dos romances, você preferirá anuir a ferir-lhe os sentimentos.

— Eu não! Dir-lhe-ei que tomei essa resolução inabalável e sairei da sala com dignidade.

Meg levantou-se para ensaiar a sua saída teatral quando uns passos no vestíbulo a fizeram correr e sentar-se, começando a coser com tanto afã que, pelos modos, sua vida parecia depender do acabamento daquela costura em breve tempo. Jo recalcou uma gargalhada ao ver a súbita mudança, e, ao soar leve pancada na porta, abriu-a com um aspecto que poderia ser tudo, menos amistoso.

— Boa tarde! vim buscar meu guarda-chuva, isto é... vim saber como seu pai está passando — disse o sr. Brooke, um tanto confuso, enquanto o seu olhar se dirigia de um rosto a outro.

— Está bem, está no porta-chapéus; vou lhe dar e dizer que o sr. está aqui — respondeu Jo, embrulhando junto, na resposta, o pai e o guarda-chuva; e saiu para Meg ter a oportunidade de dar sua resposta e fazer sua retirada imponente. Assim, porém, que ela desapareceu, Meg fez menção de sair, murmurando:

— Mamãe estimará vê-lo; queira sentar-se, vou chamá-la.

— Não vá. Tem medo de mim, Margaret?

E o sr. Brooke parecia tão sentido que Meg julgou ter cometido alguma grosseria. E corou até à raiz dos cabelos, pois ele jamais lhe chamara Margaret, e Meg se sentia surpresa por achar natural e suave aquele tratamento. Desejosa de se mostrar delicada e sem acanhamento, estendeu-lhe a mão num gesto de confiança, dizendo em tom reconhecido:

— Como posso ter medo, sabendo que foi tão bom para papai? Desejaria somente saber como lhe agradecer.

— Quer que lhe diga como? — perguntou o Sr. Brooke, conservando a pequenina mão entre as suas e fitando-lhe com tanto amor nos olhos castanhos que o coração da moça começou a bater com violência; e ela sentiu vivo desejo de fugir dali em vez de se quedar a ouvi-lo.

— Oh, não, por favor! Prefiro que não diga! — respondeu, procurando retirar a mão e parecendo assustada, malgrado sua negativa anterior.

— Não quero aborrecê-la; somente desejaria saber se me dedica um pouco de afeição, Meg; amo-a tanto, querida Meg! — acrescentou ternamente.

Era o momento de dar a resposta preparada, mas esqueceu-se da mesma; Meg limitou-se a inclinar a cabeça e a responder tão baixo, que Brooke teve de se curvar para recolher-lhe as palavras.

Parecia que ele achava natural sua perturbação, pois sorriu para si mesmo, como satisfeito; apertando

brandamente a mão que retinha entre as suas, disse no tom mais persuasivo possível:

— Não quer procurar sabê-lo? Preciso muito conhecer seus sentimentos; não poderei trabalhar com ânimo enquanto não souber se afinal serei ou não recompensado.

— Sou muito moça — balbuciou Meg, sem saber por que se achava tão comovida, embora sentisse um gozo inexplicável nessa comoção.

— Esperarei; e, nesse ínterim, você poderá aprender a gostar de mim. Será uma lição muito difícil, querida Meg?

— Não, se me for possível aprendê-la, mas...

— Aprenda-a, Meg. Eu gosto de ensinar, e isto é mais fácil que estudar alemão — interrompeu Brooke, apoderando-se da outra mão de modo que ela não pudesse mais esconder o rosto; então ele se inclinou para observá-lo.

O tom era convenientemente implorativo; olhando-o, porém, a furto, Meg viu que os olhos dele se mostravam tão alegres como ternos e que sorria satisfeito, como quem não duvida de triunfo. Isto a irritou um pouquinho; lembrou-se das tolas lições de coquetismo de Annie Moffat e o amor à dominação, que dormita no íntimo das melhores mulheres, despertou no mesmo instante, apoderando-se dela. Sentiu estranha exaltação e, sem saber o que fazia, obedeceu a um impulso caprichoso; retirou as mãos que ele prendia e disse com desembaraço:

— Não quero aprender; faça o favor de retirar-se, deixando-me em paz!

Ao infeliz Brooke parecia ouvir a fragorosa derrocada de seu adorável castelo, pois jamais vira Meg em tal disposição de espírito, o que o tornou confuso.

— É isso em verdade o que sente, Meg? — perguntou ansioso, seguindo-a com o olhar, ao vê-la retirar-se.

— Sim; não quero que me aborreça mais com este assunto; papai disse que não devo pensar em casamento; é muito cedo... e talvez eu prefira não casar.

— E não posso alimentar esperanças de que mude aos poucos de resolução? Esperarei em silêncio, dando-lhe tempo para resolver-se. Não zombe de mim, Meg. Nunca julguei que me dissesse isto.

— Não pense mais em mim. Preferiria que nunca tivesse pensado — disse Meg, num íntimo e perverso prazer de pôr em prova a paciência de seu namorado e seu próprio poderio. Ele estava sério e pálido, parecendo-se com os heróis dos romances que tanto apreciava; não levava, porém, a mão à frente, nem passeava agitado pela sala, como soem fazer aqueles. E naquele instante fitava Meg com tanta melancolia e ternura, que ela sentiu o coração comover-se a despeito de seus esforços. Nem poderei dizer o que teria acontecido se tia March não entrasse, coxeando, naquele momento crítico.

A velha não pudera resistir ao desejo de rever o sobrinho; havia encontrado Laurie quando dava seu passeio e, sabedora por ele da chegada do sr. March, mandara tocar o carro para a casa deste. A família achava-se toda ocupada aos fundos do prédio e ela entrara cautamente, para surpreender a todos. Mas só conseguiu surpreender duas pessoas e, com tanto êxito, que Meg teve um sobressalto, como se visse um fantasma e o sr. Brooke se eclipsou para o gabinete vizinho.

— Valha-me Deus! Que significa isto? — exclamou a velha dama, batendo com o bastão no assoalho, ao relancear o pálido jovem e o rosto escarlate da moça.

— É um amigo de papai. Surpreendeu-me tanto vê-la aqui... — tartamudeou Meg, prevendo sermão.

— Nota-se isto — tornou a tia sentando-se. — Mas que lhe dizia o amigo de seu pai para fazê-la ficar vermelha como uma peônia? Há algum segredo e preciso saber o que é — replicou a velha, batendo outra vez com o bastão.

— Estávamos simplesmente conversando. O sr. Brooke veio buscar seu guarda-chuva — começou a dizer Meg desejando que o sr. Brooke e o guarda-chuva estivessem já em segurança longe dali.

— Brooke? É o professor do rapaz? Ah! Compreendo agora. Sei de tudo. Jo, sem querer, mostrou-me uma carta de seu pai e eu a fiz contar-me tudo. Você não lhe foi dizer que sim, não é menina? —

perguntou tia March escandalizada.

— Fale baixo! Ele poderá ouvi-la! Quer que eu chame mamãe? — disse Meg muito perturbada.

— Ainda não. Preciso falar-lhe e quero dizer logo tudo. Diga-me, pretende casar-se com esse Cook? Se o fizer, não verá um penny do meu dinheiro. Lembre-se disso e tenha juízo — disse a velha em tom solene.

Tia March possuía com perfeição a arte de despertar o espírito de contradição nas pessoas mais cordatas e achava prazer em fazê-lo. As pessoas melhores do mundo têm um princípio de perversidade inata, principalmente quando são jovens e amam.

Se tia March pedisse a Meg que casasse com Brooke, é provável que ela declarasse não pensar em tal; como, porém, ordenara peremptoriamente que não o amasse, Meg resolveu de pronto o contrário. Não somente a afeição, mas também a malignidade tornam fácil uma decisão; por isso, já muito irritada, Meg replicou à velha:

— Casar-me-ei com quem quiser, tia March, e a sra. poderá deixar seu dinheiro a quem lhe aprouver — e reforçou as palavras tomando um ar de independência.

— Que petulância! É deste modo que segue meus conselhos, menina? Você se arrependerá disso aos poucos, quando experimentar o amor numa cabana...

— Não pode ser pior que o amor em certos palácios — retorquiu Meg.

Tia March pôs os óculos e lançou um olhar à moça, pois não a reconhecia nesse novo aspecto. Meg, por sua vez, mal se conhecia e se sentia contente por defender John e o seu direito de amá-lo, caso o desejasse. Tia March compreendeu então que começara mal e, depois de pequena pausa, deu novo assalto, dizendo o mais brandamente que lhe era possível:

— Mas, Meg seja sensata e siga meu conselho. Faça isso para seu bem; não quero que você transtorne sua vida inteira, fazendo uma tolice logo no começo. Precisa casar-se bem para auxiliar sua família; é seu dever procurar um bom partido, e que deve ter sempre em vista.

— Papai e mamãe não pensam assim; eles gostam de John, embora seja pobre.

— Seu pai e sua mãe, minha cara Meg, não têm mais juízo do que duas crianças.

— Por mim estou satisfeita — exclamou Meg com firmeza. Tia March continuou com o sermão.

— Esse tal Crooke é pobre e não tem parentes ricos?

— Não; mas tem muitos bons amigos.

— Não nos podemos fiar em amigos; experimente e verá quão pouco valem. Ele tem algum emprego?

— Ainda não; mas o sr. Laurence vai ajudá-lo.

— Isso não durará muito. James Laurence é um velho caprichoso; ninguém pode contar com ele. Então, você pretende casar-se com um homem sem dinheiro, sem posição social, sem colocação, para trabalhar mais exaustivamente do que agora, quando poderia viver confortavelmente toda a sua vida, lembrando-se de meus conselhos e seguindo-os? Pensava que você tivesse mais juízo, Meg.

— Eu não encontraria melhor partido se o procurasse a metade de minha vida. John é bondoso e prudente; é moço de talento; gosta de trabalhar e conseguirá sempre trabalho, pois é ativo e diligente. Todos gostam dele e o respeitam, e sinto-me orgulhosa ao pensar que me ama, embora eu seja pobre e tola — disse Meg, tornando-se ainda mais linda em sua exaltação.

— Ele sabe que você tem parentes ricos, criança; eis o segredo de seu amor, creio eu!

— Tia March, como se atreve a dizer tal coisa? John está acima dessas baixezas e eu não lhe prestarei ouvidos mais um minuto, se continuar a falar assim — exclamou a moça indignada, esquecendo-se de tudo com a injustiça das suspeitas da velha dama. — O meu John não se casaria por interesse, do mesmo modo que eu. Gostamos de trabalhar e tencionamos esperar algum tempo. Não me incomodo por ser pobre, pois tenho sido sempre feliz e sei que continuarei a sê-lo com ele, porque me ama e eu...

E Meg parou lembrando-se subitamente de que ainda não tomara uma resolução, de que mandara “seu” John retirar-se e ele poderia estar ouvindo suas frases incoerentes.

Tia March sentia-se furiosa, pois alimentava o desejo veemente de arranjar casamento para a sobrinha, e alguma coisa na expressão do rosto juvenil e feliz da mesma entristecia e irritava a solitária velha.

— Pois lavo as mãos em tudo isto! Você é uma teimosa e perderá mais do que pensa com esta sua loucura. Não, não me demorarei mais aqui; você me causou decepção, e não me sinto com coragem de ver seu pai agora. Nada espere de mim quando se casar. Recorra aos amigos do sr. Trooke. Não quero mais saber de você.

E, batendo a porta na cara de Meg, tia March afastou-se, indignada, no seu carro. Parecia que toda a coragem da moça se dissipara com a saída da mesma. Quando se viu só, Meg permaneceu indecisa sobre se deveria rir ou chorar. Antes, porém, de reverter a seu normal, foi surpreendida por Brooke, que lhe disse comovido:

— Não pude deixar de ouvir, Meg. Agradecidíssimo por defender-me; agradeço também a tia March o ter-me feito ver que você gosta um pouco de mim.

— Não sei até quando ela continuaria a injuriá-lo — disse Meg.

— E não preciso sair agora e esperarei aqui minha felicidade, não é, querida Margaret?

Era outra ótima oportunidade para dizer suas palavras esmagadoras e fazer a majestosa retirada, mas Meg não tratou de fazer nem uma nem outra coisa; desmereceu-se para sempre aos olhos de Jo, dizendo meigamente:

— Sim, John — e a esconder o rosto no peito do seu apaixonado.

Quinze minutos após a partida de tia March, Jo desceu sorrateira, parou um pouco à porta da sala e, como não ouvisse ruído algum, acenou com a cabeça, sorrindo numa expressão satisfeita, a dizer para si própria: “Ela mandou-o retirar-se, como combinamos, e está resolvido o caso. Vou saber do negócio e rir-me bastante à custa dele”.

Mas a pobre Jo não pôde rir-se, presa à soleira da porta, pelo espetáculo que presenciou com a boca tão aberta como os olhos. Na expectativa de rejubilar-se pela derrota do inimigo e de elogiar a corajosa irmã por ter afastado um candidato indesejável, foi certamente um choque atroz contemplar o supradito inimigo serenamente aboletado no sofá, com a irmã corajosa sentada juntinho dele com ar da mais desprezível submissão. Jo teve uma espécie de arquejo como se de súbito tomasse um inesperado banho de chuveiro. Tão grande reviravolta deixara-a sem fôlego. A esse ruído, os namorados voltaram-se e viram-na. Meg levantou-se, num misto de orgulho e de timidez; mas “o tal homem”, como Jo lhe chamava, ria-se, dizendo calmo para a atônita recém-chegada:

— Minha irmã Jo, dê-nos os parabéns.

Era ajuntar o insulto à ofensa! Passava da conta! Fazendo-lhe um gesto de ameaça, Jo desapareceu sem uma palavra. Subindo a escada a correr, assustou os doentes, exclamando em tom trágico, ao entrar no quarto:

— Oh! desçam depressa! John Brooke está procedendo horivelmente mal e Meg está muito contente com isso!

O sr. e a sra. March deixaram o quarto às pressas; e, atirando-se na cama, Jo gritava e improperava, a contar a terrível nova a Beth e a Amy. As outras, no entanto, achando o acontecimento muito interessante e auspicioso, trataram de consolar a irmã. Ela, então, refugiou-se no sótão, para confiar sua dor aos seus ratinhos.

Não se soube jamais o quê se passou na sala aquela tarde; disseram-se, porém, muitas coisas, e o calmo sr. Brooke espantou os amigos com a eloquência e energia com que advogou sua causa, expondo-lhes seus planos e persuadindo-os de que conseguiria realizar tudo conforme seus desejos. E a campanha soou chamando-os para o chá antes que ele terminasse a descrição do paraíso que tencionava criar para Meg, e, conduziu-a orgulhosamente para a sala de jantar, parecendo ambos tão felizes que Jo se sentiu incapaz de se mostrar ciumenta ou consternada. Amy ficou muito impressionada com a veneração de John

e com o ar imponente de Meg. Beth contemplava-os de longe, enquanto o sr. e a sra. March fitavam o jovem par com tão comovida satisfação, que se tornava perfeitamente evidente que tia March acertara em chamá-los “duas crianças”. Ninguém comeu quase, mas todos patenteavam a felicidade de que estavam possuídos, e a velha sala parecia resplandecer com aquele início do primeiro romance da família.

— Agora você não pode dizer mais “Nada de agradável nos acontece”, não é, Meg? — disse Amy, procurando resolver como iria desenhar os dois noivos no esboço que planejava.

— Não, por certo; quanta coisa sucedeu depois de ter eu dito isso! Parece que foi há um ano — respondeu Meg, imersa num sonho de venturas muito acima das coisas comuns como sejam o pão e a manteiga.

— Desta vez, as alegrias vieram muito perto das tristezas, e creio que agora tudo mudará para nós — disse a sra. March.

— Em quase todas as famílias, às vezes, há um ano farto em acontecimentos; este tem sido assim para nós, mas, afinal de contas, terminou bem.

— Espero que o próximo termine melhor — murmurou Jo, para quem era um martírio ver Meg absorvida a contemplar um estranho; Jo adorava profundamente algumas pessoas, e temia ver perdida ou diminuída de qualquer modo sua afeição.

— E eu espero que o terceiro ainda finde melhor. E isso é possível, se eu for vivo para esforçar-me pela realização de nossos projetos — disse o sr. Brooke sorrindo para Meg, como se tudo agora fosse possível.

— E não acham muito tempo para esperar? — perguntou Amy, aflita pelas bodas.

— Tenho muito que aprender antes de considerar-me preparada; será breve o prazo para mim — respondeu Meg, com uma suave seriedade no rosto, expressão nova que ainda não lhe conheciam.

— Você só terá que esperar; e a mim competirá trabalhar — disse John, iniciando seus labores apanhando no chão o guardanapo de Meg, com uma expressão que fez Jo abanar a cabeça e dizer a si própria com um ar de alívio, pois ouvira o ruído da porta: “Aí vem Laurie; agora terão de ouvir boas coisas!”

Jo, porém, estava enganada; Laurie entrou garbosamente, cheio de satisfação, a levar um enorme buquê de flores para o “sr. John Brooke”, evidentemente laborando no erro de julgar que fora ele quem encaminhara com sua habilidade os acontecimentos.

— Sabia que Brooke conseguiria triunfar, como sempre; quando ele tem em mente alguma coisa, há de fazê-la nem que o céu desabe — disse Laurie, após apresentar o seu mimo e as suas congratulações.

— Muito obrigado por esse elogio. Recebo-o como um bom augúrio para o futuro e convido-o desde já para o casamento — respondeu o sr. Brooke, que se sentia satisfeito com a humanidade inteira, até mesmo com seu endiabrado aluno.

— Virei assistir a ele, nem que esteja no fim do mundo; bastaria somente ver o rosto de Jo, em tal ocasião, para me compensar das fadigas da viagem. Não me parece alegre, senhorinha; que houve? — perguntou Laurie, acompanhando-a ao canto da sala, onde se reuniram todos para cumprimentar o sr. Laurence.

— Não aprovo o casamento, mas tenho feito o possível para tolerar tudo e não direi uma palavra contra ele — disse Jo, solenemente. — Você deve compreender como é difícil para mim renunciar a Meg — continuou ela, com um leve tremor na voz.

— Mas não precisará renunciar. Você somente compartilhará da sua afeição — disse Laurie, para a consolar.

— Não será mais a mesma coisa. Perdi minha melhor amiga! — suspirou Jo.

— Mas, em compensação, você ganhou a mim. Não valho muito, Jo, reconheço; mas serei seu, todos os dias da minha vida; dou-lhe minha palavra! — e Laurie dizia-o com sinceridade.

— Sei que será, e ficar-lhe-ei sempre grata: por isso você sempre foi meu conforto, Laurie —

volveu-lhe Jo, apertando-lhe reconhecida a mão.

— Não fique aborrecida, ele é um bom amigo e tudo correrá do melhor modo possível; Meg é feliz; Brooke irá trabalhar e conseguirá facilmente arranjar a vida; vovô vai protegê-lo e ficará muito alegre ao ver Meg na sua própria casinha. Nós nos divertiremos bastante quando ele se casar pois a esse tempo terei concluído meu curso e viajaremos juntos pelo estrangeiro ou coisa semelhante. Com isto não se consola?

— Queria sentir-me consolada; mas ninguém sabe o que irá acontecer em três anos — disse ela pensativa.

— É verdade. Não desejaria poder lançar um olhar ao futuro e ver onde todos estaríamos então? Eu gostaria bem de fazê-lo — redarguiu Laurie.

— Pois eu não; poderia ver alguma coisa triste; e todos parecem tão satisfeitos agora que não creio que então pudessem achar-se muito mais felizes... — e os olhos de Jo circunvagaram lentamente pela sala, radiantes de prazer, porque a cena era realmente encantadora.

O pai e a mãe estavam sentados juntos, relembando silenciosos o primeiro capítulo do romance que começara para eles havia vinte anos. Amy desenhava os noivos, que se encontravam num mundo à parte, iluminados por um resplendor de felicidade que a pequena artista não poderia reproduzir. Beth, no sofá, conversava amistosamente com seu velho amigo, o qual lhe segurava a pequenina mão como se sentisse que esta o poderia guiar até às tranquilas paragens por onde vagueava seu pensamento de criança; Jo descansava na sua cadeirinha baixa predileta, com os olhos graves e serenos, que mais realce davam a suas feições simpáticas; e Laurie, recostado ao espaldar da cadeira dela, com o queixo ao nível de sua cabeça de cabelos crespos, afetuoso sorria e acenava para sua imagem no grande espelho da frente, que refletia os semblantes deles ambos.

FIM